

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



Tese de Doutorado

**ETNOGRAFIA DESENHADA SOBRE O AUTOCONHECIMENTO NAS PRÁTICAS
TERAPÊUTICAS DA NOVA ERA NO CIRCUITO PELOTENSE.**

Tanize Machado Garcia
Pelotas, 2023

Tanize Machado Garcia

**ETNOGRAFIA DESENHADA SOBRE O AUTOCONHECIMENTO NAS PRÁTICAS
TERAPÊUTICAS NA NOVA ERA NO CIRCUITO PELOTENSE.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Turra Magni
Co-orientador: Prof. Dr. Alexsânder Nakaóka Elias

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G216e Garcia, Tanize Machado

Etnografia desenhada sobre o autoconhecimento nas práticas terapêuticas da Nova Era no circuito pelotense / Tanize Machado Garcia ; Claudia Turra Magni, orientadora ; Alexsânder Nakaóka Elias, coorientador. — Pelotas, 2023.

215 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Nova Era. 2. Visão de mundo quântica. 3. Terapias espirituais. 4. Etnografia e desenho. 5. Nova espiritualidade. I. Magni, Claudia Turra, orient. II. Elias, Alexsânder Nakaóka, coorient. III. Título.

CDD : 306

Tanize Machado Garcia

“Etnografia desenhada sobre o autoconhecimento nas práticas terapêuticas da Nova Era no circuito Pelotense.”

Data da Defesa: 15/09/2023

Banca examinadora:

.....

Prof.^a Dr.^a Claudia Turra Magni (Orientadora)

Doutora em Antropologia Social e Etnologia na École des Hautes Études en Sciences Sociales.

.....

Prof^o Dr^o. Alexsânder Nakaóka Elias (Co-Orientador)

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas.

.....

Prof^o. Dr^o Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

.....

Prof^o. Dr^oGustavo Ruiz Chiesa

Doutor em Ciências Humanas (Antropologia Cultural) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

.....

Prof^a. Dr^a. Sônia Weidner Maluf.

Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

Dedicatória

Este trabalho é dedicado à minha mãe, meu pai (in memoriam) e minha avó (in memoriam), que me deram esta feliz oportunidade de viver e me ensinaram a amar e a persistir.

AGRADECIMENTOS

Enquanto pensava sobre como escrever esses agradecimentos muitas cenas percorreram a minha mente e tocaram profundamente o meu coração. Foram muitas as conquistas alcançadas.

Agradeço aos interlocutores, que me receberam com carinho e afetividade, sempre abertos ao diálogo e às explicações necessárias ao meu entendimento de suas práticas e de si mesmos. Agradeço pelos momentos de carinho e pelas amizades construídas.

Aos docentes, pela persistência e apoio diante dos momentos de dificuldade. Com especial agradecimento à Professora Claudia Turra Magni, a quem agradeço pelo olhar terno, sorrisos luminosos e pelos chamamentos à razão, me inspirando à objetividade, simplicidade e a valorização de um trabalho honesto. Agradeço as infinitas oportunidades abertas pela sua generosidade e compreensão. Também é especialíssimo o agradecimento ao Professor Alexsânder Nakaóka Elias, pela sua leitura atenta a qualquer tempo, pelas suas palavras de incentivo, de compreensão e pelo companheirismo. A ambos, agradeço a acolhida e a união.

Agradeço aos inúmeros amigos, que mesmo à distância, me apoiaram e me ajudaram em grandes transformações para o bem.

Agradeço, por fim, a minha família, aos que permanecem e aos que hoje são estrelinhas brilhando na lembrança e na saudade. Sem o apoio, amparo e compreensão dos meus, nada do que fiz teria sido possível. Em especial a minha mãe e a minha madrinha Tânia, que me sustentaram a alma nos momentos de aflição. Que compreenderam minhas ausências e me resgataram inúmeras vezes da solidão. A todos, minha eterna gratidão.

RESUMO

Neste estudo etnográfico apresento a minha imersão nas práticas de aprendizado do autoconhecimento da Escola do Ser, situada na cidade de Pelotas (RS), um espaço de práticas holísticas do amplo espectro de cosmologias da Nova Era. Assim. A pesquisa de campo transcorreu em sua maior parte de maneira remota, em razão do isolamento social necessário ao controle da pandemia de Covid-19. Neste momento, ingressei na condição de antropóloga nas atividades de ensino do autoconhecimento e meditação, acompanhando o curso A Arte de Estar no Agora, durante o período de 2020 e 2021. Em um segundo momento, a pesquisa foi realizada presencialmente, na sede da Escola do Ser, e em companhia dos frequentadores do espaço. Levando em consideração o avanço tecnológico e as novas modalidades de interação proporcionadas pela internet 2.0, adotei as duas modalidades de incursão como pesquisas de campo: remota e presencial; considere, assim, as diferentes perspectivas advindas do contexto pandêmico e pós-pandêmico, para o desenvolvimento da pesquisa antropológica na interface entre Antropologia das Novas Espiritualidades, Antropologia das Terapias, Antropologia Visual e Antropologia Urbana. Nesse universo de pesquisa, contemplo a difusão e popularização do *ethos* Nova Era (BATESON, 2018; GUERRIERO *et al.*, 2016; GUERRIERO E STERN, 2019), para observar a criação, a partir das práticas e narrativas das pessoas, a criação e assimilação de um *habitus* (BOURDIEU; 1983; ELIAS, 1994) “espiritual”, das transformações do social no atual contexto de vida urbana, entendendo que as cosmologias da Nova Era se estabelecem como um estilo de vida (BOURDIEU, 1983; MAGNANI, 1999). Busco apresentar as narrativas sobre as técnicas terapêuticas quânticas realizadas pelos frequentadores da Escola do Ser, observando suas práticas através do acompanhamento dos interlocutores, tanto no ambiente remoto, quanto no circuito neo-esotérico pelotense, à luz da visão de mundo quântica, como forma de apreensão do entendimento da noção de autoconhecimento e de compreensão do processo relacional de espiritualização do indivíduo. Associado a este objetivo geral, atento para outro aspecto experimental da pesquisa, relativo à produção e mediação do desenho ao longo do percurso epistemológico que acompanha o trabalho, desde as interações em campo, campo-remoto e presencial – até a exposição e circulação do conhecimento científico, na medida em que é portador de sensações e sentidos exotéricos discursivos, argumentativos e narrativos quanto à apreensão do autoconhecimento nas formas de meditação do contexto Nova Era.

Palavras-chave: Nova Era; Visão de Mundo Quântica; Terapias Espirituais; Etnografia e Desenho; Nova Espiritualidade.

ABSTRACT

In this ethnographic study, I present my immersion in the self-cultivation learning practices of the Escola do Ser, located in the city of Pelotas (RS), a space for holistic practices of the broad spectrum of New Age cosmologies. Field research was mostly carried out remotely, due to the social isolation necessary to control the Covid-19 pandemic. At this time, I joined as an anthropologist in self-cultivation and meditation teaching activities, following the course A Arte de Estar no Agora, during the period 2020 and 2021. In a second moment, the research was carried out in person, at the headquarters of the School do Ser, and in the company of the regulars of the space. Taking into account the technological advances and the new modes of interaction provided by Internet 2.0, I adopted both types of incursion, in-person and remote, as face-to-face field research; I therefore considered the different perspectives arising from the pandemic and post-pandemic context, for the development of anthropological research at the interface between Anthropology of New Spiritualities, Anthropology of Therapies, Visual Anthropology and Urban Anthropology. In this universe of research, I contemplate the diffusion and popularization of the New Age ethos (BATESON, 2018; GUERRIERO *et al.*, 2016; GUERRIERO AND STERN, 2019), to observe the creation, based on people's practices and narratives, the creation and assimilation of a habitus (BOURDIEU; 1983; ELIAS, 1994) "spiritual", of social transformations in the current context of urban life, understanding that New Age cosmologies are established as a lifestyle (BOURDIEU, 1983; MAGNANI, 1999). I seek to present the narratives about the quantum therapeutic techniques performed by the users of the Escola do Ser, observing their practices by monitoring the interlocutors both in the remote environment and in the neo-esoteric circuit of Pelotas, in the light of the quantum worldview, as a way of apprehending the understanding of the notion of self-cultivation and understanding of the individual's relational process of spiritualization. Associated with this general objective, attentive to another experimental aspect of the research related to the production and mediation of drawing along the epistemological path that accompanies the work, from interactions in the field - remote and in person - to the exposure and circulation of scientific knowledge, insofar as it carries sensations and discursive, argumentative and narrative meanings regarding the apprehension of self-cultivation in the forms of meditation in the New Age context.

Keywords: New Age; Quantum worldview; Spiritual therapies; Ethnographic drawing; New spirituality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Linhagem da Escola do Ser. Terapeutas representam a transformação pessoal baseados na complementaridade do princípio taoísta simbolizado pelo yin yang. Fonte: Autora, 27/05/2022.	68
Figura 2: Formas ou padrões do pensamento, terapias de meditação como imaginação. Fonte: Autora, 24/03/2022.	81
Figura 3: Prancha série de estudos e de imaginações do espaço out-door baseada nas narrativas da meditação para o autoconhecimento do dia 24/04/2020. Fonte: Autora: 1) 27/04/2020; 2) 26/04/2020; 3)25/04/2020; 4)24/04/2020.	94
Figura 4: Prancha Semana da “des-matéria”, uma série de estudos e de imaginações do espaço out-door baseada nas narrativas da meditação para o autoconhecimento do dia 24/04/2020. Fonte: Autora: 1) 27/04/2020; 2) 26/04/2020; 3)25/04/2020; 4)24/04/2020.	94
Figura 5: Uma proposta yin yang da Nova Era. Fonte: Autora, 18/09/2020.....	99
Figura 6: O que mais é possível. Campo de possibilidades quântico. Fonte: Autora, fevereiro de 2021.....	104
Figura 7: Concepção de espiritualidade, os mestres e a transmissão do ensinamento com dádiva. Fonte: Autora: 16/09/2020.	108
Figura 8: Estados de presença dizem respeito a qualquer momento vivido pelo indivíduo. Fonte: Autora, 1) 26/9/2020; 2) 14/05/2021.	112
Figura 9: Esboço do corpo quântico. Fonte: Fabiana; 30/04/2023.	116
Figura 10: Topos. Fonte: Maluf; 2005, p. 7.	117
Figura 11: Impressões fugazes, narrativas sobre as energias. Fonte: Autora, 27/04/2020..	122
Figura 12: Linhas de conexão, pensamento, corpo, Terra. Fonte: Autora, 10/05/2021.	125
Figura 13: Capturas de Tela, narrativas sobre energia, ambiente e comunidade. Fonte: Fabiana; @escoladoser, 10/03/2021.	126
Figura 14: Montagens de outras formas de conexão. Fonte: Autora, 17/05/2023.	137
Figura 15: Convite para "roda de cura" terapêutica na modalidade online. 1) Grupo Praticantes da Presença; 2) Esboço de uma "roda" imaginada, interação remota no Zoom. Fonte: 1) Praticantes da Presença, Whatsapp; 15/09/2022; 2) Autora, 21/08/2022.	138
Figura 16: Yin yang na cidade de Pelotas. Fonte: Autora, 26/11/2022.	147
Figura 17: Palavras de poder na vida cosmopolita Nova Era. Fonte: Autora, 15/08/2020. .	151
Figura 18: Cartografia do pedaço, região marcada pela narrativa de espiritualidade. Fonte: Autora, 28/11/2022.	156
Figura 19: Cartografia sobre um modo de caminhada mental no centro de Pelotas-RS. ...	159
Figura 20: Autoconhecimento, ressignificação e a noção de magia em simbolismos outros. Fonte: Autora, 20/08/2020.	163
Figura 21: Colagem digital com sobreposição de símbolos, narrativas e experiências alusivas ao pensamento. Fonte: Autora, 09/02/2022.	180

Figura 22: Manipulação digital de desenho criado a partir de elementos de cada corpo presente no encontro do curso A Arte de Estar no Agora em 25/04/2020. Fonte: Autora, 29/06/2022.....	184
Figura 23: Prancha temática sobre narrativas de conexão do corpo com as energias. Fonte: Autora, 17/08/2023.	186
Figura 24: Prancha temática sobre os cadernos artesanais e outras formas de notações antropológicas. Fonte: Autora, 2020-2021.	189
Figura 25: Mobilidade das imagens e construção de laços a partir das imagens postas em diálogo com os interlocutores. Fonte: Autora, 2020-2022.	193
Figura 26: Experimentações de desenhos como escrita e escrita como desenho. Fonte: Autora, 2020-2022.	194

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATP	Adenosina Trifosfato
DNA	Ácido Desoxirribonucleico
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Contexto Nova Era, tema e objetivos	13
1.2 Caminhos Metodológicos	19
1.2.1 Aproximação com um novo caminho de pesquisa	19
2. ANTROPOLOGIA DA NOVA ERA.....	33
2.1 Habitus, Ethos E Transformação Social	46
2.2 Subjetividade e estilo de vida	53
3. ETNOGRAFIA NA ESCOLA DO SER.....	57
3.1 A Arte de Estar no Agora: cada terapeuta é uma linhagem.	62
3.2 A Arte de Estar no Tao	91
3.3 Meditação ativa e autoconhecimento	108
3.4 Estado de presença e autoconhecimento energético.	112
3.5 A noção de corpo quântico	115
3.6 Autoconhecimento, espiritualização e a ideia de energia	119
3.7 A internet como um ambiente de relações energéticas	136
4. CAMINHADAS NO PEDAÇO	144
4.1. Primeiros passos no caminho: força mágica no poder das palavras.....	149
4.2 Linhas, narrativas e outros deslocamentos.....	154
4.3 O simbolismo da criança e da magia: indústria da arte e da comunicação de massa na espiritualidade Nova Era	161
4.4 Reciprocidade, gratidão e amor.....	165
5. MODOS DE CAMINHADA VISUAL: DESENHOS COMO ARGUMENTO E PRESENTIMENTO	177
LINHAS, PONTOS E DESFECHOS... ..	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	204

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contexto Nova Era, tema e objetivos

No contexto da Nova Era, existem visões de mundo, práticas e manifestações baseadas em vivências e elementos ricamente espiritualizados, embora a cada momento e contexto, a espiritualidade apresente-se de diferentes formas, tantas quantas são as maneiras de lidar com a experiência humana (OLIVEIRA, 2012; GUERRIERO, 2016; GUERRIERO E ESTERN, 2019). Situar a Nova Era no campo de estudos da religião ou não é um clássico debate científico. No entanto, é consenso entre os estudiosos (MAGNANI, 1999; 2000; SANTOS, 2013; MALUF, 1999; GUERRIERO, 2016; GUERRIERO *et al.*, 2016) tratar-se de um fenômeno de práticas heterogêneas que se caracteriza pela expressão de um sentimento religioso-espiritual ao redor de determinadas “matrizes de sentido” espirituais e simbólicas (TAVARES E CARDOSO, 2022). O sentimento religioso revela-se através de um *ethos* difundido nas sociedades contemporâneas. Incorporadas ao modo de vida capitalista, estas práticas compreendem a formulação de um determinado estilo de vida mantido por uma rede heterogênea de espaços de ensino e prática e lojas de bens simbólicos, dispersos nas cidades e conectados pelo movimento das pessoas em busca de experiências do sagrado, destituídas de filiações religiosas dogmáticas institucionais (MAGNANI, 1999).

Alguns autores preferem abordá-la a partir de outras perspectivas, como a da Antropologia das Espiritualidades (GUERRIERO *et al.*, 2016) ou a Antropologia das Terapias (MALUF, 1999). Pesquisando a emergência de uma nova cultura terapêutica e espiritual no Brasil dos anos 1990, Sônia Maluf (1999) percebeu a multiplicidade dos recursos, das técnicas, filiações religiosas e espirituais por onde

circulam as pessoas que vivem sob o regime de um estilo de vida definido como Nova Era. Para a autora, este universo de saberes engendra sentidos e outras formas de ver, conhecer e experimentar o mundo.

D'Andrea (2000) realiza uma pesquisa ampla no sentido de apreender as possibilidades de delinear os contornos do que ele percebe, ao longo de dez anos, como uma “nova espiritualidade”, que relativiza e transcende “ao mesmo tempo em que se liga a formas emergentes de constituição do sujeito (auto-identidade, expressividade, sexualidade, sociabilidade, transcendência), o seu “self” (Idem, p. 111).

Independentemente da subárea em que se ancoram tais estudos antropológicos, as pesquisas em Ciências Sociais são unânimes em observar o forte caráter cosmopolita, que se manifesta a partir de um *ethos* cada vez mais identificável na sociedade (GUERRIERO *et al.*, 2016, GUERRIERO E STERN, 2019; AURELIANO; 2022; STEIL, 2022; MAGNANI, 1999).

Para Guerriero *et al* (2016), o *ethos* Nova Era refere-se às maneiras de viver e sentir o mundo, a partir de valores socialmente compartilhados e dispersos na vida contemporânea. Bateson (2018), em sua etnografia sobre o ritual *Naven*, na década de 30, já tratara deste conceito para entender a expressão dos aspectos emocionais e afetivos padronizados do povo latmul da Nova Guiné. Com o mesmo enfoque etológico, ele e Margareth Mead publicaram em 1942, *Balinese Character*, uma análise fotográfica do *ethos* balinês.

Ao redor da ideia de *ethos* Nova Era, contudo, é necessário observar a criação constante de um *habitus* que não é fixo, mas que mesmo diante das transformações, revela determinadas diretrizes fundamentais. Esse aspecto demonstra que o modo com que os indivíduos adeptos ao estilo de vida Nova Era se comportam é variável, uma vez que é moldado através das relações sociais que experimentam de maneira diacrônica, entre o passado e o presente. Desse modo, os “outros” das relações, assim como os eventos e posicionamentos que atravessam os indivíduos influenciam na incorporação de um *habitus* (ELIAS, 1994) Nova Era, o qual é moldado por muitos meios e estímulos, dada a disseminação de códigos e práticas nos modos de vida contemporâneo. Eles podem ser facilmente identificados através da arte, da música, das práticas de autocuidado que vêm sendo paulatinamente incorporados às narrativas e vivências da espiritualidade na contemporaneidade. Assim, é possível que um indivíduo compartilhe elementos

característicos da Nova Era ou mesmo se identifique com tais códigos, mesmo sem saber (D'ANDREA, 2000).

A abordagem trazida por Guerriero (2016) permite pensar que exista, para além dos grupos e filiações socioculturais das subculturas Nova Era, uma característica individual *humana* que age dentro do seu campo de mudança e que influencia, ativa ou metaforicamente, novas configurações culturais, fortalecendo um paradigma recorrente nessas cosmologias, que é o de uma nova era temporal e a demanda de novos tipos de posicionamento humano diante das diferentes facetas que o modo vida cosmopolita e o capitalismo impõem. Principalmente se considerarmos os crescentes casos de doenças relacionadas ao estresse, tais como a depressão, *burn out* e diversos outros transtornos que tem a causa comumente atribuída a descontroles e doenças emocionais. As narrativas em diversos tipos de suportes comunicacionais que providenciam o agenciamento desses discursos, bem como, orientam interrelações pessoais e simbólicas de diversas maneiras. Um dos meios possíveis de observar as constantes transformações das dinâmicas cosmológicas da Nova Era é através dos lugares frequentados pelos indivíduos para a vivência da espiritualidade. Na paisagem urbana é possível identificar a existência de lojas de artigos esotéricos, centros de atendimento, centros especializados no ensino e práticas de técnicas não convencionais para o cuidado do corpo.

Da mesma forma, destaca-se também certa terminologia que lhe é própria, como “gratidão” e “sintonia”, que, no âmbito das relações Nova Era, assumem significados específicos. Assim, tanto para o entendimento do *ethos* quanto do *habitus* Nova Era, é necessária compreensão de um sistema de linguagem, comumente utilizado, mas que no interior das práticas assumem outros sentidos, sejam eles curadores ou espirituais.

A fim de melhor compreender essa ampla temática, a presente pesquisa encontra-se nessa tensão entre essas vertentes da Antropologia das Espiritualidades, da Religião, das Terapias e, em paralelo, apoia-se na Antropologia Urbana e na Antropologia do Desenho, para abordar, ainda que de forma imprecisa e mutante, a difusão do *ethos* Nova Era em termos de diferentes formas de experienciar e compreender a espiritualidade na sociedade contemporânea.

Para tanto, desenvolvi esta etnografia a partir da observação participante no cotidiano dos terapeutas e frequentadores da Escola do Ser (Pelotas/RS), centro

que desenvolve práticas terapêuticas identificadas com a cosmologia quântica, cuja vivência visa, prioritariamente, o autoconhecimento.

Tenho como recorte temático privilegiado a cosmologia quântica tal como é vivenciada na Escola do Ser, através do ensino/aprendizagem de técnicas terapêuticas que visam prioritariamente o autoconhecimento. Nessa perspectiva quântica, o autoconhecimento se aprende na relação com os outros, como um processo constante de recriação de si. A meditação ativa é a técnica de aprendizado privilegiada para o compartilhamento de saberes. Para tanto, existe uma espécie de “pedagogia” que envolve, tanto os processos de aprender, quanto os de desaprender comportamentos, valores e modos de afetação frente ao social. Tal técnica, bem como sua modalidade pedagógica perpassa o entendimento de que os atos mais sutis da vida cotidiana despertam pensamentos que conduzem a estados emotivos no corpo individual e no ambiente. Suas consequências geram a desidentificação e ressignificação de condutas pessoais e valores culturais, promovendo novos sentidos para um viver mais equilibrado.

Além disso, o sentido cosmológico situa o ser humano no estilo de vida Nova Era, e não compete ou se separa em relação a outras formas de vida e outros seres. Assim, também pode ser percebido como uma espécie de “ecologia espiritual” (SOARES, 1994), no sentido de que não há oposição entre homem e natureza. Consequentemente, todos os seres pertencem ao mesmo ecossistema cósmico (SANTOS, 2013). Desse modo, é preciso considerar que não há mundo que seja externo à consciência humana que deva ser racionalmente apreendido e dominado, mas observado por meio das práticas que situam essas relações nas dinâmicas cosmopolitas. Considera-se, assim, a interdependência basilar entre os seres, enquanto princípio norteador de práticas inter-relacionais e individualizadas no entrelaçamento de uma mesma corrente de energia cósmica/espiritual (Ibidem).

Minha intenção ao realizar esta pesquisa foi compreender como, a partir das experiências com as terapias quânticas da Nova Era, os indivíduos constroem a visão de mundo quântica como um estilo de vida e, assim, estabelecem vínculos sociais que alteram a forma de perceber o mundo e a relação com a espiritualidade. Pressuponho que as narrativas sobre o autoconhecimento, transversal em todas as práticas, entendido como um processo, é ao mesmo tempo individual e relacional, uma vez que necessita do contato com o ambiente cultural. No mesmo sentido, a apreensão do modo como é construído o *habitus* do autoconhecimento parece ser

fundamental para o entendimento das experiências terapêuticas da Nova Era. Também presumo que tal “*habitus* espiritual”, altere a forma como os indivíduos experimentam o espaço urbano, transformando, assim, toda e qualquer relação em experiências espirituais, não apenas em momentos de suspensão.

Para além do entendimento cosmológico, que se atém à percepção das relações coletivas, baseadas nas formas de ver, sentir e construir o mundo, a percepção do *ethos* Nova Era possibilita aproximar o foco da lente antropológica sobre o indivíduo, suas experiências e relações que reforçam uma sensação de pertencimento a um ambiente cultural mais amplo e, por isso, complexo.

As narrativas e práticas vividas na experiência terapêutica convidam a acessar o conceito de *ethos* enquanto estruturas de pensamento, emoção e razão integradas ao comportamento dos indivíduos e do grupo pesquisado, pois é a atenção a esses fenômenos que motiva as pessoas a certas ações e compreensões sobre a realidade.

Assim, justifico a pesquisa com base nas proposições de autores como Guerriero *et al* (2016), Guerriero e Stern (2019) e Magnani (1999) que observam a construção de um “*ethos* nova era” cada vez mais identificável nas práticas cosmopolitas, enquanto um estilo de vida em constante transformação, através de diversas formas de experiência do sagrado, incluindo a popularização de termos e práticas que adentraram os setores como a arte, o entretenimento de massa e a indústria cultural.

As terapias quânticas ensinadas na Escola do Ser permitem acessar o entendimento sociocultural dessas práticas e visão de mundo como base para a formação de uma narrativa que tem a valorização do *self* como foco. Expressam-se, assim, os sentidos atribuídos à noção de espiritualidade. A identificação de um *habitus* em construção, entre os interlocutores e seus interesses compartilhados em grupo, dão a ver uma filosofia de vida pautada na disseminação das mensagens de positividade e das terapias de autoconhecimento como basilares para a construção de um projeto de sociedade mais saudável e feliz.

Para além de diferentes referenciais da Antropologia e das Ciências Sociais, a literatura esotérica e religiosa, utilizada como importante dado empírico, contribui para elucidar a perspectiva êmica acerca do tema em questão, através das quais busquei apreender a inferência à visão de mundo quântica como uma subcultura.

Como é próprio do processo de pesquisa antropológica, os objetivos foram se adequando de acordo com o trabalho de campo e com meus recorrentes erros de interpretação, corrigidos pelos interlocutores, o que me levou ao objetivo geral desta tese:

Apresentar a perspectiva quântica como uma subcultura concernente às cosmologias da Nova Era e investigar as narrativas sobre as técnicas terapêuticas da Escola do Ser como forma de entendimento da noção de autoconhecimento enquanto um processo relacional de espiritualização do indivíduo e parte de um processo mais amplo de construção do *ethos* Nova Era.

Este objetivo geral de pesquisa desdobra-se em outros objetivos específicos, quais sejam:

- Observar a espiritualização do indivíduo nas práticas cotidianas, através do circuito neo-esotérico da Nova Era na cidade de Pelotas;
- Apreender o significado do autoconhecimento como terapia espiritualizante através da dimensão simbólica da relação das pessoas com os artefatos;
- Verificar os significados ou elementos lógicos atribuídos ao desenho como portadores de sentido discursivo/argumentativo/narrativo para a apreensão do autoconhecimento na meditação;

Como afirma Magnani (1999), o cultivo da individualidade é um aspecto importante do *ethos* Nova Era e se caracteriza como uma das raras unanimidades nos comportamentos sociais dos indivíduos. A noção de individualidade, própria da ideologia romântica do séc XVIII, emerge aqui, atrelada a ideia de totalidade na tensão com a singularidade (DUARTE, 2004). Trata-se de exprimir a ideia de que todo ente discreto pode ser considerado uma individualidade, ou seja, um entre muitos outros seus semelhantes, e “singularidade”, é uma unidade de totalidade em si. Expressa-se através das experiências de compartilhamento de narrativas sobre o mundo, valores sociais e sobre as emoções. Através da etnografia, proponho reflexões textuais e ensaios gráficos que tratam das práticas do autoconhecimento como modo de perceber com formas visuais as narrativas de construção da individualidade.

Os procedimentos e técnicas terapêuticas (MALUF, 2003, 2005, 2007) que circunscrevem a práxis do autoconhecimento visibilizam o fenômeno como um tipo de técnica do corpo concebido como uma forma de espiritualização pela vivência cotidiana de cultivo da individualidade (MAGNANI, 2000). A existência desses locais

que primam pelo ensino da prática, na cidade, demonstra que há uma preocupação social das pessoas, nas culturas da Nova Era, com a reconstrução da personalidade individual, desenvolvida como um tipo de troca de saberes de forma consciente. O conhecimento de si (*selfawareness*) permite ao indivíduo desenvolver e lidar com um tipo de “uso racional” das emoções, e do domínio de uma linguagem afetiva compartilhada pelo intercâmbio de diversos saberes nos ambientes e nos cursos de autoconhecimento da Nova Era.

Busquei observar como as narrativas formuladas pelos interlocutores fundamentam e guiam suas práticas, construindo para eles o sentido de estar em um mundo em que todos os seres são compreendidos como unidos por uma mesma energia cósmica, a do amor incondicional. A própria “incondicionalidade” que categoriza tal espécie de amor, como não romântico, carrega o sentido relacional, isto é, o conhecimento de si, cuja intenção do autoconhecimento é a relação com o outro.

1.2 Caminhos Metodológicos

1.2.1 Aproximação com um novo caminho de pesquisa

O redirecionamento da minha trajetória acadêmica foi marcada pela curiosidade científica alavancada por uma dimensão pessoal, qual seja, a fragilidade da minha saúde física agravada no contexto pandêmico. Esta circunstância me levou a considerar uma série de eventos repetitivos, conduzindo-me a questionar a respeito dos sentidos que o autoconhecimento assume nas práticas terapêuticas da Nova Era. Condição pela ausência de encontros sociais presenciais de toda ordem, a partir do início do ano de 2020, empreendi os primeiros passos por caminhos que para mim eram, e talvez ainda sejam, muito diverso dos meus.

Faço uma breve contextualização da minha formação como pesquisadora que tem como função demonstrar os caminhos que me levaram a ancorar em um campo de pesquisa novo para mim, e que diverge sobremaneira das minhas atenções pretéritas na pesquisa acadêmica. Cabe, portanto, esclarecer, que até o final do ano

de 2019, momento em que meus interesses científicos começam a se modificar, as bases de minha formação, se desenrolam no campo dos estudos urbanos. Sem que, em qualquer momento, eu tivesse me voltado aos estudos sobre a saúde ou espiritualidade.

Início a minha formação acadêmica no curso de Bacharelado em Turismo, formação realizada ainda na primeira década dos anos 2000, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Recordo-me que período de quatro anos e meio de minha formação, entre 2004 e 2009, meus interesses estavam voltados para a compreensão das práticas de lazer no ambiente urbano. Observava nesse período as ações promovidas pelo poder público destinadas às crianças residentes na cidade de Pelotas. Eu acompanhava mais detidamente o programa “Brincando”, que acontecia no Parque Municipal Museu da Baronesa, um espaço de área verde, patrimonializado, localizado no bairro Areal da cidade de Pelotas. Tinha como recorte investigativo a interação comunitária, no momento em que eu, como estagiária da então Secretaria de Turismo Esporte e Lazer, efetivava as atividades de brincadeira do programa junto às crianças, através da manipulação de desenhos e imagens previamente selecionadas por mim, em razão da oportunidade de realizar ali pesquisa que culminou no meu Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no ano de 2009 na instituição (GARCIA, 2009).

As imagens que eu buscava para a realização do trabalho com as crianças, remetiam ao patrimônio institucionalizado pelotense. Mais precisamente, retratavam os motivos decorativos dos prédios históricos que auxiliam a sustentar uma narrativa oficial, um recorte histórico, sobre o período de construção da cidade, focado na opulência econômica vivida no município, do início do século XIX. Tal narrativa oficial serve de base para a atividade turística da cidade e para o desenvolvimento de programas de incentivo e desenvolvimento econômico na região. Importava-me nesses primeiros passos como estudante, observar como se dava a recepção desse material pela comunidade, e compreender como se poderia analisar, a partir da infância, a construção de um discurso patrimonial, atinente a ideia de lazer/turismo local. Nesse momento, persegui a intenção de compreender a possibilidade de criação de uma narrativa sobre o turismo inclusivo e participativo, que aproximasse turistas e visitantes da população local, tendo como base a educação patrimonial.

Anos mais tarde, após um período de afastamento da universidade, retorno às atividades acadêmicas em busca da minha titulação de mestrado, no Programa de

Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt/UFPel). Com fôlego renovado, retomo as investigações sobre as dinâmicas urbanas de lazer comunitário e de patrimônio, já sob o viés da Antropologia Visual e das pesquisas experimentais com as imagens, com particular atenção a utilização de desenhos como modo de observação e inscrição das experiências vividas em campo. Assim, entre os anos de 2016 e 2018 me dedico a compreensão das dinâmicas do recém requalificado Mercado Público de Pelotas, situado no centro cidade, uma região conhecida como centro histórico, em razão da quantidade de prédios tombados e patrimonializados pelo município e pelo Estado. Complexifico a ideia de um discurso oficial tomando por base outras narrativas sobre o patrimônio, articuladas pelos frequentadores do Mercado Público na época, registrando-as através de desenhos resultantes de minhas imersões no Mercado. Cabe ressaltar que tanto as dinâmicas urbanas quanto o uso de desenhos, e de outros tipos de imagens na pesquisa, que já eram de meu interesse, foram utilizados como importante recurso investigativo em campo, e passaram a incorporar a exposição do conhecimento científico. Tornaram-se, assim, componentes importantes na escrita científica, enquanto narrativa visual (GARCIA, 2018). Este é o principal recurso metodológico mantido na atual pesquisa antropológica.

No entanto, a mudança de tema de pesquisa tem como pano de fundo *insights* reavivados pela minha vivência em clínicas de fisioterapia frequentadas entre 2004 e 2018 para o cuidado da minha saúde. Convém destacar que durante boa parte da minha vida, padeci de dores físicas decorrentes da formação de duas hérnias discais na região lombar da coluna vertebral. Este diagnóstico surgiu ainda na adolescência, tendo sido agravado na fase adulta, principalmente durante as práticas de campo e do intenso deslocamento pelas ruas da cidade, quando por muitas vezes me vi incapacitada de realizar certos movimentos, até mesmo de locomover-me sozinha, por períodos de tempo relativamente longos. As ansiedades decorrentes dos quadros prolongados de dor culminavam em dificuldades no cumprimento de minhas tarefas cotidianas, tais como estudar e trabalhar.

Essa condição me levou a incontáveis tratamentos médicos e fisioterápicos. As profissionais responsáveis pelos tratamentos realizados, em comum, compartilham além da prática formal em fisioterapia, de visões de mundo similares que incidiam sobre a forma como as terapias de cuidado do corpo dos pacientes é assimilada e encarada em suas atividades profissionais. A título de registro ambas

havia realizado cursos de especialização em acupuntura¹, aceita e explorada por seus efeitos na área médica, no ocidente, enquanto terapia integrativa e não convencional. Além disso, acentua-se o fato de atuarem com algumas terapias ou narrativas não convencionais e compartilharem de estilos de vida que comumente são associadas às terapias da Nova Era, quer seja nas práticas terapêuticas, quer seja nos discursos adotados durante as consultas.

Assim, pude perceber que, com o passar do tempo, uma das duas fisioterapeutas com as quais me tratava com maior regularidade optou por deixar de atuar com a acupuntura, técnica que, por ocasião e curiosidade, experimentei duas vezes, em um passado “remoto”. Minha visão de mundo na época me levou a não dar continuidade a esse tratamento, optando pelo uso exclusivo de fármacos para o alívio dos sintomas e desconfortos causados pelas crises de coluna. Bárbara trabalhou com a terapia por aproximadamente uma década, no entanto, com o passar do tempo, ela passou a considerar a acupuntura, a técnica muito invasiva por haver a necessidade de inserir agulhas no corpo dos pacientes. Passei a me questionar sobre a sua mudança de perspectiva e me interessei em saber mais sobre o que poderia ter motivado essa transformação no seu modo de encarar a prática. Intrigada com a situação. Fui informada que, em paralelo ao processo de “desencanto” da técnica, a profissional capacitou-se nas terapias da Nova Era. Segundo observei empiricamente, em uma sessão demonstrativa realizada pela profissional, o procedimento no qual se capacitou guarda alguma semelhança com a acupuntura. No entanto, ao invés de inserir agulhas, a fisioterapeuta iniciada, utiliza-se das pontas de seus dedos para estimular determinados pontos da cabeça, das palmas das mãos e dos pés do paciente em tratamento. A técnica me seria apresentada como “quânticas e energéticas” que estabeleceriam uma “ponte de conexão” entre o terapeuta e o paciente, e teriam como função promover a expansão da consciência e do autoconhecimento.

¹ Para a Organização Mundial da Saúde, a acupuntura é uma tecnologia integrativa de intervenção em saúde que aborda de modo integral e dinâmico o processo saúde-doença no ser humano. Pode ser usada isolada ou de forma integrada com outros recursos terapêuticos. Originária da medicina tradicional chinesa, a técnica compreende um conjunto de procedimentos que permitem o estímulo preciso de locais anatômicos definidos por meio da inserção de agulhas filiformes metálicas para promoção, manutenção e recuperação da saúde, bem como para prevenção de agravos e doenças. No Brasil a técnica é incorporada ao Sistema Único de Saúde no ano de 1995, juntamente com a fitoterapia e a homeopatia, como modo alternativo de cuidados da saúde pública.

A outra profissional, apesar de indicar-me, em algumas ocasiões, práticas terapêuticas não convencionais para a melhora dos meus quadros de dor, mais precisamente a meditação e a acupuntura, com a qual ainda trabalha, não havia frequentado cursos de terapias energéticas como a primeira. No entanto, também me aconselhou a buscar por informações sobre as terapias energéticas para o autoconhecimento. Eu costumava frequentar as clínicas das duas fisioterapeutas de maneira alternada, e, ainda que as profissionais não mantivessem qualquer relação entre si, eu frequentemente ouvia de ambas o discurso semelhante no qual relatam que, para elas, o bom cuidado do corpo envolve dois aspectos importantes: (a) autoconhecimento e; (b) a espiritualidade. Estes são temas sobre os quais os meus conhecimentos não passavam daqueles de conversas em grupos de amigos, em pausas para o café, nas quais os termos “energia” e “universo” surgiam com frequência, mas sem qualquer tipo de aprofundamento quanto aos sentidos dos seus usos. Ainda assim, mantive os tratamentos indicados pelos médicos, deixando de lado as práticas não convencionais.

Iniciados os primeiros momentos de isolamento social, nova crise de saúde me abateu, havendo a necessidade de consultar remotamente as profissionais sobre possíveis formas de contornar as dores mesmo estando no ambiente doméstico. Mais uma vez surgem as indicações de busca pelas práticas da Nova Era. Decidida, parti na busca de compreensão sobre esse universo, não tendo condições de observar as práticas terapêuticas descritas acima, em razão do contexto pandêmico em que se deu a incursão em campo, investi os meus esforços na compreensão dos seus sentidos, observando mais detidamente as narrativas dos frequentadores da Escola do Ser.

Um pouco mais distanciada do objeto de pesquisa, percebo que os discursos das duas fisioterapeutas e as narrativas e experiências vividas em campo remoto e, posteriormente, presencial, na cidade e com interlocutores que conheci na Escola do Ser, foram competentes em evidenciar outras formas de discursos sobre as práticas de cidade assim como outras visões de mundo que eu até então não havia me alertado. Mas isso não se deu imediatamente, fez parte de um longo processo que se inicia não do lado de fora dos portões de minha casa, mas no interior de um ambiente íntimo, familiar. Tive como recurso de conexão com as pessoas, a cidade e com o mundo externo como um todo, o celular, o computador e as especificidades dessa forma de interação social mediada pelas tecnologias da

comunicação/informação que, durante a pandemia, foram cruciais para o estabelecimento de novas relações e conhecimento de outras possibilidades de manutenção de laços com a alteridade.

Assim, o universo desta etnografia foi se delimitando ao longo do tempo, com minha imersão gradual nas rotinas remotas da Escola do Ser, uma escola de autoconhecimento e de práticas holísticas da Nova Era estabelecida em Pelotas (RS) no ano de 2016. A pesquisa de campo foi realizada em duas etapas.

A primeira ocorreu exclusivamente na modalidade remota, durante a pandemia da Covid-19. Neste período, estabeleci o contato com a Escola e criei laços com seus mentores, autodenominados terapeutas, e frequentadores. Aproximei-me deles através da observação participante, no curso de autoconhecimento denominado “A Arte de Estar no Agora”, uma fase de imersão que compreende o período de abril de 2020 a agosto de 2021.

A segunda etapa da pesquisa de campo, realizada presencialmente, após o período de distanciamento social, foi crucial para a compreensão da espiritualidade quântica. Assim, mantive os laços estabelecidos com interlocutores através das tecnologias digitais, porém, fui ao encontro deles, de modo a compreender as dinâmicas sociais na vida cotidiana da espiritualidade em um contexto não pandêmico. Este período de observação participante compreendeu os meses de agosto de 2022 a abril de 2023.

A observação participante foi técnica consagrada por Malinowski (2018 [1922]) em sua seminal pesquisa junto aos trobriandeses nas ilhas da Melanésia, a qual traz importantes considerações sobre a forma como avançavam os estudos etnográficos à época da efervescência das humanidades antropológicas e sociológicas na Europa de então. O etnógrafo cita que um célebre pesquisador havia dito: “Nenhum costume, maneiras horríveis!” a respeito dos nativos, expondo uma lógica evolucionista e antropocêntrica recentemente criticada à época. A concepção de Malinowski para a análise do comportamento dos nativos estava na compreensão não só das aparências de seus hábitos e costumes, ou da replicação da fala dos brancos em relação aos nativos, mas no interesse em entender seus pensamentos, sentimentos e mentalidades para, assim, compreender suas lógicas de vida e a forma como eles habitavam o mundo.

Assim, a análise do *Kula* entre habitantes de ilhas circunvizinhas como uma troca ritual e complexa de bens simbólicos, e não um esquema meramente

comercial ou escambo, como demonstra também Marcel Mauss (2003), passava a ser denotado de camadas de significados afetivos e mágicos, para além das práticas econômicas. Através do olhar atento do pesquisador, suas práticas e rituais adquiriram outros sentidos, tecnologias e técnicas. A metodologia empregada por Malinowski incluía diversos meios que permitiram a ele estabelecer contornos analíticos aos esquemas culturais dos ilhéus e criar dados que sedimentaram a construção da antropologia moderna. Segue-se, assim, o desafio assumido por pesquisadoras e pesquisadores em desenvolver e aprimorar essa “magia do etnógrafo”.

Uma das maneiras de constituição de uma metodologia de pesquisa que já acompanhava o esquema conceitual de Malinowski era o da confecção de mapas de visualização dos temas que, juntamente dos interlocutores, ia sendo construído pelo cientista de campo. A importância naquele momento, para os mapas e quadros sinóticos eram no sentido de dar credibilidade ao que era induzido, inferido e após analisado, concluído pelo pesquisador. A relevância de tais mapas e esboços visuais se constituem, em formas antropológicas de traçar gestos capazes de estabelecer, em alguma medida, uma aproximação não só ao que é dito, mas ao que é expressado pelos interlocutores, às vezes, à despeito do que é dito ou vivido de forma mais ou menos consciente, cotidianamente.

De modo que, apesar da observação de momentos de descontração do grupo pesquisado ou do silêncio executado em uma prática meditativa, as camadas de gestos captáveis encontram-se delineáveis de alguma maneira, sejam eles quadros de explicação mais objetiva, contendo palavras ou desenhos e gestos de tinta competentes em criar mapas, uma cartografia do corpo, no espaço de sua ação individual dentro de um esquema cultural, cosmológico, específico.

Dito isto, frequentei as atividades do curso com assiduidade totalizando sessenta e cinco encontros, distribuídos em cinco blocos temporais de aproximadamente dois meses, correspondentes a cinco turmas, como modo de aproximação e apreensão da linguagem, terminologias técnicas utilizadas no meio (DESCOLA, 2016). Entendo que muitas das terminologias e os diferentes significados dados ao fenômeno das novas espiritualidades utilizam expressões em que não raras vezes, os termos nativos (êmicos) se confundem com as designações advindas das ciências sociais (MALUF, 2003).

O período remoto em que a prática de campo teve início foi importante para apreender os princípios e práticas que norteiam a Escola do Ser e que a inserem na cena do circuito neo-esotérico pelotense, haja vista a modalidade específica de um discurso quântico da Nova Era. Deste discurso se apreende importantes atualizações do processo de percepção do estilo de vida dos frequentadores, que se dá através de um modo de pensar e agir sensível que é alusivo a uma percepção culturalmente construída direcionada ao ecológico e sociológico, com vistas a uma mudança gradual de paradigma social em torno da nova era milenar, como é denominada a percepção do tempo e do espaço, a partir de uma visão astrológica (MAGNANI, 2000), que corresponde ao terceiro milênio da era cristã. Importante ressaltar que o termo que se refere às culturas da Nova Era difere da noção temporal da nova era milenar. Para demarcar essa diferença utilizo o recurso gráfico de letras maiúsculas para o primeiro entendimento e, conseqüentemente, minúsculas para o segundo, de tempo e espaço.

O contexto pandêmico foi imperativo para esse tipo de abordagem. Contudo, não me detive nesta modalidade a ponto de enveredar a pesquisa para as discussões sobre a era digital, pois o meu foco está centrado em compreender narrativas e experiências do autoconhecimento para o entendimento da espiritualidade quântica Nova Era. Contudo, assumo o atravessamento como importante aspecto para compreender as dinâmicas vividas em campo. Entendo, a partir de Hine (2020), que não há uma separação entre lá e cá na prática etnográfica, mas diferentes contextos que devem ser assumidos e analisados, criativamente, na pesquisa. Assim, foram experiências presenciais com os frequentadores e terapeutas, bem como seus produtos visuais, que trouxeram a riqueza com a qual a espiritualidade é percebida pelos interlocutores nas atividades cotidianas.

Canalizei meus esforços de modo a captar e produzir uma outra forma de percepção sobre a espiritualidade Nova Era, servindo-me de desenhos e narrativas entrelaçadas acerca do autoconhecimento na visão de mundo quântica. Ou seja, busquei apreender o contexto narrativo de meus interlocutores através de experimentações gráficas, que serviram como o suporte e ancoragem para a reflexão e análise etnográfica, mas ainda como forma de restituição parcial da pesquisa e diálogo com meus interlocutores. Esses materiais visuais e seus processos foram desenvolvidos pela compreensão de que os exercícios de atenção,

observação e experimentação propostos pelas práticas da Escola correspondem às provocações sensoriais conduzidas pelos interlocutores, tanto na relação remota (*online*), quanto presencial, podendo contribuir ainda para o aprimoramento da Antropologia Visual, bem como para a área das Ciências Sociais de maneira mais ampla.

Utilizei os desenhos como uma forma de estabelecer a relação com os interlocutores durante o isolamento social. A relação entre o corpo e o ambiente, não necessariamente evidencia seus significados em uma primeira impressão visual. Estes vão sendo revelados em camadas de atenção e apreensão das experiências, na manipulação das imagens, arranjos e reordenações ao longo do tempo, como uma relação. Ao ponto de ser considerada no meio como objeto e universo de incidência reflexiva, como “mais uma entre os nativos”.

Em lugar de supor que o tempo apenas fornece um meio externo para as relações humanas, é preciso compreender que ele é, ao contrário e em si mesmo, uma relação. Pois é apenas com o tempo, e com um tempo não mensurável pelos parâmetros quantitativos mais usuais, que os etnógrafos podem ser afetados pelas complexas situações com que se deparam – o que envolve também, é claro, a própria percepção desses afetos ou desse processo de ser afetado por aqueles com quem os etnógrafos se relacionam. Foi apenas quando alguém diagnosticou que a etnógrafa fora “pegã” (*prise*) pela feitiçaria que passou a fazer algum sentido falar com ela sobre o assunto (FAVRET-SAADA, 2005; p.155).

Conforme Hine (2020), uma noção de inscrição antropológica pela internet localizada no corpo, promove e sustenta um mundo cheio de comunicações mediadas. Entendo que o desenho participa desta mediação. Debruço-me sobre tal produção visual também como fonte de estudo sobre as práticas terapêuticas que acompanhei, de forma remota, durante o período de isolamento social. Mas, mais do que fonte empírica, a produção gráfica, nesta pesquisa, também constituiu ferramenta metodológica na construção das relações com os meus interlocutores em campo.

Com efeito, não será considerado para esse estudo uma separação objetificante e paradoxal entre observar e participar (INGOLD, 2010), na medida em que procurei investir no ato de participar com os desenhos de pesquisa e com posicionamentos que foram oportunizados em razão dos convites realizados pelos interlocutores, como exercício da atenção ao processo de autoconhecimento, dos quais participavam demais membros da comunidade e matriculados nos cursos. Por isso o ato de grafar em meus diários os momentos e reflexões, levou-me a mostrar

desenhos e expor opiniões, assim como também, doar alguns desenhos produzidos por mim, como presentes aos interlocutores, e deixar que lhes dessem os destinos que melhor lhes aprouvesse. Esses movimentos fazem parte do que foi vivenciado com as pessoas que praticam a meditação quântica e compartilham da visão de mundo da Nova Era, como exercícios de comunicação não-violenta, gentileza e gratidão, temas tratados durante todas as experiências no tempo de imersão em campo, assim como durante os retornos em busca de elucidções. Desse modo, o desenho não é mero recurso de produção de dados registrados no diário de campo antropológico (AZEVEDO, 2014, 2016). O ato de desenhar é, sobretudo, uma forma de sentir, de participação sensível, de engajamento, de poética e de ética antropológica diante das sensibilidades compartilhadas comigo durante a prática empírica.

A inserção desse tipo de inscrição no texto antropológico envolve um comprometimento teórico em contínua análise e construção por meio do qual é possível o desenvolvimento da pesquisa antropológica. Por isso, reflito o gesto no espaço do papel, o movimento investido na “fazeção” dos desenhos sobre o fenômeno do autoconhecimento. Me questiono como estas relações assumem alguma forma cultural, de modo que se torne de fato um investimento que visa *aprender com* as pessoas e as situações em campo e não uma observação que não produz efeito, “pois observar não é objetificar; é atender as pessoas e coisas, aprender com elas, e acompanhá-las em princípio e prática” (INGOLD, 2015a, p. 407). Nesse sentido, participar é percorrer o fluido pensativo, imaginativo e sensitivo dos momentos, daí incorrendo na criação de habilidades capazes de unir as pessoas e outras coisas no momento reflexivo, conformando-o como um momento de vida.

Contudo, não utilizo apenas desenhos, mas as capturas de telas, fotografias e montagens. Baitello Júnior (2014) relembra Aby Warburg, que diz que as imagens têm a capacidade de condensar e carregar sentidos: sentimentos, anseios, sonhos e projetos, por sua fórmula de *pathos* (que em grego significa emoção). Já Phillipe-Alain, as *pathosformel* de Warburg deixam evidente que:

o "movimento" não é uma simples translação ou narração de um ponto a outro. Esses movimentos são saltos, cortes, montagens, estabelecimentos de relações dilacerantes. Repetições e diferenças: momentos em que o trabalho da memória ganha corpo, isto é, criar sintomas na continuidade dos acontecimentos. O pensamento warburguiano abala a história da arte porque o movimento que abre nela constitui-se de coisas que são, ao

mesmo tempo, arqueológicas (fósseis, sobrevivências) e atuais (gestos, experiências) (PHILLIPPE-ALAIN, 2013, P. 25).

Além disso, a potência das imagens também pode ser chamada de “energia”, expressada a partir de gestos simples, como um traço, um esboço, uma cor, uma simples configuração que evoca um olhar, uma presença (BAITELLO JÚNIOR, 2014). Assumo o desenho como um caminho de exploração e intuição que se expressa através do gesto com olhar atento ao campo. Nesse sentido, o desenho se configura tanto como imaginação, quanto como pressentimento, pois é utilizado também como uma forma de perceber “imagens-pensamento” impregnadas de imaginação sobre o autoconhecimento. Discuto sobre o tema do indivíduo sob essa perspectiva que parece adjetivar as relações sociais com base em um complexo afetivo que se faz dentro de uma dinâmica relacional. Com isso se quer dizer que as relações fazem tanta parte da cultura subjetiva, quanto da objetiva (KOURY, 2020).

Após as atividades que ocorreram remotamente, em campo presencial tradicional, os interlocutores do curso de autoconhecimento foram os meus acompanhantes e informantes através de trajetos urbanos. Destaco como fato empírico um desses encontros presenciais, durante uma tarde de primavera, em que estive com os terapeutas e dois frequentadores da Escola do Ser. Este ocorreu no mês de novembro de 2022, e é fundamental para refletir sobre as relações com espaço urbano à luz da perspectiva quântica na nova era.

Os caminhos percorridos neste encontro ocorreram na cidade de Pelotas, e compreendem a leitura específica do espaço urbano como um fragmento do circuito de saberes e práticas neo-esotéricos (MAGNANI, 1999; 2000) na cidade. O passeio, descontraído e informal, foi guiado pelos interlocutores que transformam a cidade à lógica quântica, na medida que a experimentam comigo. Destes acontecimentos são apreendidas regras de generosidade e trocas de dádivas, através da escolha de presentes pelos frequentadores da Escola do Ser e doados aos terapeutas, no dia do encontro. Estas práticas sociais são observadas através da noção de dádiva (MAUSS, 2003), das quais são percebidos atos de reciprocidade ao aprendizado realizado no curso referido. São, portanto, as relações sociais entre todos os envolvidos, fundamentais para a compreensão das relações intersubjetivas simbólicas culturais na/da Nova Era.

Isto é, as interações dão visibilidade aos laços sociais de amizade entre os interlocutores que representam uma “matriz de sentido” e de afetos através do

significado da presença de membros que empreendem moralmente os preceitos sociais do grupo. As experiências religiosas na nova era, por intermédio das narrativas das terapêuticas, se constituem enquanto formas de viver e se realizam por meio de performances provisórias e sempre sujeitas a novas produções de afetos e sentidos (TAVARES E CARDOSO, 2022).

Assim, os indivíduos que se identificam com as cosmologias da Nova Era podem ser percebidos frente à sociedade normativa e das espiritualidades tradicionais como “*outsiders*”, ou experiências marginais, por não comungarem de regras, criando novas normas de ação social para a vivência da espiritualidade e da moralidade, como espécies de desviantes dos discursos oficiais das doutrinas e filosofias das quais se apropriam em partes. A experiência é carregada de simbolismo e auxilia a discorrer sobre o princípio do autoconhecimento como mote das relações quânticas enquanto fato social.

Os parâmetros éticos que balizaram a pesquisa empírica foram permeados por conversas com os interlocutores, pedidos formais e recorrentes de permissão para uso de falas e materiais compartilhados nas mídias sociais, nos encontros e nos grupos do aplicativo de mensagens *Whatsapp*. Deste mesmo modo foi realizada a aproximação com os instrutores fundadores da Escola do Ser para o início da pesquisa e ingresso da minha pessoa no ambiente remoto e físico da Escola e das atividades de conotação mais recreativa. Em todos esses encontros, os meus desenhos foram utilizados como disparadores de conversas e também se desdobraram em formas de estudo sobre as relações estabelecidas, em busca de penetrar em seus significados. De acordo com Garcia (2018), as relações estabelecidas com os interlocutores a partir da utilização dos desenhos, são interessantes modos de “quebrar o gelo”, principalmente, neste caso, quando os desenhos feitos sobre as dinâmicas vivenciadas nas relações remotas, incorporaram muito da minha imaginação. Assim, criar formas de contato dos interlocutores em relação às imagens, fez-se fundamental para o aprofundamento argumentativo do uso das imagens em campo.

Realizei entrevistas semi-estruturadas nas quais utilizei os desenhos como norteadores das perguntas. Vitória, Eduardo e Fabiana foram pessoas fundamentais para que eu encontrasse o sentido e o significado dos eventos que participei e inscrevi através dos desenhos. Com amabilidade e paciência responderam meus questionamentos, dos mais inusitados aos mais técnicos, a respeito das atividades e

termos utilizados por eles, jamais deixando que uma questão ficasse sem a devida resposta, explicação ou apontamento sobre caminhos onde as respostas poderiam ser encontradas. Algumas dessas elucidações incidem como camadas narrativas sobre os desenhos, e aparecem em forma de post-its anexados. Estes pequenos “bilhetes” são entendidos como “pistas” que indicam os caminhos pelos quais conduzi as análises antropológicas com as imagens, como formas de caminhada mental (INGOLD, 2015a). De modo geral os desenhos são encarados pelos interlocutores ora como peças artísticas, ora como sínteses das narrativas sobre a visão de mundo quântica. Estes encontros ocorreram no final do ano de 2022. Também participei das festividades de aniversário da Escola do Ser, em que se encontravam alunos e demais membros da comunidade Nova Era pelotense. Entre eles estão outros terapeutas que após realizarem os cursos de terapias quânticas na Escola do Ser, abriram seus próprios espaços terapêuticos, mas continuam a manter intercâmbio com a Escola do Ser para troca de saberes e manutenção dos laços de amizade que sustentam o *ethos*.

Assim, a tese é estruturada em cinco capítulos, sendo que nesta introdução, apresentei os princípios norteadores da pesquisa, bem como as bases teórico-metodológicas em que se ancora além dos objetivos, que serão desenvolvidos nos demais capítulos. No capítulo 2, me dedico a uma revisão de bibliografia sobre o panorama das novas espiritualidades que mais se adequam aos elementos desenvolvidos na tese, através de pontos que mais se entrelaçam, tanto com a pesquisa de campo realizada por mim na Escola do Ser, quanto em direção a uma perspectiva de mudança de paradigma social buscado pelos frequentadores dos circuitos neo-esotéricos. Também retomo a contextualização e o aprofundamento de alguns conceitos teóricos, como a noção de *habitus* em uma interface entre a Antropologia e da Sociologia, que contribuem para a análise do material empírico apresentado nos capítulos seguintes.

No capítulo 3, de caráter etnográfico, volto minha atenção às dinâmicas observadas por mim na Escola do Ser, apresentando os terapeutas da Escola, bem como os princípios e práticas que norteiam as atividades de autoconhecimento e terapêuticas no âmbito das práticas da Nova Era. A utilização de desenhos nesse caminho de pesquisa é fundamental para o desenvolvimento de um pensamento crítico, realizado tanto por mim quanto pelos interlocutores. Durante a trajetória, não é considerada uma separação entre as práticas de campo realizadas no ambiente

remoto e aquelas que realizei na sede da Escola do Ser. Tal abordagem é crucial para a percepção do grupo construído com base em laços de afeto, tendo em vista a representatividade dos terapeutas como aglutinadores e criadores de uma cosmologia própria da Escola do Ser, em consonância com um espectro amplo de atividades realizadas nas cosmologias da Nova Era. Com base nos dados empíricos apresentados, discorro sobre as práticas terapêuticas dos movimentos Nova Era, compreendendo a sua popularização através da mídia e dos meios de comunicação de massa, como a internet.

O capítulo 4 segue com a descrição e análise sobre a minha última incursão em campo com os frequentadores (alunos) da Escola do Ser. Este foi um encontro realizado no mês de novembro de 2022. Nesta experiência, acompanhei Vitória e Arthur, a uma loja dedicada ao comércio de bens simbólicos, neo-esotéricos, para a compra de presentes para os terapeutas da Escola, Fabiana e Eduardo. Este último encontro foi a convite de Vitória, importante interlocutora da pesquisa durante todo o período. Sua passagem pela cidade se deu em razão de um desejo pessoal de “recarregar as energias” em companhia dos frequentadores da Escola, e estreitamento dos laços de afeto construídos durante a pandemia de Covid-19.

Por fim, apresento no quinto capítulo uma discussão sobre a pertinência da utilização dos desenhos e de alguns experimentos digitais para a pesquisa antropológica no campo das práticas espirituais da Nova Era. Retomo a abordagem teórico-metodológica do uso do desenho em campo antropológico, ressaltando que tal modalidade pode ser entendida para além de mera ilustração, como um modo de apresentação de uma “escrita” gráfica. Assim, o desenho pode ser percebido tanto como um modo de estudo sobre as relações vividas em campo, quanto um modo pertinente de utilização das imagens antropológicas, como exposição do conhecimento científico cujos dados são construídos, fundamentalmente, pela relação entre a pesquisadora e os interlocutores do universo pesquisado.

2. ANTROPOLOGIA DA NOVA ERA

Muitas são as questões que orientam os estudos sobre os sentidos intrigantes e difusos das manifestações das espiritualidades da Nova Era no contexto atual. As novas espiritualidades ou espiritualidades do *self*, apresentam uma longa trajetória na história ocidental, podendo, portanto, ser longamente discutida e sobre diversos enfoques. Contudo, apresento alguns aspectos do panorama das novas espiritualidades, através de pontos que mais se entrelaçam com a pesquisa de campo realizada por mim na Escola do Ser. Assim, trago uma breve contextualização de pesquisas etnográficas realizadas sobre movimentos Nova Era, bem como a discussão de alguns conceitos teóricos na interface da Antropologia e da Sociologia que contribuem para a análise do material empírico apresentado nos capítulos seguintes.

Dada a inter-relação entre uma nova era, uma nova espiritualidade e uma nova configuração do social, várias pesquisas (MAGNANI, 1999, 2000; D'ANDREA, 2000; MALUF, 2003, 2005; SANTOS, 2013; CHIESA, 2017, 2020, 2022, GUERRIERO E STERN, 2019; AURELIANO; 2022) destacam ou permitem perceber a existência de um estilo de vida e de um *ethos* cada vez mais popularizado na sociedade nos tempos atuais. De modo que este *ethos* pode ser compreendido a partir da incorporação de um *habitus* que se atualiza no interior das experiências de aprendizado das práticas espiritualizadas da Nova Era, no interior de processos relacionais como os que acompanhei.

Primeiramente, é preciso deixar explícito o sentido original da expressão Nova Era. Esta provém da cosmologia astrológica e refere-se a uma mudança no trajeto

do sistema solar em relação aos doze signos do zodíaco, ocasionada pela precessão dos equinócios (MAGNANI, 2000).

De acordo com o esquema dos ciclos do ano zodiacal, a era de Touro, por exemplo, correspondeu às civilizações mesopotâmicas, a de Áries, à religião mosaico-judaica e a de Peixes – que teve início com o advento do cristianismo – ao término de 2.100 anos de sua duração, levou ao limite os valores identificados com o modo de vida ocidental. A nova era que agora se inicia é a de Aquário, trazendo ou anunciando profundas alterações para os homens em sua maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se uns com os outros com a natureza e com a esfera do sobrenatural. De uma forma geral, essas transformações são entendidas no sentido de um reequilíbrio entre pólos – corpo/mente, espírito/matéria, masculino/feminino, ciência/tradição, etc. – até então opostos e em conflito, (Idem, 2000, p. 10).

Para Maluf (2003), trata-se de um fenômeno do mundo contemporâneo, isto é, de um fenômeno mundializado e, segundo a antropóloga, para os praticantes dessas novas espiritualidades, a “Era de Aquário” diz respeito à humanidade e ao planeta. No mesmo sentido, D’Andrea (2000) diz tratar-se de um fenômeno transnacional, que corta e transcende fronteiras locais e nacionais.

Com raízes anteriores ao século XXI e sob regimes de experiência individual, o fenômeno Nova Era se transformou ao longo do tempo e das interações. Ao longo das transformações, no final século XIX, o movimento Nova Era já se apresentava através de manifestações que articulavam discursos ocidentais inspirados em filosofias orientalistas, conduzidos por uma visão esotérica, sob um ponto de vista europeu que se manifestava através do reavivamento de novas gnoses, as quais foram acrescidas às influências do transcendentalismo americano e da teosofia² do final do século XVIII (OLIVEIRA, 2012). Desde os séculos anteriores a religiosidade em determinados contextos históricos já apresentava uma relação de proximidade com conteúdos místicos, esotéricos e ocultos. Conquanto, desde o século XVII, passando pelo movimento Iluminista (séc. XVIII), composto por políticos liberais, intelectuais e cientistas que cultivavam a ciência e a razão contra a religião e a fé, “ainda que estivessem cheios de fé na ciência” (D’ANDREA, 2000, p. 9), Tavares et. al. (2010) informam que os conhecimentos místico-esotéricos se tornam conteúdos

² Cf. Tavares et. al., (2010) informa que no século XIX surge a Sociedade Teosófica, movimento espiritualista cuja fundadora foi a russa Helena Petrovna Blavatsky (1831 – 1891) cujos efeitos sentidos no Brasil culminam com a criação de sociedades teosóficas que exercem importante influência na configuração do panorama Nova Era (*New Age*) brasileiro. A Sociedade Teosófica, a partir do Manifesto de Blavatsky se desenvolve ao redor de suas reflexões em torno de experiências empíricas vivenciadas por ela em um monastério budista na região do Tibet, no qual esteve imersa durante três anos. Ao retornar para o ocidente, Helena Blavatsky organiza suas ideias organizando o pensamento teosófico.

herméticos, condenados pelo cristianismo (religião hegemônica), e pela ciência ortodoxa. Esses saberes, que não eram conteúdos acessíveis, eram vistos com preconceito e até mesmo, temor, de modo que ficavam de fora dos padrões da sociedade moderna, secularizada (Idem, 2010). Assim, até os princípios do século XX, o universo místico-esotérico e da magia dissociaram-se da religião. Cabe ressaltar que a ideia de místico, esotérico e magia tem um sentido original de inferioridade, de "crença", numa linha evolucionista que seguia a ordem selvageria-barbárie-civilização, transposta em magia-religião-ciência (cf FRAZER, 1978)³. Assim como também desvincularam-se da discussão científico-racional, passando a ser percebidos ora como credices e superstições, ora como práticas esotéricas (MORIN, 1982; TAVARES ET AL., 2010).

Muitos destes conteúdos (práticas divinatórias, magia, conhecimentos esotéricos e ocultos) se refugiaram em seitas, ordens, irmandades esotéricas e iniciáticas formando grupos fechados que buscavam resguardar os segredos desses conhecimentos, considerados como práticas valiosas do conhecimento científico (TAVARES *et al.*, 2010, p. 178).

Magnani (2000) afirma que muitos desses elementos já existiam no Brasil através da presença de algumas sociedades iniciáticas, desde pelo menos o final do século XVIII, como, por exemplo, a maçonaria. Na cidade de Pelotas, onde se localiza este estudo, é fundada em 1902 a primeira loja teosófica do Brasil, denominada Dharma⁴ (Idem, p. 16), um exemplo de sociedade iniciática. É no contexto de surgimento de organizações como o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, em São Paulo (1909), Sociedade Teosófica Brasileira (1916) no Rio de Janeiro, A Rosacruz Áurea (1957); que Magnani (Idem, p. 17) observa a criação de uma rede que instrumentaliza a divulgação das ideias e sistemas filosófico-espiritualistas que diferiam das crenças e valores religiosos dominantes à época. Essa instrumentalização se dá com a fundação da editora e livraria O Pensamento (1907), que difunde o conhecimento intelectual, filosófico-espiritual organizado por essas instituições. Além disso, essas organizações, ainda em atividade no Brasil, influenciam o atual panorama da Nova Era no cenário nacional.

Para Magnani (2000), a Nova Era refere-se a um fenômeno relacionado a modificações que vêm ocorrendo no campo dos comportamentos e das práticas

³ Ver FRAZER, James George; DOUGLAS, Mary. O ramo de ouro. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

⁴ Conceito das religiões e tradições filosóficas da Índia, ou originadas na Índia, como o Hinduísmo e o Budismo. Segundo Elias (2018, p. 394) o termo "Dharma", consiste nos ensinamentos sagrados contidos em um conjunto composto pelos 84.000 Sutas transmitidos pelo Buda Histórico.

religiosas contemporâneas, mas que não constitui uma *religião* específica, pelo menos não nos moldes eclesiásticos. Isto porque a amplitude de práticas e dimensão de seus formatos não permitem cânones e organizações hierárquicas. Ocorre que o movimento, em seu sentido amplo, revela a existência de um espaço propício para manifestação de formas de expressão de um *sentimento religioso* que certamente incorpora o elemento da *espiritualidade*. A Nova Era pode ser vista, então, como uma espiritualidade, mas principalmente como uma “forma” de se perceber e de se relacionar com o transcendente e com a realidade, em conjunto, porém independente de qualquer sistema de crenças e práticas (D’ANDREA, 2000).

Todavia, essa espiritualidade “é entendida como forma mais individualizada de expressar a vivência do sagrado em seu sentido mais amplo” (MAGNANI, 2000, p. 52). Medeiros (2008) mostra que nos anos 1960, começaram a surgir grupos compenetrados de senso humanístico propondo diferenciadas abordagens nas áreas de educação, saúde, política e administração que mais tarde foram chamados de *New Age*.

Esses grupos, (...) buscavam integrar ciência e magia ou, utilizando uma linguagem weberiana, estavam comprometidos em “reencantar” o mundo. Tais grupos mostravam-se cansados das explicações racionais a respeito do mundo, bem como do descaso com que eram tratadas as muitas dimensões da experiência humana, (MEDEIROS, 2008, p. 81).

Os anos 1960 e 1970, sociologicamente, representam o ápice do estruturalismo, demonstrando o posicionamento do debate científico da época, anunciando a “morte do sujeito”, isto permite perceber o momento de crise da subjetividade em que o “eu”, aparece apagado ou com pouca expressividade e legitimidade (SARLO, 2007). Esse posicionamento era rebatido pelos movimentos contraculturais, contudo, o fenômeno *New Age* ainda era localizado em comunidades rurais, em que os sujeitos se apartaram dos grandes centros. Estes sofriam a estigmatização de um perfil reconhecido por muitos como “bicho grilo”, como reflexo do velho modelo *hippie* (MAGNANI, 2000). Os sujeitos investidos na contracultura se opunham aos impactos dos sistemas culturais das estruturas do capital, do social e o modo de produção que a vida nas cidades impunha sobre as individualidades (MAGNANI, 1999).

Apesar da ênfase sobre as emoções individuais, as narrativas iniciais do movimento *New Age* estavam centradas na mente, mais precisamente, na expansão e na liberação da consciência, incluindo, para isso, o uso de álcool e psicoativos

(MAGNANI, 1999, 2000; MALUF, 2003). Nesse período, no Brasil, o caráter questionador arraigado aos movimentos contraculturais *New Age* assume uma condição mais politizada e intrinsecamente conectada aos movimentos artísticos. A musicalidade fazia da arte um meio de divulgação das narrativas da Nova Era, dos filhos de aquário. Como exemplo, Magnani (2000) cita, na Europa, a proeminência de artistas como *The Beatles*. No Brasil, o movimento Tropicalista demonstra isto a partir da produção de canções, como *O Índio*, de autoria de Caetano Veloso, composta no ano de 1977.

Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do Hemisfério Sul, na América, num claro instante
Depois de exterminada a última nação indígena
E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias

[Refrão]

Virá
Impávido que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi
Tranquilo e infalível como Bruce Lee
Virá que eu vi
O axé do afoxé Filhos de Gandhi
Virá
Um índio preservado em pleno corpo físico
Em todo sólido, todo gás e todo líquido
Em átomos, palavras, alma, cor
Em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico
Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico
Do objeto-sim resplandecente descerá o índio
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará
Não sei dizer assim de um modo explícito

[Refrão]

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio (Caetano Veloso, *O Índio*, 1977).

Na década de 1990, é a canção *Quanta*, de Gilberto Gil (1997), que dá o tom da arte como meio de difusão de uma ideia de transformação no limiar do terceiro milênio, cujo fundamento atualiza com mais veemência, o que já tinha sido mote da canção de seu contemporâneo e conterrâneo. Nestas canções, pode-se ver explicitamente o discurso artístico pronunciado sob uma perspectiva ecológica e quântica da vida, cuja poética é *quase* científica:

Quanta do latim, plural de quantum
 Quando quase não há
 Quantidade que se medir
 Qualidade que se expressar
 Fragmento infinitésimo, quase que apenas mental
 Quantum granulado no mel, quantum ondulado do sal
 Mel de urânio, sal de rádio, qualquer coisa quase ideal

[Refrão]

Cântico dos cânticos
 Quântico dos quânticos
 Cântico dos cânticos
 Quântico dos quânticos

Canto de louvor de amor ao vento
 Vento, arte do ar
 Balançando o corpo da flor
 Levando o veleiro pro mar
 Vento de calor, de pensamento em chamas, inspiração
 Arte de criar o saber
 Arte, descoberta, invenção
 Teoria em grego quer dizer o ser em contemplação

[Refrão]

Sei que a arte é irmã da ciência
 Ambas filhas de um Deus fugaz
 Que faz num momento e no mesmo momento desfaz
 Esse vago Deus por trás do mundo, por detrás do detrás (Gilberto Gil,
 Quanta, álbum lançado em 1997).

É possível perceber uma convergência entre ciência e arte a partir da poética empregada na canção de Gilberto Gil. Lima *et al.* (2021) observam a poética e o discurso contidos não apenas nesta canção, mas no álbum *Quanta*, lançado pelo músico em 1997. O artista elabora uma poética sobre o *quantum* a partir de visões da física quântica, expressando de maneira valorativa a unidade entre matéria e espírito na realidade mais fundamental da natureza, ou seja, dota de valor místico um elemento científico.

A partir de um segundo momento de expansão das práticas alternativas, ocorridas na segunda metade do século XX, nos anos 1980, foi que os discursos concernentes às práticas passaram a ser centrados no corpo (MALUF, 2003), adquirindo contornos de materialidade apropriadas ao modo de vida urbano. Passa-se assim a observar de maneira mais aguda, a partir de 1984, no Brasil, a conformação de um *ethos* Nova Era que é construído ao redor das narrativas de um “novo tempo”, conforme afirma D’Andrea (2000), uma pessoa se torna “*New Ager*” mesmo sem perceber.

Magnani (2000) destaca que ao final dos anos 80 e no decorrer dos anos 90 o fenômeno se consolida e diversifica. Em acordo com uma “tendência universal”, torna-se cosmopolita e ganha proporções de mercado, ao redor de uma demanda também avolumada em busca de serviços que oferecem os mais diversos itens de consumo: alimento; ervas medicinais; acessórios; itens de higiene pessoal; “decoração”, enfim, uma plêiade de bens simbólicos produzidos de acordo com os princípios “naturais (Idem, 2000). Em alguns casos significa uma reorientação das perspectivas mais de acordo com as causas ambientais tais como a isenção de agrotóxicos, rechaço às matérias-primas de origem animal:

e até mesmo manipulação de acordo com normas de algum sistema, como a antroposofia, por exemplo. (...). Passada a fase de recusa radical dos valores dominantes, mais defensiva, associada a um *look* psicodélico e rural, a tendência agora é na direção da procura da prosperidade, da descoberta de uma melhor qualidade de vida, configurando um verdadeiro “estilo de vida” reconhecido e visível na paisagem dos grandes centros urbanos, já sem o peso do estigma, (Idem, p. 24).

Anthony D’Andrea (2000) considera a possibilidade de conceber a nova espiritualidade Nova Era como uma forma de manifestação religiosa global, o que ele denomina como “globalização do misticismo reflexivo” (Idem., p. 28). Segundo o pesquisador, a dinâmica contemporânea dos grandes centros urbanos suscita a mudança para novas formas relacionáveis ao religioso, que apresentam um perfil sociocultural distinto em relação às religiões tradicionais. Para Bellah (1970), essa mudança de panorama religioso se deve a Nova Era como um fenômeno social, cosmológico de uma religiosidade pós-tradicional e à noção de uma “nova consciência religiosa”.

A distinção entre religião e religiosidade é fluida; entretanto, esta revela menor sistematicidade, podendo atingir o fragmentário, e, ainda, ausência de igreja central, hierarquia sacramental claramente definida entre sacerdotes e fiéis. A expansão fragmentada de diversas formas de religiosidades expressa também o enfraquecimento de laços tradicionais de sujeição do indivíduo a uma normatividade única totalizante, bem como o advento de estilos de vida centrados na autonomia do sujeito. O “novo” refere-se, portanto, a recombinações de crenças, práticas e objetos culturais, que, não obstante a antigüidade, adquirem novos sentidos ao serem apropriados, em especial, por camadas médias urbanas e escolarizadas (D’ANDREA, 2000, p. 28).

Ao detalhar a bibliografia internacional sobre as cosmologias da Nova Era, D’Andrea observa a existência de quatro princípios reguladores da dinâmica desses

tipos de religiosidade, sobre os quais as pesquisas acadêmicas teriam sido comumente conduzidas e estabelecidas:

O primeiro deles, sincretismo, refere-se à flexibilidade do simbolismo e das práticas que tendem ao eclético diante do dinamismo e quantidade com as quais as combinações simbólicas ocorrem. Ecletismo e hibridismo, se relacionam com a ideia de sincretismo, em razão das diferenciações constantes e a característica central da reorganização simbólica fundante das práticas cosmológicas da Nova Era. Inseridos nessas classificações estão alguns setores, tais como os setores da medicina, ciência e psicologia, por exemplo. Aplicado a estes, o termo “movimento” em detrimento do campo da “religião” torna-se assim um fenômeno mais abrangente, tanto quanto a multiplicidade de atores não ligados ao campo da religião que se inserem nestas práticas. Nesse caso o autor considera, que ainda que possa haver a identificação como “religiosos”, o termo “movimento” se aplicaria melhor, pois torna o fenômeno, ao mesmo tempo mais amplo e mais preciso do que “religioso”, muito embora não se descarte que alguns desses profissionais possam, de alguma forma, pregar algum tipo de religiosidade — “cósmica”, “holística”, “natural”.

O segundo princípio refere-se ao projeto individualista Nova Era em que o indivíduo surge como unidade de valor central da cosmologia; a pessoa é constituída na relação entre um *self* sagrado em oposição ao ego, que representa o que é superficial e mundano. Também se observa uma abundância de material psicológico, terapêutico, mágico, científico e esotérico, “reempacotado” para o consumo individual (Idem, 2000).

Duarte (1998) na direção do pensamento teórico dumontiano, demonstra que a articulação entre individualismo e hierarquia são duas configurações de valores que regem diferentes tipos de sociedades. Jane Russo, observa a partir dos conceitos de Louis Dumont e Simmel sobre o individualismo e singularidade, respectivamente, uma busca conciliar o conceito de individualismo jurídico, proposto por Roberto Da Matta como uma passagem da noção de pessoa para a de indivíduo, que tem em seu bojo a suposição de uma passagem da noção de pessoa para a de indivíduo, o que supõe primado da igualdade, de leis universais. Logo, se se no plano jurídico individualismo implica igualitarismo e leis universais, no plano psicológico significa antes “singularidade”, ou seja, enseja a percepção de que a opção pessoal adquire ênfase na vivência “interna” e das qualidades “inerentes” de

cada indivíduo, em detrimento da posição dada de antemão na sociedade (MAGNANI, 1999).

Magnani, contudo, observa que tanto a noção de indivíduo quanto a de individualismo entram na composição ideológica das terapias corporais assumindo o caráter das energias como um tipo de moeda de troca cultural. De um lado, então está o indivíduo e do outro a totalidade cósmica, corporificada na noção de energia. Para o autor há um paradoxo aparente em que a noção de totalidade não contradiz os pressupostos básicos da ideologia individualista. Nesse sentido, assevera que as terapias corporais continuam sendo individualistas e não holistas/totalizadores, uma vez que não supõem uma perspectiva hierárquica, segundo seria no esquema dumontiano, referente aos propósitos das sociedades tradicionais (Idem, 1999).

O terceiro princípio é o alternativismo, um tipo de marginalidade heterodoxa das práticas em relação ao *mainstream* dominante, das quais se destaca os movimentos contraculturais dos anos 1960 e 70. Algumas figuras conhecidas na Antropologia têm protagonismo nesse processo, tais como Castañeda, Margaret Mead e Gregory Bateson. Mead, por sua vez, incentiva a institucionalização das pesquisas em parapsicologia. Carlos Castañeda exerce forte influência sobre a Nova Era, através de uma vertente xamânica e, sobretudo, adverte D'Andrea, sobre a literatura de mágica-esotérico-católica de Paulo Coelho.

O quarto princípio é o pós-modernismo, que também surge como norteador das pesquisas sobre a Nova Era. Refere-se a aspectos tais como: a fragmentação das grandes narrativas; o ecletismo extremado, o empoderamento pessoal; uma cultura de massas que ressignifica os bens culturais, de maneira imagética e hiper-sensorial. O meio privilegiado para a comunicação dessas narrativas são os livros, as revistas e as músicas. D'Andrea fala sobre uma espécie de simulacro estético que se reproduz com celeridade, destacando uma crítica severa a *mass media* como a disneylândia “espiritual”. Entretanto, os autores Guerriero *et. al.* (2016) preferem refletir sobre essa questão de forma mais relativizada, observando a formatação de um *ethos* Nova Era que se encontra cada vez mais popularizado. De modo que se retornarmos à consideração que D'Andrea faz ao dizer que uma pessoa pode se tornar um “*new ager*” sem nem mesmo se dar conta disso, acabamos encontrando no argumento de Silas Guerriero uma maior plausibilidade do que a crítica dos pós-modernos.

D'Andrea ainda destaca algumas dessas dificuldades como: a variedade de descrições empíricas que demonstram um olhar reflexivista metapragmático como um conjunto de padrões externos que contamina e transforma diversos sistemas e tradições; grupos pseudo-*New Age* (Idem, p. 31), como seitas mágico-milenaristas, geralmente destacadas por jornalistas e teólogos; a expansão das terapias alternativas e da questão ecológica; estudos sobre a Nova Era enquanto espiritualidade anti-religiosa centrada no *self* (identidade do sujeito), relacionada, agora mais explicitamente, à pós-modernidade. Há, além dessas observações, enfoques contextuais que destacam a diversidade de transformações expressas ou induzidas pela Nova Era, tais como a secularização, o reencantamento, a psicologização, a comodificação⁵.

Diante desse cenário, de incertezas e constantes mudanças, a noção de comodificação coloca o indivíduo no centro da escolha, como um processo de “luta pela sobrevivência”, em que as adaptações são feitas através de si, sendo possível observar a partir daí um sentimento de pulsão social na busca pelo autoconhecimento, como forma de “driblar” uma propensão dos modos de vida cosmopolitas, a uma solidão absoluta do indivíduo. Sendo o autoconhecimento uma proposta de cuidado de si baseada na observação das relações e os “códigos” sociais, ou acomodação dos mesmos nas cosmologias da Nova Era, é possível conceber que tal conceito de comodificação também é atualizado nas práticas espirituais de auto-cultivo. Finalmente, também já emergem estudos que abordam a Nova Era em estreita sintonia com processos de globalização e tópicos relacionados ao movimento, à circulação, ao fluxo, à difusão. Conclui D'Andrea, então, que a Nova Era transborda o campo do religioso (Idem, p.103). A psicologização, segundo o autor, tem no individualismo uma forma de manifestação na contemporaneidade. Através dela o indivíduo vivencia sua interioridade mediante uma série de recursos e aparatos especializados ou técnicos: psicologias, terapias e literaturas, que organizam um campo diversificado da cultura psicológica. Essa constituição varia desde propostas utilitárias e medicalizadas a outras, mais expressivistas e

⁵ A comodificação se refere a um constante processo de mudança nas condições de vida, que segundo Bauman (2007) constitui longo processo que se iniciou na sociedade moderna e se torna visível no cenário da sociedade contemporânea. No entanto, é preciso considerar que essa visão da sociedade implica na posição do sujeito como “mercadoria”. Bauman a define como “modernidade líquida”, devido às mudanças rápidas que ocorrem na sociedade sem haver um embasamento firme ou algo que dê forma. A ideia da comodificação é de adaptação às situações” como a água faz, de acordo com o recipiente em que é inserida” (cf Felczak, 2005, p. 1).

estetizantes. Nesse sentido, a auto-expressão e a estética se devem ao caráter psicoterapêutico das práticas terapêuticas.

No caso das práticas expressivistas, pode-se destacar a música, substâncias psicodélicas, e outras manifestações artísticas como indutoras destes estados alterados de percepção. Nesta vertente, a estética se estabelece como um espaço para o exercício livre da criatividade, e, desta forma, para o cultivo do espírito (D'ANDREA, 2000, p. 49).

Tudo isso induz a interpretação sociológica dos movimentos Nova Era enquanto preenchimento lacunar na sociedade, que busca responder aos anseios pessoais através de experiências da subjetividade na espiritualidade, em continuidade a um projeto contra-cultural mais amplo. A cosmologia espiritual Nova Era impulsiona, cada vez mais, o indivíduo em direção ao processo de “individuação relacional” entre pessoas e coisas. Isto é, o indivíduo se separa ou produz a diferença na busca pelo “*self* perfeito” (D'ANDREA, 2000). A possibilidade de se observar esse movimento, na minha pesquisa, está no processo contínuo de autoconhecimento que acompanhei através do trabalho de campo junto à Escola do Ser. Mas essa individuação se dá no interior das relações sociais e cósmicas na/da Nova Era, subjetiva e objetivamente. Como um fenômeno de totalidade, as transformações pressupõem a relação com os outros. Assim, D'Andrea sugere um outro princípio como regulador da dinâmica da religiosidade do tipo Nova Era, vagamente discutido, em sua opinião. Este é a reflexividade da modernidade, que envolve a incorporação de novos conhecimentos e informações aos ambientes de ação, que são, “por fim”, reconstituídos e reorganizados (D'ANDREA, 2000).

Assim, não só a coexistência de múltiplas e diversas perspectivas e saberes relativiza as certezas da visão única e exclusiva, como o mundo contemporâneo tende a legitimar a eficácia empírica e menos a autoridade tradicional de saberes e perspectivas. Assim, a reflexividade moderna se relaciona com a destradicionalização, sendo aspectos do mesmo processo modernizador. (D'ANDREA, 2000, p.34).

A heterogeneidade das manifestações, através das mais variadas bricolagens de sentidos espirituais, ritualísticos, científicos (psicológicos, médicos, antropológicos, físicos, mecânicos), mágicos e religiosos, demonstra a busca por formas singulares de experimentação da espiritualidade em sua totalidade, à revelia das religiões oficiais. Logo, deixa à mostra a experimentação da espiritualidade de forma desterritorializada e destradicionalizada, de modo que a reterritorialização das vivências religiosas centraliza toda a sua força na ação no indivíduo. A tecnologia, a

internet, as lojas de bens simbólicos neo-esotéricos preenchem zonas lacunares de sentido, haja vista a produção de inúmeras narrativas e experiências místicas e espirituais que podem ser encontradas, por exemplo através de *podcasts* de meditação. Este movimento, mais recentemente, implicou em uma maior visibilidade dos conteúdos disseminados na *web* e veiculados nos canais abertos de televisão, através de campanhas publicitárias, reportagens jornalísticas e documentários, entre outros meios. É notório que os anos noventa já expunham elementos Nova Era na TV e cinema, através de animações -animês são criadas a partir dos mangás, os desenhos tradicionais japoneses. Para citar alguns exemplos D'Andrea (2000) menciona os Cavaleiros do Zodíaco⁶ e Shurato, mas podemos somar Naruto e muitos outros, que basicamente mostram guerreiros míticos que entoam mantras e acionam chakras mobilizando energias para derrotar inimigos sob a égide de deuses gregos e hindus.

Há, também, atualmente, os conteúdos disponíveis em plataformas *streaming* que atuam na “emancipação” das experiências terapêuticas, de autocuidado e da espiritualidade, por meio de séries e filmes que exibem conteúdos produzidos sobre o tema da meditação e do despertar da consciência. Focam na ideia da sensação de desaceleração do tempo vivido, como modo de lidar com as realidades cotidianas cosmopolitas, através de narrativas que expõem filosofias do *Zen* e práticas psicanalíticas e meditativas já incorporadas ao Sistema Nacional de Saúde Complementar do SUS, como a técnica de meditação da atenção plena. Um exemplo é a série de animação *Headspace: guide to meditation* (2020), um documentário dividido em oito episódios, disponibilizado no *Netflix*, que ensina técnicas de meditação e discorre sobre seus efeitos no dia a dia. Cada um dos episódios mostra diferentes técnicas no âmbito da atenção plena (*mindfulness*) e foca em temas como estresse, sono, desapego e concentração, com destaque para as tentativas de visualização mental a partir da arte audiovisual dos desenhos animados digitalmente.

Cria-se, assim, uma outra impressão do urbano, do imaterial e do sagrado. Na contemporaneidade, os rastros digitais propiciam a conexão de múltiplos saberes “na ponta dos dedos”, multiplicando as redes e circuitos culturais da Nova Era.

⁶ A tradução em português toma Shaka, o cavaleiro do signo/casa de virgem do anime clássico, como “reencarnação do Buda”, ou “o homem mais próximo de um Deus”. Via de regra, o termo apropriado é “renascimento” ou “corpo/vida posterior”.

Segundo Soares (1989) a maleabilidade da cosmologia Nova Era permite que as combinações mais heteróclitas sejam admitidas por princípios.

O sistema cancela sua intrínseca pretensão à sistematicidade, quando está em jogo sua tradução em instruções pragmáticas e hermenêuticas, preferindo privilegiar a incorporação, aos mecanismos da vida diária, de temáticas, de focos e de fios vagos, mas difusamente presentes - da conversa cultural que representa (SOARES, 1989, p. 139).

Desse modo, D'Andrea constata que a íntima relação do movimento é com o individualismo.

Assim, se por um lado não há igreja, pode-se, por outro, identificar o *locus* do sagrado na Nova Era, que é o *self*, que absorve o entendimento de Deus, e é deificado, na condição de que se confunda, num segundo momento, a um todo maior de conotações ecológicas, cósmicas e totalizantes (D'ANDREA, 2000, p. 32).

Logo, o movimento Nova Era, de forma ampla, é marcado através de seu discurso centrado em uma espiritualidade do *self* (Idem, p. 39). Assim, todo e qualquer lugar é entendido como espaço de vivência do sagrado na era aquariana. O propósito das escolhas pessoais, contudo, não pode ser percebido apenas como um amontoado de atividades e referências de práticas desconexas, pois elas apresentam padrões e regularidades (MAGNANI, 1999; TAVARES E CARDOSO, 2022). Razão pela qual é possível delinear um perfil relativo à forma como concretamente se manifestam, isto é, sua localização no espaço, suas normas de funcionamento e as modalidades em que podem ser agrupadas (MAGNANI, 2000). Dificilmente esses espaços demonstram apenas uma característica que lhes permita categorizar um tipo específico de finalidade. Ao mesmo tempo, existem critérios de seleção para a manutenção das práticas.

Pensando sobre isto, a partir de sua experiência etnográfica na cidade de São Paulo, Magnani (1999) apresenta cinco grupos que integram uma espécie de circuito que ele chama de neo-esotérico: as sociedades iniciáticas; os centros integrados; os centros especializados; os espaços individualizados e os pontos de venda. Cabe atentar aos centros especializados pela sua aproximação com o universo da pesquisa realizada por mim. Os centros especializados são definidos por Magnani como aqueles cuja principal atividade é a que dá nome ao local, podendo ser “escolas”, “academias”, “clínicas”, mas que se voltam para a pesquisa e ensino de algum tema específico, sendo um deles as práticas terapêuticas, como é o caso da Escola do Ser.

Assim como a classificação dos espaços de manifestação da espiritualidade Nova Era, Magnani também explicita o sentido da denominação “neo-esotérico”, que se apresenta com um sentido técnico, com a intenção de abordar, de forma mais direta, a amplitude de práticas, serviços e espaços presentes na cidade, diferenciando-o de seu sentido esotérico clássico. Magnani afirma que, no campo do estudo das religiões e sistemas iniciáticos, o termo “esotérico” refere-se a ritos ou elementos iniciáticos, enquanto que exotérico diz respeito à parte pública de um cerimonial. Ao utilizar o prefixo “neo”, portanto, o antropólogo busca uma forma de diferenciação entre esses sentidos mais tradicionais utilizados no campo (Idem, p.31). Tendo em vista que abordagens tradicionais são rotineiramente descartadas, dando espaço às experimentações, adaptações e atualizações das experiências “neo-espirituais”. No mesmo sentido, mas observando as práticas Nova Era enquanto um movimento religioso de amplo espectro, em escala global, Tavares (2022) observa que o estilo de vida é de intensa elaboração experiencial e demonstra aguda suscetibilidade aos acontecimentos e manifestações que impactam nas novas configurações que o “social” vem assumindo.

2.1 Habitus, Ethos E Transformação Social

A ação individual frente às estruturas sociais no que se refere às percepções sobre a mudança social, é uma reflexão que remonta ao pensamento sociológico clássico (GIDDENS, 2005). O autor mostra que, de Marx à Weber, os fatores determinantes da mudança social se baseiam na economia, mas sob diferentes perspectivas. Em Marx, a mudança social está na concepção materialista da história, para a qual os fatores determinantes estavam estritamente relacionados à ordem econômica e à luta de classes (Idem.). Weber questiona essa concepção, e propõe que as noções e os valores são tão importantes para a mudança social quanto a economia. Giddens (Idem) afirma que diferentemente de sociólogos como Durkheim e Marx, Weber observa que as estruturas sociais, seriam formadas por uma complexa interação de ações que descartavam a subjetividade e a reflexividade individual, ocorrendo, de tal modo, a divisão temática e de competências das esferas

sociais, incorrendo na dicotomia sagrado/profano. As motivações individuais, como o poder de escolha, vontade, sentimento, razão, não faziam parte das operações regidas por esquemas de poder e pressão sobre as sociedades, assim, o indivíduo era dissolvido no coletivo.

A evidência da ação individual nos usos dos bens simbólicos é possível de ser vislumbrada através da noção de “estilo de vida” em Bourdieu (1983) como expressão sistemática das condições de existência. Através dessa noção, as estruturas de poder, na contemporaneidade (economia, religião, política, etc.), não são suficientes para dar conta, sozinhas, do caráter da mudança, tal como o fenômeno de mobilidade de sentido e apropriação do campo religioso/espiritual. As estruturas simbólicas, na teoria bourdieusiana, são reivindicadas e engendradas por diferentes pessoas, que portam diferentes atravessamentos socioculturais e diversos saberes. Essa abordagem evidencia que os sistemas simbólicos são relacionais, pois passam por processos de adaptação às necessidades forjadas nas relações entre as pessoas e suas motivações. Contudo, Bourdieu não considera que os sujeitos procedam conscientes dessas operações e marca disso é que o projeto existencial estava fora de suas abordagens (SILVA, 1995). Assim, a sua noção de *habitus* é atrelada à de classe ou posição social do indivíduo (*status*).

No entanto, sua percepção sobre a classe social é mais abrangente que a perspectiva tradicional. O *habitus* não seria apenas resultante do capital econômico, mas também do capital social e do cultural. Assim, uma classe ou o *habitus* de uma classe não seria apenas determinado pelo seu poder econômico, mas resultante do entrelaçamento do capital econômico, capital social e capital cultural (SILVA, 1995). O alcance dessas percepções compreende, à luz das narrativas e práticas das culturas da Nova Era, um cenário muito amplo e difuso, atrelado às mais variadas formas de expressão cultural. D’Andrea (2000) apresenta um quadro estimativo de indivíduos que demonstram afinidade com algumas práticas da Nova Era, em escala global. Na época em que seu estudo foi publicado, o pesquisador estimou que em setores de elite ou classe média-alta de países em desenvolvimento, cerca de duas milhões de pessoas, como o Brasil, se consideravam identificadas, sendo em número mais expressivo, em países desenvolvidos, de aproximadamente quinze milhões de pessoas. No entanto, não são pessoas que se identifiquem como “novaeristas”, mas que “apresentam um *habitus* e disposições “selfistas” e pós-tradicionistas, ao estilo *New Age*” (Idem, p. 30).

Desse modo, ao contemplar a percepção de um *ethos* Nova Era, é premente que se observe a incorporação de um *habitus* que sutilmente começa a fazer parte de nossas vidas. Isto é, os bens simbólicos são ressignificados na lógica dos usos, porém, de acordo com os limites impostos pelo tripé economia, sociedade e cultura. Isso é revelado, segundo o autor, pela noção de *habitus*, definida por princípios de práticas distintas e distintivas, esquemas classificatórios, princípios de visão e diferenciação. O *habitus* é revelado não só através de uma ação finalizada (*opus operatum*) mas através das maneiras expressadas de um fazer (*modus operandi*). Assim, da diferenciação ou “retradução simbólica” da ação do indivíduo surge a noção de *habitus*, como “gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida” (BOURDIEU, 1983, p. 2).

Na noção de estilo de vida há espaço para divergências e a improvisação, já que os desvios diferenciais do capital simbólico são inscritos nas condições de existência. Pierre Bourdieu mostra que a busca pelo entendimento das formas de engendramento simbólicas sempre lidará com usos circunstanciais dos termos (“classificações”) com as regras do jogo de linguagem no qual se inserem, e com as emoções contingentes às quais, a partir delas, é possível chegar aos significados particularizados dos termos (simbólicos) escolhidos por um indivíduo ou grupo (SÁ, 2015).

Por termos, entendo uma gama vasta de símbolos, conjuntos filosóficos, doutrinários religiosos/espirituais presentes nas manifestações Nova Era e seus modos de circulação em constantes processos de diferenciação e difusão na sociedade. Isto é, uma imprecisa criação de elementos pedagógicos, práticos e narrativos complexos que circulam nos meios tecnológicos de comunicação e informação, na arte e no entretenimento, na atualidade. Por isso, é observando o modo como as ações são praticadas e, principalmente, as diferenciações simbólicas promovidas por escolhas e sentidos próprios, que seria possível, no fazer antropológico, compreender a mudança social como uma passagem para um novo paradigma de acordo com a visão de mundo do indivíduo, condizente com uma análise atual do panorama global dessas cosmologias. Diríamos que elas só são produto relacional pois fazem parte do processo imaginativo e criativo com o qual o processo experiencial opera.

Contudo, se dialogarmos estritamente com a visão de Bourdieu chegaremos a uma conclusão de classe e status, e isto significaria permanecer em uma percepção baseada na determinação material e econômica do fenômeno estudado. E estamos em busca de uma abordagem mais ampla que dê conta da popularização crescente das práticas da Nova e da sua penetração em circuitos cada vez mais diversos, enquanto um *ethos*, o que demanda aproximar o foco do problema com apoio da lente antropológica, que coloca em relevo a perspectiva do sujeito, de suas experiências e dos grupos de relações que reforçam uma sensação de pertencimento a um ambiente cultural mais amplo e, por isso, complexo.

O conceito de *ethos* foi popularizado na antropologia norte-americana (GUERRIERO *et al.*, 2016) contando com a contribuição dos estudos do ritual Naven, pelo britânico Bateson (2018). Designa o caráter subjetivo de um povo, considerando os seus fundamentos emocionais e afetivos que caracterizam o seu *ethos* e descreve uma maneira específica com que um grupo sente e vive o mundo a partir da sua estrutura mais pragmática. Isto me permite observar a união entre razão e emoção como central nas narrativas e práticas vividas no universo da pesquisa, em que os pensamentos e as emoções são articulados na experiência terapêutica como um processo de integração. O *ethos* Nova Era se exprime através de um conjunto de valores e atitudes difundidos na sociedade atual que impulsiona e motiva muitos indivíduos a compreenderem a realidade e a agirem segundo os elementos característicos das inúmeras práticas e modos de expressão da espiritualidade Nova Era (GUERRIERO, 2016). Uma vez que esses modos de fazer, pensar e sentir são alusivos a um entendimento de mundo. Se torna, assim, uma busca por mudanças de atitudes sociais e culturais de um “novo estilo” de vida baseado em uma impressão holística e relacional de afetos e afetações.

Por essa razão, além do proposto por Bourdieu, o trabalho realizado por Elias (1994) sobre a noção de *habitus*, embora seja semelhante ao do primeiro, propõe uma percepção mais situada nas inter-relações e nas interdependências, sobretudo quando percebida a noção de afastamento entre corpos em relação e a aproximação mediada pelos interesses e afinidades. Elias evidencia que as relações sociais são o fator de maior importância da interdependência que pauta a vida humana. Na sua obra, ele desenvolve a noção de figuração social. É a partir dessa noção que as relações sociais que o indivíduo possui em sua família, no seu emprego, na sua escola, etc., influenciam no seu *habitus* (ELIAS, 1994).

A percepção é menos materialista em relação à de Bourdieu, pois Elias a desenvolve a partir de um foco mais aproximado ao indivíduo. Assim, Elias demonstra que o modo com que os indivíduos se comportam varia, pois é moldado pelas suas relações sociais anteriores e atuais. Por isso, mesmo que um indivíduo se afaste dos demais, de tal forma que se isole, ele ainda assim terá em si um pouco dos demais, pois, como um indivíduo, ele sempre tem seu *habitus* influenciado pelos outros das relações (ELIAS, 1994). Esta abordagem do autor permite pensar que exista, para além dos grupos e filiações socioculturais das subculturas Nova Era, uma característica individual humana que age dentro do seu campo de mudança e que influencia, ativa ou metaforicamente, novas configurações culturais.

O sociólogo francês Touraine (2009), analisa uma abordagem do indivíduo que é atravessado pelo impacto das tecnologias no estilo de vida atual, e considera que é preciso focar esforços no entendimento de um novo paradigma, que seria o da *nova modernidade*. A nova modernidade é caracterizada justamente pela passagem de uma sociedade baseada na visão econômica para uma sociedade que toma como referência uma visão cultural cuja comunicação é mediada pela tecnologia. Na sua opinião, na nova modernidade, a ideia de sociedade é substituída pela noção de sujeito pessoal.

A partir das reflexões sugeridas por Touraine, destaca-se a importância de um espaço de reflexividade com impacto na ação individual, assim como observa D'Andrea (2000) quanto aos rumos da Nova Era na pós-modernidade. O autor sugere a passagem de um sujeito genérico construído exclusivamente de fora para dentro, para um sujeito que se constrói a si mesmo sem deixar, contudo, de ser produto das relações que mantém. Logo, é possível observar as ideias de autocuidado e autoconhecimento enquanto processos de construção de um *habitus*.

Nesse sentido vale ressaltar a teoria da ação comunicativa proposta por Habermas (1989, 1994) em que as pessoas interagem e, através da utilização da linguagem, organizam-se socialmente, buscando o consenso de uma forma livre de toda a coação externa e interna. Pode-se pensar que a criação de grupos de estudos e práticas de autoconhecimento, seja nos espaços físicos dedicados ao compartilhamento de conhecimento, seja pelo próprio atravessamento das tecnologias, propiciando reiterados encontros entre os adeptos das práticas da Nova Era, sejam *locus* privilegiados para a construção de novas normas de comunicação, produção de discursos e de práticas e discursos sobre si, também sob um viés

educativo. O autor propõe como situação linguística ideal o discurso, que se prende a uma das formas de comunicação ou da fala, tendo por objetivo fundamentar as pretensões de validade de pontos de vista, opiniões e normas que se baseiam na interação. Seja através do discurso teórico ou do prático, segundo Habermas há um aspecto intersubjetivo lógico argumentativo que se presta à fundamentação de pretensões de validade problematizante (GONÇALVES, 1999; ALMEIDA 1989). No que se refere às práticas realizadas por alguns espaços de ensino das práticas da Nova Era, tratar-se-ia de um tipo de projeto um projeto pedagógico, com similaridade à um investimento educacional (GONÇALVES, 1999) que visa a construção de maneiras de observar e encarar os fatos da vida, a partir de novas posturas, moralidades, isto é, da incorporação de novos *habitus*. Em uma dimensão de compartilhamento de conhecimento, os centros integrados Nova Era, em que a educação para o autoconhecimento se baseia em “uma ação transformadora” (GONÇALVES, 1999).

É possível que no panorama atual das mediações na Nova Era, as experiências e práticas com uso das mediações tecnológicas, as chamadas de vídeo, encontros remotos, perfis nas redes sociais, curtidas e relacionamentos mediados por *lives*; fossem pensadas por Bateson como exemplares do que ele considerou como uma ecologia da mente, “ou mesmo das relações entre várias mentes estendidas em múltiplas conexões de um vasto sistema complexo” (DEMARCHI *et al*, 2013, p 269). Nesse sentido, é plausível que Bateson considerasse que as conexões extrapolam os limites do cérebro diferenciando a ideia de que a mente é uma *coisa* diferente do cérebro. Assim como um mapa e um território não podem ser utilizados como sinônimos, uma vez que um processo atua como diretriz (caminho a ser percorrido) e outro como local a ser explorado. Por isso, talvez, a internet seja a própria manifestação de um vasto mapa mental que cruza transversalmente, por ângulos diversos, nossos corpos humanos. Mas esta ecologia da mente implica conexões não apenas entre humanos, mas entre ferramentas e variados contextos de conexão (Idem.).

Os humanos conectados às redes informam, comunicam, controlam e recriam sistemas de relações telepresenciais. O fato de nós não mais ignorarmos esses atravessamentos, uma vez que estão definitivamente acoplados ao estilo de vida. Nós os ignoramos, tal como as brincadeiras dos golfinhos e das lontras, visualizadas com escrutínio pelos participantes das referidas conferências, ou mesmo as relações entre diferentes árvores de uma floresta e os infundáveis

organismos vivos que as circundam e as fazem viver. Mais do que isto, nós as ignoramos em relação a nós mesmos (Idem, p. 270).

Na esteira dos movimentos contraculturais, que proporcionaram o avanço inicial de difusão de novas formas de espiritualidade, ditas até então como “alternativas”, as chamadas *New Age*, se tinha como processo central a evasão de determinados indivíduos das cidades para as zonas rurais, pois visavam o estabelecimento de um maior contato com a natureza. Sem deixar de lado uma crítica social e política profundas, no caso brasileiro. O que se vê, entretanto, no panorama atual, são as transformações desses movimentos, que ora incorporam mais fortemente as narrativas do capitalismo e a adaptação dos modos de ver a individualidade (principalmente as narrativas sobre a mente-consciência/corpo/espírito), como um lugar de “relação natural”, lugar de ideias, sensações e significações, isto é, da relação entre subjetividades, ambiente e coisas. Surge assim uma noção de subjetividade quântica, como observa Pelbert (2000). A mediação cibernética impõe uma ideia de ambiente atrelada a noção holística Nova Era, assim como nas práticas terapêuticas do autoconhecimento são evocadas, ainda que através de jogos de memória, a fragmentação do espaço no tempo. É a corporificação da internet que expõe as narrativas sobre a mente (interesses, tendências e posicionamentos pessoais) como estabelecadora de conexões.

Nessa direção, a vida e os meios de comunicação nas cidades são envoltos pelas narrativas da Nova Era, cujo próprio sentido de contato com a natureza é relativizado e atualizado à lógica do indivíduo, para um entendimento de natureza que se traduz na expressão “tudo é energia”, discurso recorrente na Nova Era. Além disso, a categoria do sujeito sociológico de Alain Touraine, como subjetividade e individuação incorpora a consciência nas ciências sociais como um conceito que traduz a “presença num indivíduo, ou num grupo de indivíduos, de representações de si que carregam nelas julgamentos de valores morais sobre as suas condutas individuais ou do grupo (TOURAINÉ, 2009, p. 142). O sociólogo ainda assinala a experimentação das subjetividades como preponderantes na concepção desse sujeito individual como principal fator no estilo de vida. Essa percepção traz à tona o conceito de subjetividade de Foucault (1987) como um implicador de resistências às

relações de dominação impostas aos sujeitos e o direito de reivindicação do indivíduo à experimentação enquanto subjetividade e diferença (TOURAINÉ, 2009).

2.2 Subjetividade e estilo de vida

Na fenomenologia observada por Silva (2012), apoiado nos pensamentos propostos por Husserl, o mundo da vida é definido como ambiente de experimentação e significado. Deste modo o mundo da vida revela o resgate da subjetividade transcendental, para além do mundo bruto dos objetos. No mundo da vida capacita-se a instância que confere sentido às coisas segundo uma representação do cosmos que não coincide com aquela representada pelas ciências da natureza. Na medida em que se pretende observar uma versão de realidade quântica/energética. Em Touraine, como em Bourdieu, a mudança no estilo de vida por modos de vivência da espiritualidade/religiosidade é permeada de outros fenômenos, tanto o econômico, quanto o político, de modo que o sujeito e a escolha individual se tornam meios de compreensão do fenômeno de transição da modernidade para a nova modernidade.

Faz sentido, portanto, incluir a leitura que Paula Montero (2016, p. 130-131) faz sobre o texto que Bourdieu apresenta para um público interessado na comparação entre práticas médico-psicanalíticas e religiosas e discorre sobre o que para ele se mostra como uma dissolução do campo religioso. O pesquisador sugere que o campo religioso se constitui em um espaço no qual os agentes lutam pela imposição da definição de religioso e das diversas maneiras de desempenhá-lo. Montero também cita que a crítica de Bourdieu à definição weberiana do religioso de gestão do sagrado teria se tornado estreita demais para dar conta do estágio contemporâneo desse campo. Justifica que a denominação genérica que Weber aplica — “clérigo” — restringe a lógica do campo religioso a uma disputa pelos bens de salvação (soteriologia). A lógica soteriológica contemporânea das lutas pela salvação transformou-se e fez emergir um novo e mais amplo campo, que incorpora inúmeros atores novos. Neste campo, o que estaria em jogo, segundo Bourdieu, seria a luta pelo controle da vida privada e pela orientação da visão de mundo espiritual/religiosa, resultando no processo a dissolução do religioso em um campo

mais amplo no qual está em disputa a definição das competências e dos cuidados dos corpos e das almas.

A ruptura com o modelo dicotômico cartesiano, baseado na visão da pessoa como composta por duas partes (um corpo e uma alma), para Bourdieu, autorizava a percepção do religioso como competente pela cura da alma, e do médico, competente pelos cuidados e cura dos corpos.

As redefinições contemporâneas dessa divisão, impulsionadas inclusive por transformações no campo da medicina e da psiquiatria, no qual algumas especialidades passaram a formular uma percepção mais holística das doenças, ou, como observa Bourdieu, “passaram a pensar como sendo da ordem do corpo coisas que até então costumavam imputar-se à ordem da alma” (1987:122), desagregaram a definição anterior da fronteira dos fenômenos tidos como religiosos (MONTERO, 2016, p. 131).

Enquanto esquema lógico comunicacional, a análise do fenômeno sociológico no contexto atual assume algum tipo de subsídio para a discussão antropológica sobre a diferença individual como produzida. Seria possível, desse modo, pensá-la como produtora do autoconhecimento? A resignificação do capital simbólico, na Nova Era, leva a uma reflexão sobre a consciência de responsabilidade do sujeito sobre o seu papel no esquema sociocultural. Sobretudo quando considerado que, na propagação de temas concernentes ao cuidado do corpo como não dual, a tecnologia influencia na concepção do trato dos temas como “espiritual” e não como “religioso”, devido à associação do termo ao dogmatismo, pode ser também gestada em uma ordem tecnológica do pensamento e das emoções.

A releitura de termos relacionados ao tema da religiosidade a partir de sua resignificação ou retradução ao campo das tecnologias (energias, ondas, vibração e sintonias) permitiria a utilização de concepções teóricas e filosóficas tradicionais em processo de “atualização” por “redefinição” terminológica. De um caráter transcendente, a espiritualidade consciente passaria a ser proporcionada enquanto entendimento da vida prática e cotidiana, própria das dinâmicas da urbanidade, levando à concepção de “transcendentalidade” para outro patamar analítico, mais secular e do trato da concepção temporal da memória enquanto ações e reações, não relativo a causas e efeitos.

A vivência de estilos de vida permeados por muitos atravessamentos entre campos, incluindo o religioso/espiritual, é de difícil definição por continuamente

esbarrar na dicotomia sagrado/profano, mente/corpo. Esses atravessamentos seriam, portanto, compreendidos como campos de relações indissociáveis entre objetividade e subjetividade. Os campos sociais seriam resultantes de relações físicas e psicológicas. Contudo, ao mesmo tempo em que tem o ponto focal direcionado para o indivíduo, Touraine não está de acordo em falar do sujeito como *eu, self*, pois o sujeito está sempre conectado, em alguma parte, com as noções de moralidade, direitos e deveres, em algum nível, e para o autor é impossível se desconectar dessa dimensão da vida.

O que se mede aqui é a capacidade dos atores de se comportarem como sujeitos, ou seja, de traçar e de percorrer seu próprio caminho, e não a natureza das relações existentes entre duas ou mais culturas. O que está em discussão não é mais a compatibilidade entre diferentes culturas, mas a capacidade dos indivíduos de transformar numa história e num projeto pessoais uma série de situações e de incidentes vividos (TOURAINÉ, 2006: 109).

Desse modo, centrar a visão no indivíduo consciente de si, é também traçar linhas de conexão entre esse sujeito individual e todos aqueles sujeitos e eventos que o constituem na medida em que se mantêm atrelados às linhas de existência no mundo vivido. O que ocorre são projetos mais ou menos delimitadores de sentido, permeados de símbolos conhecidos e adaptados a novas formas de percepção sobre o mundo. O autoconhecimento enquanto projeto de desvendamento dessa percepção do indivíduo (corpo integral) é um processo de nascimento e morte de percepções sobre si mesmo, a consciência de que fala Touraine.

As questões levantadas neste capítulo, a partir de uma revisão bibliográfica, demonstram como as discussões sobre Nova Era remetem a uma reflexão sobre a consciência de responsabilidade do sujeito sobre o seu papel no esquema sociocultural, o que conduz a centralizar a lente nas práticas do autoconhecimento e do autocuidado. Sobretudo quando considerado que, na propagação de temas concernentes ao cuidado do corpo como não dual, a tecnologia influencia na concepção do trato dos temas como “espiritual” e não como “religioso”, devido à associação do termo às questões de dogma e por isso a um *corpus* conceitual restrito e limitado por um “regime” de práticas e, portanto, de filiação, proposta que é avessa aos propósitos basilares da Nova Era. Assim, as práticas terapêuticas observadas no trabalho de campo podem ser também vislumbradas como uma ordem tecnológica do pensamento e das emoções.

No capítulo que segue, apresentarei tais práticas e seus fundamentos no contexto etnográfico na Escola do Ser. É a partir das técnicas de autoconhecimento utilizadas pelos interlocutores e de suas narrativas, que procuro entender a ressignificação do capital simbólico com base nos aspectos destacados pelos interlocutores como fundamentais para a vivência da espiritualidade no dia a dia.

3. ETNOGRAFIA NA ESCOLA DO SER

A Escola do Ser é um espaço de ensino do autoconhecimento e aplicação de práticas de terapias holísticas concernentes às culturas da Nova Era. Foi inaugurado no ano de 2016, no centro da cidade de Pelotas. O espaço é conduzido pela visão de mundo quântica de seus fundadores, Fabiana e Eduardo, autodenominados terapeutas.

Minha chegada em campo para a realização da pesquisa ocorreu pela busca em conhecer os instrutores da Escola do Ser. Para tanto, primeiramente, fiz contato com os terapeutas através da rede social *Instagram*, por meio da página da Escola do Ser “@escoladoser” no buscador *Google*. Nesta ocasião, em 19 de abril de 2020, os interlocutores realizavam uma transmissão ao vivo. Utilizei-me da ferramenta de conversas do aplicativo (*Direct*), informando as minhas intenções e, no dia seguinte, recebi a resposta. Nesta ocasião trocamos contatos telefônicos e combinamos uma reunião por vídeo-chamada, que ocorreu dois dias depois, através do aplicativo de mensagens *Whatsapp*. Neste primeiro contato me apresentei como antropóloga, indiquei a forma como tomei conhecimento da Escola e de suas práticas. A saber, uma consulta de “rotina” para o tratamento de contraturas musculares, com uma fisioterapeuta já conhecida, que fazia o atendimento de outros membros da minha família. Esta havia somado às suas atividades profissionais na área da saúde, a terapia holística.

Para isso, utilizam-se de suas formações como professores, adequando a prática profissional ao estilo de vida adotado por eles ao longo da vida, como processo que teria tido início pelo menos a partir do início dos anos 2000. O interesse nos sentidos terapêutico e criativo de suas narrativas apresenta as noções das práticas terapêuticas como produção de sentidos novos à experiência dos sujeitos com vistas à transformação pessoal, a partir do autoconhecimento. Ela

integra o que Magnani (1999) considera um circuito neo-esotérico mais amplo na cidade, e faz parte do que Maluf (2003) designa como “universo cultural das espiritualidades da Nova Era”, uma subcultura ou “rede alternativa”, que faz pensar em uma comunidade aberta.

Diante das características principais da Escola do Ser, é possível identificá-la como um “centro especializado”, pois estrutura-se dentro de uma finalidade específica que é a de ensino/aprendizagem de prática de terapias holísticas. O conjunto de práticas que observei em campo é percebido enquanto performance, no sentido de Bizerril (2005), composto por linguagens, gêneros de fala, noção de texto, em que a ideia de narração inclui obras literárias, material iconográfico, técnicas corporais e as maneiras pelos quais todos esses elementos são atualizados na experiência vivida dos praticantes.

As terapias quânticas ensinadas na Escola do Ser são as *Barras de Access Consciousness*, *Thetahealing* e ainda a arte marcial chinesa *Tai Chi Chuan* da linhagem *Liu Pai Lin*, cujas narrativas associadas à prática são adaptadas à lógica quântica. Também há dois cursos específicos voltados ao ensino da meditação, estes em associação ao autoconhecimento. Um dos cursos é denominado “A Arte de Estar no Agora” e o outro, “Chaves Para a Consciência”.

Acompanhei o curso A Arte de Estar no Agora, através dos encontros remotos, durante o período de um ano, entre o mês de abril de 2020 e setembro de 2021. Este curso é dividido em treze encontros, de uma hora de duração cada. Acompanhei cinco turmas do curso durante o período de isolamento, totalizando 65 (sessenta e cinco) encontros. Nos dias dos encontros, é enviado um *link*, através do *Whatsapp* para acesso na plataforma *Zoom*. A participação nos encontros ocorre mediante matrículas previamente acertadas com terapeutas, observando a não gratuidade. Apesar disso, são fornecidas bolsas de estudos, assim como ações promocionais, visando o aumento das turmas que não são numerosas. As turmas contam com, no máximo, dez participantes, e não é vedada a participação de membros da família da pessoa matriculada.

O ensino se dá pela experiência prática, e para isso, os terapeutas utilizam de seu repertório de conhecimentos, adquiridos durante suas trajetórias de vida. Os referenciais teóricos são variados e, de um modo geral, tratam de temas sobre a Nova Era, espiritualidades e autoconhecimento. Incluem abordagens entendidas como científicas e versam sobre ciência e espiritualidade. Em boa medida, servem

como selo de cientificidade ao que é dito, e valoração moral do que é vivido. Todavia, as narrativas científicas, como a física quântica, e mesmo as abordagens quanto aos aspectos sociológicos, são adaptadas às práticas ensinadas na Escola.

O processo de ensino inclui depoimentos pessoais, prática de meditação e conversas. Brincadeiras são realizadas como formas de exercício da atenção ao momento presente. Sobretudo, observei que o discurso apresenta um forte investimento aos moldes holísticos da psicoterapia de grupo, com vistas ao empoderamento pessoal e desenvolvimento de uma narrativa que visa a noção de liberdade baseada em valores sensíveis, como gratidão e amor incondicional. Temas sociais, como a contribuição, são os mais recorrentes. Este curso, A Arte de Estar no Agora, ocorreu apenas uma vez, através de dez encontros, cada um com uma hora de duração, uma vez por semana, no período da noite. Ao final, foi realizada uma atividade de contribuição, que consistia em os alunos organizarem quatro encontros, com atividades definidas por eles, nos moldes de ensino da meditação e formas de se praticar o aprendizado da noção de “presença”.

Aos participantes das diferentes turmas do curso, me apresentei como antropóloga interessada no tema da meditação. Tanto durante as aulas, quanto através do aplicativo de celular dos interlocutores, solicitei aos alunos e instrutores a permissão para a utilização de suas falas e dos materiais que fossem compartilhados nos encontros. Da mesma forma, expus a minha procedência e intenções aos coletivos de outros encontros realizados no formato *online*.

A partir do dia seguinte àquela nossa conversa, fui adicionada no grupo de *Whatsapp* do curso, assim como me foi enviada uma série de indicações de livros que, segundo Fabiana, poderiam me auxiliar a compreender melhor as filosofias que sustentam a Escola. Dentre os autores indicados estava Fritjoff Capra (1983), que analisa as semelhanças entre a Física e as filosofias orientais do Hinduísmo, Budismo, Taoísmo e I Ching. A literatura do estilo auto-ajuda e/ou autoconhecimento também é bastante utilizada, a exemplo de autores como Eckhart Tolle, com os livros “O Poder do Silêncio” (TOLLE, 2010) e o “Poder do Agora: um guia para a iluminação espiritual”. Este traz a filosofia moral do cristianismo através dos aspectos relacionados a um viver de forma pacífica e amorosa. O livro “*Tao Te Ching*” (LAO TSE, 2001) demonstra a influência do Taoísmo nas filosofias da Escola do Ser.

Foi possível perceber que os conteúdos dos livros são utilizados como estímulo ao pensamento, sendo apenas indicadas as leituras e as reflexões sobre as possibilidades de redirecionamento da perspectiva do corpo como sendo uma união da mente, do espírito e da consciência.

O perfil sociológico dos participantes é variado em gênero, grau de escolaridade, faixa etária e profissões, mas perceptivelmente há predominância de mulheres, acadêmicas e profissionais da área da saúde, assim como de jovens em idade escolar. Observei também um casal de jovens e duas crianças. Ou seja, todos demonstravam o perfil condizente com a classe média brasileira. Uma regularidade em termos de público identificável com algum tipo de prática Nova Era.

É importante mencionar que apesar de os interlocutores se identificarem e compartilharem de sentidos comuns tanto às práticas mais “gerais” do universo Nova Era, eles não se autodenominam “novaeristas” (GUERRIERO, 2016) ou “*New Agers*” (D’ANDREA, 2000). No entanto, demonstraram afinidade com os temas e termos referentes a Nova Era, principalmente a partir do exercício de um “expressivismo psicológico” (AMARAL 1996, p. 58). Tavares (2012) diz que as manifestações da Nova Era não podem ser limitadas apenas à dimensão comercial. Sobre esse aspecto Tavares concorda com Leila Amaral (2001, 2003) que considera a ideia de que tais configurações se tratam de formas de experiência religiosa realizadas através do consumo. Amaral (2001, p. 10), ainda deixa evidente que “é a própria experiência religiosa-espiritual que se apresenta confundida, misturada com outras experiências normalmente tidas como não religiosas ou espirituais”.

A minha experiência na Escola do Ser de forma remota mostrou-me que todas as terapias apresentam como pano de fundo as narrativas do autoconhecimento como princípio e finalidade das práticas, de modo que percebi a centralidade do cultivo do *self* individual implica na percepção holística do cuidado do corpo e da mente, ou seja, das emoções e dos pensamentos, de forma integral e conectada ao ambiente. O espaço é frequentado por um público variado de pessoas oriundas de camadas médias, que demonstram, como ponto de intersecção e identificação, a percepção de mundo energética e que transita ao redor de valores afetivos e morais. São valores permeiam as práticas terapêuticas através de uma narrativa baseada em uma espécie de força espiritual cósmica denominada como “amor incondicional” ou “universo”.

Para além desse primeiro momento de interações remotas, houve, também, em circunstâncias pontuais, interações presenciais com a realização de entrevistas abertas aos moldes de conversas, as quais foram fundamentais para a compreensão das narrativas realizadas pelos terapeutas. Não obstante, esta etapa de encontro com os interlocutores, que ocorreram na sede física da Escola, também foi realizado um encontro de confraternização na cidade. O convite para o encontro, bem como os detalhes de organização foram feitos por Vitória, a interlocutora realizou a viagem para a cidade com o objetivo de “recarregar as energias” na companhia dos novos amigos, demonstrando um sentido de comunidade Nova Era que expande territórios geográficos. Vitória tomou conhecimento da Escola do Ser por ter participado de um encontro público, gratuito, promovido pela Escola, quando residia em Pelotas, por intermédio de um convite de uma de suas professoras do curso de graduação que cursava na Universidade Federal de Pelotas, no ano de 2017. Ela havia participado dos cursos e dinâmicas da Escola do Ser de forma remota, mesmo após o período de isolamento, uma vez que esta reside na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Não nos conhecíamos pessoalmente, contudo mantivemos durante todo o período de 2020 até 2023 intenso contato através de troca de mensagens, ligações telefônicas e chamadas de vídeo. Estabeleceu-se assim a nossa amizade. O caminho que percorremos em companhia de outro interlocutor, Arthur, nos conduziu a uma loja neo-esotérica na cidade, em busca de presentes com os quais os alunos, então amigos, presentearam o casal de terapeutas. Esse percurso e as pessoas com as quais nos encontramos foi fundamental para perceber as narrativas dos interlocutores sobre os elementos que constituem a perspectiva da espiritualidade a partir da lógica do indivíduo. Apresento a experiência no capítulo 5, observando a experiência como um sistema de dádiva e contra-dádiva (MAUSS, 2003) bem como as relações possíveis de serem compreendidas a partir do movimento dos indivíduos pela cidade através da percepção de outros tipos de caminhada.

Busquei apresentar a Escola do Ser e os parâmetros pelos quais a pesquisa de campo foi realizada, destacando as duas dimensões de presença da antropóloga. Esses movimentos em ambiências distintas revelam diferentes análises. Sobretudo, apresentam o meu processo de caminhada em direção ao universo de pesquisa desconhecido por mim.

A seguir, passo para a apresentação das principais técnicas terapêuticas ensinadas na Escola do Ser, no intuito de perceber os significados implicados na

percepção holística da espiritualidade quântica. Entendo as narrativas como modos de caminhada mental, no sentido de Ingold (2015a), pois a percepção visual inculcada nas práticas terapêuticas desse coletivo não é circunscrita apenas pelo olhar, mas também pela imaginação. Nesse sentido, as imagens podem ser percebidas tanto como captações do olhar, como narrativas que induzem reflexões. A noção de transmissão e aprendizagem dessas práticas definem a corporificação multissensorial (CHIESA, 2020) dada pelas experiências de meditação e mentalização.

3.1 A Arte de Estar no Agora: cada terapeuta é uma linhagem.

É notório que as práticas e narrativas da nova espiritualidade Nova Era partem de um ambiente difuso e heterogêneo de conceitos e modos de ação. No entanto, concordo com Wagner quando este diz que não devemos apelar para a força do que denominamos como “orientação espiritual para dar conta da continuidade cultural ou, na verdade, da mudança cultural” (WAGNER, 2010, p. 96). Wagner não estava implicado em compreender os fenômenos da Nova Era, no entanto sua percepção sobre o caráter da mudança e da transformação cultural nos ajuda a perceber que esses processos ocorrem e que é possível entendê-los. Seguindo as pistas dadas pelo autor, a apreensão dos mais variados fenômenos de mudanças culturais passa por uma “filtragem” dos sentidos criados através das malhas do individual e idiossincrático e das malhas do convencional e coletivo, pois suas funções são necessariamente interdependentes, ainda que ambíguas. Assim, no momento em que algo não convencional torna-se convencional, mais uma vez reinventamos, pois não “podemos agir sem inventar um por meio do outro (WAGNER, 2010, p. 98).

É importante ressaltar que as narrativas sobre o estilo de vida da Nova Era, tramam sobre si mesmas o aspecto da mudança de paradigma de um “velho mundo” para um “novo mundo”. Assim, o aspecto da mudança cultural é observado aqui a partir da análise das narrativas acionadas pelos interlocutores para explicarem a si mesmos e os seus contornos de um “novo mundo” através das suas preferências particulares para a criação da Escola do Ser. Pois são as suas escolhas que

apresentam seus modos de fazer. Não obstante, os modos de fazer do universo pesquisado são densamente praticados pela oralidade e exprimem novos sentidos sobre uma reinvenção do indivíduo e da sociedade. Esse conjunto de processos praticados continuamente e sempre em transformação denomino como “linhagem terapêutica”, pois demonstra a “necessidade de invenção” cultural, o que, à luz de Wagner (2010), não pode ser entendida se nos evadirmos do indivíduo e de suas idiossincrasias para lidar com as coisas que são alvo de sua atenção. Neste caso, o entendimento e vivência da espiritualidade em constante processo de mudança e diferenciação simbólica.

Segundo o autor, a “invenção” inscreve “contextos culturais” como continuidades perpetuadas e estendidas por atos de objetificação ao longo da história humana. A invenção é sempre um processo dialético em relação à convenção, ainda que esta convenção seja tramada a partir da contrainvenção diferenciante de termos culturais. As convenções são continuamente reinventadas e modificadas através de algum sentido lógico encontrado por parte de um “ator” que, na observância de determinados termos culturais, ao mesmo tempo similares e conflitantes, incide sobre eles com dúvidas e sobre estas dúvidas produz contradições e novas interpretações fundamentais às mudanças culturais. Invenção e convenção, nesse sentido, são sempre transformações dos processos simbólicos das coisas culturais. O conceito de dialética entre esses processos é definido por uma tensão alternada entre concepções diferentes, simultaneamente contraditórias, mas solidárias entre si, operando sobre as similaridades culturais, movendo seus símbolos em novas direções, reinventando-os continuamente (idem, 2010). Fica evidente a similaridade do conceito de invenção do autor e dos processos criativos da Nova Era ao aproximar, comparativamente, diversas tradições espirituais e conceitos científicos para dar legitimidade às suas escolhas.

Tendo em vista que o modo com que realizei a investigação esbarra continuamente nas limitações impostas pela utilização de recursos digitais como único modo de interação na inicial fase de aproximação com o campo, e em virtude do alargamento do processo de imersão nessas circunstâncias, sirvo-me não só das experiências vividas no campo remoto, mas de materiais discursivos utilizados pelos interlocutores, cotidianamente. É a partir deste material empírico, baseado na prática do autoconhecimento, mas, sobretudo nos significados que lhe são atribuídos, que busco compreender o estilo de vida da Nova Era adotado pelos adeptos. Assim,

diante da impossibilidade de realizar as pesquisas do modo tradicional adotado pela Antropologia (movendo-me fisicamente em meio ao campo, observando, praticando e acompanhando presencial e coletivamente variadas técnicas terapêuticas desenvolvidas pelos interlocutores na Escola do Ser), decidi investir os meus esforços em compreender as narrativas e algumas performances meditativas relacionados a estas práticas.

Cabe, todavia, deixar apontado que a dimensão prática em ambiente remoto não foi a única forma de imersão no campo de pesquisa, uma vez que também incorporei a dimensão presencial através de encontros para conversas e entrevistas semiestruturadas com os interlocutores na Escola do Ser. Estes encontros fazem parte da narrativa etnográfica a todo momento.

Com isso, para iluminar alguns aspectos sobre a Escola do Ser e compreender as dinâmicas em distintas ambiências, me ateno na interlocução com Fabiana e Eduardo, que administram o espaço físico e remoto, contemplo suas biografias e os materiais de que fazem uso em suas práticas.

Além disso, quando as condições sanitárias permitiram, fiz uma caminhada pela cidade em companhia dos frequentadores que conheci durante a prática de campo remota na Escola. Desta experiência, contemplo no capítulo 4, o percurso do passeio que foi realizado no final do ano de 2022, na presença de Vitória e Arthur, tendo sido esse nosso primeiro encontro presencial. Na ocasião fomos a uma loja de artigos esotéricos, localizada no centro da cidade, próximo ao local onde está situada a Escola do Ser. No local, os alunos buscaram por presentes que foram entregues aos terapeutas. Observo a experiência vivida na loja correlacionando-a aos temas abordados no curso Arte de Estar no Agora e narrativas que dão sentido à Escola, incorporadas pelos seus frequentadores, na vida cotidiana. Faz-se, portanto necessária essa primeira apresentação, para perseguir o objetivo de compreender os impactos e mudanças que o autoconhecimento, conforme abordado na Escola do Ser, provocam na vida cotidiana de seus frequentadores.

Tenho como horizonte teórico que não há uma separação entre experiências *online* e *offline*, e sim, modos diferentes de ação e interação (HINE, 2020). Deste feito, a observação participante não se restringe apenas ao ambiente de sua realização, mas também a formas visuais que apresentam de maneira imaginada processos contínuos de reinvenção das convenções deste coletivo cuja característica de coesão encontra-se na valorização das suas diferenças individuais.

Assim, diferentes ambiências culminam em nuances interdependentes de análise antropológica. É fundamental, com isso, compreender que o produto etnográfico não deixa de ser uma forma de reinvenção das experiências. Pois a prática antropológica não é isenta de invenção (WAGNER, 2010).

Isto posto, a partir desse momento, descrevo o meu ingresso no campo de pesquisa, apresentando dois dos principais interlocutores, o casal Eduardo e Fabiana, suas perspectivas e princípios que motivaram a abertura da Escola do Ser. Busquei conhecer esses terapeutas responsáveis pela Escola do Ser, após realizar pesquisas que na internet. Para isso, utilizei a ferramenta do buscador do *Google*, mediante uso das palavras-chave “terapias quânticas Pelotas” e “Escola do Ser”. Facilmente, encontrei a rede social do estabelecimento no *Instagram*, identificado como “@escoladoser”. Isto se deu no dia 19 de abril de 2020. Neste dia, os terapeutas da Escolas realizavam uma transmissão ao vivo na qual palestravam sobre os benefícios da adoção do hábito do autoconhecimento como prática a ser realizada regularmente, por qualquer pessoa, independentemente de sua opção religiosa, filosófica ou doutrinária. Entre as consequências da incorporação dessa prática, apontavam a melhora e manutenção da saúde: “física, mental-emocional e espiritual” (Diário de campo, 19/04/2020).

O tema estava em ênfase no contexto pandêmico, sendo impulsionado nas redes sociais da internet e mídias televisivas, como canais de notícias e programas de variedade e contava com massiva produção de conteúdo. Para os terapeutas, em sua comunicação, entretanto, o contexto pandêmico dava mostras de um momento em que a sociedade humana deveria parar e refletir sobre as suas práticas e verificar as consequências nocivas da ação humana no planeta Terra. Estes aspectos seriam argumentos que deixavam declarados não apenas a chegada, mas a efetiva ação de uma nova era planetária, o “começo de um novo mundo”.

O argumento se mostrava eficaz para sustentar a divulgação das atividades desenvolvidas na Escola do Ser, em que os terapeutas reforçavam a narrativa de que a adoção de novos hábitos cotidianos poderia proporcionar uma vida mais equilibrada e sadia aos humanos e ao ambiente do planeta como um todo. Segundo os palestrantes, a mudança paradigmática entre um “velho” e um “novo mundo” se tornava cada vez mais evidente haja vista o avanço da Covid-19, tomado por eles como um exemplo de desequilíbrio emocional humano e desatenção da sociedade global a valores como solidariedade, fraternidade e paz. Ainda mais, o argumento

utilizado para detalhar o desequilíbrio emocional pautava-se na supervalorização do “ego” individual como causa da desorientação política que causava o caos na saúde pública. Outro ponto abordado se refere à diminuição da circulação de pessoas nas ruas. Naquele contexto, o isolamento social teve como consequência a diminuição da poluição do ar, das águas, o que para o casal dava pistas da ação daninha da espécie humana no planeta em tempos pré-pandêmicos. O casal, que palestrava sem grandes interrupções, exceto cumprimentar um ou outro chegante para acompanhar a transmissão, considera como causa primeira para esse estado de coisas o “fato de que o ser humano não se conhece e age através do ego, através da mente” (DIÁRIO DE CAMPO, 19/04/2020).

Com base nesses argumentos, conduziram uma prática de mentalização, um tipo de meditação, com o objetivo de “enviar energias de amor incondicional ao planeta, aos doentes”, aos familiares dos expectadores da transmissão e aos “responsáveis pelo gerenciamento da crise mundial” (Idem). Conforme registrei em meu diário de campo (19/04/2020), a meditação, conduzida pelo casal via WEB, seguiu os seguintes procedimentos:

Fabiana e Eduardo convidaram os participantes para que se sentassem confortavelmente, em cadeiras ou no chão, como se sentissem mais confortáveis; fechassem os olhos, respirassem suave e profundamente por três vezes e procurassem relaxar todos os músculos do corpo. Assim colocado, foram narrando uma espécie de caminho de relaxamento corporal que começava com a atenção mental aos músculos da cabeça, da face, passando pelo pescoço, ombros, braços, peito, pernas e pés. Após esse momento de relaxamento inicial, solicitaram aos presentes que visualizassem a si mesmos como se fossem bolas de luz na cor branco-perolada. Destinaram alguns minutos de silêncio para que essa visualização acontecesse. Através da conexão entre nossas telas, eu observava atenta aos movimentos corporais e à performance dos dois, mas quanto aos demais participantes, a cuja imagem eu não tinha acesso através do computador, era preciso imaginar que também estivessem seguindo os procedimentos indicados. A seguir, convidaram os expectadores (que eu suponho que estivessem participando), a imaginar que essa luz na qual teriam se transformado, seria irradiada para todo o planeta, chegando aos hospitais, aos lares com pessoas doentes ou temerosas pelo pânico que se alastrava mundo afora. Afirmavam que essa luz é de “de puro amor” e que poderia ser “enviada”, através dessa imaginação coletiva, a quem cada um considerasse que estivesse necessitando da “energia de amor incondicional”. O silêncio foi retomado, por poucos minutos e, em seguida, com voz suave e pausada em relação ao começo do exercício meditativo, disseram que todos poderiam, aos poucos, voltar novamente a atenção aos seus próprios corpos, buscando respirar com suavidade e profundidade, aos poucos abrindo os olhos. Feito isso, que observassem o que lhes cerca - a casa, o quarto, a sala, os objetos - buscando sentir gratidão por tudo.

Atenta à performance do casal, no chat abaixo da tela, observei manifestações rápidas e sequenciais, provenientes de algumas das cinquenta e sete

peças que naquele momento acompanhavam a transmissão. Dentre as reações, estavam ícones em formato de corações, aplausos, palmas das mãos unidas como em prece ou meditação. Também havia palavras como “gradidão”, e dentre as frases, uma me chamou a atenção: “Gradidão, Fabi e Edu, sensacional, a sensação é indescritível. Senti paz no meu coração, é muito bom poder contribuir com o planeta dessa forma” (Vitória, 19/04/2020).

Essa foi a primeira prática de meditação coletiva através da internet que eu acompanhei e me intrigava entender como a noção da prática de autoconhecimento se articulava a uma proposta de contato com os “outros”. A transmissão durou aproximadamente cinquenta minutos e, durante este tempo, Eduardo e Fabiana recomendavam, aos que tinham condições de permanecer no isolamento, a adoção de práticas de autoconhecimento como forma de beneficiar não somente a si mesmos (os praticantes) mas também à família, às relações sociais de maneira mais ampla. Além disso, diziam que a reunião de pessoas através de um “mesmo pensamento ou intenção cria uma soma de energias que serve para a ampliação da consciência coletiva” (Fabiana, *idem*). Aproveitaram para anunciar o curso de autoconhecimento e meditação, que se tornava mais atraente perante aquele público - e talvez fosse esse o objetivo da transmissão. Me interessava compreender o sentido atribuído às suas práticas e narrativas sobre o autoconhecimento à luz das novas espiritualidades da Nova Era. Eu supunha que seria um modo de vida intimamente relacionado à atividade profissional, do mesmo modo que eu havia vislumbrado na relação com a minha fisioterapeuta, conforme expliquei anteriormente, a qual, além da prática profissional, assumira, em sua vida pessoal, as práticas dessa nova espiritualidade.

Pautada por esse pensamento, utilizei-me da ferramenta de conversas do aplicativo (*Direct*) para conversar com os palestrantes, informando, logo na primeira mensagem, a minha condição de pesquisadora, bem como, o meu interesse em desenvolver, com o auxílio deles, a minha pesquisa antropológica. A resposta a minha mensagem não foi imediata, mas também não tardou. Sem grandes esperas, no dia seguinte, recebi a sinalização de interesse dos terapeutas para uma conversa.

Na sequência, combinamos uma reunião, que foi realizada por videochamada dois dias após o primeiro contato. Nesta ocasião, ainda com bastante formalidade, procurei corresponder à forma como me tratavam. A atitude do jovem casal, não só

nesse primeiro contato, mas em todas as ocasiões, é amistosa e pouco formal, eles mantêm frequentemente uma postura jovial, descontraída e afável. Discorri sobre o meu propósito de pesquisa, ainda sem grandes definições. Informei apenas que meu interesse seria o de compreender melhor sobre as práticas de meditação. Se me ativesse demais sobre os meus propósitos, eu temia acabar direcionando-os a corresponderem às minhas expectativas, camuflando assim os resultados.

Uma vez tendo recebido o aceite em participarem da pesquisa, dois dias depois, por convite deles, passei a frequentar, de forma remota, o único curso da Escola do Ser que mantinham ativo durante a pandemia, o mesmo que motivara a transmissão pelas redes sociais, intitulado Arte de Estar no Agora. Essa alternativa possibilitou a minha entrada nas suas rotinas, a qual abordarei mais detidamente no subitem a seguir.

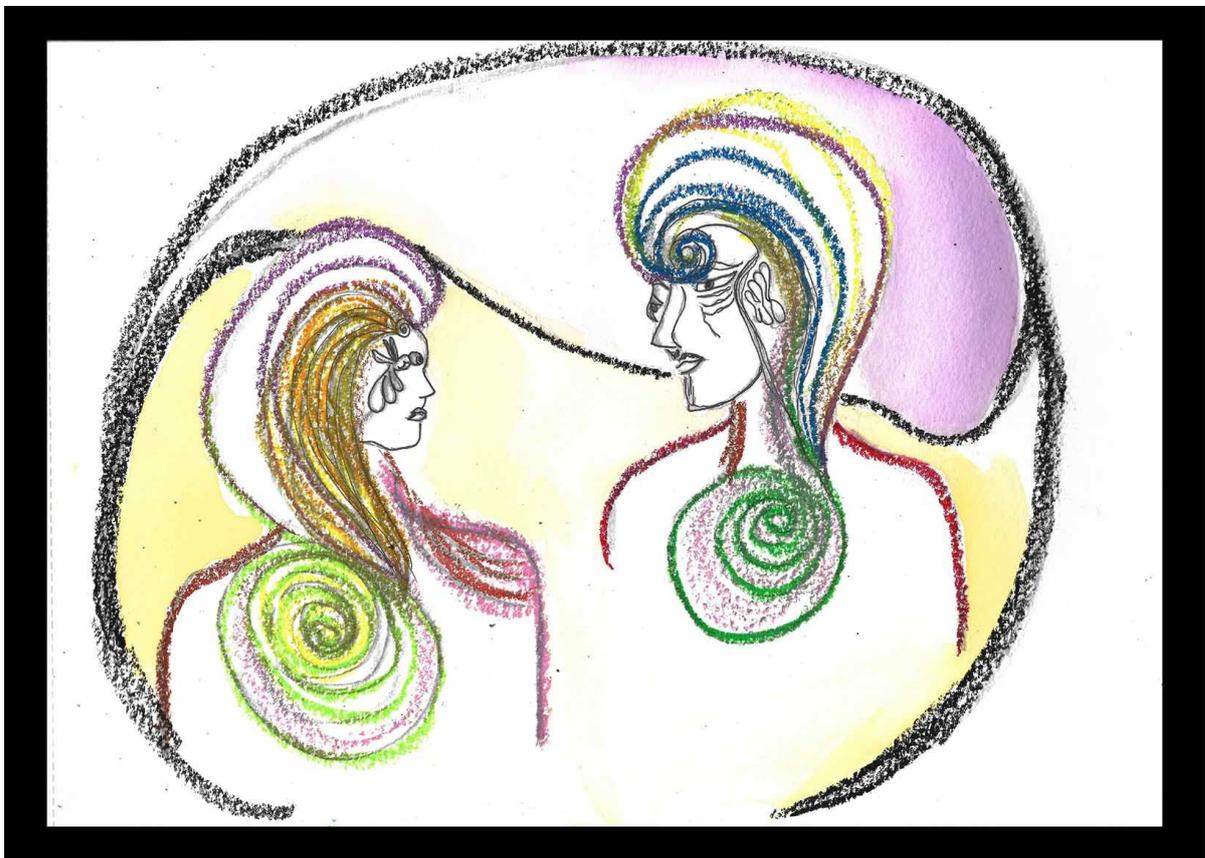


Figura 1: Linhagem da Escola do Ser. Terapeutas representam a transformação pessoal baseados na complementaridade do princípio taoísta simbolizado pelo *yin yang*. Fonte: Autora, 27/05/2022.

A inscrição visual acima (Figura 1, p. 68) apresenta Fabiana e Eduardo, e é a partir dela que busco discorrer sobre a representatividade de ambos na conformação do espaço da Escola do Ser. O desenho alude inicialmente à percepção da Escola

como um processo de escolhas e trocas acordadas entre o casal, assumindo um caráter fluido, interativo e negociado.

Em suas narrativas, eles demarcam diferentes formas de perceber e pensar as relações em sociedade, bem como a total inclinação à elaboração de formas de interpretar tradições do pensamento ocidental e oriental a respeito da espiritualidade e das ordenações convencionais do social sob os quais foram “forjadas” as suas personalidades culturais. Sobretudo, a imagem é atinente a um universo de comunicações influenciadas pela digitalização das relações sociais, em que as formas são imaginadas e criadas a partir do que eles relatam como suas trajetórias de vida, e que ambos “manifestam” em suas ações, culminando com a abertura da Escola do Ser e a “fundação” de uma linhagem própria de prática terapêutica e compartilhamento do conhecimento adquirido e reinventado, continuamente.

Realizávamos com frequência contatos pelas mídias de comunicação, predominantemente através do aplicativo de mensagens *Whatsapp*, e assim, me contavam como a ideia da Escola do Ser surgiu em suas vidas.

O local serve como um ambiente de aplicação das técnicas aprendidas durante o percurso pessoal deles para o autoconhecimento que inclui cursos, leituras e pesquisas pessoais sobre a Nova Era. O processo de abertura, assim como de formação, não se deu de imediato. Segundo contam, a Escola do Ser foi um sonho nutrido pelo casal com objetivo principal o ensino do autoconhecimento baseado nas terapias quânticas nas quais haviam se “formado” como terapeutas. Com o passar do tempo teriam iniciado a compartilhar o que aprendiam com as pessoas mais próximas de seu convívio, como um modo de contribuir na formação de pessoas interessadas nos temas que eles tinham a ensinar, de acordo com as perspectivas “novas” da Nova Era para, assim, “ajudar a criar uma sociedade mais feliz” (Fabiana, Diário de Campo, 04/09/2020). Além disso, a Escola seria, para eles, um modo de ensino sobre temas que divergiam daqueles ensinados nas escolas convencionais, pois ensinaria, em seus termos “um modo de viver de forma mais leve” (Fabiana, Diário de Campo, 04/09/2020).

Somos uma Escola de autoconhecimento, nosso propósito é o despertar da consciência e construção de uma sociedade mais leve e amorosa desenvolvendo o nosso SER. Acreditamos que estamos na Terra para viver da melhor maneira possível com paz, plenitude e gratidão em nossos corações (Escola do Ser⁷, acessado em 12/05/2021).

⁷ Homepage da Escola do Ser, disponível em <<https://escoladoser.com/>>.

O local começou a ser construído enquanto um ambiente de trocas antes mesmo de sua inauguração, tendo sido a formalização do espaço resultante de um período de itinerância em o casal atuava com práticas de meditação coletiva, mas sem fins lucrativos. Nesse período, Eduard e Fabiana se reuniam com grupos de amigos e alunos da escola convencional em que ainda trabalhavam formalmente como professores. Nesses encontros, desenvolviam conversas e práticas de meditação ao ar livre, em parques públicos da cidade de Pelotas. Segundo Eduardo, costumavam se reunir em eventos públicos que visassem as práticas culturais alternativas, destacando que o evento em que mais participavam era o chamado Piquenique Cultural⁸.

As atividades embrionárias do que viria a se formalizar como um espaço físico no contexto da cidade, já eram divulgados nas redes sociais do casal, à época, *Facebook* e *Youtube*. Conforme sublinha Fabiana, os vídeos dessa época são classificados como “históricos”, uma vez que cumpriram uma função de registro da trajetória de vida de ambos, uma espécie de “testemunho” que conferiria legitimação ao viria a se tornar o principal modo de disseminação de suas práticas e do meio de vida do casal. Para Fabiana, o início da Escola do Ser, enquanto experiência coletiva, foi um modo de “descobrimento” da forma de vivenciar a espiritualidade dela, como transmissora de um tipo específico de saber, e também, teria servido para cada dos um dos participantes, como um modo de exercício espiritual.

A divulgação dos encontros partiu de uma necessidade vislumbrada pelo casal, de disseminar seus saberes e fazeres, enquanto um tipo de missão ou como denominam “um propósito de vida” (Fabiana, mensagem enviada via *Whatsapp*, 24/05/2020). Os conhecimentos de que dispunham eram acumulados por eles em paralelo as suas atividades profissionais, que também passou pelas plataformas digitais, conforme relata Fabiana.

Eu me lembro que o primeiro curso que eu fiz, eu juntei o valor do meu primeiro salário como professora substituta para pagar. Naquela época o curso que eu queria fazer só tinha online com uma terapeuta de Florianópolis. Hoje ela nem está mais nesse caminho, não sei onde anda. Eu já sabia que eu queria seguir esse caminho, então o dinheiro que eu ganhava era para custear os cursos que eu queria fazer. Eu precisava trabalhar para conseguir pagar porque não nasci e nem sou rica. Eu lembro que quando eu fiz o concurso para professora substituta, na condição em

⁸ Criado no ano 2010, por Aline Maciel, o evento prevê a ocupação dos espaços públicos da cidade com mostras de artes, culturas plurais e artistas independentes, fora do cronograma das atividades realizadas pelo poder público municipal. Uma variação do evento é o Piquenique ao Luar, que tem como finalidade a utilização dos espaços públicos também no período da noite.

que eu estava, era muito difícil de passar. Mas eu já tinha feito alguns cursos e minha consciência sobre o universo... essas coisas... já estava mudando. No dia em que fui fazer o concurso aconteceu um monte de imprevistos... e as pessoas que iam fazer também... na etapa de em que a gente precisa dar uma aula, as outras duas pessoas tiveram problemas. Uma [candidata] o *pendrive* que ela carregava com o material da aula não funcionou de jeito nenhum e a outra não conseguiu chegar. Eu estava em terceiro lugar. Mas eu já tinha algum conhecimento sobre a lei da atração então eu vibrei muito com o universo, pensando dentro de mim como se eu já tivesse conseguido ser aprovada. Eu agradecia como se já estivesse certo, sabe. E para minha felicidade, eu consegui. No dia mesmo da prova eu nem sabia que essas coisas tinham acontecido com os outros candidatos. Eu só fiz a minha parte e vibrei com o universo. E deu certo. Por mais que eu tivesse aprendendo, eu ainda tinha minhas reservas em acreditar totalmente, mas foi tanta coisa me mostrando assim, que funciona mesmo. Então, depois que fui nomeada e comecei a trabalhar, o meu primeiro salário eu paguei o curso que eu queria fazer, que era com uma terapeuta lá de Floripa. Nossa, eu fiquei muito feliz. E depois daí eu só fui buscando mais coisas, porque aquilo tudo fazia sentido para mim, eu via os resultados na minha vida. Não ia muito pelo o que os outros diziam, mas pelo que eu via acontecer comigo. Foi bem depois disso que eu conheci o Eduardo e a gente foi se aproximando, porque ele pensava nessas coisas assim que nem eu, e foi fluindo (Fabiana; Transcrição direta de áudio de entrevista; 26/11/2020).

A partir do exposto, é possível perceber que um dos sentidos que se pode atribuir ao entendimento de uma “Nova Era”, à luz dos interlocutores, não se prende apenas a uma percepção mística do tempo ou do movimento astrológico, mas de incidir sobre formas comportamentais deles próprios e incentivar as pessoas interessadas, sobre o que consideram serem necessidades imperativas para um bem viver social, isto é, mudanças de atitudes e comportamentos sociais. Tal posicionamento dos interlocutores possibilita compreender que o sentido de “Nova Era” é assumido por eles como um conjunto de atitudes práticas, que atende a um tipo de sociedade “idealizada”, baseada em preceitos como a felicidade e a harmonia entre os seres, objetivo explicitado na homepage oficial da Escola do Ser, na internet. Tal investimento já propicia a análise de que as instâncias da internet, com suas regras e modos de operação, serviram para os interlocutores como uma espécie de território. Tal ideia de território, é assumida como aquele proposto por Latour (2021), enquanto um espaço que é ao mesmo tempo vivido e imaginado pelas pessoas, e que é atravessado pelas pressões e fenômenos da globalização. Ainda que difuso e impreciso, o ambiente digital é um meio através do qual as pessoas se conectam e se relacionam por comungarem de interesses semelhantes, não ditados por limites geográficos, como as fronteiras que limitam um município ou circuito urbano.

O casal se autodenomina como terapeutas, mas também como facilitadores, gestores, professores, parceiros de vida um do outro. Sempre que comentam sobre suas práticas e atividades, buscam não se limitarem em apenas uma definição. Segundo Eduardo expõe em uma roda de conversas ocorrida no final do ano de 2020, em evento comemorativo ao aniversário de inauguração da Escola do Ser, na sede:

Essa é uma coisa bem Nova Era, essa opção por não se definir. A gente não precisa ser isso ou aquilo e só. A gente vive as oportunidades que surgem nas nossas vidas, e nós fazemos de tudo um pouco. Aqui na Escola ainda mais, porque a gente precisou aprender a fazer de tudo, a mexer nas redes sociais, organizar agenda, e tudo. Assim, a gente precisa das redes sociais, mas eu não sou dependente delas, fazem parte da vida, mas pode ver que meu celular mesmo não é o último modelo, eu não preciso disso, eu preciso só que ele funcione e para mim está bom. Essa coisa de não se definir, isso para mim é muito desse movimento Nova Era, e a gente busca viver assim, no fluxo da vida (Diário de Campo, 17/11/2020).

Ambos se utilizam de suas habilidades pedagógicas adquiridas no exercício da docência, adequando a prática profissional do passado ao estilo de vida adotado na atualidade. O processo de formação de ambos como terapeutas (na casa dos trinta anos de idade), conforme assinalam, resulta de um processo, não finalizado, mas que teria tido um “início” a partir do início dos anos 2000 (Idem).

Eduardo é geógrafo de formação. Afeito a expressões musicais, toca violão e canta. Rotineiramente exhibe suas habilidades, em companhia da família, através de publicações nas redes sociais. Ele exercia a função de professor lecionando para jovens e adultos até o ano de 2016, quando se exonerou para se dedicar ao trabalho com as terapêuticas da Nova Era. É neto e filho de artistas⁹ conhecidos internacionalmente, pela linhagem materna, seu pai é astrônomo.

O interlocutor também é autor de livros classificados por ele como de autoconhecimento e de descoberta da espiritualidade. Segundo informa, iniciou-se nas terapêuticas da Nova Era após longo período de exercícios e atividades de meditação, que realizava de forma independente. Anos mais tarde, iniciou a prática da arte marcial taoísta chinesa *Tai Chi Chuan*, tendo deixado de praticá-la por um tempo. O hábito foi retomado no final do ano de 2021, e em 2022, passa a incorporar a grade de atividades da Escola do Ser. Também realizou cursos de autoconhecimento e de terapias quânticas, como as Barras de *Access Consciousness* e *Thetahealing*, na fase adulta.

⁹ Em razão da fama artística dos personagens relacionados à família de Eduardo, a opção foi manter preservar a informação em sigilo.

Quando jovem diz ter sofrido emocionalmente por se considerar uma pessoa diferente das demais que compunham seu grupo de amigos mais próximos. Gostava do silêncio, e frequentemente sentia-se mal em contextos sociais considerados por ele como de muita agitação. Convivia frequentemente com os efeitos de alguns transtornos psicológicos como a depressão e o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), que lhe acometia desde muito cedo.

É possível perceber na Figura 1 (p. 68), a menção a essas patologias descritas pelo interlocutor, principalmente nas muitas linhas descendentes abaixo do olho direito, que contraem a expressão facial da imagem masculina presente no desenho, bem como através da assimetria do lado direito do rosto em relação ao lado esquerdo. Estas marcas pretendem ensejar a ideia de “desequilíbrio” constantemente relatado por Eduardo, algo muito contrastante com a sua figura atual, sempre serena e descontraída nos momentos em que conversávamos.

Em muitos relatos, Eduardo dizia não se sentir bem com os medicamentos prescritos como tratamento para a depressão, estes lhe davam a sensação de torpor e, segundo o interlocutor, não “resolviam o problema”, pois não o curavam da doença. Por esta razão, na fase adulta, cansado dos efeitos dos remédios, diz ter recorrido às práticas terapêuticas da Nova Era, através das quais considera ter alcançado a cura da depressão e ampliação da consciência, principalmente através do hábito do autoconhecimento. Quanto ao TDAH, ele observa o transtorno, atualmente como uma habilidade sua, que o faz ter interesse por assuntos diversos, considerando esta uma característica de sua identidade pessoal e não mais como uma doença. Fato é que são desenvolvidas atividades na Escola do Ser para debater transtornos como TDAH os do espectro autista.

Comenta, também que a utilização de fármacos é considerada por ele um meio eficiente de manter o equilíbrio físico, no entanto, ele observa que obteve maiores e melhores resultados após iniciar as terapêuticas da Nova Era, que lhe proporcionaram maior lucidez em relação aos males emocionais, reflexos físicos e sociais decorrentes dos desequilíbrios da depressão. Apesar disso, Eduardo não desencoraja o tratamento médico convencional, dizendo que é preciso em alguns casos, mas que o método não seria o único meio para a cura, encorajando a associação entre terapias médicas convencionais e as terapias alternativas e práticas espirituais, sejam elas da Nova Era ou não.

No entanto, para Eduardo, foi a adoção de novos hábitos como a meditação e as chamadas “ferramentas quânticas”, lhe teriam proporcionado melhor qualidade de vida: “foi muito melhor do que aqueles remédios que me deixavam abobado e sem vontade de viver, como se eu fosse um robô sem sentimentos, hoje eu não tomo mais nenhum [medicamento]” (Diário de Campo, 21/09/2021).

Eduardo ainda destaca que para ele é fácil acreditar em energias:

Desde de pequeno eu assistia na TV desenhos que foram me formando, a minha criatividade, vamos dizer assim, sobre aquilo que a gente não vê com os olhos. Até na escola mesmo, ensinam a gente que existe matéria e energia. A física te ensina isso. Não é nenhum bicho de sete cabeças (idem).

A influência das artes e das ciências, lidas a partir da perspectiva individual do interlocutor, evidenciam o seu modo de entendimento sobre o que pode ser considerado espiritual. Sobretudo quando Eduardo menciona os tipos de animações e filmes que costumava assistir. As produções japonesas que assistia na sua infância e juventude permanecem até hoje como um *hobby* seu, e são utilizadas frequentemente como alegorias ao que se propõe a explicar nos encontros da Escola do Ser, nas aulas de autoconhecimento e em sua leitura sobre o que considera ser a “realidade espiritual” da vida.

O estilo de japonês a que Eduardo se refere são do gênero anime, como Naruto, que ele cita. A influência dessas produções em seu modo de pensar, o teriam auxiliado a crescer “entendendo que energia é algo muito natural de imaginar, de acreditar, pois está presente na natureza e nas pessoas” (Idem.). Nessas animações, os temas como magia e as energias seriam produzidas no corpo dos personagens e haveria técnicas que precisariam ser ensinadas por alguns mestres, para que fossem manipuladas pelos personagens. Além disso, para Eduardo, é difícil crer em uma realidade em que a vida seja resumida apenas pela matéria física. O interlocutor menciona que:

A natureza está aí o tempo todo mostrando para nós a força, a energia, no vento, nas pedras, nos animais, nos astros, tudo isso é energia pura, (...) se nós dermos um *zoom* agora no nosso braço, um *zoom* bem grande, vamos ver que no fundo, só o que tem lá é energia organizada de um jeito que faz a gente ter um corpo, na pedra a mesma coisa, na caneca... É tudo energia. Então o pensamento é energia, emoção, sentimento é um jeito de organizar a energia, a doença, a cura, está tudo na cabeça, tudo começa no que a gente pensa, em como tu pensa, a gente pensa energia (EDUARDO, TRANSCRIÇÃO DIRETA DE ENCONTRO NA SEDE DA ESCOLA DO SER, 21/09/2021).

Compreendo, para além disso, que quando o interlocutor se utiliza das expressões artísticas da indústria audiovisual, ele acaba por produzir uma analogia metafórica, ele os entrelaça com determinados elementos provenientes de sua formação em Geografia, associando-as com narrativas sobre os astros e o universo, que podem ter sofrido influências tanto das artes quanto pela sua relação com o pai, astrônomo. Nota-se, assim, que, imagetivamente, ele constrói uma perspectiva da realidade material e imaterial enquanto expressões de uma mesma forma, dinâmica e mutável de espiritualidade holística, imanente, ecológica.

Fabiana é a outra pessoa presente na parte inferior esquerda da Figura 1 (Ver p. 68). De personalidade afável e reservada, é uma observadora atenta e exibe uma atitude bastante racional. Busquei captar esses elementos, mas eles foram melhor compreendidos por mim na relação que estabeleci com o desenho, algum tempo após a confecção. Conforme demonstra na imagem os olhos da mulher exibem alongamentos para a parte interna da cabeça, como uma espécie de tentáculos, como se estes quisessem capturar da interioridade da pessoa de Fabiana, a relação entre as coisas e entre ela as coisas do mundo.

Fabiana é esposa de Eduardo, e também exercia a profissão de professora, na área de Educação Ambiental a interlocutora diz ter percorrido longa jornada através de cursos de autoconhecimento e terapias da Nova Era. A narrativa de sua trajetória é permeada pela atividade intelectual sobre a qual ela constantemente recorre em suas narrativas, relacionando-a com busca por autoconhecimento. Nessa direção, Fabiana considera que foi no ambiente acadêmico que se deu conta de que havia “despertado a consciência” para a sua “espiritualidade” (FABIANA, DIÁRIO DE CAMPO, 12/10/2021).

O meu despertar, da minha consciência, veio quando eu ainda estava fazendo a pós-graduação em Educação Ambiental. Eu lembro que um professor, agora eu não lembro o nome dele, pediu para nós lermos o livro “Ondas que te quero mar”, e aquilo foi um (ela faz um som como se tivesse sido atingida por uma onda) banho nas minhas crenças. Eu entendi que aquilo ali era real para mim. (...) Todo aquele discurso da física quântica, aquelas coisas foram fazendo sentido. Então eu fui buscar cursos onde eu pudesse aprender mais sobre mim. Eu sempre fui realista, e gosto de saber o porquê das coisas. Eu preciso sentir o que é verdade para mim. Aos poucos eu fui me desencantando com a pós-graduação, com aquele ambiente, aquelas pressões que não me faziam feliz. Eu pensava: Poxa! Eu quero ser feliz, eu quero mostrar para as pessoas que é possível ser feliz, e isso a gente consegue só se conhecendo. (...). Eu já praticava *yoga* naquela época, meditava e tal. Depois de um tempo eu saí do *yoga* e fui fazer *Tai Chi Chuan*. Eu sempre tive muito essa coisa de meditar, sempre foi uma coisa minha isso daí (...). Foi só bem depois que eu conheci o Eduardo, a

gente foi se conhecendo e vendo que gostava das mesmas coisas, acreditava nas mesmas coisas e começamos a sonhar juntos um lugar que a gente pudesse ensinar às pessoas outras coisas, aquilo que a Academia não ensina para gente. Técnicas de autoconhecimento e física quântica. No primeiro curso, de física quântica, eu fiz muito isso. Se for ver o valor investido em cursos de autoconhecimento dá, com certeza, casas e carros. E o trabalho, naquela época, era para suprir isso. (...) mas eu consigo ter poder hoje para dizer que isso é uma virtude porque eu me conheço, porque eu me desenvolvi, porque eu limpei crenças, desenvolvi a autoaceitação, senão eu teria comprado lá o desempoderamento de todo mundo e acreditado que eu tenho que ser igual a todo mundo. Então é meu, é da Fabiana já essa busca, esse interesse, mas sem o autoconhecimento não existe esse 'eu meu'. Esse 'eu meu' fica ali abafado, mascarado, escondido, num cantinho, desempoderado, sem ação achando que está errado. (FABIANA, TRANSCRIÇÃO DIRETA, ENTREVISTA PRESENCIAL GRAVADA, 12/10/2021).

É possível observar a partir da fala da interlocutora que tanto as práticas compreendidas por ela como de autoconhecimento, como as de espiritualidade são ambivalentes e complementares. No sentido de que as atividades executadas no dia a dia não são destituídas de um entendimento que ela interpreta como sendo a própria vivência espiritual. A ênfase no autoconhecimento, feita por ela, faz-me supor a ideia de que há uma sinonímia entre as noções de espiritualidade e autoconhecimento.

A interlocutora relata que percorreu uma longa trajetória, e nesse percurso, frequentou poucas vezes um centro espírita de orientação kardecista, a convite de um amigo. No entanto, diz que em pouco tempo percebeu que não se identificava com o local. Apesar de considerar que há a possibilidade de um exercício da espiritualidade feito a partir da relação com os espíritos, esse tipo de vivência causou-lhe mal estar: “fui umas três vezes, me senti mal e nunca mais voltei. Sei que meu amigo me levou lá de boa vontade, mas eu senti que aquele não era o meu caminho” (Fabiana; Diário de Campo, Encontro presencial; 21/09/2021).

A concepção de espiritualidade como autoconhecimento pode ser percebida quando Fabiana fala que para ela espiritualidade não tem a ver só com a relação com os espíritos dos mortos, aliás, para ela essa concepção de espiritualidade não é fundamental para a vivência do chamado estado de presença, ideal para a prática espiritual do autoconhecimento. A sua perspectiva considera a autopercepção, autoaperfeiçoamento, a elevação ou despertar da consciência individual. Nesse caso, ela fala sobre o seu ponto de vista sobre a reencarnação. Para a interlocutora, assim como para Eduardo, o espírito vive um tempo na condição material para *aprender* com as experiências. No entanto, existiria uma certa seleção de coisas a

serem aprendidas, e essas “tarefas” a serem realizadas estariam registradas na alma de cada indivíduo. Elas necessitariam ser “descobertas” pelo indivíduo. No entanto, assim como na concepção kardecista, na condição material essas “tarefas” seriam “esquecidas” ao longo da vida e do aprendizado tradicional/cultural.

As tarefas, chamadas de “propósito de vida” por Fabiana, poderiam ser “trazidas” do subconsciente ou inconsciente, mediante exercícios de meditação, quando se aprenderia a controlar os impulsos da mente e seus reflexos no corpo – as emoções e os sentimentos, são considerados impulsos mecânicos ou automáticos do corpo como correspondências aos pensamentos racionais de cada pessoa, somando a estes às demais sensações ainda não codificadas de forma consciente pelo indivíduo. Os reflexos no corpo, são referentes não só as sensações, mas também aos atos. A pessoa poderia “despertar” para essas tarefas a serem aprendidas a medida em que se torna mais “consciente” das causas e consequências de suas ações, sensações, pensamentos, a pessoa tornar-se-ia apta a descortinar da inconsciência as tarefas que necessitariam ser aprendidas na experiência corpórea, aumentando, assim, o nível de equilíbrio entre instâncias diferentes que formam o corpo, isto é, entre a alma e a matéria. A mente, seria um recurso de comunicação entre estas instâncias, que não estariam separadas, mas cuja forma de intercâmbio comunicacional necessitaria ser exercitada. Assim, na medida em que a pessoa percebesse o que ela precisa aprender, passaria a se transformar, modificando suas condições de vida, ingressando em outros grupos e demonstraria, assim, outras tendências e inclinações socioculturais.

Assim, a interlocutora parece demonstrar que, em alguma medida, a sua noção de espiritualidade não se atém a uma relação com os espíritos dos mortos, mas de si mesma no seu próprio espírito, de suas competências e habilidades que poderiam ser vivenciadas no seu próprio corpo no dia a dia, tanto as habilidades já desenvolvidas, como o exercício da docência, por exemplo, quanto as consideradas possíveis de aprender e aprimorar durante a vida cotidiana.

Fabiana observa, também, as vicissitudes envolvidas na caminhada acadêmica, como uma espécie de fardo ou sofrimento, que lhe tolheria as capacidades de desenvolvimento pessoal de forma mais ampla. Nessa direção, para Fabiana, para o exercício da sua espiritualidade ela necessitaria englobar a atividade profissional tanto quanto o desenvolvimento intelectual. Em outros momentos Fabiana chega a observar que a vida acadêmica seria responsável por parte do

adoecimento que ela diz ter enfrentado, como a depressão e o medo de falar em público, e que estas dificuldades teriam sido enfrentadas por ela mediante práticas meditativas aprendidas em cursos de autoconhecimento e técnicas que ela descreve como quânticas, tais como o *Thetahealing*. Com o passar do tempo, essa técnica passou a ser desenvolvida na Escola do Ser, como será melhor descrito no subitem que segue.

Conforme dito anteriormente, Fabiana e Eduardo se conheceram enquanto trabalhavam em uma escola convencional, quando decidiram iniciar seu percurso de trabalho com as terapias da Nova Era, aplicando os conhecimentos terapêuticos que adquiriram, com os alunos desta escola. No entanto é Fabiana quem mais enfatiza esses momentos, absorvendo deles os argumentos que ratificam a sua opinião quanto ao sistema de ensino/aprendizagem como um tipo de ambiente nocivo ao desenvolvimento pessoal (espiritual) equilibrado.

Na época, a gente dava aula, tinha projetos lá. (...) as nossas primeiras vivências a gente fazia na praça [Coronel Pedro Osório e Parque Municipal Museu da Baronesa]. A gente levava nossos alunos, da época, (...) para as praças e ficava debatendo. (...). Eu comecei a observar. Na época eu orientava uma menina para o TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] e eu olhava aquilo e eu pensava “Meu Deus, não é falta de conhecimento, ela não confia nela, não é porque ela não sabe. Aí todo mundo dizia que “ah! A fulana é malandra!” E eu dizia que não era isso. É porque ela não acessa, não conseguiu acessar algumas coisas ali, ela não está conseguindo lidar com aquele nervosismo, aquela coisa.... Por isso que ela está tendo esse tipo de problema. E eu lembro que na época eu comecei a fazer alguns cursos e eu comecei a aplicar com esses alunos algumas coisas, algumas técnicas, e eu comecei a ver melhora neles (FABIANA, TRANSCRIÇÃO DIRETA DE ÁUDIO DE ENTREVISTA PRESENCIAL, 28/05/2022).

Frequentemente é reiterado pela interlocutora que o ambiente social imporia padrões de comportamento sobre os quais seria necessário repensar, e no caso de Fabiana e Eduardo, em alguma medida, reagir. Fabiana comenta nessa fala que a atenção dela dedicada à aluna com dificuldades, demandou dela algum tipo de reação, algo que ela julga não ter percebido por parte dos colegas de trabalho:

quando dava aula na escola (...), era só julgamento e o mesmo tratamento era dado para todos os alunos, mas eles tinham necessidades diferentes e era só parar um pouco para ver, (...) eu trabalhava lá, mas fui vendo que não era o que eu queria para a minha vida, não daquele jeito de tratar as pessoas (Idem.).

Por isso, a interlocutora teria tomado a decisão de investir em conversas com a aluna sobre a importância do autoconhecimento. Percebe-se na fala de Fabiana, que tais ações teriam surtido efeitos considerados, por ela transformadores na vida

da aluna, tendo observado melhoras no desempenho escolar da menina. A percepção das mudanças, serviram para Fabiana, como constatação de eficácia dos métodos utilizado por ela, incentivando-a no investimento de abertura de um tipo de escola que, contrariando os objetivos do ensino regular, “ensinasse as pessoas para a vida” (Fabiana, *idem*). Ao longo do processo de “testes” com o trabalho terapêutico-espiritual itinerante, a interlocutora diz ter conhecido muitas pessoas e ter feito muitas amizades: “esses laços que às vezes, tu nem sabes que tu criastes, mas estão aí e aparecem. Eu fico muito feliz com isso. Me motiva no meu trabalho” (*Idem.*).

A fala de Fabiana expõe uma dimensão relacional que extrapola as práticas terapêuticas do autoconhecimento como um trabalho profissional apenas, dado que encontrar-se-ia também na esfera das afetividades, com o estabelecimento de laços de amizade e confiança com outras pessoas que parecem expressar aquilo que, tanto Fabiana quanto Eduardo, exprimem como sendo uma “construção social”. É possível considerar que essa construção social seja encarada por eles como a própria percepção da imanência espiritual que o termo “Nova Era” assume em suas vidas. Nesse sentido, todas as nuances de relações poderiam ser encaradas enquanto formas de exercício da espiritualidade.

Outrossim, a incorporação do hábito cotidiano do autoconhecimento não seria apenas uma relação da pessoa consigo mesma, mas demonstra um projeto que envolve um amplo conjunto de técnicas entendidas como terapêuticas, que concebe a mudança para um outro tipo de comportamento humano, a incorporação através da criação ou invenção de novo um *habitus*, orientado a descrever um tipo de comportamento de observação do coletivo, isto é, o “autoconhecimento” envolveria um “nós” das relações, dando uma noção de propósito à Escola do Ser.

Com esse projeto, é possível perceber que tanto Fabiana quanto Eduardo adotam a noção de “despertar da consciência” atrelada a uma concepção holística de maneira pedagógica, como um tipo de “educação da atenção” para a “totalidade” da vida em seus mais corriqueiros eventos. Mas esse projeto é ao mesmo tempo ambíguo, uma vez que se trata de um processo continuamente relativizado aos seus interesses pessoais.

A Escola do Ser materializa a visão de mundo compartilhada entre o casal de terapeutas, que inclui a busca pela integração entre diferentes instâncias do corpo e da experiência humana. Fabiana, por exemplo, coloca em diálogo os campos da

pedagogia e da espiritualidade, precisamente no processo de compartilhamento dos saberes que ela detém, advindos também de sua experiência acadêmica, ela dá vazão aos conhecimentos que foram acumulados em sua trajetória de formação como terapeuta.

Quando a gente começou nesse processo aí de despertar da consciência a gente começou a perceber que a vida toda eu vivi condicionada a achar que a minha mente é a coisa mais real do mundo, e isso me trazia infelicidades, me trazia sofrimentos. E quando a gente vai lá nas ciências holísticas, eu sempre fui da área da Educação Ambiental, então a gente vai falar muito dessa coisa transdisciplinar, eu percebi que eu não sou só uma mente, eu sou ser, e o ser é corpo, mente e espírito. Corpo, mente e consciência. Toda aquela pressão por produção de artigos, de estudos, de leituras que muitas vezes eu nem concordava, a pressão por ter que corresponder com metas e prazos quase desumanos, tudo aquilo criava na minha mente a ilusão de que eu tinha que estar sempre correndo, e te digo mais, que eu sempre estava errada e me sentindo uma burra. Com o autoconhecimento eu fui percebendo que nada daquilo é real, é uma ilusão que só te traz sofrimento, sabe?! Eu fui me desiludindo e ficava com medo de falar em público (...) eu via isso em meus alunos meus (...) Mas é da cultura do negócio mesmo é da sociedade (FABIANA, TRANSCRIÇÃO DIRETA, ENTREVISTA, 30/04/2023).

A perspectiva da interlocutora é eficaz em apresentar, a partir das experiências de vida que carrega consigo, o projeto da transdisciplinaridade de ensino/aprendizagem do autoconhecimento, relativizado por sua experiência acadêmica. Adaptado ao seu modo de ver, o projeto pedagógico da Escola do Ser se dá através de uma rememoração das experiências vividas pela interlocutora no ambiente acadêmico, atrelado a todo o conhecimento terapêutico experimentado por ela no decorrer da vida. O fragmento acima mostra que a tal processo de racionalização e rememoração é acionado o empreendimento de ressignificação, assim o entendimento da noção de autoconhecimento surge como forma de “iluminação” das experiências vividas no corpo, isto é, como uma forma de “iluminação individual” dotado de um componente espiritual. Em sua leitura há um sentido transcultural e transdisciplinar do viver utilizado para explicar o seu “despertar” ou “processo de conscientização espiritual”. Principalmente quando observo que a constituição de sua mente, ou “padrão de pensamento” pende para a rememoração de momentos de infelicidade e sofrimentos vividos no ambiente acadêmico, conforme é possível observar em um desenho feito por mim com base nas explicações de Fabiana sobre o que seriam os “padrões de pensamento”.

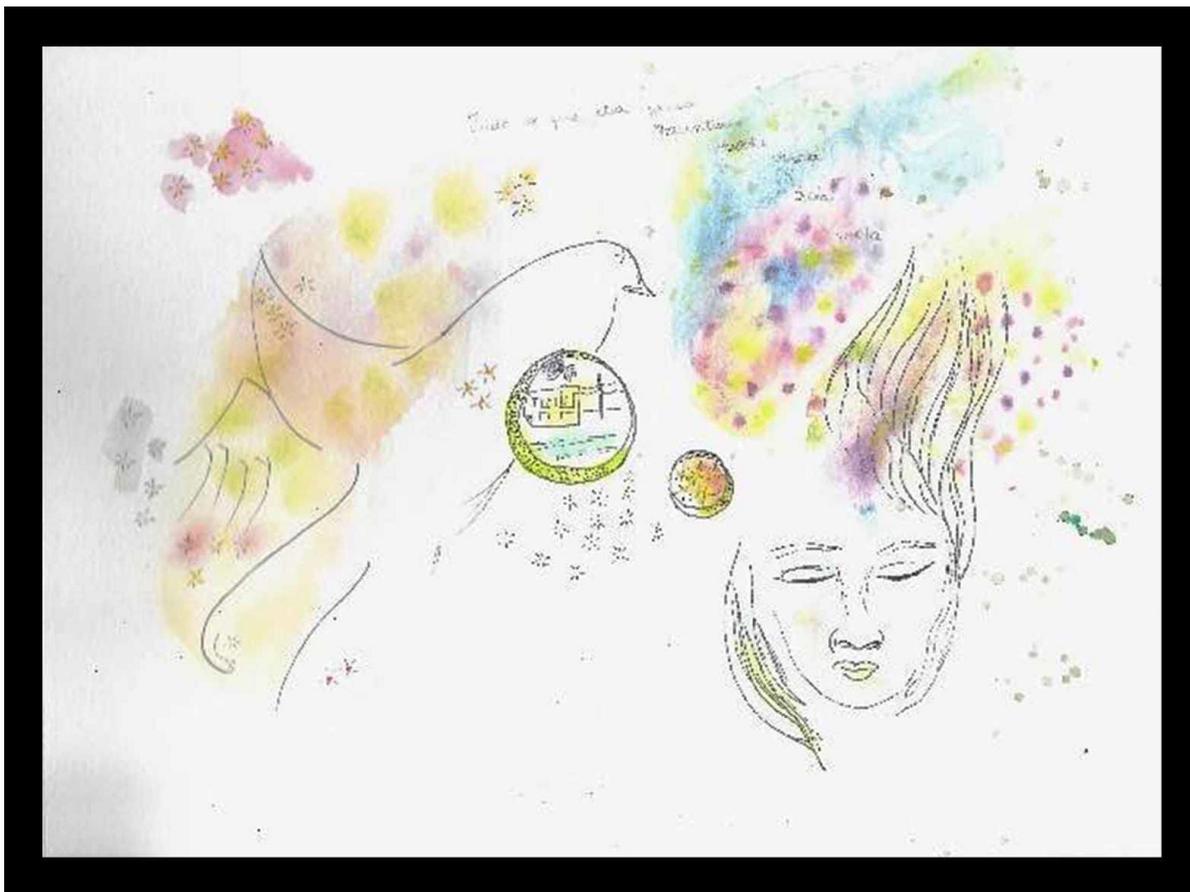


Figura 2: Formas ou padrões do pensamento, terapias de meditação como imaginação. Fonte: Autora, 24/03/2022.

Fabiana menciona que os padrões de pensamento que uma pessoa mantém criariam uma espécie de “bolha mental” que pode servir como “um mecanismo de proteção. Quando a pessoa vive uma dor, ela forma uma bolha e ‘pff’, encapsula a memória. A pessoa começa a ‘vibrar’ naquilo mas sem lembrar daquilo” (FABIANA, TRANSCRIÇÃO DIRETA, ENTREVISTA, 30/04/2023). O termo “vibrar”, no sentido acionado por Fabiana parece ter sentido de “repetir constantemente o mesmo pensamento ou situação”.

Ela também comenta que esses padrões podem ser expressados de forma inconsciente, através de comportamentos repetitivos apreendidos no interior das relações sociais que conformam a personalidade de um indivíduo, e que podem ou não, causar consequências consideradas positivas para o indivíduo. Quando essas percepções são consideradas negativas, surgiriam os “sofrimentos”. Esses padrões de pensamento ou comportamento tenderiam a gerar dinâmicas comportamentais coletivas, ou são apreendidas no interior destes grupos, como o núcleo familiar, por exemplo.

As técnicas de meditação para o autoconhecimento, visam “localizar” tais formas cristalizadas do pensamento e das emoções que lhe são associadas, com o objetivo de modificá-las. Nesse sentido a pessoa deixaria de “vibrar”, isto é, de repetir-se sempre nos mesmos pensamentos, e estes sumiriam, bem como os padrões de comportamento que levam a situações de dor ou sofrimento emocional. No caso de Fabiana, a mudança de profissão seria uma forma manifesta do rompimento de tais bolhas. Em outras palavras, as terapêuticas com meditação visam à mudança de comportamentos individuais ao atuarem na causa que originou a formação das bolhas. Esta concepção e forma de pensar parte de experiências localizadas na biografia dos interlocutores e são relativas à conscienciologia.

A conscienciologia, uma área de estudo sobre a consciência, é uma forma modificada da “tradição” kardecista apropriada às práticas da Nova Era, cuja sistematização do *corpus* conceitual e prático data do início da década de 1980. Foi sistematizada pelo médico Waldo Vieira, quando este se afastou da doutrina espírita kardecista, nos anos 1950. Seu afastamento foi motivado por discordâncias em relação aos rumos que a doutrina espírita tomava à época. O kardecismo, antes fundamentado como uma união entre “ciência” e religião, foi paulatinamente afastado da abordagem “científica” por seus dirigentes mais influentes, e passou a valorizar mais os aspectos religiosos, na contramão dos esforços realizados pelo seu sistematizador Allan Kardec (AURELIANO, 2022). Segundo a autora, muitas práticas espiritualistas atuais se desenvolveram assumindo elementos da Nova Era, contrariando as posturas institucionalizadas da religião após a criação da Federação Espírita Brasileira.

D’Andrea (2000), em seu campo de pesquisa realizado ao longo de dez anos entre frequentadores do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, de São Paulo, observa que os sentimentos, pensamentos e energias, são validados pelo empirismo dos seus participantes. A terapêutica é realizada através de técnicas e práticas mentais. Os fenômenos da mente são denominados pelo grupo como “holopensene” (holo = todo, pen = pensamento, sen = sentimento, ene = energia). O pesquisador analisa que o termo é entendido pelos praticantes como uma forma cristalizada dos pensamentos, sentimentos e energias individuais e coletivas. O holopensene pode ser relacionado ao conceito de “egrégora” da tradição mágico-esotérica, e designa um conjunto de pessoas reunidas que buscam empregar um determinado padrão de pensamentos, sentimentos e energias que tenderia a

influenciar a conformidade do grupo através de uma geração energética. Suas afetações no corpo e no ambiente podem ser consideradas benéficas ou não, a depender da adequação do grupo/indivíduo a uma determinada “sintonia” energética, sentimental.

A manutenção e o fortalecimento de uma forma cristalizada que reúne esses elementos fenomenais pode ser considerada benéfica e proporcionar um melhor desempenho mental e auto-equilíbrio emocional. O conceito nativo “holopensene”, assim como a prática coletiva de meditação para a dissolução das bolhas mentais coletivas, na transmissão feita pelos terapeutas, e mesmo nas aulas remotas, reificam o conceito de consciência coletiva (DURKHEIM, 1995), pois se trata tanto das relações coletivas, como de práticas individuais concernentes a uma mesma matriz de pensamento sobre a realidade (a egrégora), cuja a afetação energética se daria nos níveis físico e espiritual do indivíduo.

Essas formas criadas através do pensamento não seriam apenas individuais, estariam também localizadas no plano da coletividade, e foi com base nessa convicção dos terapeutas que a meditação guiada pela internet, que introduz este subcapítulo, se deveu. De forma semelhante, observei em muitas narrativas dos terapeutas, referências aos efeitos físicos e psicológicos de tais formas mentais, mencionados não como “holopensenes”, muito embora carreguem consigo tal experiência, mas didaticamente, como sentimentos, pensamentos e emoções. Semelhante ao que ocorre com as formas mentais da conscienciologia, os pensamentos, sentimentos e emoções nas aulas de autoconhecimento, chamadas de bolhas mentais, tornam possível fazer a associação com as narrativas bioenergéticas da conscienciologia.

No entanto, tal opção parece ser reorientada pela forma mais enfática adotada pelos interlocutores para desenvolver suas atividades na Escola, atualmente, e que tem como influência as leituras que fazem de Eckhart Tolle¹⁰,

¹⁰ Eckhart Tolle é o pseudônimo utilizado pelo conferencista alemão Ulrich Leonard Tolle, nascido em Lünen, na Alemanha (1948). Conforme consta no prefácio introdutório de seu livro, o autor se autodenomina um guia espiritual, resultado de um processo catártico vivido após uma forte crise de pânico, próximo a data de completar seus 29 anos de vida. Após esse acesso de ansiedade, diz ter vivido uma experiência inusitada em que teria sentido todo o seu corpo envolto por um “vórtice de energia” e logo após adormecido. Ao despertar no dia seguinte, sua personalidade e estado emocional teria sofrido profunda alteração, das tendências depressivas e suicidas, teria se tornado mais tranquilo e otimista. Após esse episódio, abandonou as atividades formais, dedicando-se à contemplação e convivência com mestres espirituais (não mencionados) por período de dois anos.

autodenominado um “guia espiritual”. O impacto que seus escritos têm sobre a nova era e a espiritualidade é de fundamental relevância, uma vez que o curso Arte de Estar no Agora baseia-se quase que exclusivamente nesta obra.

Destaco um trecho de seu livro que é indicado e compartilhado pelo casal de forma digital. Nesse fragmento, a noção de mudança se revela a partir de suas reflexões quanto aos padrões de pensamento, que surge como uma reinterpretação de simbolismos heteróclitos pelos terapeutas como fundamentos do que entendem por “autoconhecimento” enquanto uma jornada espiritual do indivíduo. Para esse processo de transformação eles importam a terminologia utilizada por Tolle, que é a de “salto quântico”. Cabe antes algumas orientações de leitura para melhor entendimento do fragmento destacado. O autor utiliza como recurso de escrita uma forma aproximada de textos, como o *Tao Te Ching* - texto filosófico que se apresenta através de breves capítulos, herméticos e altamente complexos atribuídos ao filósofo chinês Lao Tsé (Lao Tzu111), base da tradição taoísta - e o *Mahabharata*¹¹, passagem épica incluída no *Bhagavad Gita*. O texto clássico da tradição hinduísta estabelece-se através de um diálogo entre a divindade suprema do hinduísmo, em que Krishna, forma manifestada de *Brhama*, e Arjuna, representação da materialidade do humano, travam um diálogo em meio a uma batalha. A articulação literária desenvolvida por Tolle parece ser inspirada nesses textos, uma vez que se apresenta um momento de dúvida, demarcado no texto com o recurso gráfico da fonte em itálico, que parece representar a pergunta de um discípulo, e a resposta do

Após ser solicitado a responder algumas perguntas sobre o seu “estado de paz”, teria iniciado com a escrita de livros, sendo o Poder do Agora, o resultado imediato da experiência de autoconhecimento. Na *homepage* oficial (www.echarttolle.com) apresenta-se como um guia espiritual com forte atuação nos Estados Unidos, bem como presença ativa eventos espirituais como o Vancouver Peace Summit (2009), no qual aparece em fotos ao lado do atual Dalai Lama, Tenzin Gyatso, e outros líderes espirituais da atualidade. A proposta do encontro tematizava que a “Paz Universal” passa pela obtenção da “Paz Pessoal” (Fonte: <https://dalailamacenter.org/conference/vancouver-peace-summit-2009>, acessado em setembro de 2023).

¹¹ Escrito em sânscrito há cerca de 2.500 anos. Este cânone hinduísta conta a história épica de Arjuna, um guerreiro que se vê no centro de uma batalha entre dois clãs, os Pandava e os Kurava. Arjuna e Krishna, a Suprema Personalidade de Deus, a Verdade Absoluta, entram em diálogo em meio a batalha, no qual Arjuna lhe faz perguntas em busca de compreender qual o sentido da guerra. A batalha representaria um processo de autoconhecimento e cada clã representaria de um lado a consciência e de outro a inconsciência do homem, representado por Arjuna. Através das perguntas Arjuna poria em ação a sua capacidade de racionalização, nesse sentido, a guerra representaria uma “guerra interior”. No hinduísmo clássico todas as formas manifestadas no plano material e espiritual, seriam partes da unidade universal representada por Krishna, seriam *jivas*, palavra em sânscrito que significa “alma”.

autor, na figura do mestre ou guia espiritual, quando a fonte normal é aplicada no texto.

Descobrimo a vida por baixo da situação de vida

(...)

Um salto quântico na evolução da consciência

Tive breves lampejos desse estado de liberdade da mente e do tempo que você descreveu, mas o passado e o futuro são tão fortes que não consigo mantê-los afastados por muito tempo.

O modelo da consciência condicionada pelo tempo está profundamente enraizado na psique humana. Mas o que estamos fazendo aqui é parte de uma profunda mudança que está se formando na consciência coletiva do planeta e ainda mais: o despertar da consciência dissociada do sonho da matéria, da forma e da separação. O fim do tempo. Estamos rompendo com padrões mentais que dominaram a vida humana por eras. Padrões mentais que criaram um sofrimento inimaginável, em larga escala. Não estou empregando a palavra demônio. É mais útil chamar de inconsciência ou insanidade.

Essa ruptura com o antigo modelo de consciência, ou melhor, inconsciência, é algo que temos de fazer ou vai acontecer de qualquer maneira? Em outras palavras, essa mudança é inevitável?

É uma questão de perspectiva. O fazer e o acontecer são, na verdade um processo único. Como somos únicos e formamos um todo com a consciência, não podemos separar os dois. Mas não há uma garantia absoluta de que os seres humanos vão conseguir. O processo não é inevitável nem automático. Nossa cooperação é uma parte essencial do processo. Independentemente de como você o veja, trata-se de um importante salto na evolução da consciência, assim como a nossa única chance de sobreviver como raça. (TOLLE, 2017, p. 50-51).

O termo “salto”, no contexto do livro do autor refere-se a um processo de ruptura ou transformação radical dos modos de pensar os comportamentos sociais, a partir de uma lógica espiritual. Essa mudança, ou salto, estão condicionados a uma percepção temporal que não tem a ver necessariamente com a mudança de “eras zodiacais”, mas sim, com transformação pessoal iminente, dada a partir da dissolução do entendimento do tempo como passado, presente e futuro. Essas classificações que separariam o tempo modificariam a sua lógica “linear” para a ideia de um tempo contínuo, denominado como “Agora”, ou simplesmente como “presença”, um estado permanente inextricavelmente atrelado aos padrões de pensamento. Nesse sentido, pensamento e tempo se dariam sempre no presente, ainda que esse presente pensado ou imaginado demonstrasse cenas vividas no passado ou projeções futuras, como anseios ou desejos individuais. Desse modo,

“fazer” e “acontecer” seriam processos simultâneos e racionais sobre o indivíduo em seus contextos de atuação. Ainda é possível pensar que os processos de reinvenção e convenção cultural, na Escola do Ser, podem ser tidos como simultâneos e contraventores, pois estabelecem-se como “rupturas” de modelos de percepção do real, representados por tradições espirituais antigas, tidos como consolidados ou cristalizados.

Ademais, há outros simbolismos em trânsito de ressignificação acionados pelos terapeutas da Escola do Ser. Este foi brevemente mencionado pelos terapeutas em conversas sobre suas biografias que o tratam a partir de referências inseridas nas práticas vivenciadas por eles cotidianamente e que foram incorporadas à Escola paulatinamente, a partir de sua abertura. Como convém salientar, o curso que acompanhei, Arte de Estar no Agora, foi o primeiro criado para o trabalho na Escola do Ser, e desde então, segundo os terapeutas, as narrativas seguem guiadas pela concepção que fazem princípio concernente às práticas de *Tai Chi Chuan*, uma arte milenar chinesa da qual eles captam a noção *yin-yang* como “auto-equilíbrio energético ou vital”, que norteia todas as narrativas desenvolvidas por eles na Escola.

Cabe pontuar que essa alusão foi captada na notação visual que tematiza a biografia do casal (Ver Figura 1, p. 68). Na imagem, a referência a fluidez do símbolo *yin-yang* surge não em sua posição verticalizada usual, tampouco nas colorações estabelecidas pelo senso tradicional - as polaridades representadas pela cor preta (à esquerda e superior do símbolo) e branca (à direita e inferior do símbolo) -, mas sim na posição horizontal e em diversas colorações. A narrativa dispara um aceno de soltura do casal do que representa o simbolismo tradicional taoísta. Ao mesmo tempo em que mantém a ideia de transformação e fluidez contidas na tradição que carrega o símbolo, indica a impressão da busca pelo equilíbrio dos diversos aspectos da vida, capitalista, cosmopolita, não aludindo às polaridades extremas das cores, mas sim à presença de diversas colorações que contemplam as ressignificações culturais, acenando para a ideia de autoconhecimento como autotransformação. O “caminho do meio”, nesse sentido, contempla novas conjecturas e a construção de novos ordenamentos do real. Entendo que sua utilização na Escola do Ser é melhor abordada quando trato do curso Arte de Estar no Agora no item 3.1.2 da tese. No entanto, é imperioso demarcar a sua existência

enquanto um princípio norteador da Escola, bem como a sua transformação enquanto símbolo modificado pela lógica dos interlocutores.

A visão de mundo dos terapeutas é justificada pela reorientação de suas atuações profissionais enquanto ato comprobatório da noção de realidade da Nova Era como um contínuo processo de escolhas. Não obstante a seleção de alguns simbolismos espirituais presentes em suas narrativas sobre as práticas de sua espiritualidade e o compartilhamento de suas ideias sobre a produção a construção de saberes, observa-se um evidente projeto de ensino “para a vida”. Este projeto inclui abordagens sobre a família, o trabalho, as aspirações acadêmicas, etc., enfim, escolhas que podem ser ressignificadas e, portanto, transformadas no decorrer da vida. Nesse sentido, o processo de autoconhecimento seria indissociável das demais instâncias que competem à vida cotidiana. Assim, temas como meio ambiente, política, família, saúde, manutenção de um estilo de vida, fariam parte de um processo educacional transdisciplinar do corpo. Com isso, a atenção ao corpo e a observação do contexto social seriam imanentes à prática do autoconhecimento, ou como vimos, da espiritualidade como categoria totalizante das relações.

Soares (1989) diz que, através do holismo, se pode supor uma noção de ordem ou harmonização da dimensão da vida, mesmo quando o seu sentido nos escapa. Essa concepção observa a ideia de que todos os seres vivos, bem como todas as coisas no universo, estão interligados organicamente. Sobretudo ao considerarmos os processos basilares da existência social como condicionantes dos processos de autoconhecimento, conforme demonstrado através das narrativas dos interlocutores. Não se furtaria da análise um regramento do princípio de harmonização ou equilíbrio da vida, uma vez que seria meio para as interpretações dos interlocutores sobre si mesmos, nesse caso, sob um viés espiritual. Há, contudo, uma espécie de tensão própria da dimensão holística da Nova Era, que expõe uma importante distinção entre o holismo enquanto um princípio filosófico monista, e o sentido holístico como um princípio norteador das práticas da Nova Era. No holismo, se prevê a interligação ecológica de todos os elementos do cosmos, mediante uma sistematicidade essencial e superadora de dicotomias aparentes (“tudo é uno”) em que “tudo se interliga cosmicamente”, (D’ANDREA, 2000, p.39).

Há de se perceber, entretanto, que o MNA¹², de forma precisa, é holística, e não holista. O ponto é que não há a predominância do “todo” cósmico sobre a “parte” individual, onde o sujeito místico se anula e é absorvido num cosmos misterioso, mas há, sim, uma relação situacional e relativista entre o “todo” e a “parte”. De acordo com a ótica ou unidade de análise, o indivíduo pode ser o “todo” ou a “parte”. Há assim a consciência de que a posição nessa relação é variável, mas deve se estabelecer uma relação harmônica entre ambos termos: nem holismo (coletivismo totalizante e totalitário) nem solipsismo (hiper-subjetivismo autista) (D’ANDREA, 2000, p. 39).

Há a possibilidade, também, de observar que as experiências com práticas de yoga e meditação, declaradas pelos interlocutores, implicam nos princípios norteadores da Escola do Ser certa influência de tradições taoístas e budistas, ainda que de forma implícita. Elas se acentuam, sobretudo, quanto aos seus preceitos morais ou valores, como da solidariedade nos modos de observação da vida cotidiana, na busca pela fraternidade, em atitudes pacíficas e na prática da comunicação não-violenta, que dariam conta dos sentidos de modificações interrelacionais no plano da vida diária. Inclusive um guia é distribuído pelo casal de forma digital nos grupos e exercícios realizados com base no princípio da não-violência.

Esse princípio de inter-relação das *coisas* – uma noção de que se serve Ingold ao considerar que as *coisas* do mundo implicam em sentidos de vida como se fossem nós de uma malha tecida a partir de fios invisíveis -, para Elias (2018), estaria cingido sob a lei de “causa e efeito” e condicionado pelas ações humanas, como um princípio presente em tradições religiosas como o budismo. A lei de “causa e efeito” prevê que tudo no mundo se interrelaciona e interconecta como um tipo de “elo” (ELIAS, 2018, p.33).

Aqui a ideia de “elo”, permite observar, na criação da Escola do Ser, a construção de um tipo de ordenação social a partir da ideia de diferença que no plano da vida diária seria a continuidade de um *habitus* espiritual como uma convenção cultural vivenciada a partir da ideia de autoconhecimento. Daí a ideia de criação de um “novo mundo” ou melhor, de uma “nova sociedade” como não delimitada por um território geograficamente estabelecido, mas difuso e heterogêneo, perceptível, por exemplo, a partir de uma pesquisa em um buscador na internet.

¹² Movimento *New Age*, denominação com a qual Anthony D’Andrea se refere aos diversos modos de expressão do religioso Nova Era.

Seria, portanto, um elo social criado a partir das interações entre diferentes pessoas e de suas diferentes interpretações sobre a realidade que, assim como a prática do autoconhecimento, conferiria continuamente novos sentidos às experiências vividas. A partir do percebido, e com base nestas orientações que sua linhagem terapêutica se desenvolve e se altera no tempo, pois os interlocutores constantemente reagem aos modelos dados por religiosidades tradicionais ao produzirem as suas reinterpretações sobre o sentido da espiritualidade, movimentando-o num amplo e complexo contexto urbano.

Eles recriam sentidos para o autoconhecimento e repercutem no coletivo um modo de atuação particularizado tendo a prática da espiritualidade como uma prática habitual através de projeto em reformulação que contempla procedimentos específicos para a aferição das causas dos males físicos, emocionais, sociais, etc. Para isso, baseiam-se em alguns conhecimentos desenvolvidos no meio, que foram previamente apreendidos, adaptados ou não e compartilhados, alimentando uma rede de ações e práticas da Nova Era. Assim, a partir da Escola do Ser com o uso das redes sociais a sua linhagem estimula o reforço do que eles têm como a ideia própria de “sociedade” e de “Nova Era”.

De algum modo, a relação com outras pessoas que pensam e agem de forma identificada com as práticas da Nova Era se dá através da noção de energia ou de entrelaçamento energético, algo que os terapeutas denominam como “malha quântica”. Essa malha seria uma tecitura de comportamentos sociais ao longo da história da humanidade, ou registros de “memória universais”, que seriam padrões culturais apreendidos coletivamente: como agir, como aprender, como sentir, como pensar, como relacionar-se, etc.

Observei, na minha experiência com os terapeutas, que é ao autoconhecimento que se atribui a valoração do sentido holístico da busca pela vivência da espiritualidade, bem como para o ensino do que é empreendido em uma jornada pessoal para o autoconhecimento. Nesse sentido, o autoconhecimento também pode ser percebido como uma busca, não só do cuidado de si, mas da construção de relações que suprem uma necessidade verificada como sendo necessária a um tipo de sociedade esperada.

Chiesa (2020) discute o processo de ensino/aprendizagem em sua pesquisa com religiosidades de matriz africana, mais precisamente no Templo Espiritualista do Cruzeiro da Luz. Nesta pesquisa, o antropólogo mostra que o preparo dos médiuns é

realizado por meio de cursos organizados pelo dirigente espiritual que também é o responsável pela sistematização do material bibliográfico, sendo ele mesmo autor de alguns deles. Trata-se de uma modalidade de aprendizagem

corporificada e multissensorial que acontece de maneira dinâmica, gradual e relacional através da plena participação e integração do sujeito-aprendiz na vida cotidiana do terreiro, o que torna o ato de aprender um processo sem fim e sem contornos definidos. A aprendizagem se dá no mundo e com o mundo, num progressivo trabalho de educação dos sentidos físicos, que, na realidade, se encontram interligados (CHIESA, 2020; p. 219).

Isto posto, o processo cognitivo relacionado a um modo de vida espiritualizado depende do completo engajamento da pessoa, incluindo todos os seus sentidos físicos. Nessa direção, a autoformação se dá através da incorporação de um conjunto de ações, como a observação ao externo, a auto-observação, a rememoração, de modo a compor um *habitus* que inclui, no caso da Escola do Ser, o compartilhamento de determinados saberes e a busca de um “novo modelo social” de atuação do humano no mundo. Na fala dos interlocutores e nos materiais que usam como base de formação e informação, é possível perceber que esse “modelo” é construído de maneira dinâmica, orientando mudanças e transformações no modo de vida pessoal, podendo ser criadas estratégias de manutenção, como se compreende pela fundação da Escola do Ser enquanto um território difuso de relações.

Assim, a noção de compartilhamento e aprendizagem dessas práticas define a corporificação multissensorial dada pelas experiências de meditação e mentalização. Outrossim, ocorre o desenvolvimento de práticas que evidenciam alguns princípios norteadores da Escola do Ser. Sobretudo, para que ocorram os processos de ensino/aprendizagem do autoconhecimento. Estas práticas perpassam narrativas autobiográficas dos terapeutas e dos frequentadores. Os exercícios são eclipsados pela percepção de mundo quântica que, de modo transversal, articula elementos heteróclitos de filosofias e conhecimentos religiosos e científicos, interpretados para a finalidade do cuidado de si, à luz de uma concepção energética do mundo em transformação. A seguir, passo para a apresentação do curso que acompanhei remotamente, denominado como A Arte de Estar no Agora, bem como as principais técnicas utilizadas na Escola do Ser para o ensino do autoconhecimento, no intuito de perceber os significados implicados na percepção da espiritualidade.

3.2 A Arte de Estar no Tao

O regresso à raiz se chama quietude; quietude se chama retornar a viver; retornar a viver se chama constância; conhecer a constância se chama iluminação (LAO TSE, 2001, p. 23).

A inspiração taoísta dos terapeutas da Escola do Ser advém da prática pessoal de *Tai Chi Chuan*, da linhagem Liu Pai Lin, presente em suas biografias. Esta prática à qual se dizem seguidores por formação, é uma derivação do *Tai Chi Chuan*, arte marcial chinesa. A técnica desenvolvida no Brasil ganhou a denominação *Pai Lin* pois foi desenvolvida no estado de São Paulo, por Liu Pai Lin (1907 - 2000) nascido em *Tanjin*, na China. Ele chega ao Brasil em 1975 e desenvolve a técnica entre os anos de 1977 e 2000, tendo continuidade a partir de seus seguidores, após a sua morte. Esta linhagem brasileira é assumidamente uma derivação do conjunto de ensinamentos taoístas em que se desenvolvem os aspectos do treinamento de energia vital, denominada como "*ch'i*"¹³. O *Tai Chi Chuan* significa a movimentação natural do corpo do praticante, que visa o equilíbrio da saúde física e mental; ¹⁴A técnica consiste em movimentos suaves do corpo para a ativação e equilíbrio do fluxo da energia *ch'i* no corpo do praticante.

No entanto, a arte marcial guarda raízes mais profundas que estão presentes, por exemplo, no texto basilar da tradição taoísta *Tao Te Ching (Daodejing)*¹⁵. A tradução do texto para o português que uso como base para a compreensão do princípio energético que é efetivamente utilizado pelos terapeutas da Escola do Ser foi feita por Wu Jyh Cherng (LAO TSE, 2001). No texto, podemos perceber melhor o mito que envolve o nascimento de Lao Tse que diz que o mestre teria nascido na província de *Na Hue*, na cidade de *Guo Yang*, na China, no 25º dia da segunda lua do ano *Ken-Tzen* da era *Wu-Tin*, entre 1324 – 1408 a.C. Sua mãe teria engravidado de Lao Tsé após engolir uma pérola de luz, que simboliza a transformação da *Transparência Sublime (Tai Chin)* em sopro divino, através da essência do sol. O pai de Lao Tse teria sido um alquimista da dinastia *San*, que teria ascensionado (alcançado a iluminação) com mais de cem anos, após ter sido envolvido pelos dragões celestiais. Coube a sua mãe ter cumprido a função de mestra de Lao Tsé.

¹³ Em japonês, "ki", que teve origem no "ch'i" chinês.

¹⁴ o *Tui Na* - um tipo de massagem chinesa para a vitalidade do *ch'i*; o *Tao In* - definido como um tipo de meditação taoísta que visa o aspecto da serenidade.

¹⁵ *Tao Te Ching, Dao de Jing* ou *Tao-te king* (em chinês: 道德經, Dàodé jīng).

Segundo consta no mito, Lao Tse teria sido gerado do lado esquerdo das costelas da sagrada mãe, no jardim da família, sob uma ameixeira (*Li*), e nascido com cabelos já brancos e as orelhas grandes. Segundo o cânon taoísta, esta seria a razão de ter recebido o nome de “Lao Tse”, que significa “filho velho”. Lao Tse também é compreendido na tradição como Senhor do Fim e do Princípio, uma vez que “velho” representaria o fim enquanto “filho”, o início.

O *Tai Chin*, é o conceito teológico taoísta central, que significa o “Absoluto”. É formado por uma tríade, juntamente com *Yü Chin*, a Transparência de Jade, e *Sao Chin*, a Transparência Superior. A “pérola de luz” que teria proporcionado sua gestação, sugere um movimento de transformação do princípio de Absoluto taoísta (uno ou energia primordial) que teria penetrado em sua mãe através do contato com a energia solar.

O mito explica de maneira metafórica o principal símbolo do taoísmo que é o *yin-yang*. Este se trata de um círculo dividido em duas partes, um escuro (preto, *yin*), e outro claro (branco, *yang*). No mito, o princípio feminino é representado pela mãe e pela gestação do mestre à esquerda das costelas da mãe, a coloração preta do símbolo. Sendo ele mesmo a manifestação do Absoluto taoísta e um resultado da união entre os dois polos. A ideia de transformação do símbolo se aplica a impressão de este se encontra em movimento. É uma referência a fases interdependentes da vida e do cosmos, que se alternam indefinidamente, no espaço e no tempo, invocando a interdependência entre os estados opostos no universo: dia e noite, quente e frio, masculino e feminino, luz e trevas. No plano das relações, faria referência a estados emocionais, como a autoconfiança e a insegurança, levando a compreensão de estados como saúde e doença no corpo, por exemplo.

No capítulo dois do *Tao Te Ching*, Lao Tsé invoca o princípio basilar de complementaridade da filosofia taoísta, exprimindo a noção de que o equilíbrio da vida encontra-se não nos polos, mas na união entre eles, simbolizando a ideia do “caminho do meio”. Além disso, o princípio da complementaridade ou do equilíbrio interior da pessoa é abordado na filosofia taoísta com o sentido de união entre a consciência humana e a vida em suas infinitas formas. Essa união levaria a uma “existência sagrada”, isto é, ao equilíbrio. No entanto essa “sagração do homem” envolve a relação com um tipo de existência, imanente, não-manifesta (espécie de energia indistinguível e indescritível) a qual seria função da pessoa encontrar e harmonizar-se a ela, estabelecendo o seu próprio equilíbrio entre as

complementaridades interior e exterior. As experiências vividas pela pessoa, nesse processo de encontro com o princípio da “Essência do Universo Manifestado” (*Chin*) se daria através da noção de “prova” (*Hsin*), da qual subentende-se que sejam as experiências de vida, que também manifestariam a noção taoísta de Caminho.

A iluminação de Lao Tse também é descrita na introdução da obra¹⁶ : “Muitos anos depois, teve sua ascensão no deserto de Gobi, durante a qual emanou raios de luz em cinco cores, transformando-se em corpo de luz dourada e desaparecendo no céu” (LAO TSE, 2001, p. 2-3). É possível, ainda inferir dos simbolismos que exprimem a ideia de Caminho (*Tao/Dao*) como sendo um tempo de experiências.

Com base nessas análises da tradição taoísta, discorro sobre as experiências vividas com os interlocutores, em busca da compreensão dos sentidos de suas práticas e a relação com os simbolismos acionados pela presença central do *yin-yang*, no modo como é revivido na Escola do Ser. Nesse contexto, as narrativas sobre as práticas meditativas são acrescidas do simbolismo taoísta, interpretado pelos terapeutas como caminho do equilíbrio emocional e energético individual, que reverberaria na saúde e na vivência da espiritualidade. Vemos que, na Escola alguns movimentos da arte marcial *Tai Chi Chuan* fazem parte tanto das narrativas quanto das práticas meditativas adaptadas para o ambiente *in door* em que estes exercícios foram executados durante o ano pandêmico.

Observei essa questão quando os terapeutas guiavam uma meditação criada por eles. A descrição que se segue é baseada nos meus escritos no diário de campo (29/04/2020) e dos desenhos presentes na figura 3 (Ver p. 93). Nesse encontro, é orientado aos aprendizes que todos, em suas casas, se posicionem de pé, com as mãos acomodadas uma sobre a outra e ambas sobre a barriga, pouco abaixo da região do umbigo. Deve-se manter a respiração profunda e serena, enquanto que as mãos devem ser erguidas ao alto, mantendo os com os braços esticados acima da cabeça por alguns segundos. Após, é indicado aos alunos que sejam feitos movimentos circulares e suaves com as mãos em sentido horário, imaginando que acima de suas cabeças esteja uma luz brilhante.

Após esse movimento, deve-se retornar à posição inicial (mãos sobrepostas sobre a barriga) para que a energia captada através das palmas das mãos, possa

¹⁶ Wu Jyh Cherng nasceu em Taiwan, República da China. É sacerdote taoísta da Ordem Ortodoxa-Unitária.

penetrar no ventre. Acredita-se que assim as energias captadas sejam absorvidas pelo corpo, proporcionando a harmonização do *ch'i* individual com a energia universal. Deve-se a todo momento imaginar que se está em contato com as energias, e que elas exercem efeitos curadores no corpo. Para tanto, os terapeutas narram formas mediante as quais podem ser imaginadas as energias. Observamos abaixo a meditação do Sorriso Interno, que exprime a ideia de energia através de nuances coloridas.

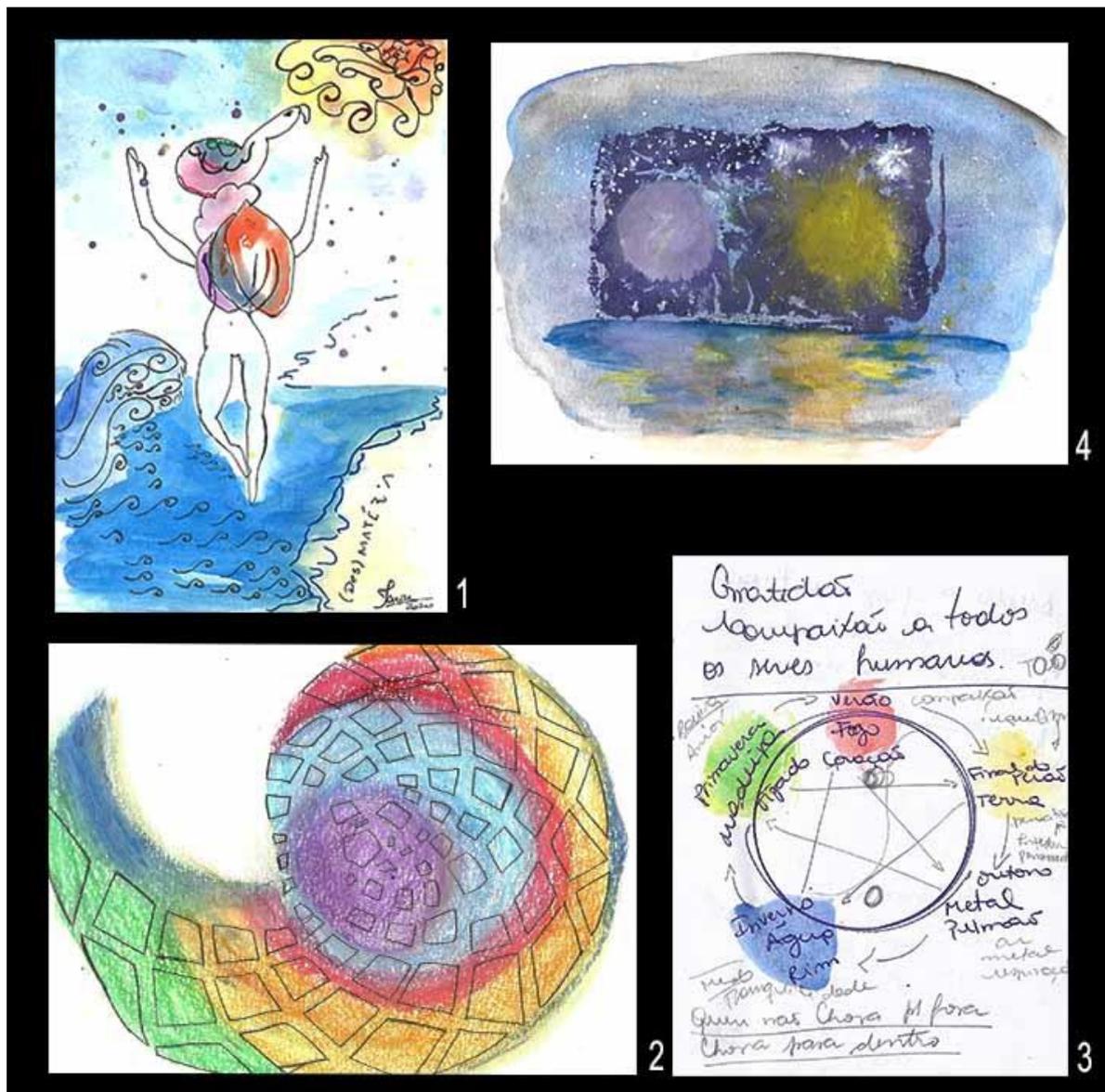


Figura 3: Prancha série de estudos e de imaginações do espaço *out-door* baseada nas narrativas da meditação para o autoconhecimento do dia 24/04/2020. Fonte: Autora: 1) 27/04/2020; 2) 26/04/2020; 3)25/04/2020; 4)24/04/2020.

Figura 4: Prancha Semana da “des-matéria”, uma série de estudos e de imaginações do espaço *out-door* baseada nas narrativas da meditação para o autoconhecimento do dia 24/04/2020. Fonte: Autora: 1) 27/04/2020; 2) 26/04/2020; 3)25/04/2020; 4)24/04/2020.

Neste exercício meditativo, guiado por Eduardo (Diário de Campo, 27/05/2020), e enviado por áudio no grupo de mensagens da turma, vislumbra-se a ideia de que o corpo e a Terra são partes de um mesmo sistema vivo.

Vou guiar em uma meditação, a meditação do Sorriso Interno, onde faremos o equilíbrio das emoções e os nossos órgãos sorrirem. Encontre um lugar agradável, onde você ficará em silêncio pelos próximos dez minutos. Primeiramente vamos nos transportar ao topo de uma montanha com neve.
 (...)

Se imagine nesse lugar...
 (...)

Agora, ao inspirar, visualize uma energia, uma luz, repleta de coragem, entrando nos teus pulmões. Seus pulmões vibram e se desprende uma energia de tristeza numa densidade mais escura que se desprende e vai para a terra. Novamente inspirando essa luz branca, do pulmão...
 E expirando
 (...)

Tristeza
 (...)

Perceba, agora, o seu pulmão sorrindo para você, repleto de coragem! Agora, vamos visualizar que estamos no fundo de um oceano bem azul.
 (...)

Vamos inspirar a energia, a luz azul, diretamente para os nossos rins, repleta de tranquilidade e expirar todo e qualquer medo presente em nosso corpo. Inspirando a luz azul especial para os nossos rins, mas também para todo o nosso corpo. A energia densa se desprende do nosso corpo. Agora vamos nos conectar a uma floresta, muito verde, cheia de copas verdes e bem fechadas...
 (...) a energia verde, repleta da qualidade, do sentimento de bondade que vai para o nosso fígado, (...) e se desprende do seu fígado uma energia de raiva (...) e vai para a terra (...) e o seu fígado sorri para você (...) isso mesmo, o seu órgão sorri para você, imagine ele com uma boquinha, sorrindo para você. E se desprendendo uma energia de raiva, densa, que sai do seu corpo.
 Agora, vamos nos conectar com um pôr do sol bem vermelho, na praia, vamos inspirar essa luz vermelha, na praia, em especial para o nosso coração, repleta de compaixão. Vamos senti-lo vibrar e se desprender toda e qualquer crueldade e indiferença.
 (...)

Perceba o seu coração sorrir para você e lhe agradecer pelo cuidado que você está tendo com ele.
 Agora vamos nos conectar com um deserto, no horário do meio dia. O sol à pino.
 Agora vamos visualizar a energia branca, repleta de coragem.
 A energia azul, repleta de tranquilidade.
 A energia verde, da floresta, repleta de bondade.
 A energia vermelha do pôr do sol, repleta de compaixão.
 A energia amarela do deserto, repleta de equilíbrio. Fundindo-se.
 (TRANSCRIÇÃO DIRETA, WHATSAPP, 2020)

Nesta meditação, como na anterior, o sol, a lua, a água e as montanhas são elementos naturais evocados que evidenciam a continuidade do pensamento

simbólico dos polos representados pelo *yin-yang* (ver imagens 1 e 4 da figura 3, p. 94). Além disso, o movimento rememora o cânone taoísta, uma vez que é sugerido pelos terapeutas que seja imaginado o corpo como sendo penetrado por essas forças, que assumem cores diferentes, como se fossem pequenas turbinas energéticas em movimento. Percebe-se aí que o exercício guarda íntima semelhança com a ideia de ascensão do mestre Lao Tse, quando este encontra a iluminação. Contudo a ideia de iluminação dos terapeutas é melhor compreendida através do fragmento que segue:

A iluminação é um estado de estar em unidade e, portanto, em paz. Em unidade tanto com o universo quanto com o eu interior mais profundo, o ser. A iluminação nada mais é do que a libertação da aterrorizante escravidão do pensamento (APOSTILA ARTE DE ESTAR NO AGORA, 2020).

As narrativas e performances acionadas no curso atribuem ao corpo do indivíduo uma espécie de mapa ou campo total a ser percorrido pela mente, ao mesmo tempo em que estaria conectada através de um elo com o ambiente. Pude perceber essa característica que consta na narrativa visual apresentada acima, principalmente nos desenhos 2, 3 e 4, da figura 3 (Ver p. 94) que dá visualidade à experiência que observei reiteradas vezes.

Esta meditação para além da imaginação de elementos da natureza, associa as energias, dos elementos das paisagens descritas, aos órgãos vitais do corpo humano. Com ela, vemos demonstrada a plasticidade do sentido de energia e a narrativa imagética da ideia de cura. Em alguma medida expõe a dimensão da “iluminação do homem”, da filosofia taoísta, a partir de experiências que pretendem estabelecer alguma visualidade a uma percepção interdepende do corpo com o ambiente.

Através do elemento simbólico *yin-yang* acionado pela narrativa contida na apostila do curso, pode-se perceber uma relação dual pretensamente rompida, e até mesmo um rompimento em relação de dicotomias como interno/externo, indivíduo/sociedade, emoção/razão. A partir da ressignificação da noção de *Tao*, como um caminho de experiências, as meditações para o autoconhecimento sugerem o entendimento experiência corporal e imaginação energética como um processo de equilíbrio entre os opostos indivíduo e sociedade, particular e coletivo, que se estabeleceria em um contínuo processo de transformação ou transicionamento de si mesmo, através de experiências humanas e transformações no plano da vida. Além disso, as narrativas sugeridas com as práticas ensejam a

definição de uma espécie de viagem mental através do mapa de um território imaginado como sendo “energizado” de forma dinâmica. Através desse caminho, o próprio corpo passa a fazer parte do território, experimentando “sensações”.

Particpei destas práticas, a fim de melhor compreender os exercícios e os depoimentos dos alunos presentes. Considerei o contexto *online*, como uma motivação para a participação e mais uma forma de apreensão dos sentidos das práticas desenvolvidas pelo grupo, tendo compartilhado a minha percepção com eles, posteriormente, através da narrativa e também do compartilhamento das imagens que foram consideradas energéticas. Esse movimento meu fez com que a assimilação da minha presença se tornasse ainda mais próxima da ideia de aluna (ou adepta) e menos a de uma pesquisadora. Conforme Csordas (2010) a experiência concreta é o ponto de partida para analisar a participação humana no mundo cultural” (2010).

A dinâmica de meditação como é praticada na Escola do Ser, faz pensar na experimentação sutil de uma sensação de relaxamento que perpassa o corpo ao mesmo tempo em que rompe as distâncias físicas. Foi a partir da minha participação que passei a considerar que a ideia de que a energia pode assumir um importante papel social. Pois foi participando e me permitindo ser afetada que compreendi determinadas mudanças de comportamento das pessoas que realizavam os movimentos.

As sensações energéticas relatadas pelos participantes são compartilhadas coletivamente, e é perceptível a mudança gradual no comportamento das pessoas. A eficácia da técnica é validada pelo grupo, que a expressa, após a meditação. Alguns dizem que após a prática experimentaram sensações de paz, de amor, e as descrevem como um leve calor ou formigamento nas palmas das mãos ou movimentos sutis percebidos na região do ventre (DIÁRIO DE CAMPO, 29/04/2020). Percebi que a fala dos praticantes se torna reticente, compreendendo um tempo maior de reflexão e articulação dos pensamentos, o fluxo de respiração é alterado e se aprofunda, os sorrisos se tornam mais serenos e é possível de ser notada certa expressão terna no olhar das pessoas.

Isto se deve, também, a uma concepção psicoterapêutica em que os “efeitos” que só podem ser transmitidos pelas pessoas através de seus depoimentos. Estes apresentam discursos de mudanças graduais sobre determinados valores, como amor, paz e gratidão, que passariam a ser expressados nas relações com familiares

e para a compreensão das situações contextuais, naquele momento em especial, dedicavam-se a observar com mais “empatia” a calamitosa situação perpetrada pela pandemia. Juliana, fisioterapeuta que acompanhou a turma naquela ocasião, comentou que a percepção de que se está agindo de forma “mais amorosa e empática” não se dá imediatamente, e sim ao longo do processo continuado dos conteúdos aprendidos nos cursos de autoconhecimento, em casa e na vida diária.

Alguns praticantes debatem sobre o tema denominando-o os efeitos como “curas morais ou psicológicas”, significados dados aos momentos em que se percebem por um tempo maior em equilíbrio emocional. Assim, o *Tao* é considerado, em sua acepção destradicionalizada, como um “caminho de cura” das pressões cotidianas e dos contextos estressantes.

Foi possível captar das experiências com as turmas que a narrativa do *Tao* na Escola do Ser se deve a percepção do autoconhecimento como um processo de descoberta de si, do despertar da espiritualidade, que necessariamente passaria pelo estado de serenidade como equilíbrio emocional duradouro ou resgatado continuamente, outrossim, assume um significado de iluminação bem como uma espécie de “libertação”.



Figura 5: Uma proposta *yin yang* da Nova Era. Fonte: Autora, 18/09/2020.

Cabe observar que obra *Tao Te Ching*, é compartilhada com os frequentadores do curso como uma leitura complementar, sendo facultativa a sua leitura. Contemplar alguns de seus fragmentos aqui, auxiliou a compreender a presença deste simbolismo que foi captado por mim no desenho acima, enquanto estava atenta e em busca da compreensão dos sentidos das práticas realizadas pelos coletivos.

Na apostila do curso como vimos estão incluídas, uma série de narrativas de cunho reflexivo e elementos simbólicos, em sua maioria referentes ao taoísmo. Há, contudo, a complementaridade da narrativa oral feita pelo casal, que situa a vivência

da espiritualidade a partir do autoconhecimento, evidenciando o processo de atualização de elementos desta religiosidade tradicional.

A ideia de complementaridade entre dois polos energéticos, *yin e yang*, representados pela cor preta do seu simbolismo tradicional, e a branca como seu oposto complementar, também tem como significado a complementaridade entre as energias feminina (preta) e masculina (branca). Percebi que essa característica simbólica está presente na Escola do Ser de diversas formas sendo uma delas a predominância de mulheres nas turmas. Afirma Magnani (1999) que a presença da mulher no meio neo-esotérico é marcante, não apenas pela proporção de sua participação, mas como formadora da sensibilidade dominante no *ethos* Nova Era.

A observação se faz pertinente, contudo, outra percepção pode ser notada através da representatividade do casal Eduardo e Fabiana, no “comando” dos trabalhos terapêuticos, estes personificam o elemento místico associado ao *yin-yang* que perpassa os princípios da Escola do Ser (também narrado visualmente na figura 1, p. 68). O simbolismo *yin yang* articula-se nas práticas e pensamentos terapêuticos da Escola do Ser como um contínuo processo de transição energética e de transformação pessoal através da relação entre as diferenças das pessoas ali presentes, tanto quanto no caso da concepção de feminino e masculino. Assim como a própria noção de corpo, que é construída a partir da complementaridade entre a sua concepção biológica (material) e sua acepção espiritual (energética) como uma forma de sacralização da vida.

Bateson (2006) alerta sobre essa dimensão “sagrada da vida” como um “encontro ecológico”. Ele o compreende como uma síntese fantástica, uma ponte, que conecta todas as coisas no mundo, como modo de dar um sentido à vida. De acordo com o autor, a sacralidade da vida tem sido negligenciada pela sociedade ocidental com o único objetivo de transformar tudo em produtos e, assim, vendê-los, mascarando o sentido de unidade estética e sagrada do mundo (BATESON, 2006). Trata-se de um engano epistemológico que ainda pode ser corrigido (CHIESA, 2017), pois “ainda existe pelo menos um impulso no coração humano no sentido de unir e dessa forma santificar o completo mundo natural a que pertencemos” (BATESON, 1986: 26)

De acordo com Bizerril (2010), que realizou sua pesquisa junto aos frequentadores do Instituto Liu Pai Lin, em São Paulo, no contexto da tradição taoísta, falar em natureza é referir-se aos processos incessantes de alternância

entre *yin-yang*, como dois tipos de configurações da “natureza” que se sucedem das mais variadas formas. Por esse viés, não se trata de falar em essências ou de substâncias propriamente ditas, mas de posicionamentos ou configurações sempre em transformação, que apreendem as noções de contrastes do mundo vivido em suas mais variadas formas.

Granet (1997) menciona que *yin-yang* são termos relacionais e contextuais interdependentes que para os taoístas descrevem estados de equilíbrio/desequilíbrio, percebidos no campo da (des)ordem fisiológica enquanto patologias que poderiam levar ao adoecimento e à morte (BIZERRIL, 2010). As estruturas relacionais de alternância entre *yin-yang*, podem se referir a fenômenos do mundo natural, às estruturas que compõem a pessoa, e também às configurações das relações entre as pessoas e entre estas como natureza.

A alternância *yin-yang* nomeia uma pulsação básica do cosmo - expansão/recolhimento, ascensão/declínio, dia/noite, movimento/serenidade - descrita no *Daodejing*. Posteriormente, foi elaborada uma descrição mais detalhada dessas alternâncias cíclicas na dinastia Han, por meio da combinação da cosmologia *yin-yang*, descrita por Laozi, ao sistema de correspondências entre as coordenadas do tempo, do espaço, da experiência sensível, e os aspectos do corpo humano, e as cinco energias ou modalidades do *qi* que forma o mundo (...). O resultado dessa fusão entre as duas perspectivas clássicas é chamada na literatura sinológica de cosmologia Huanglao (BIZERRIL, 2010, p. 296).

Ainda é possível notar que o ser humano aparece na tradição taoísta como uma “réplica do universo”, composto pelas mesmas forças que o constitui, destacando-se as cinco modalidades básicas do princípio energético “*chi (qi/ki)*”: madeira, fogo, terra, metal e água. Estes foram captados através dos meus desenhos (Figura 4 p. 94), sobretudo na meditação guiada pelo instrutor, fundada na percepção de alternância entre *yin* e *yang* e nas relações entre os cinco elementos (ou energias) que se expressam através de uma rede de correspondências articuladas no tempo e no espaço do corpo de uma maneira circular.

Esta concepção de união entre humano e natureza é o fundamento das técnicas de *qigong*¹⁷ cujo objetivo é a captação de energia vital (*ch'i/qi/ki*) das fontes do mundo natural (sol, lua, estrelas, florestas, montanhas, cachoeiras, mar, etc.),

¹⁷ O *qigong* (*chi kung*, *Chi* ou *Qi* (氣) significa “Energia” e *Kung* ou *Gong* (功) significa “Tempo e Esforço”. É considerada uma Prática Integrativa e Complementar, originária da Medicina Tradicional Chinesa. Trata-se de uma modalidade de exercício mente-corpo exercitada através da complementaridade entre exercícios de posturas do corpo e controle da respiração para o equilíbrio do *ch'i*.

com a prerrogativa de que devem acontecer em horários específicos do dia ou da noite. Contudo, segundo Bizerril (2007) seria necessário armazená-la, circulá-la ou emití-la com finalidades marciais, terapêuticas ou espirituais, segundo o caso. É o que parece ser pretendido que aconteça durante os exercícios meditativos do grupo de praticantes que acompanhei na Escola do Ser.

No encerramento da imersão em campo de pesquisa, pude observar uma maior aproximação dos terapeutas da Escola do Ser com tradição taoísta, no entanto, tais práticas permanecem sendo reelaboradas às suas visões de mundo, de modo que não se denominam como taoístas, assim como também não usam qualquer forma de denominar os termos de uma espiritualidade/religião específica.

De modo amplo, as práticas meditativas e a imaginação empregadas nessas técnicas de auto-equilíbrio operam através da presença de alguns mitos, isto é, de sínteses de alto poder classificatório (LÉVI-STRAUSS, 1989). Observa-se, assim, que as religiosidades orientais, como vivenciadas pelos ocidentais, agenciam-se mais na “experiência”, e menos na crença e, por comparação, são não-dogmáticas, razão pela qual permitem considerável abertura para a expressividade individual.

Sobretudo, os simbolismos que estão presentes em meio às práticas e modos de classificação e relação entre sensações, emoções, funções fisiológicas e energéticas todo o complexo sensorial e reflexivo do corpo, a partir de referências como os elementos da natureza: terra, água, ar, fogo, bem como das quatro estações do ano permitem considerar que tais elementos não são dissociáveis das percepções do corpo e das noções de interno/externo, isto é, corpo e ambiente.

Entre os frequentadores do curso as narrativas sobre a liberdade de ação e livre escolha do indivíduo para a experiência da espiritualidade dá vazão a formas expressivas de como se dariam as relações do pensamento individual em um campo externo (extracósmico), pois recria, pela experiência, certos simbolismos presentes na tradição taoísta, tal como é a noção de transição e transformação cíclica presente na proposta do *yin-yang*. Ao reivindicarem a liberdade de poder transitar livremente por essas experiências sem ficarem, como descreve um interlocutor de nome Evadison “refém das tradições” (Diário de Campo, 19/12/2021) recriam a noção de liberdade espiritual. Nesse sentido, o interlocutor diz que tudo aquilo que é pensado por um pessoa, se exterioriza, criando “situações”.

Quando vê tu estás lá, brigando com a tua filha porque ela não quer fazer uma faculdade, não quer estudar, por exemplo. Eu vivi isso com a Natália. Eu queria coisas para ela, com isso eu queria que ela fizesse o que eu achava que era certo para ela, mas ela não queria. Faculdade, por exemplo, ela não quis fazer. Não quis continuar assim. Ela decidiu que o melhor para ela seria se mudar, viajar, encontrar o caminho dela, ser artista do jeito dela. Hoje ela está feliz, tem o ganha pão dela, vive do jeito dela. Eu tive que parar e aprender com ela, eu vi que eu não tinha que ensinar e nem obrigar ela a seguir um caminho. No fim das contas, o que eu achava que era certo para ela, não era. Ela que acabou me ensinando a viver, a ser mais flexível. Essa coisa que eu aprendi, que se estuda, se forma e depois trabalha, é uma coisa que veio de fora para dentro, eu comprei essa ideia e queria obrigar isso na minha filha. Ela me mostrou que não, que a coisa vem de dentro. Que a gente tem que se descobrir e daí saber o que quer, depois fazer, e ir fazendo, que o assim a gente vibra no campo quântico, no universo, e as situações, as coisas que a gente precisa, chegam para nós, é natural do equilíbrio da vida (Evadison, Transcrição de entrevista, 19/12/2021).

Isto demonstra o uso de uma linguagem, presente na tradição taoísta, de equilíbrio e transformação através dos contrastes e das diferenças representadas pela relação pai/filha, que, percebido na fala de Evadison, dão visibilidade às articulações simbólicas incorporadas pelo interlocutor, daquelas utilizadas pelos terapeutas. Além disso, os usuários detêm algum tipo de conhecimento referente estes conceitos tradicionais e de outras técnicas terapêuticas contemporâneas, produzindo suas próprias interpretações e arranjos de acordo com suas experiências particular, mobilizando sempre novos significados.

Notei, por exemplo, que alguns frequentadores haviam realizado outros cursos de formação terapêutica oferecidos na Escola. Maria de Fátima, realizou por duas vezes o curso Arte de Estar no Agora, e nós nos encontramos em um evento ocorrido na Escola, no final do ano de 2021. Ela demonstrava a satisfação em mencionar que, após dois cursos de autoconhecimento, havia realizado outra formação, o curso de *Barras de Access Consciousness*: “depois do Artes eu fui para as *Barras* (...). Não estou trabalhando com atendimentos ainda, faço só para a família e alguns amigos (...), estou fazendo meu autoconhecimento” (MARIA DE FÁTIMA, DIÁRIO DE CAMPO, 17/11/2021).

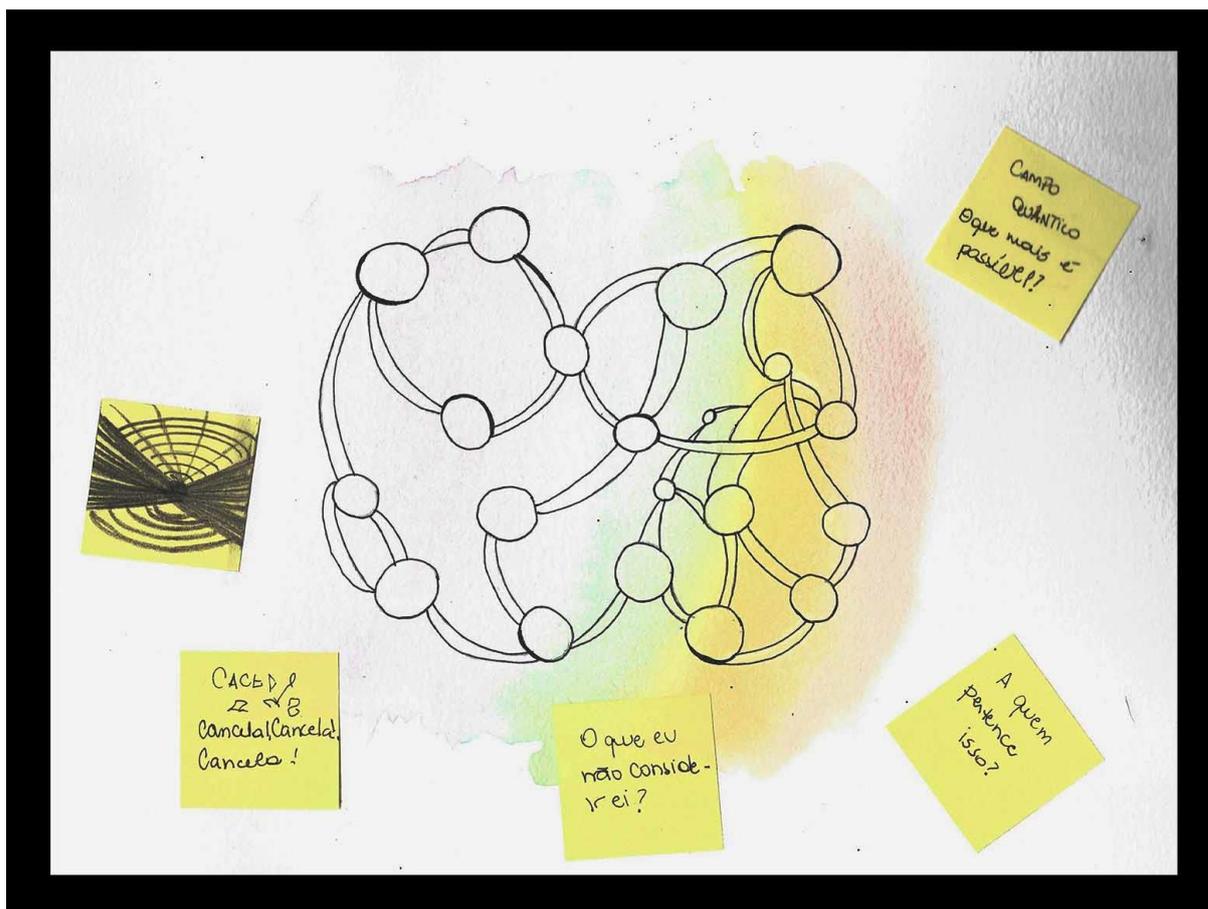


Figura 6: O que mais é possível. Campo de possibilidades quântico. Fonte: Autora, fevereiro de 2021.

O desenho acima faz referência a narrativa do curso referido pela interlocutora. Mesmo sem que a técnica seja desenvolvida no interior do curso de autoconhecimento, é possível perceber que suas narrativas aludem a ideia de “campo quântico” como uma instância em que o pensamento age de forma efetiva, através de momentos de atenção como se formassem-se “pontos” de conexão guiados através de determinadas “linhas” de raciocínio que na referência de Evadison transformariam a pessoa em “livre das tradições”. Inicialmente me peguei desenhando inúmeras linhas que se conectam através de pontos, sobre um papel previamente colorido. Impregnada pelas narrativas, fui adicionando mais e mais linhas. Durante os encontros eu anotava impressões em pequenos cartões de notas rápidas que fui anexando à primeira imagem. No entanto, o entendimento de que o desenho se tratava de uma forma visual a respeito do “campo quântico”, isto é, de uma instância extra-física ao qual os interlocutores buscam por meio da meditação, alcançar, somente se revelou quando investi a minha atenção nos desenhos correlacionando-os às narrativas dos interlocutores. Mesmo sem observar as práticas propriamente ditas, percebi que ao se referirem ao “campo quântico”, os

interlocutores acionaram a narrativa do autoconhecimento como busca de reequilíbrio, fazendo novamente pensar no eterno fluxo do símbolo *yin-yang*. De certa maneira, o “campo quântico” é uma forma de perceber o movimento da forma. A ação praticada no dia a dia dos encontros dá performance individualizada ao processo simbólico reinventado. Os interlocutores dizem que tais tipos de relação apenas acontecem, em termos de eficácia, quando o indivíduo toma conhecimento de si mesmo, de suas “energias” e das formas como age e reage frente às relações sociais que travam durante o percurso da vida. De modo que os pontos conectores entre as linhas do desenho, em alguma medida, revelam aspectos inter-relacionais, não só da relação entre a pessoa e a força extra-física, mas também, nas relações sociais de toda a ordem. Desse modo suas partes (corpo material, corpo espiritual, mente, alma, consciência), são transacionadas, real ou imaginariamente pela pessoa. O corpo da pessoa em relação com o “campo quântico” seria um veículo de perspectiva (LUCIANI, 2001).

Este curso é eminentemente realizado através da dinâmica terapeuta/paciente. A referência à terapia com Barras de *Access Consciousness* surge no curso Arte de estar no Agora, através da técnica de mentalização de algumas frases que visam a identificação de determinadas formas de pensamento. Estas formas de pensar, quando são identificadas como de baixa vibração energética, poderiam ser assim qualificadas a partir de uma reação emocional do corpo do indivíduo ao pensamento, nesse momento a pessoa deve se dedicar a analisar a situação e buscar se distanciar da emoção para compreender os possíveis motivos que levaram ao sentimento/sensação de desconforto, para assim, iniciar um processo de desidentificação ou ressignificação das sensações ativadas no corpo pela rememoração. Para isso, também são observadas as características positivas e negativas da memória no tempo presente (percebidas a partir da análise das reações do corpo à memória) e partir disso, busca-se transformá-la.

Vê-se que o transicionamento das reações mentais às memórias despertadas, representariam as polaridades *yin* e *yang*, ora representadas pelas reações positivas e negativas que são de livre associação realizada pelo praticante. Estas partem de uma situação de extrema subjetividade, para um processo de objetivação, com a categorização das ações e reações percebidas na memória da pessoa. Quando essas memórias não surgem, é ensinado pelos terapeutas que se questione em voz alta “a quem pertence isso?”, uma vez que, acredita-se que as

energias geradas pela “força dos pensamentos” podem partir de outros corpos, e serem assimiladas/sentidas no próprio corpo. Assim, um pensamento negativo de uma outra pessoa, onde quer que estivesse, poderia ser captado por outra pessoa e causar-lhe alguma sorte de efeitos físicos.

Esse processo é similar ao que aconteceria na meditação descrita acima, em que se busca captar as energias do sol e introduzi-las no corpo ao colocar as mãos sobre o ventre. Ou na meditação do sorriso interno, na qual paisagens são imaginadas com a finalidade de “produzir através da mente” a conexão com energias de estariam contidas nos elementos minerais, vegetais, etc., para o reequilíbrio dos órgãos vitais.

Eduardo menciona que alguns desconfortos ocasionados pelas energias negativas podem ser confusão mental, dores de cabeça, náuseas, entre outros (Diário de Campo, 27/05/2021). O contrário também pode ser percebido quando são detectadas sensações agradáveis no corpo, como um relaxamento repentino do corpo, alegria e até certa euforia (idem)

No caso em que a pessoa mesmo não sendo praticante das *Barras de Access Consciousness* busca por energias consideradas positivas, é indicado no curso Arte de Estar no Agora, expressar questionamentos ao cosmos, com a seguinte frase “Universo, o que mais é possível?” Esta questão é entendido pelos frequentadores da Escola, como uma “emissão” em que haveria uma espécie de força expelida pela boca. Quando vocalizada, acabaria por estabelecer conexão com o “campo quântico” e este seria um campo imaginado como repleto de potencialidades, isto é, uma instância imaginada similar ao sentido de “não-ação” taoísta: “O Homem Sagrado realiza a obra pela não-ação/ E pratica o ensinamento através da não-palavra” (LAO TSÉ, 2001, p. 4).

No que tange à eficácia da técnica utilizada, o valor é medido pelo “empirismo terapêutico”, isto é, o procedimento utilizado/ensinado se dá com base na verificação experimental da eficácia da técnica, sem preocupações reflexivas sobre a “origem” baseada em uma determinada tradição religiosa/espiritual.

Não importa, nesse contexto, o referencial cosmológico no qual ela se encontra inserida, ou mesmo – como pode ser verificado em algumas técnicas – a ausência desse referencial. Nesse caso, não parece existir uma necessidade de justificação conceitualmente “anterior” para que a sua “validade” possa ser comprovada, mas como um processo “polimorfo e causador em múltiplas e imprevistas dimensões”. O critério definidor de sua utilização, que comparece como uma máxima, diz respeito à constatação de

que “a terapia funciona” e a sua justificação vai ser alicerçada nessa constatação de ordem experimental (TAVARES, 2012, p. 81).

Alguns dos elementos simbólicos e performáticos constitutivos de técnicas terapêuticas quânticas, referentes aos demais cursos da Escola são utilizados pelos terapeutas na elaboração do material didático do curso Arte de Estar no Agora. Para isso, os terapeutas se servem de uma série de obras bibliográficas bastante difundidas no meio neo-esotérico, contudo não se prendem apenas ao material didático, pois este é continuamente reformulado, de modo que é usual que adaptações ao cronograma inicialmente proposto sejam feitas ao longo do curso. Isto significa que o curso demonstra alterações dinâmicas, incluindo improvisações, novas narrativas e novas técnicas, na medida em que os terapeutas realizavam novos cursos de formação. É preciso considerar que os terapeutas fazem escolhas de formação predominantemente voltadas ao universo quântico, e quando não, adaptadas aos seus entendimentos cosmológicos quânticos, demonstrando a dinamicidade e a criatividade própria do fenômeno das novas espiritualidades Nova Era, que são continuamente alimentadas por novas percepções, algumas delas oriundas do universo científico.

Tavares (2012) enfatiza que a própria reconstrução da trajetória individual dos terapeutas das novas espiritualidades da Nova Era, com os quais se relacionou para a sua pesquisa na cidade do Rio de Janeiro, implica em um processo que é sempre revisitado e incorre em novas interpretações. Este movimento define o dinamismo e contínua reelaboração dos conhecimentos com base em interpretações feitas *a posteriori* às experiências vivenciadas.

Sob essa circunstância, Bourdieu esclarece (1996), que a “história de vida” deve ser percebida como um processo que se constrói a si mesmo (auto produzido), na forma de um devir, que implica em transformações sucessivas de um espaço social cuja reelaboração é providenciada pelo sujeito da narrativa.

Desse modo, observei que a dinâmica “transformista” das narrativas e das técnicas utilizadas nesse meio pode ser compreendida no terreno das noções de um “campo de possibilidades” e dos “projetos” pedagógicos estabelecidos no interior da linhagem terapêutica criada pelos terapeutas, dentro dos quais se manifesta uma articulação entre o campo de opções potenciais. Segundo Velho (1994) essas opções são reconhecidas pelo agente, e suas escolhas particulares são as que reorientam continuamente a sua trajetória individual (VELHO, 1994). Portanto o

projeto pedagógico bem como as narrativas que o sustentam, apresentam uma tentativa de se conferir “lógica” a um conjunto de opções que foram construídas no âmbito de escolhas realizadas no “campo de possibilidades” conceituais e simbólicas em que se manifestam no âmbito sociocultural.

3.3 Meditação ativa e autoconhecimento

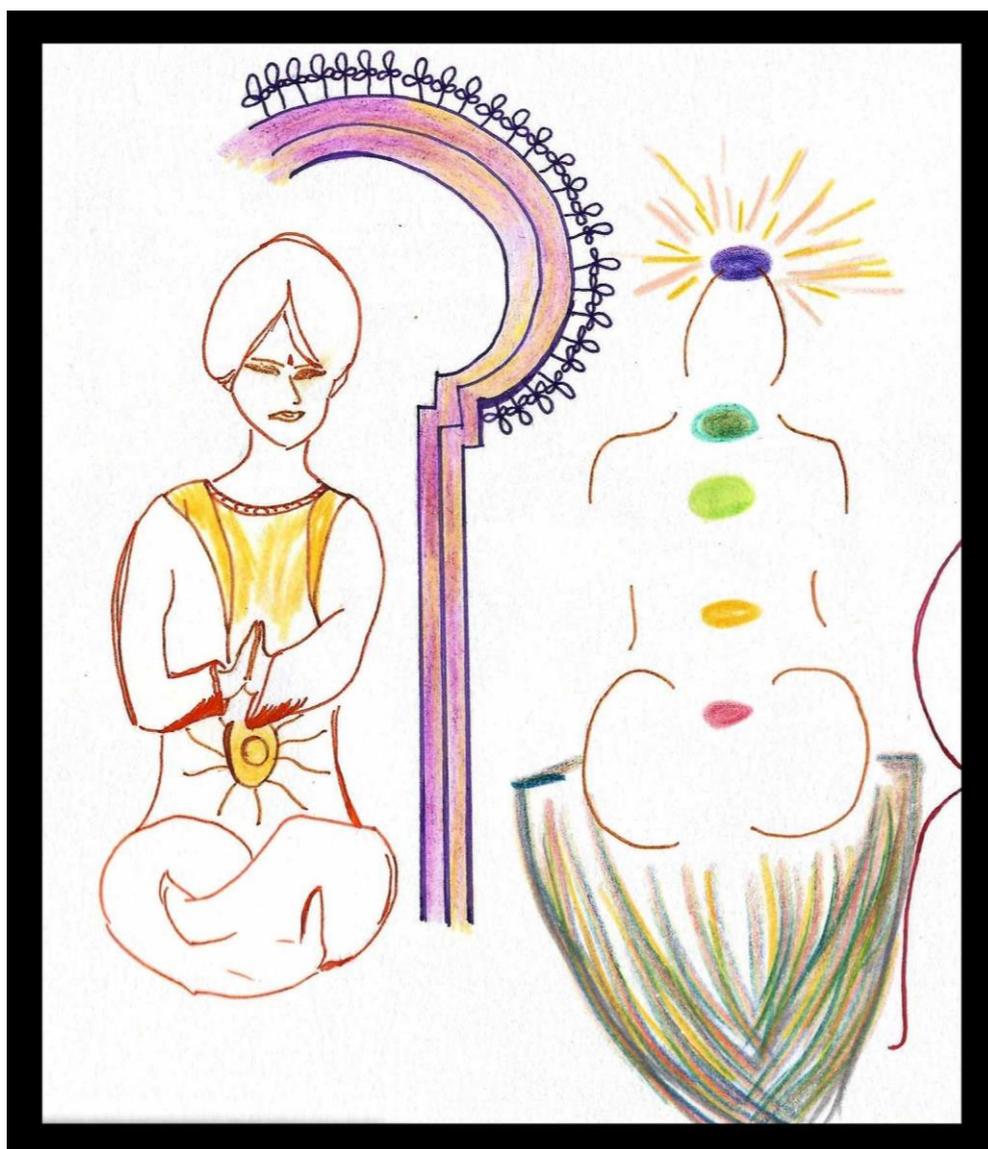


Figura 7: Concepção de espiritualidade, os mestres e a transmissão do ensinamento com dádiva.
Fonte: Autora: 16/09/2020.

Uma coisa legal, também, desse movimento [Nova Era], que a gente trabalha aqui, que as filosofias espirituais mais antigas trazem, até do yoga, se a gente for ver, acontece que nega também a matéria. Mas tu podes colocar nas referências do Arte de Estar no Agora, tem o Osho, Lao Tsé e o Chuan Tzu (Chuan Tse), também. (...) Osho é um mestre muito irreverente,

pouco usado, ele viveu até 1990, tão grandioso, nós consideramos, tanto quanto Jesus, Buda, foi um grande mestre iluminado. (...). Arte de Estar no Agora, que tu tivestes a vivência, a gente acredita assim, a base da Escola do Ser é viver em presença; mudar; reprogramar a mente consciente e inconsciente; expandir a consciência, também com essa coisa de conexão à Fonte sem dogmas, tu entendeu? Sem religião, sem a necessidade de uma religiosidade; e o corpo, então é olhar para o corpo como um campo de possibilidades (FABIANA, TRANSCRIÇÃO DIRETA DE ÁUDIO DE ENTREVISTA, 30/04/2023).

É interessante notar que a narrativa de Fabiana, se relaciona com o desenho feito por mim no contexto das aulas de autoconhecimento em que a referência a exegese da meditação era constantemente relacionada a práticas tradicionais e filosofias espirituais antigas. O contraponto colocado pela interlocutora, em relação às espiritualidades “mais antigas”, está na percepção do corpo material como uma instância da experiência espiritual que teria sido negligenciada pelas tradições religiosas, o que sugere um redirecionamento do corpo a uma dimensão do sagrado na prática da espiritualidade Nova Era.

Também é possível observar a multiplicidade de referências e metáforas engendradas pelos terapeutas no que concerne ao “uso” do corpo nas práticas espirituais, atualizando os princípios de “iluminação” espiritual, advindas por exemplo, do Budismo e Hinduísmo, como um englobamento da matéria física nas práticas do dia a dia, como uma espécie de eterno retorno ao passado, mas que paradoxalmente, busca sempre o “novo” e a “simplificação” dos elementos dados por essas tradições, para o estabelecimento de uma relação física e espiritual com uma dimensão cósmica com a “Fonte” energética.

Para Bianchini (2013) o Hinduísmo reconhece um grande número de seres divinos e um ser supremo impessoal, chamado *Brahman*, uma das formas de expressão popular na Índia é a devoção a algumas divindades denominadas *Devas* (masculino) e *Devis*¹⁸ (feminina) que são consideradas como manifestações do Ser Absoluto *Brahman*. Este é desprovido de gêneros, não possui templos, nem estátuas e nem representação iconográfica, assim como também não são realizados cultos a divindade *Brahman*. As cultuações às divindades derivadas do Ser absoluto partem da escolha individual do adepto, que também podem derivar de contextos culturais familiares. O poder cósmico é concebido como um princípio ativo do universo e é “personificado” como um/uma deus/deusa. A pesquisadora destaca que no

¹⁸ Em Bianchini (2013) Sakti, é considerada a Grande Deus, a energia primordial, da qual derivam todos os demais Devas e Devis. Em sânscrito, Sakti significa “energia” ou “poder”.

hinduísmo enfatiza-se a meditação sobre certos símbolos e austeridades específicas que tem como objetivo alcançar níveis de relação com a divindade Suprema como um caminho de conhecimento marcado pela ação de um excessivo ritualismo em direção a realização espiritual, de modo a realizar um aprofundamento do “Eu” mais profundo com a divindade *Brahman*.

Em relação a busca por um “caminho de conhecimento” tradicional no hinduísmo, na relação do indivíduo com as dimensões energéticas imateriais do “Supremo”, bem como das múltiplas formas de manifestação dessa energia enquanto deidades, encontramos na atenção dada ao corpo individual do *habitus* Nova Era um propósito atualizado da ritualística energética hinduísta, que desta feita concebe o corpo como uma manifestação divina, e envereda para o autoconhecimento, movimentando a ideia da “ritualística excessiva” para uma noção de “trabalho” individual. Este, por sua vez, reforça a ideia de um esforço íntimo nem sempre considerado fácil de ser alcançado, uma vez que o autoconhecimento, como um processo terapêutico contínuo, pressupõe, por seu caráter ambíguo, tanto um trabalho íntimo, quanto outro inextricavelmente atrelado à reflexão sobre as relações sociais e ambientais, pressupondo uma noção de corporificação da totalidade das interrelações.

Esta situação se revela na forma com a qual as doutrinas filosóficas tradicionais são abordadas enquanto formas diversas de explicar a noção de energia e a noção de sagrado, no que se refere ao autoconhecimento. Os interlocutores consideram que o autoconhecimento é uma forma de espiritualidade e de espiritualização, sem qualquer conotação religiosa dogmática, contudo, observam ser uma forma de expressão da religiosidade em que a prática de meditação, tem como uma de suas finalidades o reconhecimento das capacidades “essenciais” do indivíduo e de suas “moléstias” (desequilíbrios) físicas e morais.

Durante os encontros do curso A Arte de Estar no Agora, notei que os terapeutas, ao mencionarem personalidades ligadas à outras religiosidades, tais como Jesus e Buda, estes são descritos por uma capacidade individual que teriam de transmitir ensinamentos para que seus discípulos e seguidores alcançassem conhecimentos sobre a vida, e experimentassem mais felicidade, amor, adquirindo uma espécie de “poder” sobre si mesmos. Seguidamente esses exemplos são trazidos ao diálogo, no entanto, essas personalidades sempre são mencionadas como pessoas, ao mesmo tempo “comuns” (como nós) e “iluminadas” (como as

deidades hindus, expressões da energia fundamental/suprema), que conseguiram alcançar, através da exegese do autoconhecimento, principalmente através da meditação, o autocontrole emocional que os “garantiu” êxito pessoal frente às dificuldades impostas pelas circunstâncias políticas e sociais de seu tempo. Como destaca-se no fragmento abaixo:

Jesus, Buda, e outros grandes mestres iluminados, todos eles foram como eu, como a Fabiana, como vocês, como qualquer pessoa, que tiveram problemas, que não curtiram o sistema de pensamentos da época deles e que entenderam que tinham que se conhecer melhor, e ter um olhar mais crítico sobre a vida, mas sem deixar que isso contaminasse a forma deles de amar, de ser bom para o próximo e de ser justo. Jesus disse “não” quando devia, também. Chorou também quando sentiu dores e sofreu ingratidões, mas ele tinha princípios e sabia que ele era a expressão do amor incondicional, da Fonte de Toda a Criação. Jesus era um grande cara, meditava, ele tinha lá os que escutavam ele e os que não escutavam, e tava tudo bem. Ele sabia que Deus estava nele. (...). Buda é outro grande mestre iluminado, um dia ele saiu da “casca” de ilusões que ele vivia e viu a pobreza do reino e se deu conta de que tudo aquilo que diziam para ele sobre ter poder e riqueza era bobagem, ele sentiu no coração dele que ele estar rico enquanto os outros passavam fome, não fazia sentido para o propósito de vida dele, não batia com o que tinham dito pra ele desde que nasceu, com aquilo que ele estava vendo com os próprios olhos, daí ele começou a pensar: ‘Poxa! tem coisa errada aqui, o que me disseram lá e o que eu vejo aqui não me faz sentir feliz na minha consciência, tem alguma coisa errada, vou ver o que é’, ele meditou, refletiu e ensinou outras pessoas (...). Eles se autoconheceram, e respeitaram aquilo que sentiram. Esses mestres compartilharam o que percebiam. Transmitiram aos outros aquilo que viam com os próprios olhos, eram os caras da Nova Era do tempo deles, no meu ponto de vista (EDUARDO, A ARTE DE ESTAR NO AGORA, TRANSCRIÇÃO DE AULA, 16/05/2021).

A iluminação individual no contexto evocado na Escola do Ser denota uma “marca pessoal”, conferida aos mestres, através do exemplo deixado através de suas ações em relação a si mesmos e aos outros de seus convívios. Destes exemplos, são destacados os valores morais que eles teriam deixado como legado aos seus seguidores/discípulos, tais como o amor, a humildade, a tolerância, a dignidade e a autoconfiança. Destaca-se das narrativas que embasam os personagens históricos, o simbolismo espiritual e místico da experiência religiosa vivenciada por eles em suas “individualidades”. Isto é, da doutrina de vida seguida pelos “mestres”, como sinônimo ou “alegoria” que explica o sentido do autoconhecimento na Nova Era, como uma “batalha” interior e um “trabalho” individual constantes. Esta ênfase na espiritualidade, contudo, não descarta a percepção da dissonância entre os modos como o indivíduo encara a sua

espiritualidade e os meios como o ambiente social estima ou institucionaliza determinados valores e práticas para a expressão da espiritualidade.

Isto significa dizer que além do simbolismo espiritual observado quando são referidos os “mestres históricos”, também há um posicionamento cosmopolítico dos terapeutas, que busca instaurar um “novo regime” social, o da nova era. Não só a eles interessa a mudança nos padrões de religiosidades, mas a liberdade de poder escolher, dentre as muitas expressões espirituais, a que mais lhes convém seguir e disseminar através da esfera do trabalho profissional, como uma maneira de compartilhamento de suas ideias sobre a vivência da espiritualidade no contexto atual. As circunstâncias sociais e culturais em que viveram os “mestres iluminados” estão implícitas nas narrativas terapêuticas do autoconhecimento.

3.4 Estado de presença e autoconhecimento energético.



Figura 8: Estados de presença dizem respeito a qualquer momento vivido pelo indivíduo. Fonte: Autora, 1) 26/9/2020; 2) 14/05/2021.

Acompanhei a prática da meditação do *Thetahealing* ao ser realizada no curso de autoconhecimento e meditação *A Arte de Estar no Agora*, assim como também em *lives* no instagram e outros eventos realizados pela Escola do Ser, de maneira *online*. A minha presença para além do curso (em diversas modalidades de

transmissão e em contextos variados de manifestação, como aulas, práticas coletivas e eventos de divulgação) era motivada principalmente pelo fato de que algo escapava ao meu entendimento sobre as narrativas das práticas terapêuticas que eu observava. O principal complicador estava intimamente relacionado à predominância da utilização do termo “quântico” para descrever o “estado de presença”.

O desenvolvimento das falas dos interlocutores sobre a ciência quântica propriamente dita, tampouco era o objetivo do grupo, o que dificultava o entendimento da terminologia, pois a definição de “campo quântico” era algo fora do meu escopo de entendimento para que fosse possível fazer analogias. Assim, recorri ao material de base do curso de *Thetahealing*, além do manual do curso A Arte de Estar no Agora, no qual a interpretação quântica das terapias é descrita do seguinte modo: “Na física quântica, o ato da observação afeta o resultado. *Thetahealing* é o ato da observação”, (MANUAL DO THETAHEALING, STIBAL, S/D). Me instiga saber de que modo a percepção da física quântica é articulada com a espiritualidade no contexto dessas terapias e como a noção de espiritualidade se articula com esse conceito no que se refere ao “estado de presença”.

As práticas meditativas, de modo geral, são descritas, tanto no manual do *Thetahealing*, quanto nos encontros do curso A Arte de Estar no Agora, como uma possibilidade de observação e mudança das perspectivas individuais. A meditação proporcionaria as condições de imaginação ou visualização mental daquilo que o praticante pretende alterar/curar em si mesmo. Assim, com a meditação seria possível transformar os modos de observar as situações de vida em seus variados âmbitos.

O estado de presença, na fala de Eduardo parece se dever uma forma de treino mental que ocorre através de exercícios variados de meditação, esse treino é denominado por ele de “arquitetura mental”.

Com o autoconhecimento tu vais acabar fazendo uma nova arquitetura mental, tu fazes um novo constructo aqui dentro da mente. A mente é alterada, é uma arquitetura. A tua arquitetura de repente está ali na dificuldade, mas teus neurônios mudam, então tu te dás conta: “eu posso mudar!”. E essa é a questão que a gente faz aqui, a gente usa o “*Thetahealing*”, usa “Barras”, a gente usa a meditação para viver em presença (EDUARDO, DIÁRIO DE CAMPO, 16/04/2023).

Segundo Eduardo, envolve processos de atenção e desatenção aos pensamentos, estes que seriam responsáveis pela estimulação de outras sensibilidades tais como as emoções e os sentimentos. O treino do “estado de

presença”, através de uma educação da atenção em seu sentido holístico, isto é a percepção das reações internas mentais indivíduo aos estímulos externos, conduz a um outro dito de “arquitetura mental”, promove a diferença de si para si.

O elemento fundamental da noção de tempo, no para o entendimento da categoria êmica “estado de presença” está no aprendizado da auto-observação, do autoconhecimento como um processo durável no tempo e no espaço. Pode-se notar aí um ideal romântico da concepção de tempo, como descrito por Duarte (2004). A noção de tempo romântico é irreversível, pois se dá ao redor de ciclos ou retornos. na melhor das hipóteses pode conter a ideia de ciclos ou de retornos, nunca a de uma indiferença ou indistinção. Para o autor a duração é irreversível e espessa, ela é diferencial e não mensurável pelo mecanismo de um relógio e sim com a sensibilidade interior.

Assim, pode-se perceber que o exercício terapêutico da meditação através da categoria da “presença” de si em si, seja do *thetahealing*, mas também de outras modalidades de meditação e mesmo de uma reflexão profunda sobre si mesmo, tem como objetivo a busca de elementos de memória. Logo, de padrões de pensamentos e de sensações que são aprendidas durante a vida particularizadas na biografia de cada individualidade.

O estado de mente *Theta* é obtido quando você conecta a sua consciência ao Criador, através do seu Chakra Coronário, e comanda a sua mente inconsciente a co-criar junto com o Criador para propósitos específicos, como por exemplo: leituras e curas. (...). Embora todos os chakras e centros de energia sejam usados em curas, é o Chakra Coronário o mais predominante no *Thetahealing*, sendo um “portal de abertura” para a verdade do Criador (MANUAL DO THETAHEALING, STIBAL, S/D).

O “agora”, presente na denominação do curso “A Arte de estar no agora” refere-se à concepção quântica de *momentum* de observação/percepção, e carrega em si um sentido psicanalítico associado às práticas terapêuticas. Assim, cada momento de meditação é um momento de cura e de despertar da consciência individual, no qual as energias atuam no corpo do indivíduo e o indivíduo atua no ambiente com a sua própria energia. É no “agora” que são esperadas as curas, isto é, as transformações de perspectivas, modos de pensar e de sentir (decodificar) as emoções.

Conforme registrei em alguns dos encontros do A Arte de Estar no Agora, fica evidente que as terapias utilizadas para o autoconhecimento seguem um modelo de

argumentação sobre as capacidades mentais de concentração em que o corpo psíquico seria composto por espécies de “sensores” que captariam, a todo momento, estímulos do ambiente. Uma vez em desequilíbrio, poderiam ser sentidos seus efeitos de maneira física, como enjoo ou dores de cabeça. Contudo, o sentido quântico é evocado como um fator “temporal e espacial” em que ocorre o que eles denominam como “observação”. “Viver em presença” significa, portanto, um estado de auto-observação seria o momento da transformação é fundamental para a eficácia terapêutica. Na auto-observação, “tal corpo torna-se, de algum modo, consciente de sua multiplicidade (ele percebe, através dos sentidos, e assume uma existência múltipla) no momento em que é afetado e transformado na prática”, Rodrigues e Chiesa (2014, p 9).

O tempo da duração do estado de presença, seja ele da meditação propriamente dita, mas em qualquer tempo e lugar, é entendido como um momento sagrado, pois é um tempo medido no corpo e que cria a “diferença” (cura/transformação/autoequilíbrio) sendo indiferente a qualquer outra temporalidade regida pelo plano das ideias, compromissos sociais, projetos futuros, etc. Em outras palavras, em qualquer ocasião, o indivíduo acredita, com base nos efeitos da experiência, que praticando alguma das terapias de autoconhecimento energético, é capaz de “estar em presença”, de estar “no agora”, portanto de estar consciente de si e vivenciando a sua espiritualidade. Assim, é possível dizer que um “instante” pode ser sacralizado através da educação da atenção (INGOLD, 2000). Com efeito, é pela consciência do/no corpo que o indivíduo se desenvolve, nos processos de autoconhecimento, de atenção às ações que executa, também dos pensamentos, sentimentos ou emoções que experimenta.

3.5 A noção de corpo quântico

Em dado momento, enquanto conversava com Fabiana, questionei se seria possível entender os pensamentos, sentimentos e emoções como um sinônimo para a compreensão da alma do indivíduo, a minha intenção com essa pergunta era buscar compreender qual a sua percepção sobre esses aspectos, suscitados durante o processo trabalho de autoconhecimento. Fabiana, estimulada pela minha

pergunta, desenhou um esboço que expunha a sua representação do corpo integral de forma objetiva, condizente com a sua personalidade.

Neste desenho Fabiana demonstra a alma (essência espiritual) como “contendo” o corpo físico e aborda com isso a sua interpretação para os processos de pensamento, mente e consciência de si, que podem, segundo ela, ser curados através dos trabalhos terapêuticos energéticos de autoconhecimento.

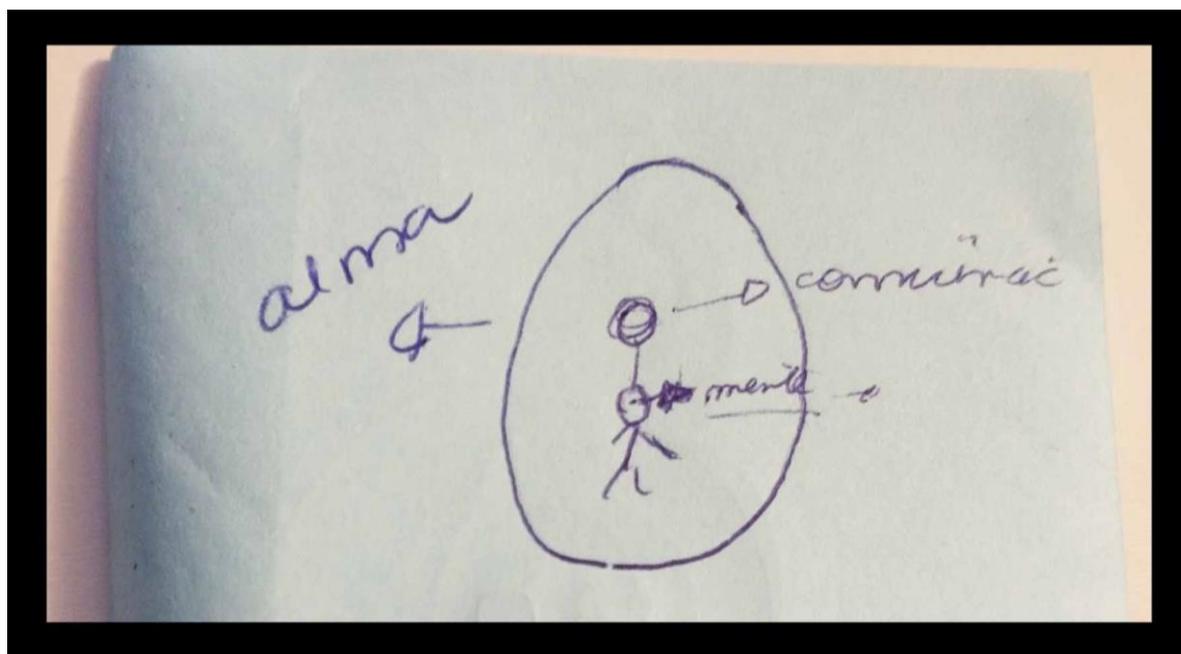


Figura 9: Esboço do corpo quântico. Fonte: Fabiana; 30/04/2023.

A mente é diferente da consciência. A alma faz parte de tudo o que nós somos. O Eduardo explica bastante isso nos cursos de “*Theta*”. Pronto, aqui estamos nós. A mente faz parte desse bonequinho aqui, mas ela não é o bonequinho todo. A mente é mais terrena. É do material, a mente vem do cérebro, por isso que cada pessoa é diferente uma da outra (...). Aí dentro do conceito de mente, tu vais ver mente consciente, mente subconsciente, mente inconsciente. Dentro da mente subconsciente vai ter várias subdivisões. Aqui em cima, é a consciência, ela observa a mente, observa o ego, sem necessariamente ter um senso de identificação. E a alma seria tudo o que tu és. Nessa dimensão e em outras dimensões. Em todas as dimensões, em todos os tempos e espaços. (...). O tempo na nossa concepção não é linear (...). O pensamento ele volta, então às vezes a gente está preso em anos atrás, com algum pensamento, com alguma emoção. Às vezes a gente tem um ressentimento lá de quando a gente tinha cinco anos de idade que a gente... que é real hoje no nosso mundo, que a nossa mente vive... o nosso corpo vive e vibra como se estivesse lá ainda se a gente não trabalha isso. (...) a gente volta no passado e cura. Volta no passado, volta no trauma e cura. A nossa mente subconsciente, quando a gente tem um trauma ela forma uma bolha de proteção. Às vezes a gente está vivendo sob efeito de um trauma, e não se dá conta. Não é incomum que a pessoa esqueça do trauma. Ela fica ali achando que ela está maluca, está louca (risos). (FABIANA, TRANSCRIÇÃO DIRETA DE ÁUDIO, ENTREVISTA, 30/04/2023).

Em seguida questionei a interlocutora se seria possível entender que a “mente” é formada pelas informações aprendidas pelo indivíduo desde o momento do nascimento. Ela respondeu-me que sim, que a mente é formada por “pensamentos, sentimentos e emoções” que são aprendizados sociais, por isso o autoconhecimento seria necessário para a cura das “cargas energéticas que o cérebro acaba produzindo” (Idem). A partir do exposto na fala e no recurso gráfico utilizado pela interlocutora, é possível considerar a argumentação que Maluf (2005) faz a respeito da noção de pessoa e de trabalho “interior”, considerando uma espécie de topografia interna do indivíduo, que contempla seus vários “eus”.

simplificadamente esse *topos* é o seguinte:

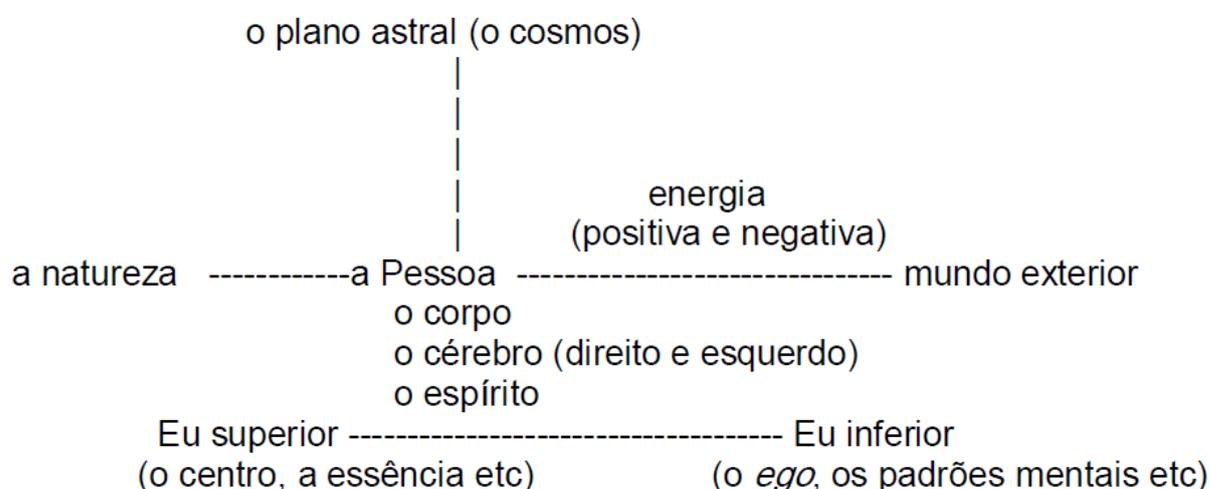


Figura 10: Topos. Fonte: Maluf; 2005, p. 7.

Nesse esquema, a antropóloga demonstra que a noção de Pessoa é figurada em suas diferentes camadas (o cérebro, o espírito e o corpo) e através de dualidades e dicotomias que organizam e geram a sua dinâmica interior e suas ações no mundo. Ainda argumenta que, no plano relacional, a pessoa estabelece através do trabalho interior, uma troca com o mundo exterior e com o astral (“mais elevado”, “divino”, “cósmico”).

A dicotomia representada pela oposição entre um “Eu superior” e um “Eu inferior”, entre o ego e a essência pessoal, corresponde a um comportamento “autêntico, puro e espiritualizado” ou “dependente, egoísta e não espiritualizado”. Mas a relação entre um e outro termo dessas dualidades internas da pessoa não se limita a uma simples oposição de

contrários. Tratam-se de dualidades dinâmicas onde um dos termos deve ser transformado no outro através de um trabalho, o termo positivo da oposição sendo, de um certo modo, o devir de seu negativo (MALUF, 2005, p. 8).

Em alguns momentos pude perceber a concepção de corpo relacionada à ideia de “avatares” animados do corpo imaterial (alma) essencialmente energético. Nesse sentido, o corpo físico seria necessário à evolução espiritual. Assim, o corpo seria um meio pelo qual a experiência material da espiritualidade se faz possível, com a ação do indivíduo no autoconhecimento, para a “verificação” de energias que estariam retidas em seu subconsciente (no cérebro), os conhecimentos adquiridos em experiências pregressas e atuais (na mente). Fabiana comenta também sobre a possibilidade de uma pessoa ter retida em seu corpo energias (padrões de pensamentos) advindos de ancestrais familiares ou mesmo de “memória coletiva da Terra” (Fabiana, transcrição de entrevista gravada em áudio, 30/04/2023). Não se descarta aí a crença na reencarnação, que também foi confirmada pela interlocutora.

Sobre isso, convém observar o argumento de Magnani (2000), que considera o postulado de que tais crenças, não só constituem narrativas basilares das culturas da Nova Era, como se pretendem a metanarrativas, no sentido de se colocar acima de diferenças étnicas, ideológicas, religiosas, o humano como exercendo certo protagonismo num plano de dimensões cósmicas, como costuma-se afirmar no meio neo-esotérico, “somos todos tripulantes da nave Terra” (Idem, p.82).

Tal como teriam feito os “mestres”, a meditação propiciaria as condições mentais necessárias para o “despertar” desses conhecimentos soterrados na mente, cujo resultado seria o autoconhecimento progressivo. O trabalho interno é descrito através da técnica de meditação ensinada durante o curso a Arte de Estar no Agora, como um modo de dissolver da mente os padrões mentais, (pensamentos, sentimentos e emoções) descrito no esquema acima proposto por Maluf como o “ego”, o “*Eu inferior*”.

Essa noção de corpo quântica, aqui, pode ser compreendida como uma forma de “fragmentação de si” em várias temporalidades e espaços, ao qual o indivíduo se tornaria consciente a partir de um investimento de observação. Nesse sentido, a consciência sugere uma dimensão multiculturalista do corpo, isto é, o corpo como um conjunto de maneiras ou de modos de ser que constituem um *habitus* incorporado desde o nascimento, ou mesmo anterior a ele, mas que pode ser alterado através de técnicas e procedimentos terapêuticos, mas fundamentalmente

pelo trabalho interior do autoconhecimento. Os corpos, assim, são considerados feixes de afecções e capacidades que despertam diferentes pontos de vista (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

3.6 Autoconhecimento, espiritualização e a ideia de energia

Apreendi a ideia de espiritualização através dos estados de presença propostos nas meditações do curso Arte de Estar no Agora, nas quais foi possível perceber que esta espiritualização é compreendida pelos interlocutores enquanto modos de o indivíduo relacionar-se com o ambiente, e não parece ser alicerçada no contato com seres extrafísicos (espíritos), mas com ondas extrafísicas (energias). Para isso, me detive nas narrativas dos interlocutores, a fim de melhor compreender os sentidos com os quais as energias são experimentadas e assimiladas pelos indivíduos que as narram como formas de pensamentos, sentimentos e emoções. Com isso, as energias são utilizadas para explicar toda e qualquer ação praticada pelo indivíduo durante a vida. Entendo que essa percepção é alusiva ao trabalho interno do autoconhecimento, em vários e curtos “estados de presença” ou “estados de atenção” ao corpo e suas sensibilidades, afetos e afecções.

Nesse sentido, convém compreender que o sentido terapêutico das práticas rituais e as dimensões espirituais ou religiosas das práticas terapêuticas não dependem da ação em si, mas dos sentidos dados a estas ações num contexto social particular.

Rodrigues e Chiesa (2014) percebem essas relações em suas análises comparativas sobre dois casos terapêuticos envolvendo cirurgia astral e acupuntura. Nestas análises eles observam que os pacientes destas abordagens terapêuticas *sentiram* os efeitos de atuações extrafísicas em seus corpos e os relataram como eficazes pelos efeitos que constataram em seus corpos. Esses efeitos, foram considerados como mudanças nos modos de pensar e atenuar os males físicos, como a cura de uma dor de cabeça crônica e os efeitos desconfortáveis da labirintite relatada por seus interlocutores. Os autores concluem que tais práticas ou agenciamentos são eficazes, não somente pelo que eles representam (doença/cura), mas sim pelas transformações e afecções que as experiências provocam, os efeitos

que produzem e a adesão que implicam. Importa, dessa forma, compreender o que estes agenciamentos ou práticas “fazem fazer” (RODRIGUES E CHIESA, 2014).

Com base nisso, entendo, que as terapêuticas do autoconhecimento energético, se dão a partir de curtos rituais em que a ideia fundamentalmente construída é a de que o corpo é poroso e vazado, assim como propõe Ingold (2011) e, por isso, seria propenso a processos de abertura para ser afetado pelas energias do ambiente (FAVRET-SAADA, 2005; RODRIGUES E CHIESA, 2014)¹⁹. Evidencia-se assim, que definir uma determinada forma de ação como “terapêutica” ou “religiosa” não é algo dado apenas pelo contexto, mas pelo significado que os praticantes dessas experiências lhes atribuem.

Observo tais relações a partir da minha experiência em campo de pesquisa. Para isso destaco a meditação do *Thetahealing*, que se caracteriza, fundamentalmente, um processo imaginativo de um caminho, em que o terapeuta vai guiando a mente do meditante através diversas camadas energéticas. Durante o processo, são realizadas ações afirmativas denominada pelos interlocutores como “comandos” (emissão do pensamento e das vontades) e “downloads” (recepção das energias do cosmos no corpo físico), que tem como finalidade a mudança de padrões de pensamento, a busca pelo autoconhecimento e o equilíbrio da vida do indivíduo em um plano relacional. Nos dados que constam no manual utilizado para o seu ensino destaca-se a seguinte definição: “o *Thetahealing* é um processo meditativo que cria cura física, psicológica e espiritual com oração focada através do Criador.” (MANUAL DE THETAHEALING, STIBAL, S/D, p. 1). No entanto, a meditação do *Thetahealing* no curso A Arte de Estar no Agora, sofre simplificações e alterações para o contexto do autoconhecimento sem que haja a adesão a sua prática de forma estrita. Desse modo, a técnica é contemplada apenas com vistas a estes objetivos descritos anteriormente. É preciso destacar que, ao apresentar o material de restituição da pesquisa para os terapeutas da Escola do Ser, estes me informaram que a meditação ensinada no curso Arte de Estar no Agora não se baseia unicamente na meditação do *Thetahealing*, mas sim em um compilado de meditações que foram aprendidas por eles em experiências de cursos e buscas

¹⁹Trabalho intitulado “Cirurgias espirituais e acupuntura: caminhos e agenciamentos de duas práticas terapêuticas, apresentado por Karina Rodrigues e Gustavo Chiesa, na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

particulares. Inclui, portanto, adaptações que foram feitas pelo casal. O curso, de modo geral, é descrito como autoral.

A terapia energética meditativa do *Thetahealing* foi criada por Vianna Stibal, nos Estados Unidos, na década de 1990. Consiste em uma técnica de corpo através da imaginação, em que é proposta uma espécie de “viagem” astral na qual o indivíduo busca, através do roteiro guiado na meditação, manter-se consciente de seu corpo e ao mesmo tempo estabelecer relação com a energia universal denominada “O Criador de Tudo o que É”. Através da narrativa que compõe a meditação, é possível perceber que se busca um estado alterado de consciência, que seria alcançado pela provocação de ondas cerebrais em frequência *teta*, que segundo os interlocutores, é a frequência eletromagnética produzida pelo cérebro que melhor permitiria ao corpo colocar-se em uma condição de ser afetado por pelas energias da terapia. Seria durante a narração da meditação, que tais ondas seriam produzidas, propiciando melhores condições de imaginação, criatividade e cura física. Esta mentalização do corpo faz pensar que este passaria por uma espécie de “metamorfose”, pois no lugar de imaginar o corpo humano com sua constituição biológica (cabeça, corpo e membros), o corpo é imaginado como uma bolha de “pura luz” (DIÁRIO DE CAMPO, 24/05/2020). É como se nessa nova condição, o corpo adquirisse a capacidade de se “fragmentar” e, assim, se deslocar desde o espaço em que se encontra até um outro local (no cosmos), cujo cenário é descrito como uma composição fluida de luzes de cores e densidades variadas. Eduardo explica a técnica da seguinte maneira:

O *Thetahealing* é uma meditação focada com direção a energia da fonte do universo, a malha quântica, onde tu saís do teu “eu”, tu vais para um desconhecido e nesse lugar tu passas a fazer mudanças. Na verdade, o *Thetahealing* é uma conexão com Deus, que a gente chama de O Criador de Tudo o Que É. Tu vais até o Criador [Deus] tu passas os planos [energéticos/luzes coloridas], te conecta com essa fonte da energia do amor incondicional e, nela, começa a comandar curas, mudanças de crenças subconscientes, padrões negativos. O *Thetahealing* é muito simples. É uma meditação que tu vais nesse lugar. Não é só uma meditação de ficar em silêncio. Tu vais num lugar para desse lugar, comandar mudanças, (EDUARDO, TRANSCRIÇÃO DIRETA DE ÁUDIO, ENTREVISTA, 30/04/2023).

A narrativa desta imaginação aparece em um desenho captado por mim durante a experiência de narração da meditação.

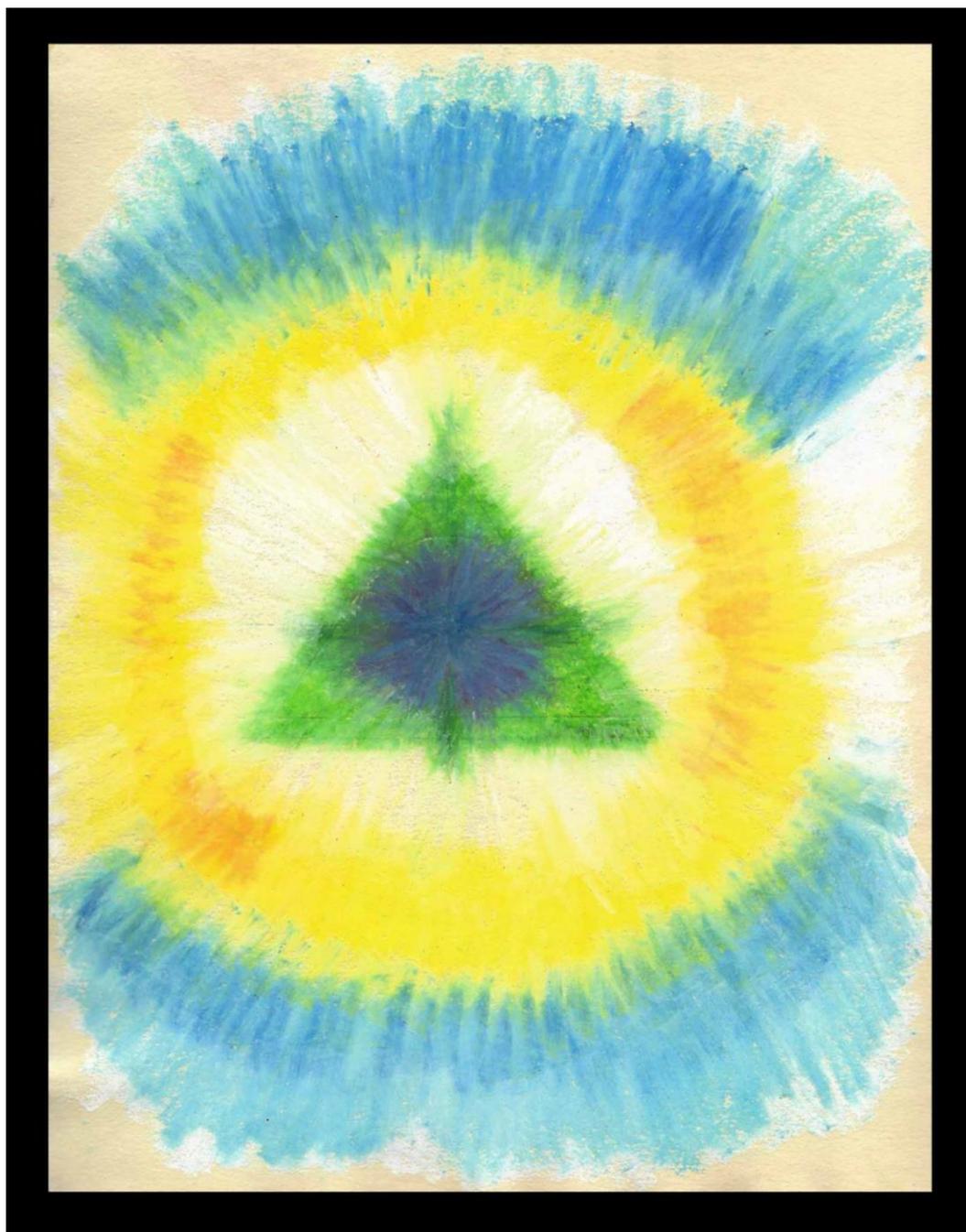


Figura 11: Impressões fugazes, narrativas sobre as energias. Fonte: Autora, 27/04/2020.

Boa parte dos desenhos e imagens que eu registrei foram motivados pelo meu estudo em busca da apreensão de impressões fugazes presentes nas práticas que eu acompanhava no ambiente *online*, na intenção de estudar e compreender a noção de energia (Ver Figura 11, p. 122). Trago em especial o desenho acima, que exprime as narrativas do processo meditativo entendendo-o como uma expressão de imagem mental, captada por uma imaginação das energias realizada pelo indivíduo, com os olhos fechados sendo, portanto, uma narrativa visual/argumentativa da ideia de um caminho meditativo (do corpo até o cosmos). Assim a ideia de que há em

alguma instância a possibilidade de imaginar formas *nas* energias me estimulou a pensar através do processo de desenhar (KUSCHNIR, 2016), com o giz pastel, camadas sobre camadas que seriam inalcançáveis através da “mecânica ocular”.

Destaco abaixo um fragmento da experiência com esta meditação em uma realizada *online* no mês de junho de 2023 em uma reunião em que estavam presentes os alunos de algumas das turmas do curso Arte de Estar no Agora.

Formem na mente a imagem de que, de seus pés, saem fios de energias douradas que vão em direção ao núcleo da Terra (...). Depois imagine como se todo seu corpo fosse uma bola de luz que se desprende, e viaja em direção ao céu, você sai de onde está, e vai viajando, até o espaço, ao universo, (...), ultrapassa camadas de cores claras e escuras, se encontra uma porta, com uma luz brilhante, perolada, e você entra nessa luz, e ali faz os seus comandos, nessa energia da Fonte Criadora de Tudo o que É. Tu podes também enviar essa energia, de amor incondicional, para as pessoas que tu conheces, amigos, para o planeta, para os doentes, basta mentalizar e comandar. (...). Agora que você está nessa luz que é de puro amor, vamos fazer alguns *downloads*. Basta mentalizar e buscar sentir a sensação deste comando em todo o seu ser: “como seria sentir que estou seguro/segura, se falar o que acredito para as outras pessoas? Se permita sentir a sensação de que você está seguro. Se você permitir que essa sensação de estar seguro faça parte da sua vida a partir de agora, basta dizer Sim! Está feito, está feito, está feito! (EVENTO, TRANSMISSÃO REMOTA, DIÁRIO DE CAMPO, @escoladoser, 06/06/2023).

Após a meditação, que foi guiada por Fabiana e Eduardo de forma alternada, alguns dos participantes deram seus depoimentos. Trago uma destas narrativas feita por uma das participantes da experiência, que também realizou o curso Arte de Estar no Agora. Na fala, ela comenta sobre como é, para ela, realizar a meditação do *Thetahealing*, enquanto processo de autoconhecimento:

É, para mim, uma técnica das mais poderosas. Eu fiz por autoconhecimento, porque eu queria saber porque eu não conseguia me realizar profissionalmente e todos os que eu via, para mim, conseguiam. Eu fui fazer porque eu não conseguia. Eu tive uma abertura muito grande no meu modo de ver a vida. É uma coisa que eu sinto e que ninguém me disse, que eu me realizei com as primeiras práticas. Eu culpava os outros por tudo o que eu não conseguia fazer. Comecei a ver as pessoas, a família, que das relações acho que é a mais difícil porque a gente tem que lidar com ela todos os dias, eu comecei a ver as pessoas da minha família de uma forma diferente. Entender que eles são pessoas e tem suas diferenças, eu comecei a entender mais eles. A família também... tu começa a sentir e ver de forma diferente, a entender. Até o meu filho, com quem eu tinha muitos problemas, eu comecei a ver ele de forma diferente. Em três, quatro dias, mudou. Então tu começa a aplicar nas pessoas e ver a diferença. Eu fico muito feliz. Eu achava que era conto de fadas, mas é verdade. Vale a pena

fazer por autoconhecimento e ver o que acontece na vida da gente, (LUCIANA, 16/06/2023).

Durante seu relato, Luciana trata de sua situação de vida, dando ênfase a seus relacionamentos, destacando as situações emocionais que vivia. A interlocutora relata ter conseguido tornar-se consciente de suas dificuldades apenas após iniciar as meditações para o autoconhecimento. Para ela, a técnica energética tem a capacidade de fazê-la, não apenas perceber, mas também alterar a forma com a qual se posiciona em suas relações afetivas cotidianas. O tom emotivo que ela imprime ao falar é de felicidade, até de certa excitação frente ao que ela considera uma cura, um resultado “maravilhoso” que teria mudado a sua vida “da água para o vinho”. O autoconhecimento, para Luciana, é um fenômeno gratificante, capaz de “abrir portas”, isto é, de operacionalizar transformações na sua maneira particular de lidar com as diversas situações cotidianas, tanto com relação à vida profissional, quanto com seus relacionamentos familiares, pois teria transformado a forma com a qual avalia a si mesma frente às situações de vida de outras pessoas com as quais convive. Luciana considera como “curas energéticas” a transformação de seus posicionamentos pessoais, tais como o “não julgamento” e a “não comparação”. Para ela, a partir do autoconhecimento, foi possível alcançar uma espécie de cura em relação àquilo que ela percebia como um tipo de sofrimento emocional, como a culpabilização dos outros por seus “fracassos” profissionais, por exemplo. Transformação de pontos de vista e melhora nos relacionamentos interpessoais são os eventos mais relatados entre os praticantes de técnicas terapêuticas na Escola do Ser.

Segundo se pode observar nos trabalhos de Sônia Maluf (2012) os processos envolvendo a eficácia religiosa, mágica e/ou terapêutica estão submersos em criatividade, imaginação e ação. Para a antropóloga, esses são os aspectos essenciais de uma análise atenta à dimensão performática da cura em que a eficácia simbólica, remeteria a outra dimensão dos efeitos de um determinado tipo de ação e de experiência.



Figura 12: Linhas de conexão, pensamento, corpo, Terra. Fonte: Autora, 10/05/2021.

A imagem acima (Figura 12, p. 125) tematiza uma narrativa emotiva realizada por Fabiana quando esta se mostrava visivelmente incomodada pelo fato de os administradores do condomínio em que reside terem cortado uma árvore cuja copa era a vista que ela tinha ao abrir sua janela todas as manhãs. Ela comentava durante a aula do dia 10 de maio de 2021, que enquanto contemplava a árvore, realizava suas meditações matinais, realizando com a árvore uma espécie de troca energética. Entretanto, com o decorrer do tempo, fui percebendo que apesar de sua

indignação, alguns elementos captados pelo desenho, mostram algo mais do que a sua narrativa de visível desgosto. Os elementos contidos na imagem demonstram a forma como Fabiana orienta o seu modo de percepção dos eventos cotidianos à luz do engajamento dela nas práticas terapêuticas com o *Thetahealing*. De certo modo, as terapias e as narrativas auxiliam-na a organizar os eventos do seu mundo interno/externo. Assim ao ser cortada a árvore, Fabiana sentiu-se afetada diretamente em seus hábitos, mobilizando o desequilíbrio de suas emoções.

As imagens abaixo promovem o complemento das suas narrativas, criando pistas ao entendimento de como o mundo interno e externo para Fabiana são conectados.



Figura 13: Capturas de Tela, narrativas sobre energia, ambiente e comunidade. Fonte: Fabiana; @escoladoser, 10/03/2021.

Nesse sentido, o valor da vida é medido por um impacto energético que Fabiana concebe como sendo vital também para a valoração da sua própria existência. A percepção de um mundo em que “tudo é energia” orienta a visão de mundo da interlocutora e dita as suas formas de pensar para “além da materialidade”, concebendo a ideia de há um fluxo vital que conecta todas as coisas

no universo e constrói, assim, outras formas de relações e sociabilidade. É como se pudéssemos, a partir das narrativas visuais da interlocutora e daquelas suscitadas pelas minhas próprias notações visuais, compartilhar do “mundo interno” da interlocutora (Ver Figura 13, p. 126).

As narrativas possibilitam ainda pensar na concepção urbana de “ambiente comum”, permeado por linhas de forças que se expandem e que se conectam no tempo e no espaço, aludindo a uma tecnologia do corpo que compreende os pensamentos, sentimentos e emoções despertadas no convívio social. Em alguma medida, também, é como se o próprio corpo de Fabiana tivesse sido “decepado”, como se este fosse constantemente fragmentado pelos ambientes de seu viver. A reconstituição desses cenários de memória e impacto sociais são continuamente reconstruídos durante processos terapêuticos do curso que acompanhei. Ademias, a própria narrativa da meditação do *Thetahealing* sugere a percepção do corpo e de suas energias como se este fosse uma espécie de árvore conectada ao núcleo da Terra, meditação esta que foi realizada por Fabiana no dia do encontro em que o relato descrito foi feito por ela que disse: “Vamos agora fazer a meditação do *Thetahealing* e equilibrar essas emoções de tristeza que ainda estão fortes em mim” (DIÁRIO DE CAMPO, 10/03/2021).

Segundo Jane Russo (1993), o crescimento do campo *psi*, no ocidente, sobretudo no Brasil, se relaciona às necessidades individuais de orientação das perspectivas de mundo, num contexto em que as instituições básicas, como a família e o trabalho sofrem impactos sociais e se alteram na medida de um dinamismo impressionante. Após três décadas da consideração da autora, podemos perceber que o dinamismo pressionado pelo avanço das tecnologias, ao contrário do que ela percebia então, alavanca uma espécie de reação cosmopolítica de reativação de valores e padrões de comportamento em uma velocidade impactante.

Observa-se aqui que tais práticas de autoconhecimento terapêutico parecem tecer modos de lidar com a instabilidade das instituições tradicionais que afetam identidades individuais, tendo como efeito o “remapeamento” cognitivo daquilo que é percebido como extrema falta de orientação e controle, ansiedade, e dúvidas estressantes do dia a dia. Nesse sentido as pessoas recorrem às experiências terapêuticas de curta duração que poderiam ser realizadas de forma continuada e independente de instituições e regramentos, adaptando-as às necessidades e pressões que sofrem cotidianamente.

Sônia Maluf (2013), por exemplo, reconhece que as ideias de experiência, agência e transformação de si no que diz respeito a noção de “cura”, encontra-se na fusão das duas dinâmicas descritas por Lévi-Strauss: a cura xamânica e a psicanalítica. Ambas operam com as dimensões narrativas particulares e do mito coletivo, observando a narração de imagens que dão visualidade as patologias.

Nas terapêuticas da Nova Era, contudo, os símbolos ou imagens mediadoras podem ser tanto os símbolos do equilíbrio taoísta, como a própria narração da meditação e as imagens que são utilizadas pelos interlocutores para narrar as energias através de formas. Este percurso narrativo na meditação é usado como um operador simbólico para a reconstrução de uma narrativa pessoal, “através de transformações operadas a partir do próprio momento do trabalho ritual e terapêutico, em que um tipo de esforço intelectual, corporal e afetivo é realizado, visando provocar uma determinada experiência” (MALUF, 2013; p. 34).

É possível observar, então, que os processos que envolvem eficácia espiritual /energética e/ou terapêutica estão dimensionados pela ampla diversidade criativa, imaginativa e ativa da própria construção do sentido de energia como um elemento curador e imanente ao humano. Estes aspectos são essenciais em uma análise atenta à dimensão performática da cura e que, segundo Maluf (2013) foram negligenciados ou pouco explorados por Lévi-Strauss.

A incorporação do *habitus* meditativo e dos valores morais ameadados nas narrativas que permeiam a prática meditativa parecem, assim, idealizar uma espécie de aprimoramento racional e afetivo, no interior das relações sociais vividas pelas pessoas. São perceptíveis mediante um esforço pessoal, cognitivo, de detecção das capacidades de identificação dos modos como o indivíduo pensa e age na vida cotidiana, tratando-o como um processo espiritual de autoconhecimento como um fenômeno energético de valor curativo.

Convém salientar que os terapeutas iniciam o ensino da prática destacando que para que se tenha êxito com as meditações é necessário sentir-se grato. A gratidão é uma emoção de alto valor social e cultural entre os praticantes de diversas formas da nova espiritualidade Nova Era, assim, antes mesmo que seja iniciado qualquer exercício meditativo são dedicados alguns minutos de mentalização para que a emoção de gratidão seja despertada em cada um. A gratidão, contudo, é considerada coletivamente como uma energia derivada da

energia primordial de Amor Incondicional, que é dos elementos simbólicos utilizados para nomear o *uno* da Nova Era (universo, Deus, cosmos).

A dimensão quântica com a qual as dinâmicas se dão nesse campo específico pode ser melhor compreendida quando a percebemos como sendo formulada enquanto uma aceleração das relações de toda ordem no campo cultural material e imaterial. É contundente a interdependência dos fenômenos da tecnologia para a apreensão dos fenômenos da Nova Era. Os processos de operação do campo da cibernética, por exemplo, estão enfaticamente presentes enquanto linguagem espiritual/energética da Nova Era, engendrada e ressignificada em meio aos procedimentos meditativos. Resgato do trecho da meditação do *Thetahealing* (Ver citação completa na página 122) o momento em que o terapeuta se utiliza do termo “download” para se referir a um processo de relação dialógico entre o praticante e o ambiente cósmico: “basta mentalizar e comandar. (...). Agora que você está nessa luz que é de puro amor, vamos fazer alguns downloads. Basta mentalizar e buscar sentir a sensação deste comando em todo o seu ser”.

As autossugestões ocorridas durante esse processo de emissão dos pensamentos e *downloads* energéticos são acompanhadas pela auto-observação que a todo momento prevê a “transformação rápida” de estados físicos (energéticos) definidos como em desequilíbrio para outro considerado como em equilíbrio. As energias, percebidas no corpo são descritas pelos praticantes como reações de relaxamento quase imediatas, e as derivações energéticas da energia primordial (Amor Incondicional) são geralmente tidas como um tipo de código elementar compreendido por todos os participantes como sendo uma sensação agradável que percorreria o corpo produzindo imediatamente sensações de relaxamento. Essa aceleração entre ação mental e reação física é entendida como um processo quântico ou “campo quântico de atuações” ao qual o corpo se encontra conectado. Tanto a percepção quântica êmica como produção de mudanças rápidas do fluxo do pensamento como a alusão às camadas energéticas claras e escuras pelas quais os indivíduos passariam durante a meditação do *Thetahealing* reservam similaridade com a proposta taoísta (daoísta) do *yin yang*, basilar e transversal ao entendimento do mundo nas práticas da Nova Era.

Entende-se aqui que energia, assume um papel mediador “(...), substrato, a um só tempo material e espiritual, da vida.” (SOARES 1989, p. 125). A noção de energia pode ser considerada de forma abstrata, mas se trata de um fenômeno

imaterial concreto e que pode ser manipulado se não através da mecânica ocular, através dos pensamentos, sentimentos e emoções. Isto corresponde de alguma maneira à energia cósmica imanente em todo o universo à qual se referem autores como Soares (1989) e D'Andrea (2000). Aqui, entretanto, a sua constatação permite observar que na Nova Era, a ideia de energia se interliga de modo indissociável ao corpo, ao espírito, a natureza e ao cosmos. Doravante, todos esses elementos são compreendidos como um “novo tipo de sociedade”. À despeito das instituições e religiosidades, os interlocutores acreditam que essa noção de sociedade é “universal” e sua interconexão como comunidade se dá através da ideia energética de Amor Incondicional. Enquanto função de unicidade a noção de incondicionalidade da energia primordial surge em razão de esta ser percebida como uma unidade que conecta não apenas os indivíduos “da Nova Era” (aqueles que vivem sob os sistemas e valores que poderiam ser considerados novaeristas), mas que perpassaria todas as formas de vida, independentemente dos valores, crenças e visões de mundo. Esta conceituação êmica valorizadora das diversidades, impulsiona diversos processos de adaptação simbólica para o que pode ser considerado como energético ou espiritual. A mobilidade urbana, as viagens, o fluxo intenso de pessoas entre diversos sítios arqueológicos considerados de valor espiritual e até mesmo as relações estabelecidas pelas pessoas de diversas localidades e valores diversos através das tecnologias da informação, são alguns dos exemplos que podem ser citados como agenciamentos da vida cujo valor é essencialmente energético. Isto é, a mobilidade física ou a disposição emocional dos contatos humanos mediados pela tecnologia se dá em razão das crenças nas experimentações das energias representadas por cada pessoa e por cada localidade.

Santos (2013) observa em sua pesquisa realizada na região de Alto Paraíso, no estado de Goiás, a noção de eficácia terapêutica através da percepção dos resultados sentidos como reais no corpo dos praticantes. Santos desenvolve um conceito denominado “amor-vibração” que o antropólogo graficamente expressa com a palavra “amor” encerrada em três parênteses: “(((amor)))” (Idem, p. 125).

A “moralidade da semelhança” pode ser pensada enquanto um “juízo mágico”. Ou seja, não importa a diferença de propósito e função social existente no uso de uma técnica espiritual ameríndia, hindu ou celta, não importa a diferença nos condicionamentos dos indivíduos que se submetem

à técnica, basta que ela exerça algum efeito (raramente considerado inválido) sobre o *buscador*²⁰ para ser incluída no repertório da Nova Era. (...). Partindo da condição necessária inicial que todas as formas de vida e todas as modalidades de exercício da espiritualidade são “semelhantes” em sua essência cósmica, é admissível que os *buscadores* encontrem o (((amor))), o termo heterogêneo e irreduzível à análise lógica, o princípio da “magia”, em todas elas. Visto que o cotidiano é sacralizado na Nova Era, toda a experiência de vida, mesmo aquela mundana, equivale à dança de partículas do (((amor))). (...). Em oposição à ação racional, mental, os *buscadores* procuram tomar decisões por meio de suas sensações – que pode ser um frio na barriga – em sintonia com as vibrações do ambiente percebido (Ibidem).

O sentido energético apresentado pela noção de amor-vibração do autor como sendo um princípio mágico, exerce uma função social, o que define uma cisma simbólica entre o de “Deus da religião”, entendido como restritivo e punitivo pelos meus interlocutores, e a energia primordial de Amor Incondicional como uma fonte de energia” absoluta, com a qual os interlocutores acreditam que todos indivíduos atuam no seu campo de relações. Assim, a ideia de uma energia de amor incondicional, observa a vontade da criação de um espectro de relações sociais em que o não julgamento investe sobre a construção de uma espécie de Deus não punitivo que imprime um aspecto culturalmente construído no *ethos* Nova Era, investido de um pensamento “livre de dogmas” como um valor que deveria, na lógica dos interlocutores, ser disseminado em escala planetária.

O processo de *self-cultivation* (auto-cultivo) ou *self-awareness* (autocuidado/autoconhecimento) pode ser relacionado à busca de um ideal de transformação global expressa pela relação entre o indivíduo com uma energia universal de “puro amor” ou da busca do pleno equilíbrio interior com o requinte ambíguo de que esta relação é continuamente referida a um contexto social amplo e não delimitado geopoliticamente. De acordo com Oliveira (2012) é preciso considerar que um importante aspecto do processo de incorporação de tais técnicas no ocidente se deve a um recorte de classe que não implicou necessariamente em uma dissolução de barreiras simbólicas de expressão de um sentimento religioso, mas de uma democratização do êxtase religioso. Ocorre, assim, que o próprio controle do corpo, no panorama atual, se dá através de um processo de autoconhecimento que leva a um controle do corpo e um reencontro do indivíduo com a mente/espírito.” (OLIVEIRA, 2012, p.59).

²⁰ Santos utiliza a noção de “buscador (es)” para se referir aos interlocutores de seu campo, em adoção ao termo êmico utilizado por eles, uma vez que o contexto de sua realização se dá na interação com pessoas que migraram de muitos países para a região de Alto Paraíso em razão da narrativa associada ao local como um local “místico”.

Também é possível notar que a noção de divino, ou a ideia de energia ou fluido universal e até mesmo uma noção amplamente debatida e até mesmo rejeitada, desde pelo menos o século XVIII, de fluido magnético ou magnetismo animal que foi desenvolvido pelo médico alemão Franz Anton Mesmer (1734-1815) ressurge nas dinâmicas da Nova Era, conforme vemos no debate atualmente levantado pelo antropólogo Gustavo Chiesa (2017).

Em 1765, o médico alemão (...) apresenta uma tese, na prestigiada Universidade de Viena, sobre a existência de uma “força”, um “fluido universal”, também chamado de “agente geral”, responsável por estabelecer a conexão entre os astros e os seres. Inspirando-se nas ideias newtonianas de força gravitacional e atração universal, bem como na capacidade magnética dos ímãs, tal força ou substância, no momento em que atinge e passa ser produzida pelos seres vivos, será denominada de “magnetismo animal” (CHIESA, 2017, p. 259).

Segundo Chiesa, o pensamento racional mesmeriano se articula a uma percepção mecânica das forças físicas, uma vez que o médico percebia que de modo análogo a forma com que as marés são condicionadas às forças da lua, também os nossos próprios corpos poderiam sofrer a afetações de tais forças indicando um movimento de “fluxo e refluxo” que se relacionaria ao estado de saúde e equilíbrio corporal humano. O antropólogo disserta que a ideia de movimento é crucial para o entendimento das proposições da Nova Era assim como na prática médica desenvolvida por Mesmer.

Inspirado nesse balanço das ondas, Mesmer dirá que nós, seres vivos, compostos de partes sólidas e líquidas, nos movimentamos sob os efeitos das “ondas atmosféricas” que nos envolvem resultam, por sua vez, dos movimentos dos corpos celestes (CHIESA, 2017, p. 259).

Tal percepção foi revelada a partir da minha experiência em campo ao me deparar com a denominação de um componente biológico considerado divino pelos interlocutores Eduardo e Fabiana, que é denominada de ATP (Adenosina Trifosfato). Quando me deparei com o volume de imagens produzidas pelos relatos dos meus interlocutores me questionei, assim como o faz Gustavo Chiesa (2017), se existe algo além do que podemos ver e se a noção êmica de energia como parte do fluido vital do corpo físico pode nortear a busca pelo entendimento do que é considerado uma relação intrinsecamente vital, ou seja, a relação entre a vida individual e a energia ou fluido cósmico universal? A pergunta proposta por Chiesa e complementada por mim, se deve a uma aproximação entre as ciências e práticas

médicas e as noções terapêuticas desenvolvidas no interior das cosmologias da Nova Era.

No fato percebido em campo por mim, os interlocutores, investem no ensino do autoconhecimento e investem no reconhecimento de energia, a partir de seus entendimentos sobre a particularidade da ideia de divino se daria a partir da atribuição da existência de uma substância fluídica (molécula ATP) capaz de estabelecer a complementaridade da relação entre o humano e a energia cósmica (universo, amor incondicional). Na área médica e biológica, tal elemento tem como função o transporte de energia no organismo. Mas sua correspondência nas terapêuticas da Escola se deveria ao entendimento de que as energias vitais transportadas pela molécula no corpo humano são as mesmas energias imanentes da dimensão cósmica. Esta articulação de ideias e reconstituição dos seus significados espirituais são responsáveis pela constituição fisiológica e “divina” do corpo humano. Ao propor que ATP é uma energia divina, e que estaria na composição do DNA humano, e, portanto, presente nos pontos energéticos do cérebro físico, uma vez que fossem manipuláveis na prática da meditação e nas terapias curativas, seja no *Thetahealing*, no *Access Consciousness*, e mesmo no *Tai Chi Chuan (ch’i)*, ou em qualquer outra técnica terapêutica, seria conferido às experiências terapêuticas sentidos tanto biológicos quanto “divinais” ou “espirituais”. No mesmo sentido a ação ou agência dessas energias no corpo, seriam a expressão de uma imanência do amor divino no corpo do praticante, enquanto uma forma silenciosa de “Presença”. Nesse caso, o Amor Incondicional seria considerado a própria energia vital.

Oliveira (2012) pontua que nas experiências da Nova Era, especialmente na sua vertente mais terapêutica, desde o primeiro contato do sujeito com o corpus operacional com o qual ele entra em contato, processa-se uma ressignificação do próprio corpo do praticante. Na medida em que a pessoa compreende a si mesma não apenas como um universo compartimentado, estritamente biológico,

mas como um universo passível de intervenção de outros planos sensíveis, com destaque para o espiritual, e para a crença na capacidade da intervenção de entidades espirituais neste corpo, ao mesmo tempo em que a ação religiosa, seria capaz de modificar o curso desta ação espiritual sobre o corpo do adepto, sobre seu corpo, compreendido como um espaço sagrado. (OLIVEIRA, 2012, p.57-58).

Chiesa (2017), por sua vez complexifica a questão dizendo que os fluidos corporais são, na verdade, a parte mais sutil da matéria, compondo uma dimensão

que está além daquilo que podemos ver, mas que de alguma forma podemos perceber, intuir e ser afetados por elas. Desse modo, não haveria separação entre o que somos (o “ser”), o que nos afeta (as “forças” ou “fluidos”) e aquilo que nos cerca (o “ambiente”).

Percebemos, assim, que se tem em atuação dois princípios que estruturam a realidade cosmológica Nova Era como: matéria e movimento. Esta forma de pensar tem na ideia de totalidade o seu princípio cosmológico e terapêutico energético essencial. Tal concepção de corpo energético, tem na ideia de totalidade o seu princípio cosmológico e terapêutico essencialmente atrelado à outras modalidades de interação energéticas como os pensamentos e às emoções. Muito embora estas interações sejam entendidas enquanto espécies de forças ou frequências de ondas eletromagnéticas emitidas pela ação do pensamento. Vemos abaixo que estas também são descritas pelos interlocutores

A habilidade de a gente estar presente na vida com tudo o que acontece. O bom, o mal, o belo, o feio, o certo e o errado, o legal e o não legal, sem julgamentos sobre isso. Então quando a gente trabalha dentro dessa linha do Access, a gente trabalha muito essa coisa do efeito dos julgamentos. Ninguém está errado. As pessoas só fazem escolhas e essas escolhas podem ser desfeitas. Então, o *Thetahealing*, essa técnica de meditação ativa, a gente aprende a mudar a nossa frequência cerebral para *teta*, para comandar curas em todos os níveis de vida. (FABIANA, TRANSCRIÇÃO DIRETA DE ÁUDIO, ENTREVISTA, 30/03/2023).

Sobretudo esta maneira compreender o corpo - e aqui se evidencia a execução de técnicas de autoconhecimento autorais realizadas pelos terapeutas-, implica também numa outra forma de entender o que aflige o corpo. Ocorre uma busca incessante por criar ou resgatar, das práticas mais tradicionais, aliadas a novos conceitos da biomedicina, popularizados na sociedade contemporânea, uma noção mais ampla de corpo como uma espécie de rompimento com as dicotomias do pensamento materialista, através de conceitos como harmonia, energia, fluxos. Assim os problemas físicos encarados pelo corpo, são explicados a partir das ideias equilíbrio/desequilíbrio, harmonia/desarmonia, da energia do próprio corpo, de tal forma que, os rituais praticados na Nova Era buscam o reequilíbrio harmonial restaurativo desse corpo “sagrado” (AMARAL, 2000). Observei a construção desse pensamento a partir de uma fala da interlocutora Fabiana, a qual trago neste momento:

A gente vive hoje o materialismo negando o espiritual. Só que assim, tu negas o espiritual, mas chega o momento em que tu vais esbarrar aonde? Tu vais para a religião. Porque a religião supre... O Osho já falava disso, a

religião supre o espiritual e a ciência material. O Osho, lá em 1980, sei lá, 1970, sei lá, a época que ele viveu, até os anos 1990, ele dizia, o novo homem (a espécie) é o que vai unir o oriente com o ocidente, e eu digo, a matéria e o espírito (FABIANA, transcrição direta de entrevista presencial, 23/11/2022).

O que se tem visto, através das falas dos interlocutores é uma reorganização da noção de energia espiritual que inclui o simbolismo da ciência e da religião como análoga ao processo de concepção do corpo espiritual através do conceito de magia como um rompimento de dicotomias. Nesse sentido é possível considerar que é pela performance que o indivíduo expressa o grau de incorporação de seu *habitus*, e por consequência os seus deslocamentos em diversas áreas, bem como sua posição nestes campos relacionais.

Retoma-se, assim o simbolismo do *yin yang* como central na cosmologia da Escola do Ser, como uma energia em constante mutação e fluxo, que na Escola do Ser, permite compreender a espécie de concepção ativa de uma transformação contínua da fonte de energia universal. Desde uma vez em que é concebida como um processo de mutação, também presente no indivíduo, através de sua expressão energética (*ki, ch'i, qi, APT, Amor Incondicional*), também permitiria a própria transformação da pessoa em sua individualidade através do autoconhecimento como um *habitus* incorporado.

Ocorre aqui a expressão uma inversão do individualismo estrito que marca boa parte dos estudos sobre o movimento Nova Era, pois como é possível perceber, as relações do indivíduo consigo mesmo está o tempo todo sendo articulada com o externo, com a busca pelo autoconhecimento, está-se em busca também da atuação individual sobre um processo de mudança externo. Nesse sentido a busca pelo auto equilíbrio também visa a harmonização dos ambientes em que as relações sociais de toda a ordem se dão. Mesmo que não haja nesse caso a expressão do templo, da igreja, do terreiro, ou qualquer outra forma física de expressão religiosa mais tradicional é possível identificar que o cerne do sagrado na cosmologia que rege a Escola do Ser, é centrada na ideia de que o *self* individual absorve o entendimento de energia cósmica universal (amor incondicional) como toda a forma de expressão culturalmente construída, no entanto, esta é percebida como dinâmica e manipulável como o é o próprio sentido de energia. Por outro lado, permanece a ambiguidade uma vez que ele próprio, o *self* é deificado, “na condição de que se confunda, num

segundo momento, a um todo maior de conotações ecológicas, cósmicas e totalizantes” (D’ANDREA, 2000, p. 32).

Assim, o trabalho terapêutico do autoconhecimento, devotado a uma gradual mudança dos padrões de comportamentos individuais (pensamentos, sentimentos e emoções), encarna não só a possibilidade de perceber o corpo como uma entidade espiritual, mas também os fluidos corporais, energéticos e toda uma gama de sensibilidades que perpassa o corpo sensório, fazem parte de um processo de relação divina entre o si mesmo, os outros de sua descendência (DNA/ATP), e o ambiente. O trabalho com os outros, o atendimento, as práticas coletivas, as conversas remotas, os pensamentos emitidos, todos acabam por se tornar expressões reflexivas de um *self* que se constrói individual e coletivamente.

3.7 A internet como um ambiente de relações energéticas

Segundo Hine (2020) não é mais possível conceber uma distinção entre mundo virtual e mundo real e para tratar desse tema, é necessário um certo agnosticismo “sobre até que ponto qualquer pessoa que use a Internet para realizar suas atividades pode entender esta como uma forma de participação em um “mundo virtual” (Idem, p.7).

Ao refletir sobre os termos propostos pela autora ancoo em uma não dissociabilidade entre experiências presenciais e remotas (*offline* e *online*), pois observo que se trata de um reordenamento do social mobilizado através da (in)corporificação das ferramentas de mediação tecnológicas para a vivência da espiritualidade da Nova Era. Nesse sentido, o próprio fazer antropológico se insere como uma (in)corporificação das experiências produzindo não apenas dados empíricos, mas outras formas de presença.

Os etnógrafos realizam entrevistas, (...) quantificam comportamentos e desenham mapas. (...). Ao recusar decidir de antemão o que será mais interessante de explorar no cenário, o etnógrafo permanece aberto a novas descobertas sobre as maneiras únicas a partir das quais um modo de vida particular pode se organizar e à perspectiva de que as atividades podem fazer sentido de maneiras surpreendentes (HINE, 2020, p. 8).

Este é o caso, por exemplo, da utilização dos desenhos como forma de notação das experiências vivenciadas no ambiente remoto, que se mostrou o tempo todo como grafia competente delinear entendimentos sobre outros regimes de sociabilidade (espiritual) frente os desafios impostos pelo contexto pandêmico. Nas imagens abaixo apresento, por exemplo, duas montagens contendo produtos visuais oriundos do meu processo de estudo que estão impregnados de narrativas tecnológicas atinentes a própria abordagem etnográfica.

Essas narrativas visuais mobilizam principalmente a noção de “realidade quântica” como centrada no corpo das pessoas. Aqui, a noção de totalidade holística da Nova Era é objetivada através de uma figura humanoide que exerce, de alguma maneira, uma ação de observação e categorização de si mesmo. Enquanto estive centrada em observar circunstâncias específicas de interação percebi que as possibilidades de entendimento das experiências se davam também através das imagens dos interlocutores, que me mostravam a todo momento a interação entre as ideias sobre a mente humana como complexo localizador de experiências e experimentações, predominantemente espirituais com predominância dos sentidos de sociabilidade. Nesse viés, as imagens acionam a ideia de que vivenciar a espiritualidade é “ir para o mundo” (Ver Figuras 14 e 15, p. 137 e 138).



Figura 14: Montagens de outras formas de conexão. Fonte: Autora, 17/05/2023.



Figura 15: Convite para "roda de cura" terapêutica na modalidade online. 1) Grupo Praticantes da Presença; 2) Esboço de uma "roda" imaginada, interação remota no Zoom. Fonte: 1) Praticantes da Presença, *Whatsapp*; 15/09/2022; 2) Autora, 21/08/2022.

Assim, a concepção de vida como um “campo de possibilidades”, cujas narrativas das novas espiritualidades são apropriadas da ciência quântica enquanto uma subárea da Física de Partículas Subatômicas é acionada pelos interlocutores como uma analogia que dá sentido às experiências vividas dentro de uma limitação espaço-temporal imposta pelos contextos remotos. A internet, e os meios de interação que proporciona, desenvolve outros modos de percepção dos corpos. Empiricamente pude observar que o ambiente remoto enquanto um espaço imaginado plástico e impreciso, proporciona certas “(in)corporeidades”, isto é, “modos de sentir” e “modos de estar” cuja capacidade de emancipação do indivíduo não demanda de uma necessidade de estar em um determinado ponto geográfico com outras pessoas para experimentar uma “sensação de presença”. Isto porque o ambiente remoto impõe um “novo regime” de (re) povoamento do mundo, e “exige” uma espécie de redistribuição molecular dos corpos, dando a ideia de um “novo mundo”.

Tal exigência de uma nova forma de percepção de si mesmo como corpo molecular, porque é percebido com infinitesimal atenção, e do mundo como desértico ou repovoado, pode ser comparada a experiência de reconstituição do mundo dada pelas “forças do cinema”. A comparação decorre da leitura da obra *Mil Platôs* (DELEUZE E GUATTARI, 2011) que o filósofo francês David Lapoujade (2015), discípulo de Deleuze, nos proporciona.

Não é essa também uma das forças do cinema, segundo Deleuze? (...) diríamos que em seu conjunto, o cinema (...) faz os corpos nascerem a partir de uma luz branca e de uma obscuridade quase total. O cinema “estende sobre nós uma “noite experimental” ou um espaço branco, opera com “grãos dançantes” e “poeira luminosa”, afeta o visível com uma perturbação fundamental e o mundo com um suspense que contradizem toda percepção natural. Produz assim uma gênese de um ‘corpo desconhecido que temos atrás da cabeça, como o impensado no pensamento, nascimento do visível que ainda se furta à vista.” É o que Deleuze encontra em seu grau mais elevado nos filmes de Garrel, um cinema que engendra os corpos ou os constitui, como se o cinema contemporâneo não pudesse mais partir dos corpos tais como são dados, mas se encontrasse perante a “exigência” de engendra-los (LAPOUJADE, 2015, p. 299).

A experiência de recomposição molecular dos corpos, no caso de uma terapia espiritual de grupo, demanda um reenquadramento do corpo, outras formas de localizar os órgãos desses corpos na tela de um computador ou de um *smartphone*. As sensações que são produzidas acabam por tornarem-se ainda mais intensas talvez pela necessidade de serem cada vez mais narrativamente definidas. Incorre-se assim a uma profusão de analogias de diversas áreas do conhecimento que tratem de suprir essa “necessidade” de localizar-se em um ambiente impreciso, ilimitado e pueril cuja paisagem se modifica com tanta dinamicidade quanto as imagens na tela de um cinema ou das fronteiras construídas por dunas no desértico Saara, que se movimentam ao sabor do vento.

É mentalmente que os corpos se aproximam e compartilham de sensações similares, por exemplo, como a sensação de relaxamento coletivo que ocorre durante as práticas de meditação no ambiente remoto. Como é possível perceber na imagem acima, para os interlocutores a veiculação de mensagens visuais mantém e expande a noção de grupo, uma vez que mantém ativo um discurso de interação.

Nesse sentido “tudo é relativo”, como certa vez escutei Eduardo comentar: “tudo é energia, estamos unidos a uma egrégora de energia, mesmo que a gente não saiba quem são as pessoas que fazem parte dessa comunidade, dessa egrégora, nós sabemos que pela internet são compartilhadas energias, cabe a cada um descobrir o seu algoritmo e se conectar a ele” (DIÁRIO DE CAMPO, 27/05/2020). Assim, “estar lá” ou “estar junto” é uma questão de investimento criativo, isto é, de mobilização de uma certa capacidade de imaginar-se na relação com “os outros”. Esta capacidade é atravessada pela ideia de que a ação do pensamento atua imaginativamente como um fluxo de energia que conecta a tudo e a todos, como uma rede *wi-fi*. Isto é, age-se no mundo pois imagina-se o mundo a partir de

determinadas perspectivas acionadas por linguagens visuais, verbais, auditivas atinentes à cada realidade, para exercer conexões. Desse modo, “ir para o mundo” é um tipo de movimento que começa por uma determinada forma de pensar e por uma ideia de que há “no mundo” pessoas que pensam da mesma maneira.

Há a possibilidade, assim, de pensar um reajustamento da ideia de corpografia, articulada pelas urbanistas Britto e Jacques (2008). Esse conceito concebe a ideia de que as experiências vividas na cidade, mesmo que involuntariamente, moldam os movimentos dos corpos, como uma espécie de dança. Com o avanço da chamada internet 2.0, tais modos de interação humanas, mediada por máquinas, também poderia moldar a forma com que as experiências terapêuticas são corporificadas desde os modos de pensar a respeito das distâncias e mesmo de conceber a ideia de comunidade da Nova Era que é assumida como um fenômeno globalizado. Mas sobretudo, é no corpo que essas experiências se mostram eficazes e é o indivíduo que atesta o seu pertencimento ou vínculo com certa matriz de sentido.

Ademais, com o avanço tecnológico e com a influência da internet os discursos que sustentam a Nova Era, se mantêm e fortalecem o protagonismo da tecnologia, para além de mero meio de divulgação. Pois os processos de imaginação de si, estão presentes na própria interpretação do corpo e da mente como uma espécie de tecnologia energética, como os “downloads” e os “algoritmos pessoais”.

Notadamente o discurso cibernético, assim como as narrativas da Nova Era estão envoltos por um caráter transgressor, uma vez que dilui fronteiras de sentido e populariza elementos culturais espirituais transformados. É através de formas distintas de diálogos muitas vezes metafóricos, que os usuários mobilizam os códigos cibernético para constituir condutas próprias criando um ambiente remoto que visa a construção de modos de vivência de uma espiritualidade “autônoma”. As pessoas da Nova Era, assim, fazem-se valer da plasticidade e da liberdade do ambiente remoto, para estar mentalmente “em qualquer lugar” e a “qualquer tempo” criando um certo *modus* de sensibilidade individual.

Nessa trilha, diversos grupos paracientíficos, espiritualistas, terapêuticos Nova Era que foram pioneiros na utilização de recursos telecomputacionais, como a conscienciologia, por exemplo, incorporaram seus termos ao estilo de vida Nova Era, expandindo as narrativas sobre a “expansão da consciência” individual, como o

fosse a expansão da capacidade de armazenamento de informações de um computador.

Também é possível considerar que além de “veículo” de informação, o ambiente remoto pode ser pensado como um “lugar de experiência” e criação de sentidos sobre o sagrado. Como foi visto durante o processo de isolamento social, pelo menos momentaneamente, os recursos tecnológicos mais recentes proporcionam a impressão de que tais tecnologias criam um “meta-ambiente”

trata-se de um lugar, de uma “cidade cibernética” com códigos, gêneros, e recursos próprios. (...). Se a Internet for considerada como uma das imagens do futuro no presente, o que vem ali ocorrendo deverá ser fundamental para a identificação antecipada de como a religião poderá parecer no futuro. Os significados da “ciência” e da “tecnologia” para muitos usuários da Internet se ligam a uma perspectiva racionalista e linear, e se tornam objetos de efetiva sacralização. (...) e cultiva, às vezes um tanto quanto obsessivamente, os poderes da mente, energias, e um inconcebível complexo tecno-científico (D’ANDREA, 2000, p. 9).

Contrariando em parte o argumento do autor, é premente considerar os mais recentes adventos interacionais proporcionados pela internet 2.0, com o advento da digitalização/tecnologização da vida cotidiana (DESLANDES, 2020) através das tecnologias de informação, tais práticas de socialização, ampliam a difusão do *ethos* Nova Era.

A corporificação dada por sentimentos de presença de alguma alteridade, substitui as antigas “imagens estáticas” e mensagens dinâmicas do início dos anos 2000 por encontros remotos a qualquer tempo, e salientam as corporificações do sentimento religioso/espiritual da Nova Era através da efetiva presença de pessoas que moldam no ambiente remoto um tipo de território efetivamente habitado. Ainda que efêmero os encontros sociais remotos, ao vivo, permitem ações e reações no tempo, pois são carregadas de movimento, afetos e afetações negociados no instante dos encontros.

A “realidade quântica” relativa à ideia espiritual de “campo de possibilidades” é influenciada e reafirmada pelos modos de interação do ambiente remoto. As comunicações instantâneas permitem considerar uma base de sustentação do indivíduo cada vez mais fragmentado no tempo e no espaço. Uma vez que é possível que o corpo possa ser “projetado” quase que “em qualquer lugar”, como um tipo de “experiência xamânica” ou como uma “análise psicanalítica”, aludindo aos próprios modos como se dão as terapêuticas de autoconhecimento da Nova Era, de

sorte que são alimentadas por um determinado modo de pensar as relações sociais. Contudo, essa autoprojeção se dá num sistema amplo de relações dadas pelo “interesse”, ou seja, por uma decisão pessoal em participar de um determinado território.

O reposicionamento da noção de pessoa e de energia, próprios das narrativas da Nova Era, apresentam um desenraizamento do indivíduo das fronteiras culturais e dos sentidos de espiritualidades tradicionais, que agora se apresentam atravessadas por suas projeções no tempo e no espaço a partir das potencialidades tecnológicas. Isto possibilita a formação de grupos aos quais as pessoas se conectam por determinadas afinidades e interesses comuns, como espécies de territórios que se dissolvem, mas que ao mesmo tempo se multiplicam no ambiente da internet.

Nas condições de vida engendradas na contemporaneidade, o indivíduo da Nova Era transita por um cenário vasto de bens simbólicos e formativos, como livros de autoconhecimento, psicologia e espiritualidade, vídeo-aulas, *podcasts*, que distribuem-se através de combinações dos algoritmos de buscas pela internet e impactam na formação de seu *ethos* aumentando a sensação de autonomia espiritual. As tecnologias de si da Nova Era possibilitam aos indivíduos efetuarem um certo número de operações em seus próprios corpos, almas e pensamentos, pois as suas condutas e modo de ser visam a autotransformação “com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição” (FOUCAULT, 2004, p. 323-4). Assim, dão a ver a incorporação de um *habitus psicoterapêutico-espiritual* tecnológico que dá a sensação de legitimidade ao *ethos* Nova Era.

Não obstante, existe uma gama variada de técnicas, práticas e representações que são formuladas para o estabelecimento, desenvolvimento e manutenção de estados mentais e espirituais desejáveis ou compensatórios frente às pressões da vida cotidiana. A penetração dessas práticas nesses grupos ocorre de forma mais facilitada em razão das condições e características dos fenômenos que não podem ser desvinculados do modo de vida cosmopolita e das características de consumo atual. Essas características são fundamentalmente capitalistas e dão “longevidade” aos empreendimentos que os sustentam. Pois como foi visto, muitas das pessoas identificadas com esse estilo de vida optam pelo trabalho profissional com as terapêuticas também como modo de suporte à própria

visão de mundo social e “espiritualmente” construída e tem na internet, além de um meio de vivência da espiritualidade, um modo de autoformação espiritual.

Com base nessas análises, e nos dados que foram apresentados ao longo do capítulo, foco a minha atenção nas práticas cidadinas presenciais vividas com os interlocutores da pesquisa de modo a aprofundar as reflexões sobre tais experiências de autoconhecimento como prática de espiritualidade e mudança comportamental do indivíduo. A intencionalidade na imaginação, como meio de produção de realidades, por meio das terapias, como a meditação para o autoconhecimento, viabiliza, sobretudo, o contínuo desenvolvimento e crescimento das culturas da Nova Era, ampliando a diversidade e o aprimoramento dos meios e formas de concepção de suas práticas. De modo que fica evidente ao “estrangeiro”, ao praticante e mesmo ao pesquisador detectar na paisagem da cidade, a existência de um determinado espaço de práticas alternativas, holísticas, esotéricas e/ou místicas. De sorte que não se configura prodígio de descoberta das ciências tal constatação, nos dias de hoje, mas evidentemente que se apresenta como um convite à reflexão antropológica, e sociológica, refletir sobre como operam os sujeitos nesses caminhos criativos de saberes e fazeres.

4. CAMINHADAS NO PEDAÇO

As práticas da Nova Era são comumente abordadas como um fenômeno urbano, pois integram-se aos modos de vida dos cidadãos sob as mais variadas formas, das quais se apropriam pessoas de diversas realidades sociais, econômicas e culturais, com impressionante capacidade de difusão, impulsionado pelas mídias e tecnologias da comunicação.

Magnani em “Mystica urbe. Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole” (1999), apresenta essa questão a partir de circuitos urbanos pelos quais esses sujeitos transitam, principalmente como modo de “recarregar as energias” para o retorno às atividades cotidianas. A esses circuitos urbanos ele confere a denominação de “neo-esotéricos”, ou “neo-esôs”. Esses circuitos percorridos pelos sujeitos estão flexionados sob o sentido de suspensão do tempo em que ocorrem os momentos rituais, de maneira esporádica. Integram esse circuito os centros e espaços de ensino, pesquisa, atendimento e práticas de diversas manifestações em contínuo processo de diversificação.

Como explicado inicialmente, após o período de isolamento social causado pela pandemia de Covid-19, foi possível retomar o trabalho de campo de forma presencial. A relevância empírica desses encontros presenciais na cidade me permite analisar melhor pontos específicos iluminados na tese relativos à apreensão do processo terapêutico de autoconhecimento, uma modalidade técnica de terapia Nova Era, que extrapola a vivência da espiritualidade vividas em consultas, cursos e ritos específicos. O que permite pensar que elas podem ser entendidas como práticas cotidianas, tanto quanto de cunho espiritual e podem adquirir novos contornos, considerando o atravessamento das tecnologias de informação nas formas de sociabilidade da comunidade Nova Era.

Ademais, a disseminação das práticas e narrativas terapêuticas Nova Era aproximam-se da noção de itinerância como um processo de encontro de subjetividades. Conforme afirmam Tavares e Cardoso (2022), a itinerância nas terapêuticas Nova Era se dá através do percurso guiado por seus agentes e compreende um movimento de abertura por caminhos e trilhas não previamente demarcadas. De modo que cada abertura não se prende a uma direção à priori, tampouco faz chegada. É no caminho que se podem ser feitas escolhas e, assim, seguimos em muitas direções. Perder-se pode significar transformar o caminho em descoberta (aprendizagem), subvertendo-se aquilo que poderia ser considerado um revés (TAVARES E CARDOSO, 2022, p. 125).

No momento em que me entreguei ao labiríntico processo de ir ao encontro das experiências dos interlocutores, tive como resultado o encontro com outras pessoas que não só se identificam com as práticas da Nova Era, mas também com a “matriz de sentido”, como se configura a Escola do Ser. Observo a diferença entre o dédalo e o labirinto (INGOLD, 2015b).

O dédalo (*maze*), que coloca uma série de escolhas mas predetermina os movimentos implicados em cada uma delas, põe toda a ênfase nas intenções do viajante. No labirinto (*labyrinth*), por outro lado, a escolha não está em questão, mas seguir a trilha exige atenção contínua (Idem, p. 21).

Tomo o labirinto como referência, isto é, como um processo de caminho trilhado com atenção contínua aos interlocutores e da minha própria entrega ao processo de caminhar com os eles pela cidade, mais próxima, nesse sentido, da experiência do *flâneur* ao percorrer Paris, como um detetive criminal.

Em tempos de terror, quando cada qual tem em si algo do conspirador, o papel do detetive pode também ser desempenhado. Para tal a *flânerie* oferece as melhores perspectivas. “O observador — diz Baudelaire — é um príncipe que, por toda a parte, faz uso do seu incógnito.” Desse modo, se o *flâneur* se torna sem querer detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica a sua ociosidade. Sua indolência é apenas aparente. Nela se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, o detetive vê abrirem-se à sua auto-estima vastos domínios. Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno vôo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista. Todos elogiam o lápis veloz do desenhista (BENJAMIN, 1994, p. 38).

Com base nos recortes determinados por essa apresentação, sigo para o relato da experiência de caminhar pela cidade com os interlocutores. Meu objetivo é iluminar alguns aspectos das práticas de autoconhecimento que foram suscitados no encontro presencial numa atividade típica de encontro social para o lazer e a

confraternização entre os interlocutores da Escola do Ser. Assim, como nos desenhos abaixo, sigo em busca compreender a cidade a partir de um roteiro construído pelos interlocutores, que a tomam como uma cidade envolta por uma energia especial, portanto, sendo considerada um destino sagrado para a busca do equilíbrio pessoal.



Figura 16: *Yin yang* na cidade de Pelotas. Fonte: Autora, 26/11/2022.

Mesmo já tendo dado por encerrado o período de pesquisa de campo, eu não perderia a visita de Vitória, uma importante interlocutora da pesquisa, à cidade onde

habito. Assim, combinei o encontro para o dia seguinte. Além do mais, outros encontros presenciais tinham sido de enorme importância para o entendimento das situações que eu havia observado nas atividades remotas da Escola do Ser, a que me dediquei no capítulo 2.

Finalmente o dia chegou, os interlocutores e eu nos encontramos no dia 26 de novembro de 2022, sábado, às 14:30 no Mercado Público de Pelotas²¹, no centro histórico da cidade. Vitória foi quem organizou o encontro, após chegar na cidade, no dia anterior, e Arthur foi quem escolheu o ponto de partida. Tudo se deu organicamente, pois a proposta era um encontro sem roteiro pré-definido. Segundo Vitória, sua visita à cidade era para “recarregar as energias”, encontrando-se com o grupo de frequentadores da Escola do Ser, incluindo a mim. Aproveitou a oportunidade para, após o nosso encontro, rever outros amigos da comunidade de surdos com quem estabeleceu laços de amizade depois da conclusão do curso de Bacharelado em Letras Libras, na universidade da cidade.

Também estiveram presentes outros três interlocutores, os terapeutas Eduardo e Fabiana e Arthur. Este último é um jovem poeta e terapeuta de 20 anos em busca de uma definição profissional, é frequentador da Escola do Ser. Até aquela data, eu conhecia pessoalmente apenas os terapeutas. Durante o período de imersão em campo, Vitória e eu marcamos incontáveis vezes o encontro presencial, sempre adiado, ora pelas novas ondas de contágio em razão da pandemia, ora por incompatibilidades de agenda e, principalmente, pelas distâncias geográficas entre Pelotas (RS) e Florianópolis (SC), local em que reside.

Acordei naquela manhã lutando contra uma ansiedade que não me abandonava, sentia fortes dores nas pernas e isso me deixava apreensiva por ter combinado o encontro. Como os analgésicos e relaxantes não demonstraram qualquer efeito, decidi estampar um sorriso no rosto e ir assim mesmo. Cheguei ao ponto de encontro um pouco atrasada por uma sucessão de imprevistos. Descrevo esse momento em razão da interpretação feita pelos interlocutores e da reação deles aos infortúnios.

²¹ O Mercado Público de Pelotas foi objeto de minha pesquisa sobre as dinâmicas que ocorrem no patrimônio cultural institucionalizado. O evento pesquisado mais detidamente foi uma festa que ocorria no local, que por seu caráter popular, um encontro de moradores dos mais variados bairros periféricos da cidade, marcadamente frequentados por pessoas pretas, mas não apenas, denominado *Sexta Black*, foi palco de inúmeros conflitos entre o poder público e os frequentadores. Observei tais dinâmicas inscrevendo dados em meu diário gráfico, e debruçada sobre este material realizei a pesquisa na área da Antropologia Urbana e Visual, que também tem impacto neste trabalho (GARCIA, 2018).

4.1. Primeiros passos no caminho: força mágica no poder das palavras

O carro de transporte que solicitei por aplicativo não aparecia e busquei a razão da demora. Quando detectado o motivo percebi que havia cometido um erro. Indiquei no aplicativo o endereço errado, saí apressada de casa para encontrar o motorista, que estava numa travessa próxima a minha casa. Porém a rua é uma descida íngreme, a qual desci correndo. O carro já havia passado e comecei a fazer sinal com as mãos, e, para minha sorte, o motorista visualizou e aguardou. Embarquei, pedindo desculpas pelo meu erro e seguimos. Com muita gentileza o motorista se desculpou comigo, por um equívoco que havia sido meu. Acolhi o gentil gesto do rapaz, procurei o celular e avisando Vitória da razão do meu atraso, ao que Vitória contemporiza dizendo que também estava atrasada e que aguardava por Arthur que também enfrentava problemas com a locomoção.

Ao chegarmos próximos ao destino, notei um grande acúmulo de gente. Acontece que estava programada uma manifestação popular aos moldes dos que costumam ocorrer naquele local do centro da cidade que eu conhecia bem. Desembarquei do carro um pouco antes do local combinado. Foi preciso caminhar um bom trecho a pé, ziguezagueando por entre as pessoas que se acumulavam, pacificamente. Tudo indicava que era uma manifestação de cunho religioso, pois nas camisetas das pessoas estava escrito um salmo que não consegui identificar com precisão.

Quando finalmente cheguei no ponto marcado, procurei por Vitória no local que aparecia na fotografia enviada por ela através do aplicativo. Foi então que Vitória me avistou, acenou e veio ao meu encontro. Com o sorriso largo e de braços abertos, me abraçou sem qualquer constrangimento. Superadas as distâncias, nossa amizade parecia se estreitar, oriunda do meu trabalho de campo remoto.

Depois dos cumprimentos e trocas de amenidades, perguntei por Arthur, pois eu não havia conversado pessoalmente com ele. Mal ela me informou que ele estava a caminho e este entrou pela porta próxima do local em que estávamos. A mesma reação se repetiu, nos cumprimentamos com um abraço. Logo em seguida

Arthur pediu desculpas pelo atraso, pois surgiu um problema no carro, este não ligava. Ele relatou que o problema já tinha acontecido quando saiu de casa para nos encontrar. Pensou ter sido falta de combustível e decidiu abastecer o veículo, mas o problema se repetiu quando tentava sair do posto de combustíveis. Disse que após muitas tentativas, quando estava por desistir, o carro finalmente funcionou.

Justificada a demora, foi a vez de Vitória comentar a razão do seu atraso. Acontece que na casa que estava hospedada houve queda de energia elétrica no exato momento em que estava no banho, tendo que finalizá-lo frio. Em razão da demora para o restabelecimento do serviço, foi necessário pedir a ajuda dos anfitriões, pois o portão, que era elétrico, parou de funcionar. Os interlocutores também disseram que Eduardo e Fabiana chegariam mais tarde em razão de um imprevisto, um curso que estava agendado também para aquela tarde, sobre o qual o casal havia esquecido. Após as justificativas, ambos expressaram gratidão ao universo, de forma emocionada, por termos conseguido chegar ao encontro. Eu observei atentamente seus gestos.

Notei que a ênfase não foi dada aos problemas que atrapalharam a chegada, mas à persistência de todos para a efetivação do encontro. Se divertindo com o que mais pudesse estar por vir, riram e bateram palmas. Foi quando ambos uniram as palmas das mãos, levaram unidas em direção ao peito, e exclamaram juntos: “Gratidão, universo! O que mais é possível?”.

Com base nessa e em outras experiências, realizadas em momentos pontuais, vou iluminar a prática cotidiana do uso da frase. Isto porque o uso recorrente da expressão é ditado conforme os parâmetros acordados entre os indivíduos do coletivo e se deve ao sentido de conexão espiritual e de autoconhecimento que é atribuído a ela.

A expressão “o que mais é possível?”, utilizada no contexto específico da experiência empírica no Mercado Público, foi mencionada pelos interlocutores e se deveu a série de infortúnios que retardaram a nossa chegada ao evento programado. Porém ela assume outros usos e sentidos que são referenciados pelos contextos em que são acionadas pelos indivíduos. De modo que, apesar de não ser o propósito deste capítulo tratar da técnica, é necessário, ainda que minimamente, apresentá-la, para melhor observar os usos cotidianos da expressão “o que mais é possível?”.



Figura 17: Palavras de poder na vida cosmopolita Nova Era. Fonte: Autora, 15/08/2020.

A frase é um código verbal, que pode ser entendido como uma oração e tem como sentidos fundamentais a expressão de um agradecimento e de um pedido que são indissociáveis (Ver Figura 17, p. 151). A expressão integra o conjunto de uma técnica terapêutica Nova Era específica, denominada Barras de Access Consciousness, cuja forma procedimental se dá pela relação terapeuta/paciente. De modo que, para além do procedimento de atendimento técnico com a terapêutica, esta é composta por questionamentos que sugerem, pelos modos de fazer, se tratar de pequenas orações, que não seguem uma forma rígida e que não ocorrem durante o processo de atendimento da técnica terapêutica propriamente dita.

Esta frase, isolada em relação à técnica, é ensinada no curso de autoconhecimento Arte de Estar no Agora (Ver subcapítulo 3.2). Observo aqui que o curso de autoconhecimento se deve ao ensino de modos de perceber os pensamentos, sentimentos e emoções. Seus efeitos são suscitados no corpo e nos comportamentos sociais, em decorrência dos mais variados eventos da vida cotidiana. São atinentes às percepções do passado, do presente e das projeções do futuro, e são identificados na particularidade de si na relação com os outros.

Assim como outras meditações ensinadas na Escola, estas “orações” são criativamente construídas, e podem ser de uso de um público mais amplo tendo, como princípio o processo de autoconhecimento, dentro do qual ocorre a formulação semântica, racional, do questionamento (“oração”), pois baseia-se em sensações físicas. É possível destacar algumas dessas frases que são uso mais “geral”, conforme apresentado no desenho acima, realizado no contexto do curso A Arte de Estar no Agora, são elas: “o que mais é possível?”; “como pode melhorar?”; “o que eu não considere?”; “a quem pertence isso?”. Todos os questionamentos devem, dentro de um consenso, decorrer de um processo de (auto)observação.

O propósito do ritual de curta duração, é que, na medida em que o indivíduo identifica alguma adversidade - emoções, sensações ou pensamentos considerados negativos, ou de baixo padrão energético -, os interlocutores com os quais conversei acreditam que, ao emitir a oração, possa ocorrer algum tipo de transformação; quer no plano cósmico, quer nos padrões emocionais do indivíduo. Essas orações, revelam operações simbólicas que tem como finalidade a conexão com uma dimensão extrafísica (a energia cósmica universal), que sugere a busca pelo equilíbrio vital (corpo, mente, ambiente). No entanto, os interlocutores ressaltam que para que surta efeito, é preciso que a oração seja ela “o que mais é possível?” seja qualquer uma outra, demanda um exercício de expressão sentimental/emocional. Em outras palavras, é preciso ser acompanhada de genuíno sentimento de amor e de gratidão.

Este princípio foi percebido por mim no Mercado Público da cidade, em que o atraso de todos para o encontro foi considerado, pelos interlocutores, uma espécie de infortúnio. Quando Vitória e Arthur emitem em conjunto a expressão “o que mais é possível?”, ocorre a união entre ambos e a relação comovente e comovedora revela a crença em uma espécie de poder das palavras.

No dia a dia, esse ritual, que poderia passar despercebido, ocorre inúmeras vezes. Pois os interlocutores acreditam que ao emitir tais questionamentos, ocorre um processo de mudança no nível energético dos pensamentos e das emoções, e o quadro geral iminente identificado pelo indivíduo como negativo, possa ser modificado por outro considerado mais positivo. Isto implica em um processo de conscientização do indivíduo sobre as circunstâncias que ocorrem no instante em que a ação é praticada. Quando a situação se encontra em um estado considerado

positivo, a frase também é utilizada. Nesse caso o objetivo é que mais eventos positivos similares passem a acontecer.

Além da expressão “o que mais é possível”, existem outras de uso mais geral, porém utilizadas em menor escala, mas todas são consideradas modos de acesso ao divino. Os interlocutores também acreditam que a oração exerça uma força de atração das energias universais, como seriam, por exemplo, os pontos cantados nos ritos de matriz africana, (BRITO, 2017). Contudo, na experiência cotidiana, a conexão é sutil e não prevê longos momentos de ritualização, mas sim, breves instantes de “presença” e lucidez de pensamento (consciência holística de si).

Lima (2019), em seu trabalho de campo, observa a ação das palavras no ritual católico da Novena de Santa Rita de Cássia, na igreja dedicada à santa, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse trabalho, a antropóloga afirma que é preciso considerar a situação do discurso, ou contexto, para assim compreender a forma e o conteúdo da oração. Isto é, para se compreender melhor o significado do pedido na novena. Assim, apoiada em Edmund Leach, a antropóloga considera que um ritual que inclui a fala, e também o gesto, é eficaz devido ao poder das palavras e ações.

Durante a música, algumas pessoas choravam, outras dançavam, outras ainda se abraçavam, enfim, por meio de sua função expressiva, a música produzia e deixava aflorar as emoções. Assim, naquele momento, eram realizadas comunhões e trocas simbólicas e sociais entre as pessoas e os santos, e entre as próprias pessoas (LIMA., 2019, p. 64).

Os entendimentos de sentimento e emoção não se atêm a uma divisão dicotômica entre interno e externo, mas mediante processos dinâmicos e interdependentes que se processam no indivíduo em uma prática cotidiana. No momento em que os interlocutores agiram de forma supostamente grata, pude perceber que tais emoções fazem parte de esquemas ou padrões de ação que interagem com um sistema ambiental, social e cultural mais amplo. No vocabulário êmico o termo “gratidão”, é carregado de sentido. Os interlocutores consideram que para além de uma expressão emocional, a gratidão sentida expressa de um tipo de poder pessoal que, nesse contexto, acumula significados por se ater a um estilo de vida específico. As emoções, nesse sentido, parecem ser aprendidas socialmente e acionadas de acordo com cada contexto específico (REZENDE E COELHO, 2010). Assim a frase “Gratidão, Universo! O que mais é possível?” exerceria um tipo de força mágica.

4.2 Linhas, narrativas e outros deslocamentos

Tim Ingold tece uma profunda reflexão para compreender diferentes modos de caminhada, apoiado nas proposições da escritora e ativista ambiental Rebecca Solnit. Ingold compara a leitura a um modo de passeio.

Rebecca Solnit compara a escrita ao desbravamento de um caminho, e a leitura à viagem. “Escrever”, ela sugere, “é desbravar um novo caminho através do terreno da imaginação [...]. Ler é viajar por esse terreno com o autor como guia” (SOLNIT, 2001, p. 72). Claramente, tanto o desbravamento de caminhos quanto as viagens guiadas implicam o exercício da visão (INGOLD, 2015a, p. 283).

Conforme prosseguem em seu caminho, tanto o desbravador quanto o viajante devem andar com atenção e olhar para onde estão indo, o primeiro para fazer a trilha (desbravador), o segundo para não tropeçar enquanto monitora as características do terreno conforme aparecem (Ibidem). Para Ingold, tomando por base tal analogia, então a escrita e a leitura também são práticas visuais, como modo de caminhada mental. Aí reside a sua crítica em relação a alguns antropólogos que consideram a escrita como uma prática não visual. Ingold testa seu argumento falando que os monges da era medieval, se viam como peregrinos, viajando em suas mentes de um lugar para o outro, compondo pensamentos à medida em que estes surgiam, desenhando, ou “puxando”, as ideias alojadas em locais previamente visitados. A palavra em latim para esse desenhar ou puxar era *tractare*, da qual deriva a palavra portuguesa “tradado”, no sentido de uma composição escrita.

E o fluxo da mente pensante, que avança pelas trilhas do texto escrito, que na era medieval era um tipo de desenho contínuo, era conhecido como *ductus*. Como a água em um aqueduto, o pensamento flui de uma fonte em direção a um objetivo, (...) ele não é, de maneira alguma, uniforme, ele é dividido, pontuado, “punçando-se a superfície do pergaminho” (Ibidem), em passagens de diferentes cores e humores. Assim, ele diz que os leitores das escrituras, ao prosseguirem como se andassem por uma paisagem, tem sua atenção levada a alguns pontos ao longo do caminho. A partir da proposta de Ingold, pequenos eventos, podendo ser arquiteturas ou pequenos diálogos, são vivenciados através de dispositivos que não são somente da

escrita, mas que fundamentalmente são da ordem da imaginação sobre outras formas de investidura em uma realidade cultural qualquer.

Garcia (2018) apoiada em Rouanet (1993) diz que a antropóloga, como uma personagem, nem errante e nem perdida, antropologiza e se permite experiências nas/das experiências dos interlocutores e do espaço nos quais investe sua atenção. Ao considerar a “transitoriedade das coisas” que observa (ROUANET, 1993, p. 31), o movimento da pesquisadora na cidade, entre pessoas e todos os outros elementos que ela observa e que a atravessam, Garcia (Idem) diz que:

Como flâneuse, transita num labirinto de sentidos possíveis e narrativas transgredidas, mescladas, criadas, inventadas e todas elas “reais” age como se despertasse em seu próprio sonho e, nos sonhos dos outros que passam por ela, permite-se viver na “transitoriedade das coisas” (GARCIA, 2018, p. 23).

Além disso, a própria paisagem da cidade evoca narrativas (RICOUER, 1998; GARCIA, 2018). Mais do que simplesmente estar ali, o espaço habitado da cidade, consegue comunicar e é capaz de emitir mensagens interpretadas (ou traduzidas) através das formas como os espaços são praticados, pois a própria paisagem comunica narrativas (RICOEUR, 1998).

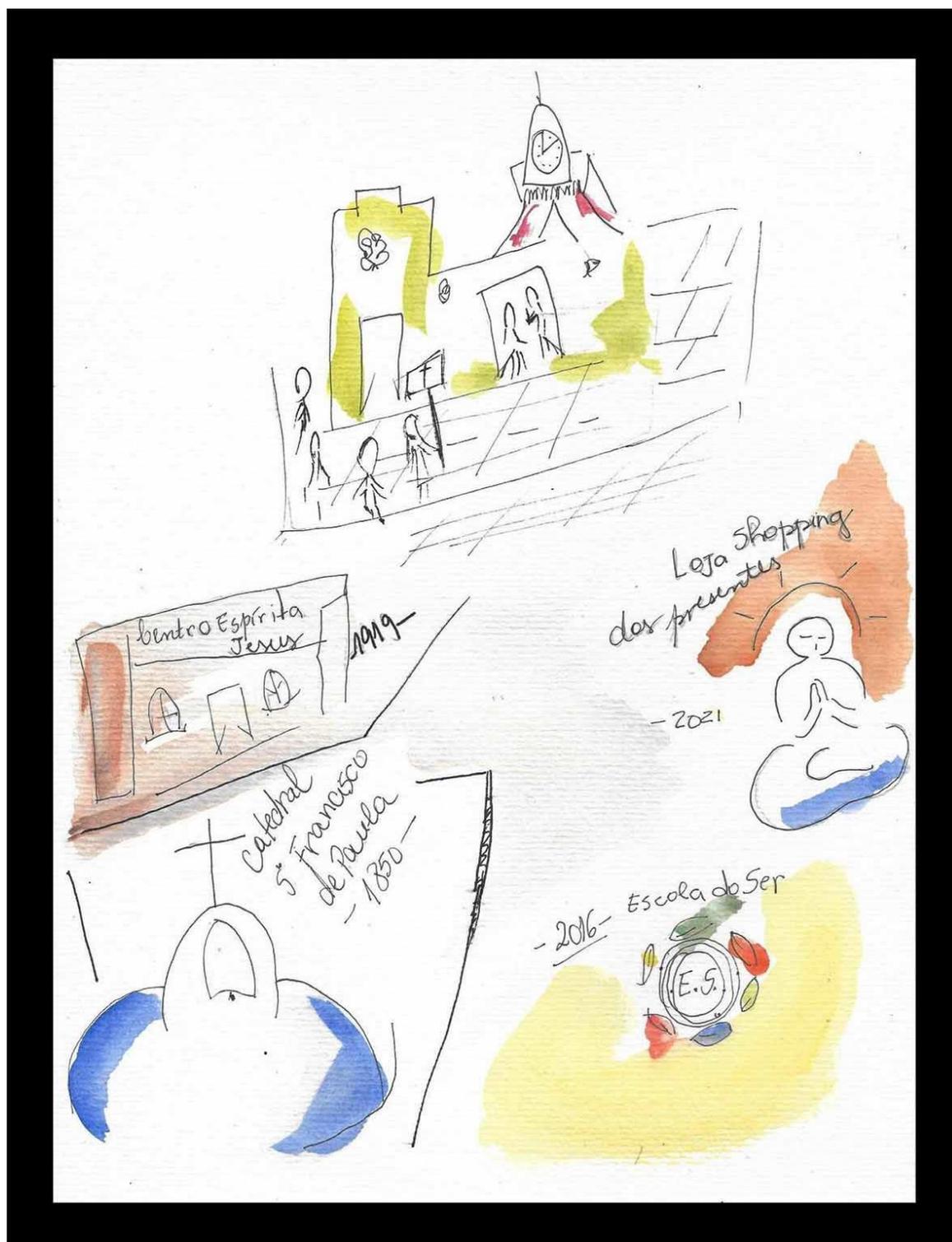


Figura 18: Cartografia do pedaço, região marcada pela narrativa de espiritualidade. Fonte: Autora, 28/11/2022.

Com base nessas proposições, teóricas e visuais, retomo o relato do encontro daquela tarde, pensando nas experiências do espaço vivenciado, através das narrativas dos lugares e do entorno. Vitória decidiu o nosso roteiro, que passou a incluir a compra de presentes para o casal, Fabiana e Eduardo. Para isso, seguimos

a indicação Arthur e fomos a uma loja de artigos neo-esotéricos situada nas proximidades do Mercado Público, onde nos encontramos.

Chegamos ao local indicado, depois de uma curta, porém lenta caminhada. Entretanto, antes de adentrar a loja, Vitória, quis arrumar-se, assim pude observar melhor o local. A loja, chamada Shopping dos Presentes, fica situada em uma edificação em tons de marrom e terracota, a arquitetura do prédio segue um estilo colonial, própria da região em que está situada, nas proximidades do centro histórico da cidade, mas ainda no anel central voltado às práticas de comércio. Em frente às grandes janelas do prédio, há estátuas de Buda de aproximadamente um metro e meio. Para adentrar a loja é necessário subir uma escadaria não muito longa e na base da escada há a estátua de um felino (puma) de pelo menos um metro de altura. A estética da loja é contrastante na paisagem em relação ao restante da região, não só pelas imagens simbólicas, mas também pelo aroma de incenso que pode ser percebido a certa distância. A julgar pela localização e apresentação estética, somada à atitude de Vitória, quase solene, parecia-me que estávamos prestes a visitar um local sagrado.

Arthur, que exibiu ao longo de toda a experiência uma atitude muito desembaraçada, foi logo entrando na loja e cumprimentando a vendedora, chamando-a pelo nome, Taiane. Ao longo da experiência tomei conhecimento de que a vendedora é uma frequentadora assídua da Escola do Ser, permitindo fortalecer ainda mais a relação entre os locais.

Vitória e eu entramos, logo atrás do nosso acompanhante. Arthur nos apresentou a atendente a quem tratava afetosamente. Esta nos abraçou, como fez ao receber Arthur. Vitória comunicou nossa busca por presentes, e Arthur disse que eram para Eduardo e Fabiana, como Taiane os conhecia, disse que seria fácil, mas não interferiu na escolha. Taiane, nos guiou por entre os corredores, encaminhando-nos para o interior cheiroso da loja. Assim como os incensos que queimavam do lado de fora da loja, também no interior era possível perceber muitos deles dispersos ao longo dos corredores bem organizados e amplos, com grandes colunas e decorado em madeira. Notei também que a loja, e o prédio, se pareciam muito com a sede da Escola do Ser, não muito longe dali, a apenas dois blocos de quadras à frente.

Muitas memórias me foram despertadas através dos incensos e da própria arquitetura do local. Assim, me foi possível recordar, por exemplo, que mesmo sem

perceber aromas em razão das ambiências do remoto, eu sempre presenciava incensários com incenso queimando nas casas dos frequentadores do curso A Arte de Estar no Agora. No caso da sala em que Fabiana e Eduardo faziam as transmissões das aulas, a composição do ambiente era formada por um incensário e uma estatueta em formato de uma pena de pássaro, na cor branca e com a ponta dourada.

A pena não parecia estar lá ao acaso, pois remetia à Escola do Ser, cuja logomarca é formada por penas e folhas coloridas que circulam ao redor de uma forma em espiral. Ao longo das linhas, a forma espiralada é demarcada por pontos com distâncias variáveis, as linhas, em alguns momentos se tocam. As linhas da logomarca se distanciam e se aproximam umas das outras, dando a impressão de que se movimentam incessantemente, assim como os indivíduos nesses circuitos. No centro da imagem está o nome do local. É possível apreender da logomarca da Escola a própria relação entre os membros que compõem o que se pode entender como comunidade da Escola do Ser, que se conecta através de muitos suportes narrativos e imaginações suscitadas pela memória.

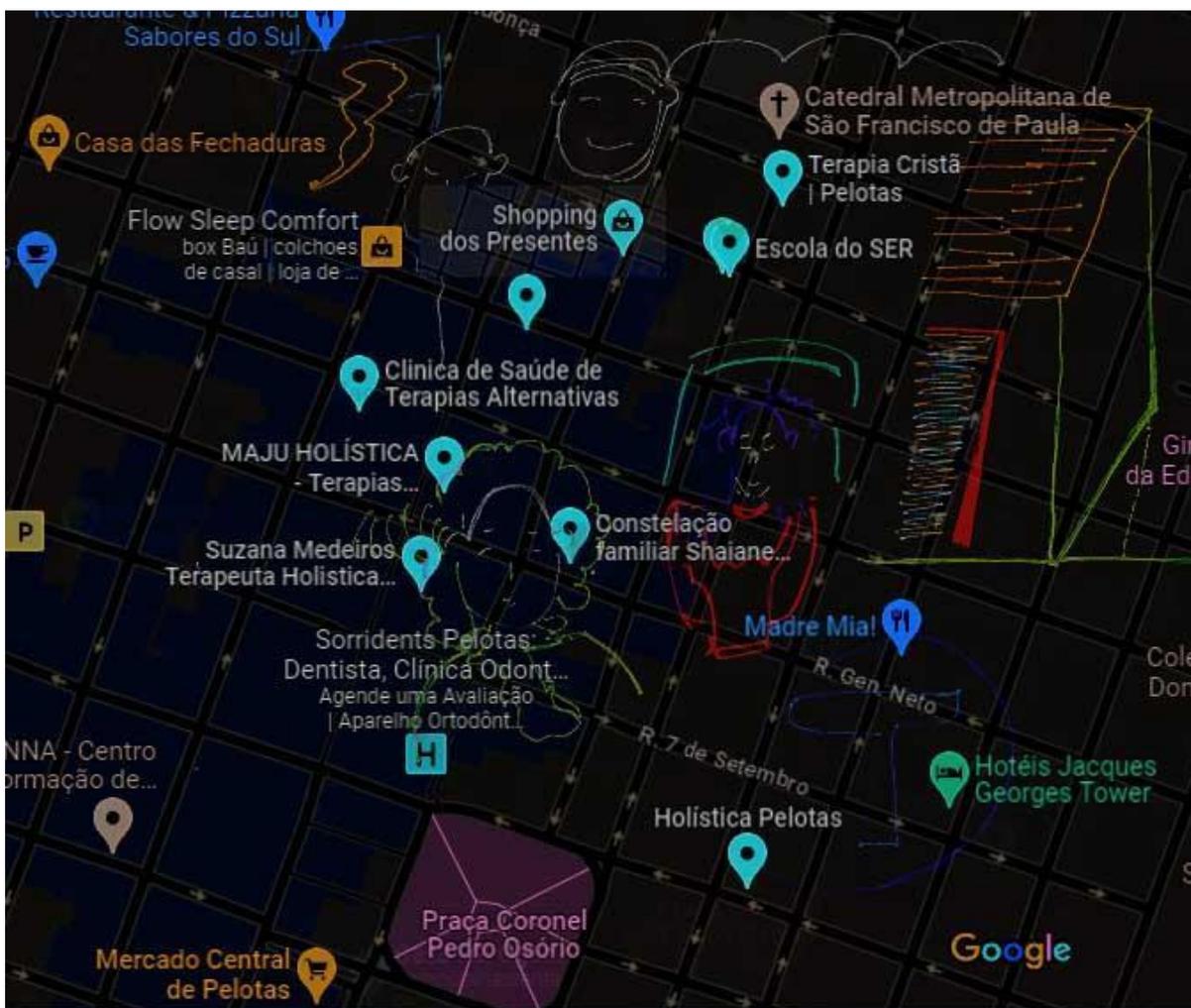


Figura 19: Cartografia sobre um modo de caminhada mental no centro de Pelotas-RS.
Fonte: Autora, 14/08/2023.

Com base nessa curta, porém intensa experiência de caminhar e recordar, criei algumas imagens que servem como cartografias do espaço, incluindo as relações e dinâmicas suscitadas não apenas pela experiência de caminhar, mas também as do passado, isto é, das narrativas de autoconhecimento ensinadas na Escola do Ser.

As cartografias que iniciam esta passagem, no duplo sentido do termo, textual, mas também da experiência de flunar com os interlocutores, foram realizadas através de diferentes suportes.

A imagem é uma “forma que pensa” na medida em que as ideias por ela veiculadas e que ela faz nascer dentro de nós - quando as olhamos - são ideias que somente se tornam possíveis porque ela, a imagem participa de histórias e de memórias que a precedem, das quais se alimenta antes de renascer um dia, de reaparecer agora no meu *hic et nunc* e, provavelmente, num tempo futuro, ao (re) formular-se ainda em outras singulares direções e formas (SAMAIN, 2012, p. 33).

Assim, as grafias aludem a distintas temporalidades das experiências do espaço vivido, e tem como base a experiência do trajeto com os interlocutores. A aquarela situa a região mais aproximada percorrida pelo nosso caminhar no dia do encontro. Referencia-se a partir da imagem, a Escola do Ser, que fica situada em uma região da qual se destaca uma significativa narrativa religiosa. Tal constatação se deu não apenas em razão desta caminhada, mas de outras experiências realizadas por mim após o encontro com os interlocutores.

Nestas outras circunstâncias, identifiquei na paisagem do entorno, aproximadamente vinte estabelecimentos comerciais e espaços dedicados às práticas neo-esotéricas. Nas proximidades da Escola do Ser, encontram-se, também, outros referenciais religiosos, como a igreja matriz da cidade, a Catedral São Francisco de Paula, construída à época da fundação da cidade, no ano 1850. Em frente a igreja, o Centro Espírita Jesus, inaugurado no ano de 1919, filiado a Federação Espírita do Brasil. Também observei que há estabelecimentos que não são religiosos, mas que levam o nome “Nova Era”, como é o caso de um local que faz serviços de entregas por motociclistas.

Assumindo as imagens como formas que pensam (SAMAIN, 2012), a partir da proposta cartográfica digital, em que há além do rearranjo das formas da cidade, uma sobreposição de camadas visuais que supõe trajetos e poéticas diversas do vivido pelas pessoas na cidade, amplia-se as dimensões narrativas quando estas imagens são acrescidas das experiências remotas com os interlocutores. Segundo Magnani (1999, p. 51) a “sensação de comunidade” é uma experiência fundamental para que possamos compreender os efeitos que as práticas dos integrantes do universo “neo-esô” proporcionam no plano do comportamento e também da constituição do estilo de vida, no contexto, dinâmica e paisagem de uma metrópole.

É com a imagem, e com as suposições de novas imagens, que se faz possível conceber caminhos ou fios que conectam a experiência localizada na loja a outras que são projetadas pelos interlocutores também como referentes das experiências do circuito. Desse modo, contemplo a possibilidade de pensar por imagens em um circuito mais amplo, que não se prende apenas à materialidade dos lugares de experiência do sagrado Nova Era na cidade de Pelotas, mas inclui outras formas de experimentação e de construção das relações sociais no âmbito das cosmologias da Nova Era.

4.3 O simbolismo da criança e da magia: indústria da arte e da comunicação de massa na espiritualidade Nova Era

A loja é um lugar amplo e com uma variedade impressionante de objetos. Alguns deles se referem à religiosidade à primeira vista: quadros, incensos, pedrarias, santos católicos e Jesus em postura de meditação, quadros de deidades hindus, egípcias, de matriz africana, etc. Uma infinidade de itens de materiais que fazem referências a muitas crenças e religiões ocidentais e orientais.

No entanto, outros itens despertaram a minha curiosidade, tais como bonecos de personagens de séries de televisão, de filmes e de histórias em quadrinhos. Observando mais detidamente, percebi que se tratava de narrativas simbólicas coerentes com as que observava nos encontros terapêuticos do autoconhecimento. Tais objetos são carregados de simbolismo, como é, por exemplo, o caso do boneco do personagem “Chaves”.

A Turma do Chaves é uma famosa série mexicana de humor criada nos anos 1970, por Roberto Gómez Bolaños. No Brasil foi veiculada, até muito recentemente, pela emissora de sinal aberto de televisão SBT. Os personagens da série, de forma satírica, representam as relações sociais que ocorrem em uma vila composta por moradores de diversas idades e configurações de família distintas. O personagem principal, Chaves, representado por Roberto Bolaños, é um menino de oito anos de idade, órfão, que enfrenta situações adversas na relação com os outros, sem perder a inocência própria atribuída à figura da criança.

É possível fazer uma relação com as terapêuticas realizadas na Escola do Ser a partir deste simbolismo. A criança representa na cosmologia a essência individual e muitas vezes, nas narrativas, a imagem da criança pode ser compreendida como sendo a representação do “*self* verdadeiro”. Nas meditações, mais precisamente, a busca pelo autoconhecimento se dá pela rememoração do passado, em que os praticantes devem buscar na memória, compreender a forma como observavam o mundo quando eram crianças de apenas oito ou nove anos de idade. Há nessa referência a possibilidade de pensar o simbolismo da criança como referencial da essência individual. Nesse sentido ficam evidentes as ideias de essência/imanência e transcendência. Pois ao mesmo tempo em que existe uma busca pela essência individual, representada pela simbologia do “ser criança”,

também existe a necessidade de transcender aos aspectos “negativos”, isto é, aqueles que foram incorporados ao longo da vida, nas relações entre indivíduo e sociedade, em contato com a cultura. Revelando-se como um processo de “desaprendizado” de formas e padrões de comportamento social para a incorporação (aprendizado) de novos regimes de *habitus* comportamentais, alusivos ao “olhar da criança”, ou seja, ao reencantamento sobre as coisas no mundo. Essas práticas de encontro com a figura da criança, estão presentes nas também em cosmologias e práticas da espiritualidade tradicional do *taoísmo/daoísmo* chinês, em que a criança representa uma espécie de renascimento contínuo, isto é, de mudança e produção da diferença, através das ideias de pureza e liberdade individual.

Chiesa (2017) tensiona a figura da “criança” como sendo um símbolo de sagrado e reencantamento do mundo a partir das palavras “saúde” e “saudável”. que em alguns idiomas ocidentais apresenta raízes etimológicas semelhantes e em alguns casos iguais, podendo significar as ideias de “sagrado”, “santidade”, “salvação”. Tais termos apresentam correspondências às ideias de totalidade, inteireza ou integralidade em que a capacidade criativa associada a simbologia da criança apresenta um sentido de percepção de si mesmo (sua ontologia), e do seu mundo (sua cosmologia). Chiesa, apoiado em Ingold e no poeta Manoel de Barros, diz que existe aí a possibilidade correlacionar os sentidos de infância e sagrado, pois:

ambos são poderosas forças que nos auxiliam no processo de “encantamento” do mundo, na busca pelo “maravilhoso”, na habilidade para se “espantar” (...) ou se deixar surpreender pelas pequenas coisas, pelas “insignificâncias do mundo e as nossas”, diria o poeta Manoel. (Idem, p. 100).

Nesse sentido, a imagem da criança representada pelo boneco do personagem Chaves descreveria imagetivamente um retorno ou à essência/espírito, ou a (re) descoberta de si, podendo ser considerado uma representação simbólica da sacralização do *self* individual. Alguns outros objetos são também bastante curiosos, como as representações de personagens das histórias em quadrinhos da DC Comics e Marvel além do personagem da emissora mexicana Televisa. Estas despertaram a atenção dos meus acompanhantes. Arthur pegou um dos bonecos, Doutor Estranho, na mão e brincou dizendo que queria ser como ele.

Num primeiro momento, essas referências parecem não fazer sentido, porém, há correlação entre o universo das histórias em quadrinho e as práticas espirituais

da Nova Era que em algum momento se encontram. Como mostra Guerriero e Stern (2019) a partir da análise de alguns desses personagens e mencionando justamente o que Arthur gostaria de ter. Não por ser um boneco para brincar. Vamos observar mais de perto a relação entre ficção e realidade, para encontrar as congruências com este universo.

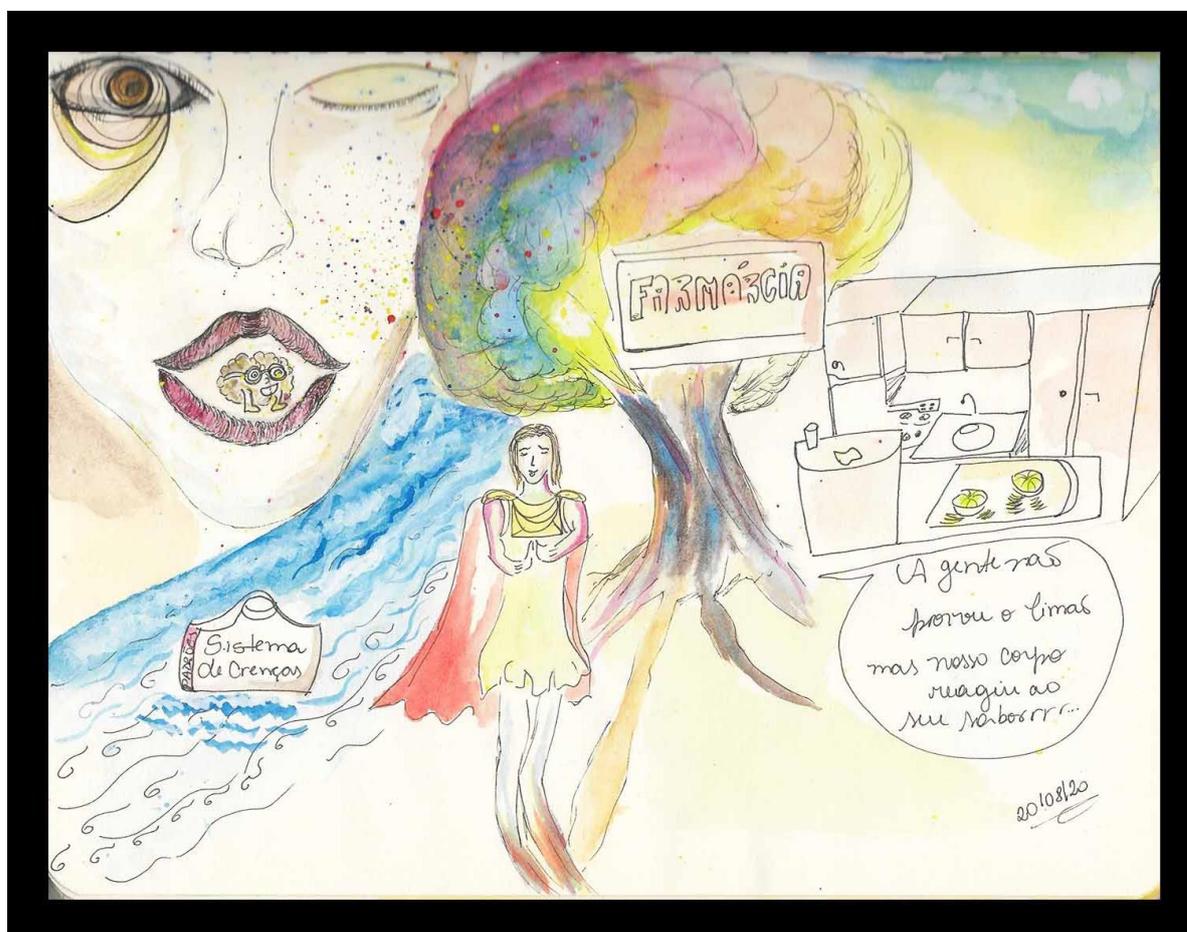


Figura 20: Autoconhecimento, ressignificação e a noção de magia em simbolismos outros. Fonte: Autora, 20/08/2020.

Doutor Estranho é um personagem de histórias em quadrinho criado na década de 1960. Quando adulto se torna um neurocientista materialista, que após um acidente de carro perde a coordenação fina²². Já sem esperanças de tratamento, decide ir ao Tibet em busca da cura que acreditava encontrar através de um lama²³. Na versão do cinema, o lama é representado por uma Anciã que lhe ensina sobre o funcionamento da magia através de uma alegoria com a computação, em que a

²²Cf. Silva e Giannichi (1995) - Coordenação motora fina define a capacidade física de realização de movimentos delicados específicos. São de usar de forma precisa os pequenos músculos, localizados principalmente nas mãos e nos pés, para movimentos delicados e específicos. É ela que permite manusear objetos e realizar atividades como recortar, costurar, desenhar, pintar e, claro, escrever.

²³ Ver Cruz (2014). Lama designa uma liderança ou mestre espiritual no budismo tibetano, também chamado de lamaísmo, entretanto o termo “lamaísmo”, atualmente, pode ser considerado pejorativo.

magia é vista como uma forma diferente de ciência. Nesse caso, é notada uma aproximação entre as noções de magia e ciência. Além disso, comentam os autores, nos quadrinhos da Marvel não é incomum que a magia seja relacionada ao “oriente místico”.

Segundo Guerriero e Stern (2019, p. 194),

nas histórias de super-heróis, a magia é uma constante, muitas vezes confundida com a espiritualidade e se apresenta como algo que não é objetivamente declarado como religioso. Muito afinadas às características da Nova Era, as histórias em quadrinho são um exemplo primoroso dessa nova configuração das expressões espirituais.

Podemos ver uma convergência entre a noção de cura associada aos lamas tibetanos com os resultados da pesquisa realizada por Nina (2006), em que a centralidade do conceito de cura, em muitas acepções, parece ser particularmente verdadeira no caso do budismo tibetano, um sistema no qual as práticas medicinais originárias da Índia, em especial da Medicina Ayurvédica, foram amplamente desenvolvidas, tendo conferido ao Tibete a alcunha de “país da medicina” e a “terra das plantas medicinais” (CLIFFORD, 1984, p. 3-4). Além disso, Nina (2006) destaca a figura do Lama Gangchen, que aos treze anos de idade já se dedicava ao aprendizado de várias disciplinas médicas, tendo adquirido reconhecimento na linhagem de lamas curadores. Com base nisso, destaca a autora possíveis curas milagrosas realizadas pelo lama, não só na Índia, mas em outros lugares do mundo pelos quais passou em sua peregrinação até chegar ao Brasil. Conta Nina que na década de 1980 o Lama Gangchen decide viajar para o ocidente inaugurando centros budistas conectados a uma rede internacional. No ano de 1987, inaugura no Brasil o Centro *Dharma Shi De Choe Tsog*, cuja procura das pessoas pelo local era em busca de curas.

Na verdade, ele praticamente não falava, realizava apenas, contam seus discípulos mais antigos, a transmissão do mantra de Buda Shakymuni: *Om Muni Shakhya Muni Maha Munyie Soha*. Lama Gangchen dizia que este era um mantra de cura e aconselhava seus discípulos que sua recitação fosse acompanhada de visualizações nas quais emoções negativas, tais como o ciúme, a raiva, a inveja, etc., e negatividades do corpo, palavra e mente fossem imaginados como uma luz negra que eliminamos no momento da expiação. (NINA, 2006, p. 87).

Importa, nesse sentido observar a correlação existente entre as narrativas acima descritas e as práticas meditativas da Escola do Ser, em especial, a aproximação das práticas de visualização meditativa da meditação do *Thetahealing*

(ver capítulo 3), como uma terapêutica de cura sobre as emoções individuais. A apropriação de tais narrativas espirituais-mágicas pela indústria fílmica expõe elementos que galgam espaço na sociedade ocidental a passos largos, como vimos. É implícito, mas contínuo nesse processo de modificação simbólica, a partir dos setores ligados a arte (note-se a apropriação da indústria visual e da moda, bem como a popularização iconográfica da obra *Monalisa* de *Leonardo Da Vinci*, por exemplo) a transformação das narrativas tradicionais para um sentido mais secularizado de práticas que acabam por se difundir nas sociedades, obviamente que apartadas de seu sentido original. Observando os filmes e os objetos como artefatos simbólicos, o consumo e a disseminação de tais *habitus* disseminam-se no *ethos* Nova Era para diversos setores da sociedade. De modo que a sua incorporação muitas vezes passa despercebida, num franco movimento de contágio e de apropriação que aproxima indivíduos de diversas crenças e doutrinas religiosas das práticas da Nova Era. A valorização dos aspectos mágicos no *ethos* Nova Era assume diferentes concepções. Pode ser simplesmente uma maneira de compreender o encantamento e a beleza da realidade e das vivências humanas, como no caso da valorização da essência/alma, como a representação da “criança interior”.

Também pode se estabelecer aqui estreita relação com o sentido clássico da ação mágica presente no ambiente, nas forças das águas, na ação dos satélites, etc. Mas também pode ser compreendido pelas sensações sentidas no próprio corpo, como a noção de magia relacionada à frase “o que mais é possível?”. As várias conotações que podem ser assumidas pela força de ação mágica pela palavra, podem ser entendidas, no sentido de Guerriero e Stern (2019) como uma operação meta-empírica que difere da percepção intuitiva e que serve para resolver desde problemas imediatos “até proporcionar grandes mudanças no rumo de vida das pessoas. Têm, portanto, uma finalidade prática” (Idem, p. 196).

4.4 Reciprocidade, gratidão e amor

O tempo que passamos na loja foi longo e descontraído, tendo sido considerado por Vitória e Arthur como um “estado de presença”. Pode-se perceber,

assim, que foi entendido pelos interlocutores como um tempo de experiência espiritual de meditação ativa em um *continuum* do *habitus* de autoconhecimento. Nesse sentido, a existência individual apresenta-se como um projeto reflexivo, um conjunto aberto de múltiplas possibilidades que requerem decisões constantes (GIDDENS, 2005, p.27). A biografia do indivíduo é, assim, um *constructum* que se forma por mediante um *continuum* de caminhos percorridos e a percorrer (cf MATEUS, 2011)²⁴.

A ritualização da experiência pode também ser percebida a partir dos processos que conduziram as escolhas dos objetos simbólicos com os quais Vitória e Arthur presentearam, mais tarde naquele dia, o casal de terapeutas: o pequeno baú de mensagens (oráculo); um frasco de vidro transparente, em formato de coração que exibia dentro sete cores representando os pontos ou centros energéticos (chakras) do corpo humano e com um bilhete escrito “aqui energias ruins não entram” e; um pacote de incensos coloridos também representando os “chakras” (violeta, azul índigo, azul celeste, verde, amarelo, laranja e vermelho). Na Escola do Ser, acender um incenso e deixá-lo queimar, simboliza a emissão de pedidos, ao universo, e a “limpeza” energética do ambiente. Além disso, o processo de acendimento e queima de incensos é compreendido como um momento espiritual de conexão com a Fonte Criadora (DIÁRIO DE CAMPO, 22/03/2022).

No momento da escolha do baú de mensagens, fatos interessantes permitiram perceber o significado do item relacionado às práticas espirituais de autoconhecimento. Antes, porém, da escolha do “oráculo”, Vitória e Arthur decidiram experimentar a “sorte do dia”. Vitória foi a primeira, retirou da caixinha uma mensagem e leu em voz alta: “Use de serenidade para enxergar a realidade por detrás dos fatos, para resolver problemas, obter alegria e melhor fazer o que quer” (DIÁRIO DE CAMPO, 26/11/2023). Todos bateram palmas e riram, enquanto Vitória dizia que a mensagem era perfeita em relação às circunstâncias da sua situação do momento. Em seguida foi a vez de Arthur, que retirou a mesma mensagem que Vitória. Ao verificarem que se tratava da mesma mensagem, se abraçaram felizes e Taiane, a vendedora, se uniu ao abraço, rindo divertidamente, e em coro, disseram: “Que sintonia! O que mais é possível?”. A situação de sincronicidade da mensagem

²⁴ Cf. Samuel Mateus (2011). Ver MATEUS, S. O Indivíduo pensado como Forma de Individuação. Estudos em Comunicação nº 10, 93-106, dez., 2011.

e da exclamação motivou a alegria que já experimentavam, irrompendo em aplausos.

Daí em diante, o conteúdo revelava outra ordem prática, a da identificação intersubjetiva que motivava a troca de afetos e um sistema de afetação experimentada pelos interlocutores e confirmada pelo código “o que mais é possível?”. As sintonias entre Vitória e Arthur, acabavam de ser confirmadas como reais a partir do sistema mágico representado pelo “oráculo”, pois significava que ambos compartilhavam de buscas pessoais semelhantes.

Bem que eu senti, Arthur, que a gente está na mesma energia, que coisa boa isso, ainda bem que tudo deu certo e eu consegui vir para Pelotas! Que coisa boa encontrar vocês antes de viajar de novo! Vou levar essa energia comigo! Gratidão, universo! O que mais é possível?” (VITÓRIA, 26/11/2022).

Nesse contexto, cabe incluir a minha afetação em campo. Seguindo os passos dos interlocutores, também saquei do “oráculo” uma mensagem. Esta foi diferente da dos demais. O pequenino cartão, que muito me recordava os bilhetes de realejo, falava sobre uma situação de “trabalho árduo” e de “muitas dificuldades” que eu estaria enfrentando e concluía que através destes entraves eu alcançaria uma “grande libertação” e, com isso, “uma grande mudança na minha vida”. Li em voz alta, como fizeram os interlocutores. No primeiro momento, após a leitura, todos ficaram em silêncio e atentos a mim, de um modo que me senti constrangida. Longos segundos depois procederam com as constatações deles a respeito da minha “sorte do dia”. Vitória e Arthur me cumprimentaram pela “sorte” enquanto Taiane fez uma longa colocação, da qual transcrevo uma passagem importante para essa reflexão. Considero-a importante pois a partir da mensagem endereçada a mim Taiane reflete sobre si mesma e sobre sua visão a respeito do autoconhecimento como um processo relacional.

Que mensagem profunda do universo para ti, parabéns! É isso mesmo, quando a gente se propõe a mudar, a se conhecer, a vida nos coloca em muitas situações que nos desafiam, fazem a gente ver nos outros, coisas que gostamos e que não gostamos. (...). É bem difícil, acho que das coisas todas, o autoconhecimento é a mais difícil, porque a gente está acostumado a julgar e ver os defeitos nos outros só. Quando a gente vê os nossos, a coisa fica feia, o bicho pega. Dói. (...). Depois que passa, que a gente fica consciente daquilo, a gente segue a vida mais leve, sabendo melhor o que quer. O que a gente não gosta são coisas que nos machucam, e são as coisas que temos que mudar dentro de nós mesmos. E temos que ser gratos, por aqueles que nos ajudam a ver as nossas sujeiras, os defeitos que a gente não vê no espelho. O maior desafio é esse, conviver com pessoas que são diferentes de nós para aprender sobre a vida e sobre nós

mesmos, não existe despertar da consciência, mudança real sem as pessoas que pensam e vivem diferente da gente. É convivendo com eles que a gente descobre as sujeiras e as sombras que temos dentro de nós. A gente vê e se apavora, mas não tem volta, ou a gente muda com consciência, ou fica igual, mas depois que começa nesse caminho de despertar, a consciência não nos deixa mais ficarmos iguais. Depois vem outra pessoa, outra situação e a gente se depara com outra sombra. É para sempre! (...). Mas já faz cinco anos que eu estou por aí, no caminho. Troquei um emprego todo certinho, tinha minha mesa, meu computador, não me preocupava com nada de sexta a segunda. Fazia meu trabalho lá, ninguém me incomodava, mas eu não era feliz no meu coração. Porque é isso, é no coração que a gente tem que estar realizada. Estou aqui há três meses e está muito bom. Eu era muito tímida, mas até isso foi mudando, foi difícil, mas hoje está uma maravilha. Meu coração sabe o que é melhor para mim (TAIANE, TRANSCRIÇÃO DIRETA DE ÁUDIO, 26/11/2022).

Dizendo se tratar de uma mensagem do universo para mim, percebe-se na fala de Taiane que esses oráculos são antes de tudo uma ferramenta terapêutica, um importante instrumento de reflexão sobre si, correlacionado a uma ação mágica que a ordem material não poderia explicar, mas sim, a ação do cosmos. Além disso, é possível perceber a incorporação no *ethos* Nova Era de um *habitus* terapêutico que demonstra que o processo de autoconhecimento pode ser percebido como um processo de individuação do sujeito, ou de constituição de sua subjetividade quântica.

Segundo Mateus (2011) apoiado em Simmel e em Norbet Elias, o projeto de individuação é elaborado de acordo com um “campo de possibilidades” no qual o indivíduo está inserido, que possui contornos vagos, efêmeros e em constante processo de transformação. Uma vez que o processo de individuação ocorre sempre na tensão e interdependência entre os indivíduos em relação. Considerar a individuação no processo de autoconhecimento, permite ter em conta vista que o indivíduo nem sempre considerou a si mesmo de forma uniforme tampouco permanente. Antes ele sofreu as influências de um “ambiente”, de uma “ecologia humana” mutável (Idem).

Falar em individuação obriga-nos, de igual modo, a pensar o indivíduo e a sociedade em simbiose enquanto processos inacabados que reagem mutuamente entre si, numa readaptação constante. A individuação indica-nos o modo como o indivíduo se constitui, forma e reelabora à medida de cada época ou contexto social (MATEUS, 2011, p. 8).

Segundo o filósofo contemporâneo Pelbert (2000, p. 13) a subjetividade quântica conceitua um processo de individuação incessante e inacabável: “é um campo que o indivíduo carrega consigo, como um reservatório de renovação para reconfigurações futuras”. O *habitus* do autoconhecimento pode ser pensado, assim,

como construído nas práticas cotidianas a partir das relações entre pessoas e coisas, fundamental para o entendimento do indivíduo como sendo ao mesmo tempo singular e plural. Isto é, o autoconhecimento é fundamentalmente o produto de investimento holístico que necessita das trocas relacionais, mesmo e, talvez, principalmente, através das relações tensas. Desse modo seria a partir das trocas com o outro relacional que a consciência de si é delineada.

Percebi na fala de Taiane, também, que a profissão como vendedora embora pudesse, em termos do *status* social corrente, ser considerado aquém do trabalho que exercia antes da sua decisão pelo estilo de vida Nova Era, que a mudança a fazia sentir-se muito mais realizada. Falava isso como que atenuando o que eu pudesse pensar. Alguns minutos depois, mudou o rumo da fala e olhando para mim com olhar profundo, simpático e semblante quase sorridente e enigmático, como o de Monalisa, passou a me encorajar, aconselhando-me a que eu confiasse mais em mim mesma pois as respostas a todas as minhas inquietudes e dificuldades estariam dentro de mim. Parece ter recorrido às palavras da mensagem que saquei do baú que Vitória escolheu para presentear os terapeutas. Esse eco me fez sorrir e, sem ter mais o que dizer a ela, agradei a empatia presente em seu gesto de aproximação naquele que se configurou como um momento ritual. Apertei a mão que ela me estendia carinhosamente, e em seguida ela saiu da sala sorrindo e batendo palmas de forma suave, como se estivesse contente com ela mesma, caminhando como se quase nem tocasse no chão. Taiane parecia uma dessas pessoas silenciosas e pensativas, fala em tom baixo e sereno com o olhar penetrante e emocionado. Observei que Vitória, Arthur e assim como Fabiana e Eduardo, apresentam comportamentos semelhantes.

Os presentes escolhidos por Vitória e Arthur demonstravam também o simbolismo do corpo-espiritual, simbolicamente representado por elementos naturais, como as pedras coloridas e o carvão colorido dos incensos. Além disso, o próprio ato de presentear revelava as noções de reciprocidade entre o que haviam aprendido através da relação estabelecida entre “mestres” e “discípulos”.

Vitória comentava que antes de iniciar o curso de autoconhecimento, o qual realizou por três vezes, era alheia ao seu corpo e as suas emoções. De personalidade emotiva e sensível, Vitória constantemente comentava comigo sobre a dificuldade de enfrentar momentos de solidão ou de separação, pois considerava que todos tais afastamentos seriam por culpa dela: “eu achava que tinha alguma coisa errada comigo, sempre que eu começava me sentir confortável, nos relacionamentos, por exemplo, a

pessoa deixava de gostar de mim. Hoje eu vejo que não. Percebo que eu preciso gostar de mim e não esperar a aprovação dos outros para ser feliz. Eu tenho a minha energia, preciso cuidar dela aqui e agora. Eu vejo isso agora. Graças ao Eduardo e a Fabi, que me ajudaram a ver e a cuidar do meu corpo, da minha essência” (VITÓRIA, TRANSCRIÇÃO DIRETA DE GRAVAÇÃO DE ÁUDIO, 26/11/2023).

Ao presentear o casal com tais objetos, Vitória (e todos nós por associação e extensão) também retribuía a dádiva recebida através dos ensinamentos transmitidos pelos terapeutas, perceptível em sua fala a partir da ideia do cuidado do corpo, das emoções e da sua energia. Os presentes buscados pelos interlocutores, para serem entregues aos terapeutas, podem ser entendidos como dádiva (*hau*) e reciprocidade (MAUSS, 2003), uma vez que a generosidade dos terapeutas em ensinar métodos de autocuidado, produz o desejo dos alunos em agradar o casal. Esse movimento de dádiva e contra dádiva produz um circuito de reciprocidade e gratidão, isto é, a generosidade do segundo em agradar e valorizar o primeiro (SANTOS, 2013).

Ainda nas pistas de Santos, é possível compreender a gratidão como um tipo de moeda de troca, nesse caso, a gratidão tem sentido como retribuição a um ato recebido em troca de uma ação generosa. No caso das famílias transnacionais, categoria desenvolvida pelo antropólogo em sua pesquisa em Alto Paraíso, local construído e dinamizado pelo alto índice de indivíduos imigrantes de todos os cantos do mundo que para lá se dirigem justificando-se pela energia atribuída ao local, os sistemas de trocas regem a economia a partir de laços de afeto. Laços esses que lhes permitem pensar o conceito de família para além de conexões biológicas, mas de afeto, diretamente relacionado ao entendimento do sentido holístico do conceito de amor-vibração “(((amor)))”, princípio energético de potencial atrator dos movimentos migratórios em Alto Paraíso. Para o autor, a tônica da reciprocidade, das relações dessas comunidades “emotivas”, é balizado tanto pela troca de favores, de dinheiro, de comida, entre outros, fazendo da reciprocidade generosa um bem tão valioso quanto seria o valor do dinheiro.

O lugar do recém-chegado na família, sua sincronia com as expectativas do grupo, deve ser demonstrado por meio da retribuição de presentes, afeto, recursos e trabalho ou por meio da expressão de gratidão – o reconhecimento de um compromisso “mágico” estabelecido – em relação à acolhida. (...). Justifica-se o pagamento como uma colaboração, uma retribuição por gratidão como outra qualquer (Idem, p. 347).

Mais tarde, encontramos-nos com Eduardo e Fabiana, já havíamos saído da loja e nos direcionado à praia do Laranjal, a pedido de Vitória, que queria ir em busca das energias das águas da laguna. Após esta passagem pela cidade, ela seguiu em direção à São Paulo, e pouco tempo depois, para Londres. Quanto a isso, Vitória foi taxativa sobre sua percepção de algum elemento sensível diferenciado que ela diz experimentar na região litorânea da cidade de Pelotas e em nenhum outro lugar por onde passou, mesmo residindo no litoral catarinense, não havia experimentado tal sensação. Foi lá que os terapeutas receberam os presentes doados por nós. Não interfeiri no processo de escolha, mas participei do evento. Após longas conversas na mesa de um restaurante, ao despedirmo-nos, Vitória sacou o embrulho de presentes e os deu ao casal. Após abrirem o pacote e expressar a gratidão com palavras de tocante afeto, promoveram um abraço coletivo de longa duração, durante o qual Vitória, visivelmente emocionada, agradeceu a energia recebida em todo o processo de ensino do autoconhecimento e da amizade resultante do encontro, como se fosse um encontro familiar.

O estilo de vida Nova Era, misticamente orientado, nesse tipo de comunidade que se mostra alcançando níveis globais, demonstra uma noção de espiritualidade convergente à valorização da autoridade interior e da relação com o outro. Está posto em cena, de acordo com Santos (2014) uma forma de comportamento, um *ethos* ecologicamente (holisticamente) construído que é o da percepção da interdependência entre as formas de vida, que segundo o autor, pode ser observada nas práticas de respeito à vida, à coparticipação do outro no mundo e conseqüente gratidão pela acolhida, pelos presentes, pelo trabalho que são recebidos e a valorização de relações fraternais. O sentimento de fraternidade em resposta ao estabelecimento dos laços construídos entre os interlocutores é dado a ver a partir de outro princípio colocado pelo antropólogo e chamado de “moralidade da semelhança”, que institui no *ethos* Nova Era o incentivo a incorporação de um *habitus* no nível das formas de comunicação mais afetiva com doações e retribuições de presentes e muitos abraços “oferecendo o lado esquerdo do peito” (Idem, p.348).

Através das experiências vividas neste pedaço do circuito pelotense, representado pelo deslocamento no interior da loja, como um microcosmo de uma rede de aproximadamente vinte e cinco espaços e lojas de ensino, aplicação e trabalhos terapêuticos Nova Era, ao qual soma-se, a partir da interpretação de

Vitória, a região litorânea da cidade; foi possível compreender as práticas, aprendidas no curso de autoconhecimento, como incorporadas ao *habitus* cotidiano desses indivíduos. Para além dessa incorporação, as relações sociais no circuito neo-esotérico pelotense podem ser percebidas a partir de outras dimensões e distâncias.

A busca pela vivência da espiritualidade Nova Era está sempre tensionada pela noção de mudança. Seja através da mobilidade/transformação simbólica de elementos heteróclitos dentro de uma narrativa neo-esotérica, e mesmo nas experiências terapêuticas, seja através da própria ideia de autotransformação. Através dessa noção, os indivíduos empreendem deslocamentos e seguem em busca de locais que lhes proporcionem as condições necessárias às experiências espirituais que têm o valor conferido pelo estilo de vida Nova Era. Assim, seguem em busca de destinos que não são apenas nas localidades de residência. Pode-se também conceber essa ideia de movimento como que atravessada pelas tecnologias assim como pelos deslocamentos geográficos.

Este foi o caso da viagem de Vitória para a cidade de Pelotas que teve como mote o seu encontro com a comunidade de afetos da Escola do Ser, que foi competente em mobilizar. Assim, a experiência com Vitória pode ser entendida como um tipo de peregrinação que o recorte da experiência na loja, foi capaz de condensar. Isto é, de mera busca por presentes, o evento transformou-se numa experiência espiritual de autoconhecimento. Do mesmo modo em que a motivação de Vitória ao empreender a viagem para a cidade em busca de “recarregar as energias” permite pensar na cidade como um destino místico.

Desse modo, Vitória incorpora a cidade a um roteiro mais amplo de destinos dispersos no planeta. Outras situações de peregrinação como esta podem ser vistas em narrativas suscitadas durante o encontro presencial com os interlocutores. Este é o caso do relato de Arthur, que durante o trajeto, comentava comigo sobre a sua escolha em dedicar um ano de sua vida para realizar viagens em busca de autoconhecimento. Durante este período ele viajou para a região da Chapada dos Veadeiros, na localidade de Alto Paraíso, e também para Brasília, Distrito Federal. Lá encontrou-se com outra frequentadora da Escola do Ser, pelotense, que realizou durante o ano de 2020 o curso de autoconhecimento A Arte de Estar no Agora, quando ainda residia em Pelotas.

Em alguma medida, as experiências vividas na loja, permitem conectar a experiência aos movimentos de peregrinação para destinos considerados “sagrados” no universo Nova Era. Magnani (1999) comenta que a região de Alto Paraíso, é um dos destinos mundiais para os quais as pessoas se encaminham em busca de experiências com o sagrado. Nas cosmologias Nova Era, a região goiana é considerada um dos “chakras” energéticos do planeta. D’Andrea (2000, p. 8), por sua vez, destaca que para muitos “*New Agers*”, alguns destinos como Machu Picchu, seriam considerados para além de um destino turístico, locais sagrados de peregrinação, integrando os deslocamentos dessas pessoas por uma espécie de circuito neo-esotérico mais amplo. O local é considerado pelos peregrinos um dos “chacras” (centro de energia) da Terra (Idem).

Convém, assim, compreender o termo “peregrino” e sua noção de movimento, “peregrinação”, como designação de uma experiência que parte de uma decisão pessoal (STEIL, 2022). O termo é pensado assim por Steil em referência à cultura popular atualmente atribuída ao modo como a prática de peregrinação - a qual se prende a “raiz” originária da tradição católica - é assumida pelo público Nova Era. Steil demonstra em seu trabalho, que ocorre um importante deslocamento e ressignificação brasileira do *El Camiño de San Thiago de Compostela* relacionado aos processos de peregrinação, apropriando as práticas ao rol de experiências da Nova Era. O ritual sagrado da religião católica é ressignificado e transformado quando é criado no Brasil o roteiro Caminhos de Santiago. É possível, assim, compreender os fenômenos de deslocamento dos peregrinos da Nova Era como constituindo um importante aspecto da vivência do sagrado em processo de transformação. Diferentemente do que ocorre nas religiosidades tradicionais, tais como as peregrinações dos muçulmanos a Meca, considerada uma cidade sagrada pelos adeptos, os peregrinos da Nova Era, embora sintam-se motivados a realizar tais viagens, quando o fazem não é por qualquer obrigação tradicional, “mas como um desafio pessoal refletido, um exercício espiritual sobre si mesmo” (Ibidem; D’ANDREA, 2000).

D’Andrea (2000) mostra que Machu Picchu, está inserida no circuito e na cosmologia Nova Era internacional, mediante o entrecruzamento complexo entre áreas e atividades de turismo (*travel culture*, cultura de viagens) e arqueologia fantástica. Destacam-se nessas experiências alguns elementos comumente encontrados na peregrinação: pessoas acendendo incensos e entoando mantras;

guias turísticos discorrendo sobre a magia sacerdotal inca; turistas aprendendo sobre os poderes energéticos das pedras e templos da cidade (Ibidem).

Existe, nas experiências vividas na loja com os meus interlocutores a possibilidade de compreender a experiência, a partir da forma como se deram as dinâmicas, transformando a caminhada em um processo de vivência do sagrado, criando linhas de conexão com os aspectos da peregrinação descritos pelos autores.

D'Andrea (2000) demonstra os aspectos das sincronicidades, trocas de conhecimentos entre os viajantes enquanto momentos de ritualização das experiências da Nova. Sua presença marcante no imaginário Nova Era, bem como as implicações turísticas associadas são um exemplo clássico das transformações entre cultura, religião e economia. Podendo ser comparada ao que ocorre em relação ao El Camiño de San Thiago de Compostela, no norte da Espanha (STEIL, 2022), bem como na sua invenção e a disseminação dos Caminhos de Santiago no Brasil, que surgiram a partir do ano 2000 (Ibidem). Além disso, é possível perceber a presença dessas narrativas na cosmologia da Escola do Ser, a partir de um fragmento do livro escrito por Eduardo:

- Então vamos lá! Aqui é o Templo de Condor que faz parte da trilogia inca que é formada pelo Condor, pelo Puma e pela Serpente. Primeiramente, o Condor é um pássaro sagrado para os incas, que acreditavam que ele possuía o papel de mensageiro entre o céu e a terra. Eles achavam que esse pássaro era o responsável por conduzir os espíritos até Hana Pacha, equivalente ao paraíso cristão. Já o Puma representa a força da terra. O terceiro animal é a serpente, que simboliza a sabedoria e, em Machu Picchu, é simbolizada pelo rio Urubanda.

- Nossa, que lindo saber disso – concorda Cláudia, ainda se recuperando da desintoxicação interior.

- Mais adiante está o Templo do Sol, onde os antigos incas reverenciavam a Pachamama, a Mãe Terra, sendo essa a única construção circular da cidade.

Lúcia reflete ao lado da companheira de viagem:

- Como Deus tem várias formas de acordo com a cultura, aqui é o feminino, isso me agrada! Todas as religiões querem se conectar ao divino, e esta é muito bonita, não é nada cristã ou oriental, é totalmente isolada das outras. Esse conceito fechado de Deus não me agrada, prefiro o aberto. Hoje em dia, eu sinto “Deus” como uma força Criadora, um berço de verdade e de amor incondicional que está em tudo, o sétimo plano da existência segundo Vianna Stibal, criadora do Thetahealing®, uma técnica de cura energética e espiritual. A criação é uma energia de puro amor.

- Verdade, Lúcia. Eu nunca tinha parado para pensar nisso. Me abriu novas percepções - Cláudia finaliza.

(...) Depois de muitas novas informações e cenas, vai terminando a viagem de descobertas de Machu Picchu. O sentimento da mulher que está buscando por si mesma é nascer de novo. Ela viveu aventuras que até então não sabia que poderia viver em sua vida. A qual estava presa a condicionamentos que não faziam mais o menor sentido à sua existência, (MAJER, 2021; p. 80-81).

O livro mostra o processo de despertar da consciência da personagem Claudia, que em dado momento de sua vida adulta, começa a questionar-se sobre o sentido da vida. É quando a personagem decide fazer uma viagem para Machu Picchu, no Peru, em busca do autoconhecimento. Lá ela segue por caminhos considerados sagrados, lugares de beleza exuberante, constrói novas amizades e toma decisões diferentes para a sua vida, na relação com os outros e com o ambiente.

Ao enfatizar a experiência espiritual como resultado de um processo pessoal de encontro com um sagrado imanente, que reside no interior de cada um, os Caminhos de Santiago no Brasil está-se redefinindo o sentido último das peregrinações ou seja, já não se trata de empreender um movimento em direção a um sagrado que se externaliza na materialidade de uma imagem ou de um objeto localizado no espaço de um santuário (STEIL, 2022, p. 341).

Nesta direção, Steil afirma que tais eventos não só agregam novos sentidos às peregrinações, mas operam transformações radicais que seguem uma tendência geral do atual movimento religioso espiritual: “em direção às espiritualidades centradas no indivíduo, as quais se disseminam de forma capilar no campo religioso, num processo de contaminação mimética” (Idem, p. 342). O mimetismo da experiência, pode ser percebido através da experiência vivida com os interlocutores na cidade de Pelotas. Principalmente quando considerados os elementos simbólicos presentes na loja que fortalecem linhas de relação duráveis em termos de narrativas visuais presentes nos espaços neo-esotéricos. Com efeito, dizem respeito à experiência do sagrado na sociedade contemporânea. Nesta direção, tais eventos agregam novos sentidos e novas conexões ao amplo roteiro de destinos em que ocorrem essas peregrinações.

Com base nas experiências vividas com interlocutores e com o recurso das visualidades, que incluem também a experiência de leitura do manuscrito do interlocutor, foi possível conceber outros caminhos ou fios de conexão que ampliam as experiências do circuito neo-esô pelotense e as experiências vividas remotamente. Assim, tal envolvimento permitiu pensar não apenas a materialidade dos lugares de experiência do sagrado Nova Era na cidade de Pelotas, mas sim, outras formas de experimentação e de construção das relações sociais no âmbito das cosmologias da Nova Era.

Constatei também que a partir de objetos simbólicos avessos à tradições religiosas, a valorização dos aspectos mágicos no *ethos* Nova Era como

competentes em acionar o sentido místico/sagrado das práticas seculares de espiritualização, através da convergência entre a indústria da arte, bem como do simbolismo da criança, nas práticas da Nova Era. Assim foi possível compreender diversas maneiras de encantamento do mundo através de referenciais outros que são incorporados às narrativas espirituais, mobilizando o sentido de espiritualidade para outras experiências, tais como a apreciação de um filme de ação e ficção, ou programas de entretenimento infantil. Estes, à luz das cosmologias da Nova incorporam um sentido sagrado, servindo, portanto, ao processo de autoconhecimento pelo seu potencial reflexivo. Do mesmo modo, os deslocamentos dos interlocutores são competentes em suscitar a ideia de que o princípio energético atrator da gratidão se envolve nas relações dessas pessoas como que a promover sentimentos de afinidade familiar, como expressões do amor como uma vibração conectiva entre diferentes pessoas, mobilizando outras formas de compreensão da vivência do sagrado no ambiente urbano.

As imagens produzidas durante esses processos de imersão no campo de pesquisa, permitem pensar sobre as potencialidades da visualidade no entendimento cosmológico da Nova Era. Bem como, da ampliação dos seus usos nesta pesquisa e em seus desdobramentos antropológicos. Com base nessa premissa, no próximo capítulo, irei discorrer, a partir das imagens, sobre os vínculos existentes entre observação participante, desenho e escrita etnográfica e imaginação, enquanto modos de caminhada visual.

5. MODOS DE CAMINHADA VISUAL: DESENHOS COMO ARGUMENTO E PRESENTIMENTO

Para dar início a reflexão sobre o papel dos desenhos nesta pesquisa, retomo brevemente a minha familiaridade com o uso de desenhos em pesquisa antropológica, pois esta estratégia não se deu apenas nesta investida. Desenhar é uma prática que trago comigo desde minha pesquisa de mestrado, quando desenhava em campo como uma forma de ancorar a atenção nas dinâmicas intensas do Mercado Público de Pelotas (GARCIA, 2018).

Daquela experiência trago a utilização de desenhos como forma de provocar a soltura do gesto sobre as dinâmicas percebidas e assimiladas pelos sentidos físicos do meu corpo atento às práticas urbanas de um local de patrimônio. Através desta experiência pregressa, observei que, com os desenhos, é possível captar outras nuances de significados que somente a escrita não alcança. Sendo este um processo de notação que também se vale da intuição, pois desenhar é não estar presa apenas ao ato mecânico do olho que vê ou da seleção de palavras que descreve, mas se deve à expressão de sensações, emoções, e estímulos sensoriais inomináveis que, no momento da investida no desenho, apresentam gestos narrativos. A partir da relação que é possível estabelecer entre a pesquisadora e as imagens, percebemos elementos contidos nos desenhos que, em uma primeira impressão, não pareciam estar lá (GARCIA, 2018).

Naquele momento, bem como neste, para além do tradicional diário de campo escrito, fiz uso do diário gráfico (AZEVEDO, 2016; GARCIA, 2018), como um modo de pensar “desenhativamente” (KUSCHNIR, 2016, p. 07). No entanto, meu investimento não residiu apenas na produção e acúmulo de dados empíricos, mas na exposição do conhecimento, mediante a articulação das imagens ao texto, não como ilustração, mas como argumentação visual, induzindo reflexões.

Com isso, aqui, os desenhos são *grafias*, ou seja, são inscrições que, em diálogo com a escrita, propõem dar visualidade e poética a um processo imersivo composto de atenção e participação (INGOLD, 2010). Assim, os desenhos são modos de imaginação, narração e problematização antropológica. Desse modo, é possível conceber os desenhos como um modo de "descrição densa" (GEERTZ, 1989) do campo de incidência do engajamento antropológico.

Acolhi, o convite à "antropologia desenhada" (AZEVEDO, 2016) em que "o desenho surge como método de pesquisa e modo de exposição do conhecimento", (Idem, p. 203). Por isso, conto com o aporte teórico de autores como Karina Kuschnir (2016), Michael Taussig (2011), Cabau (2016) e Tim Ingold (2015a) que abrem as portas para estas novas abordagens, tendo em vista que vão além dos diagramas, uma vez que os desenhos tratam de estabelecer relações, promover o entendimento dos contextos pesquisados e até mesmo alcançar maneiras de representar o intangível, o fugaz, vivido também através dos meios tecnológicos de comunicação.

Um etnógrafo, mesmo na era da Internet, continua a desenvolver uma forma distinta de conhecimento através do estar, fazer, aprender e praticar e por uma associação próxima com aqueles que fazem o mesmo no decorrer de suas vidas cotidianas (HINE, 2020, p.4).

Tendo em vista que trabalhos recentes em antropologia visual demonstram a aplicabilidade e a experimentação do desenho em várias etapas da pesquisa, buscarei apresentar as imagens que tratam do processo de confecção do pensamento desenhado, dos quais emergiram. Estas imagens são apenas um recorte, reorganizado em pranchas dialógicas, sem seguir uma ordem cronológica das situações vividas em campo. Logo, são narrativas visuais criadas em um processo aberto de diálogo visual-sensorial, tais quais foram os modos de perceber a meditação como um tempo em desaceleração do cotidiano, frente aos modos de vida cosmopolitas, principalmente a desaceleração do tempo vivido durante o isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19.

A contemplação dos desenhos como desenhos de estudo se dá pelo uso que foi feito deles com relação ao campo de pesquisa, uma vez que os interlocutores os consideram sínteses artísticas das diversas atividades das quais participei. Além disso, os terapeutas, associando os meus desenhos às suas práticas e rotinas, interpretavam as imagens como sendo formas de meditação ativa praticadas por

mim. Em alguma medida, parece-me que sim, quando estamos engajados em uma pesquisa, meditamos em busca de conhecimento e temos nossos dados como forma de investir nossa atenção em busca de detalhes, elementos que nos permitam compreender as práticas e dinâmicas que observamos. Parece-me que encará-los como uma expressão de minha afetação em campo seja coerente e eficaz para delinear as páginas deste capítulo.

Desde o princípio do trabalho etnográfico, os desenhos estabeleceram uma dimensão poética em termos de afecção em campo. O desenho é uma forma de permear de sensibilidades o produto escrito com a notação visual. Assim, a intenção no texto é a de que os desenhos *surjam* como momentos de pausas, aludindo, ainda que brevemente, ao aparecimento dos próprios pensamentos, mas, também, desacelerando a experiência de leitura. Aqui os desenhos são *grafias*, um tipo de inscrição que, tal como a escrita, propõe um processo composto de narração e problematização antropológica que implica diretamente nos modos de ver, de imaginar e narrar (CABAU, 2016). Além disso, são meios de montagem de sensibilidades narradas em campo por meio das meditações e das interações, portanto os desenhos borram o texto escrito, o tempo todo, num estilo ensaístico. Reside neste investimento a exploração de formas e meios de aprofundar a pesquisa sobre o tema a partir da utilização de determinados tipos de ferramentas, mas também considerando a imagem como uma forma que pensa. Por isso, elenco para o meu uso o desenho e seus desdobramentos criativos durante o trabalho de pesquisa como um todo.

Em Antropologia, os materiais produzidos a partir da observação participante permitem discutir não só os sentidos, signos e categorias da cultura estudada, mas a pertinência da imagem e de suas artesanias no processo de produção. Isto se vale do entendimento de que o desenho, como uma ferramenta sensível e potencialmente intuitiva, se reveste de propriedade investigativa. Os desenhos e seus desdobramentos são entendidos como um processo de estudo e de problematização. Cabau (2016) nos mostra que os desenhos de estudo antropológico comportam uma possibilidade de imaginar "*com formas*" e, assim, buscar a compreensão dos sentidos e dos elementos narrativos acionados pelos indivíduos. Dessa forma, quando o desenho é integrado no processo de observação, a descrição através das reflexões que suscita "pode desempenhar um importante

papel, tanto no afinamento da percepção como no entendimento do mundo – e das suas formas” (Idem., p. 43)



Figura 21: Colagem digital com sobreposição de símbolos, narrativas e experiências alusivas ao pensamento. Fonte: Autora, 09/02/2022.

A colagem acima foi criada por mim, por meio de um programa digital de edição de imagens, o qual utilizei para sobrepor e iluminar o material gráfico utilizado pelos interlocutores da pesquisa, desenhos e aquarelas feitos por mim como modo de caminhar na paisagem da Escola do Ser, no ambiente remoto. Entendamos a caminhada, no sentido que nos propõe Ingold (2015a), para quem escrever, ler, desenhar ou pintar são processos de imaginação eminentemente visual. Metodologicamente, enquanto processo de produção de uma narrativa visual, essa imagem se aproxima do pensamento de Aby Warburg (1866-1929), pela dinâmica de tentar conceber conexões entre imagens que tratam da noção do pensamento, do ser e do homem como tensão (LESCOURRET, 2012).

Essa concepção de *ser*²⁵ reflete a noção daquele que não é nem terrestre e nem celeste, pois é constituído de parte material e também não-material (corpo e espírito/alma). Nessa condição não pode ser classificado nem como só um corpo e nem como só um espírito, mas pode ser entendido como performance e como um processo de individuação (KOURY, 2020), expressada pela vivência da liberdade individual.

O ser no lugar do humano pode transitar, ao mesmo tempo, por processos internos, externos e em todas as direções, de maneira não linear por ser movido na tensão entre as diversas formas de que é composto (LESCOURRET, 2012). Nesse sentido, a liberdade individual, característica do *ethos* nova era, se assemelha a uma busca individual que dá privilégio ao autoconhecimento como modo de produção da diferença. Não como encapsulamento como o prefixo “auto” poderia supor, mas das experiências em si mesmos com vistas a mudança “para melhor” das interações sociais.

Koury (2010), apoiado em Simmel, diz que a socialidade é sempre motivada pela alegria e pela festa da participação com os outros, na quebra da homogeneidade comunitária que sufocava as individualidades, nas descobertas da diferença e nos conflitos abertos pelas admoestações da diferença na conformação do grupo, dando espaço para uma ampliação da liberdade individual. Somamos a esta noção de liberdade individual a própria concepção de pensamento como liberdade.

Um dos lemas de Warburg, diz Lescourret (2012), confirma essa analogia: “o pensamento não conhece fronteiras”. O modo com que Warburg contempla as imagens já expunha um fio de liberdade na associação das imagens que demonstram uma forma de pensar *por* imagens. Assim, pelo pensamento, o ser pode crescer e se desenvolver não somente no sentido biológico, mas cultural, social, institucional, múltiplo e individual, em todas as direções por onde se move.

Na condição de vivente, o ser é livre e “pode mover-se como bem entender”, porque possui os germes da vida em todas as formas de sua natureza (Idem, 2012, p.81) e se torna, então, um ser relacional.

Essa polaridade, fecunda oposição de dois princípios antagônicos, é, à maneira das duas categorias nietzschianas, rica de múltiplas conotações —

²⁵ Lescourret baseia-se na leitura feita pela autora do filósofo italiano neoplatônico, Jean Pic de la Mirandole (1463-1494) (cf. 1993).

geográficas, históricas, humanas, psicológicas, antropológicas — que recobrem os aspectos fundamentais do vivo: o apolíneo e o dionisíaco, a razão e o sentimento, a clareza e a escuridão, o inteligível e o irracional, a contemplação e o transe. Essa tensão chega a ser o princípio metódico de Warburg, de sua aproximação peculiar com a história da arte que prefere encarar não como sendo uma sucessão de escolas com identificação tanto forçada quanto mutante, e sim como um campo de constelações sempre renovadas. [...]. “*Deus se encontra nos detalhes*”, (LESCOURRET, 2012, p. 83).

Nesse sentido a colagem passou por processos de concatenação, seleção, exclusão, combinações, reordenações e um sem número de modificações. Revelou-se processo de escavação sobre os dados produzidos em campo para a criação da forma visual que dialogasse com as formulações criativas da concepção do mundo quântico e modos do pensamento meditativo (pensamento reflexivo profundo) dos interlocutores.

Como afirma Entler (2012) é preciso reconhecer a possibilidade de aproximar e justapor referências na imagem, mesmo que em primeiro plano estejam desprovidas de um sentido comum. Refiro-me ao caráter simbólico das ações realizadas na Escola do Ser. Esse caráter mutante também incorpora transformações percebidas e pressentidas no campo de pesquisa.

É possível notar na imagem desenhos e pinturas das narrativas que foram suscitadas durante o período de campo remoto, utilização de materiais como aquarela, destacando-se a transparência da aguada que permite aludir a esse estado de tensão (e atravessamento) entre o ser e o vir a ser. Aparece também em filtros de imagem que utilizei e que aludem ao processo de transposição das fronteiras do pensamento, imaginadas e impostas culturalmente, para pensar o corpo como um “canteiro de obras”, instância da experiência da “subjetividade quântica” (PELBERT, 2000, p.15).

A colagem permite observar, também, a inferência a símbolos de filosofias do extremo oriente que denotam concepções relacionais de corpo espiritual e de pessoa, não mais o *self* é enunciado como “eu”, mas pela expressão “meu ser”. Tais composições evidenciam a criteriosa seleção metonímica dos símbolos e de suas interpretações na vida cotidiana sob outro paradigma, o da Nova Era. Nesta cosmologia o símbolo é tomado pela filosofia, mas não em sua totalidade, pois são partes de negociações consensuais entre as manifestações espirituais da Nova Era. Os símbolos, assim como as práticas, diferem em termos hermenêuticos em razão da associação entre elementos religiosos e elementos metafóricos. A dimensão

metafórica das imagens, com base no conhecimento desses praticantes, permite que esses símbolos se liguem a outros, o mesmo vale para as metáforas científicas.

Assim, são símbolos que se ligam a outros símbolos, que guardam alguma similaridade entre si em termos de “efeito psicológico” tornados visíveis pela “hermenêutica quântica”, isto é, seus significados e interpretações podem variar. Uma vez que dependem da ação de um observador, este pode determinar qual o seu uso a partir de uma perspectiva individual baseada em um universo de sentidos consolidado. Criar e adaptar simbolismos é coerente com o processo de viver. A proposição quântica dos eventos diários e das composições simbólicas parecem apontar na mesma direção: a vida como um campo de possibilidades. O *ethos* Nova Era, observado através da lente quântica é abertura a um sem número de associações simbólicas em devir. Além disso, podem ser provocados pela sintaxe à ressignificação do símbolo, conduzindo-o, no contexto quântico, para outras direções.

De certo a imagem digital é um simulacro das imagens mentais, pois apenas aponta para as experiências advindas das abordagens dos interlocutores sobre a importância do treinamento mental para o “sucesso” da nova empreitada de vida pelo autoconhecimento, fazendo falar (SAMAIN 2012). O autor toma as imagens como coisas vivas, assim, Samain as considera como imagens pensantes, e defende o argumento com base em três pontos, a partir de três argumentos: a) de que toda imagem nos oferece algo para pensar, seja ligado ao real, seja ligado ao imaginário; b) as imagens são portadoras de pensamentos pois veiculam pensamentos de quem as produziu de modo que incorporam pensamentos daqueles que as observaram, configurando-se como um lugar de memória coletiva; e c) as imagens são formas que pensam, dialogam e se comunicam, independentemente de nós.

Nesse contexto pedagógico do autoconhecimento pela meditação ativa, tipicamente ocidental, as artes marciais, a pintura das mandalas apesar de serem práticas que fazem parte de contextos filosóficos complexos atrelados a outras concepções culturais tradicionais, na Escola do Ser, serve de meios para que um aprendiz/praticante alcance estados de corpo (físico/mental/emocional) propícios para o investimento na auto-reflexão, isto é, alcancem o campo de possibilidades, um estado de pensamento propício para que mudanças ocorram em suas vidas.

Em consequência desse investimento teórico-metodológico, as imagens demonstram investimentos nos tempos lacunares de diversas espacialidades não mensuráveis do remoto (*online*), como modo de captação dos sentidos holísticos das cosmologias Nova Era, em que as conexões criam territórios imaginados estabelecidos pela concepção holística das afecções energéticas entre o “ser” e o “ambiente”, incluindo a presença da antropóloga.



Figura 22: Manipulação digital de desenho criado a partir de elementos de cada corpo presente no encontro do curso A Arte de Estar no Agora em 25/04/2020. Fonte: Autora, 29/06/2022.

No universo das práticas terapêuticas das culturas da Nova Era, mais precisamente nas práticas da Escola do Ser, *locus* privilegiado da minha pesquisa de cunho etnográfico, busquei analisar mais detidamente a noção recorrente de autoconhecimento como um meio relacional da nova espiritualidade do grupo, através do autocuidado e do cultivo da individualidade. Tive como principal metodologia a notação através de uma série de desenhos. Meu objetivo com esses desenhos foi dar visualidade à experiência etnográfica, em alguma medida corporificada na antropóloga, rompendo com as dicotomias entre “lá” e “cá” (presencial e virtual), tendo em vista a realização inicial de observação em ambiente remoto, entendida como uma outra modalidade de presença. Desse modo, o desenho acima forma um só corpo, o próprio corpo do grupo, formado pelas partes de cada um dos interlocutores presentes no momento do encontro remoto.

Ademais, o trato com as imagens demanda a entrega a um outro regime temporal, esses momentos podem ensejar pausas que induzem o espectador das imagens a um relacionamento construído, tanto pela pesquisadora, quanto com os interlocutores. Além disso, a imagem cria uma dimensão de passeio através do fluxo dos pensamentos, aludindo a ideia de que o desenho corresponderia ao contexto de uma “meditação ativa”. É possível, assim, inferir a competência do desenho etnográfico no campo das práticas terapêuticas das cosmologias da Nova Era, pois, ainda que brevemente, o desenho é capaz de corresponder à ideia de surgimento dos próprios pensamentos, não todos de uma vez só, pois cada momento de relação revela diferentes dimensões.

A temporalidade relacionada aos desenhos também precisa ser considerada, pois não apenas os desenhos inseridos no texto desaceleram a experiência de leitura, como convidam para um “mergulho” a novas interpretações. Não obstante, a feitura de tais imagens se deu no tempo das relações. Sendo assim, convém mencionar que algumas imagens levaram semanas para serem realizadas, sendo complementadas por outras que mais se assemelham a notificações de memória destacadas em bilhetes de recados.

Ainda, o trabalho digital com as imagens se prende à ideia de que as imagens, como quaisquer outros dados produzidos em campo, não se esgotam em suas potências narrativas. Ainda que sejam “abandonadas” momentaneamente, permanecem abertas à possibilidade de novas manipulações, como no caso das colagens digitais e das recombinações dialógicas que se seguem.



Figura 23: Prancha temática sobre narrativas de conexão do corpo com as energias. Fonte: Autora, 17/08/2023.

Foi nesse ambiente de experimentações, através do acompanhamento do processo de autoconhecimento, tido no grupo pesquisado como uma forma de construção de um modo de viver em *estado de presença* de si mesmos e com potencialidades curativas, que me inseri enquanto pesquisadora. Busquei utilizar as imagens compartilhadas pelos interlocutores em campo, criando novas camadas visuais através de cores, reforçando as narrativas realizadas por eles sobre as energias, entendo que esse processo foi fundamental para compreender as práticas terapêuticas em seu sentido holístico. Por esse viés intervencionista e laboratorial, é que as imagens, antes fotografias, agora impressas em papel próprio para aquarela, são tomadas também como desenhos, não pelo contexto de sua produção primeira, mas pela sua manipulação em diferentes camadas. Ou seja, por aquilo que experimentalmente é feito *com* as imagens, enquanto uma forma de entrada na topografia da imagem e modificação de sua “geografia”, aludindo à noção êmica de “campo quântico”. Com estas experiências que demandam da experimentadora atenção às narrativas biográficas dos interlocutores, e descontrolo das imagens, fez-se possível alcançar camadas gestuais significativamente importantes para descrever a “porosidade” e a maleabilidade das menções feitas pelos interlocutores ao se reportarem à ideia das energias e da “captação” destas, mediante atos do corpo em sua totalidade, sobretudo nas relações dos indivíduos com a energia cósmica universal (Fonte de Toda a Criação, Deus ou Criador de Tudo o que É). O alcance de descrições densas não é divorciado de uma possível intervenção escrita, pelo contrário, nem mesmo as imagens falam por si mesmas neste contexto, mas fazem falar.

Algumas das práticas, como a meditação inspirada nos movimentos da arte marcial *Tai chi chuan*, foram realizadas durante a pandemia, no interior das casas dos frequentadores da Escola do Ser. Assim, as imagens compartilhadas pelos terapeutas demonstravam que as práticas eram continuadas em outros momentos que não durante os encontros dos grupos. Além disso, tais compartilhamentos transmitem a continuidade de um *habitus* das relações mestres/aprendizes, mesmo após a finalização dos cursos. Como resposta, os alunos enviam imagens suas, em casa ou em lugares arborizados, porém, naquele contexto específico, com os cuidados relativos às medidas profiláticas em relação à Covid-19.

Tais processos, apoiados nas imagens, demandam a minha imaginação sobre processos sensíveis e invisíveis da vida cotidiana dos interlocutores. Assim, apoiada

nas narrativas das aulas remotas, e com base nas imagens que os interlocutores compartilham entre si, principalmente nas imagens que tinham a intenção de demonstrar a relação do corpo com as energias da natureza, incidi sobre tais imagens com outros materiais para colorir e criar visualidades para as camadas “energéticas” sobre as quais os interlocutores comentavam durante as curtas meditações feitas nas aulas, pensando o corpo em diferentes formas e movimentos. Nesses experimentos, tive como referência a representação da consciência individual e da consciência universal, descritas por Fabiana, a terapeuta, como uma esfera ou instância situada para fora do corpo físico, representando-as como um pássaro. Para isso, me apropriei da narrativa de Fabiana e da simbologia das plumas que circundam a logomarca da Escola do Ser.

Michel Taussig (2011) expôs que o desenho revela elementos que estão para além daquilo que é observado, de modo que também tem como característica “compreender” o invisível e imaterial. Seria, então, como algo mágico. Ao mesmo tempo, o desenho causa uma certa estranheza daquilo que foi desenhado (VELAME, 2023).



Figura 24: Prancha temática sobre os cadernos artesanais e outras formas de notações antropológicas. Fonte: Autora, 2020-2021.

Inspirada pelo diário gráfico, que tem a predominância de desenhos na produção de sentidos a partir da percepção em campo (AZEVEDO, 2016), “estando e não estando lá” (LEITÃO E GOMES, 2011), ou seja, estando lá, mesmo “estando aqui”, tal investimento é competente enquanto induz a narração dos fenômenos das sintonias e das vibrações energéticas. Assim, revela, para além dos traços, os laços relacionais criados entre a antropóloga e os interlocutores. A partir disso, realizei as elaborações visuais originadas pela aproximação da conexão digital e da técnica artesanal dos desenhos, nas relações sociais intermediadas por tecnologias da comunicação, tais como aplicativos de mensagens e salas de conferências online e das imagens que circulavam entre os interlocutores. Compreendo que tematizam o entendimento das pessoas sobre os significados de conexão com o ambiente.

Assim, há predominância da visualidade, como aliada do texto escrito, pois o desenho é abordado como um gesto de percepção. O seu aparecimento nas páginas do texto, que teve o objetivo de alcançar o trânsito de processos de elaboração das ideias entre a mente e a consciência, dá pistas do vivido como argumentação visual das instâncias do indizível e/ou inominável fluxo das energias e das vibrações. Digo isto observando que muitos desenhos, como no caso dos desenhos de pássaros, foram elaborados antes mesmo de a interlocutora situar, visualmente, a sua concepção sobre o corpo, a mente e a consciência. Disto, pressuponho que a dinâmica pela grafia redesenhe a intuição antropológica como uma espécie de “premonição”. Assim, o desenho, além de uma ferramenta “exploratória”, ao mesmo tempo pode implicar em experiências de meditação no espaço e no tempo, isto é, de estudo através de um tipo de contaminação que só adquire sentido a partir de uma análise tanto das repetições do gesto e das imagens desenhadas, como da continuidade imersiva nas dinâmicas realizadas na participação com a alteridade. Desse modo, o “pensamento desenhístico”, se mostra viável no entendimento da “linguagem nativa”, incorrendo em uma teoria abrangente sobre os seus usos etnográficos.

Então, tal investimento metodológico, que se resume no questionamento que move a pesquisadora: “como narrar?” abre caminhos para que as respostas “surjam” ao longo do tempo. Com efeito, o uso da imagem e de suas manipulações, justificase no trânsito das reflexões que giram em torno de formas de arte antropológicas, isto é, de um caminho forjado pelo próprio caminhar imaginariamente construído

entre arte de viver e arte de expressar a vida. Por certo que a ênfase, nesse caso, é no gesto primário que induz aos desenhos, isto é, a atenção.

Os desenhos somam-se à criatividade na escolha ou adaptação dos materiais disponíveis para os gestos expressivos dos fundamentos e objetivos do ensino das práticas de meditação, enquanto ação agregadora e geradora de estímulos sensíveis de potencial criador das intenções direcionadas à totalidade cósmica, o “campo quântico”. Com isso, é necessário considerar a possibilidade de desenhar para perceber. Dito de outro modo, antropólogas desenharam como modo de ver, de sentir e descrever, quando não se sabe ainda como nomear o que se observa (AZEVEDO, 2014). Estes elementos mostram que o desenho condensa um gesto de estranhamento antropológico através de proposições visuais. Eu diria, também, que os desenhos levam a questionamentos antropológicos. Logo, trata-se não apenas de meras descrições visualmente elaboradas, mas também de interrogações.

A possibilidade de desenvolver a pesquisa antropológica na internet, abordando o desenho como forma de entrada e de relação com os interlocutores, bem como de saída do campo, exposição do conhecimento, instiga a construção epistemológica como um movimento colaborativo de unir fenomenologia, experimento e pensamento crítico. Essa opção metodológica permite que grafias alternativas possam ser incorporadas como meio de aprimoramento da disciplina (PEIRANO, 2008), tanto pela particularidade do universo de pesquisa, quanto pela criatividade da antropóloga.

Contudo, o processo de construção do texto acadêmico não está dado por uma rigidez metodológica. A indexação dos sentidos aos meios utilizados para narrar, parte de um esforço de transposição das experiências em campo, articuladas ao meu processo de decomposição e recomposição do que foi experimentado nas relações construídas com os interlocutores nos encontros.

Conforme reflete Mariza Peirano, o processo etnográfico não envolve apenas a compreensão daquilo que é narrado pelos interlocutores, mas também

[...] outros sentidos, como olfato, visão, tato, percepção espacial, atmosfera geral, sentimentos, todos estão presentes na comunicação. Eles formam, com a linguagem, o que Malinowski chamou de “contexto da situação”. Esta noção nos lembra que a ideia de *contexto* tem que ser ampliada em relação ao seu uso comum e que a *situação* na qual as palavras são enunciadas não é irrelevante na expressão linguística. Sem um estímulo do momento, diz Malinowski, não há fala. Em cada caso, portanto, [...] a fala e a situação estão coladas, e o “contexto da situação” é indispensável para sua compreensão. [...] Para esta tarefa, não há receitas preestabelecidas; a

inventividade é bem-vinda porque ela ajuda a refletir, na forma, a essência da surpresa/teoria etnográfica (PEIRANO, 2008, p. 16).

Defendo que o desenho preenche de alguma forma essa lacuna deixada pela necessidade de abarcar o *contexto* das situações nas quais a pesquisa se desenrola. Sobretudo pela plasticidade do desenho em “absorver” a elaboração gestual dos fenômenos: energias, sentimentos, vibrações, conexões, etc. De acordo com Merleau-Ponty (2004), a arte é competente em acionar. Pois, muitas vezes é a partir da aura de cumplicidade, de liberdade, estabelecida entre a pesquisadora e os interlocutores investidos na pesquisa, que se produz uma imagem (GARCIA, 2018).

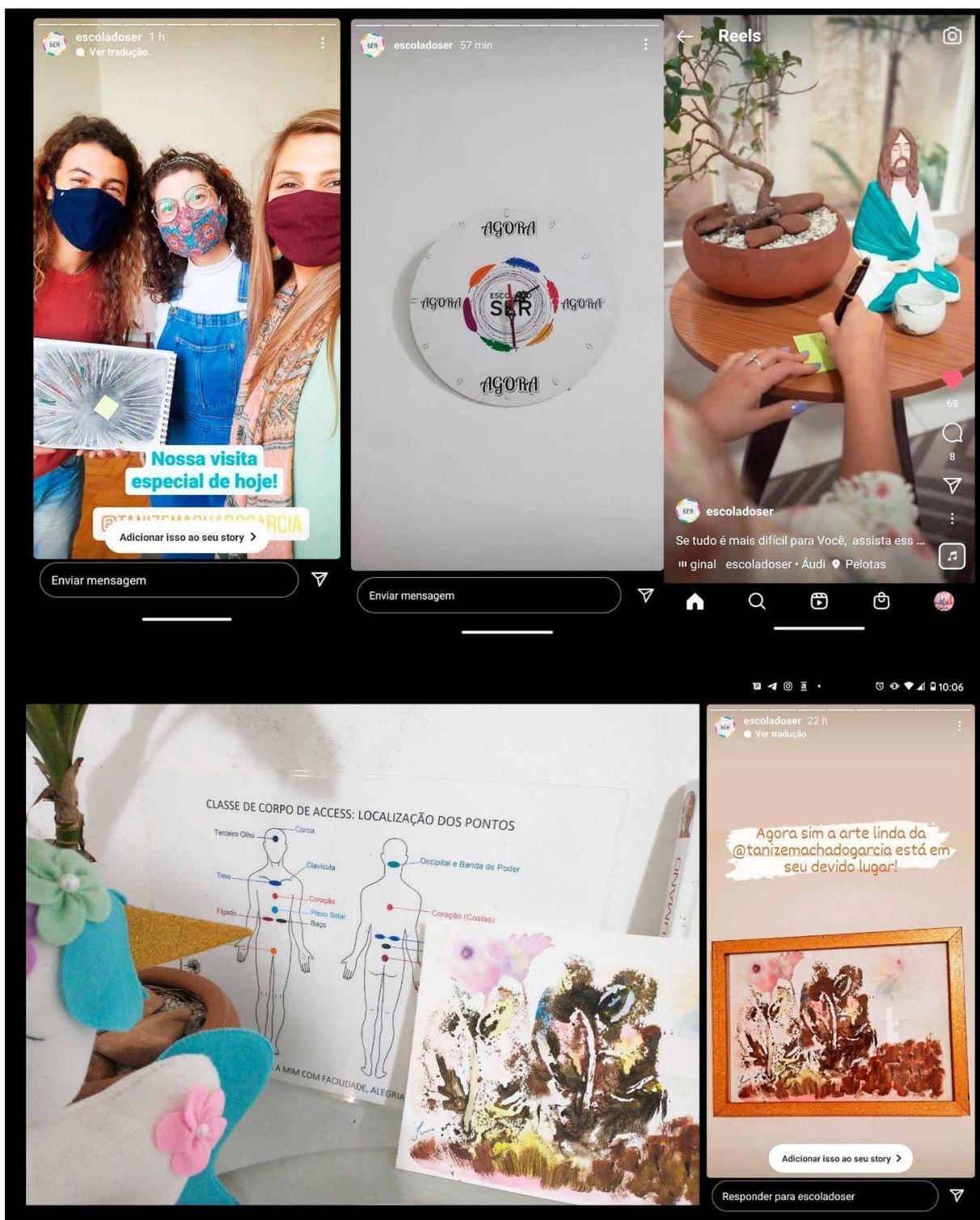


Figura 25: Mobilidade das imagens e construção de laços a partir das imagens postas em diálogo com os interlocutores. Fonte: Autora, 2020-2022.

Segundo Ingold (2015a), no que diz respeito à prática e ao acoplamento da ação, o desenho é gesto, linha, movimento, devir. Encarado deste modo, o desenho é um espaço de compreensão, que reside no fato dele ser utilizado como forma de estabelecer e fortalecer relações.

Seja como forma de abstração do campo, seja por se tratar de uma técnica de escrita pertinente (AZEVEDO, 2016a) os desenhos etnográficos, enquanto imagem produzida pelo gestual, já há muito fazem parte do processo de compreensão do universo de pesquisa antropológica. Tanto Malinowski, cuja menção contemporânea reside na ênfase com relação às fotografias, como Evans-Pritchard em suas experiências com os Nuer (NOVAES, 1993) já faziam uso do desenho em suas pesquisas antropológicas. Entretanto, a potência epistêmica do desenho só começou a ser pensada pela antropologia moderna.

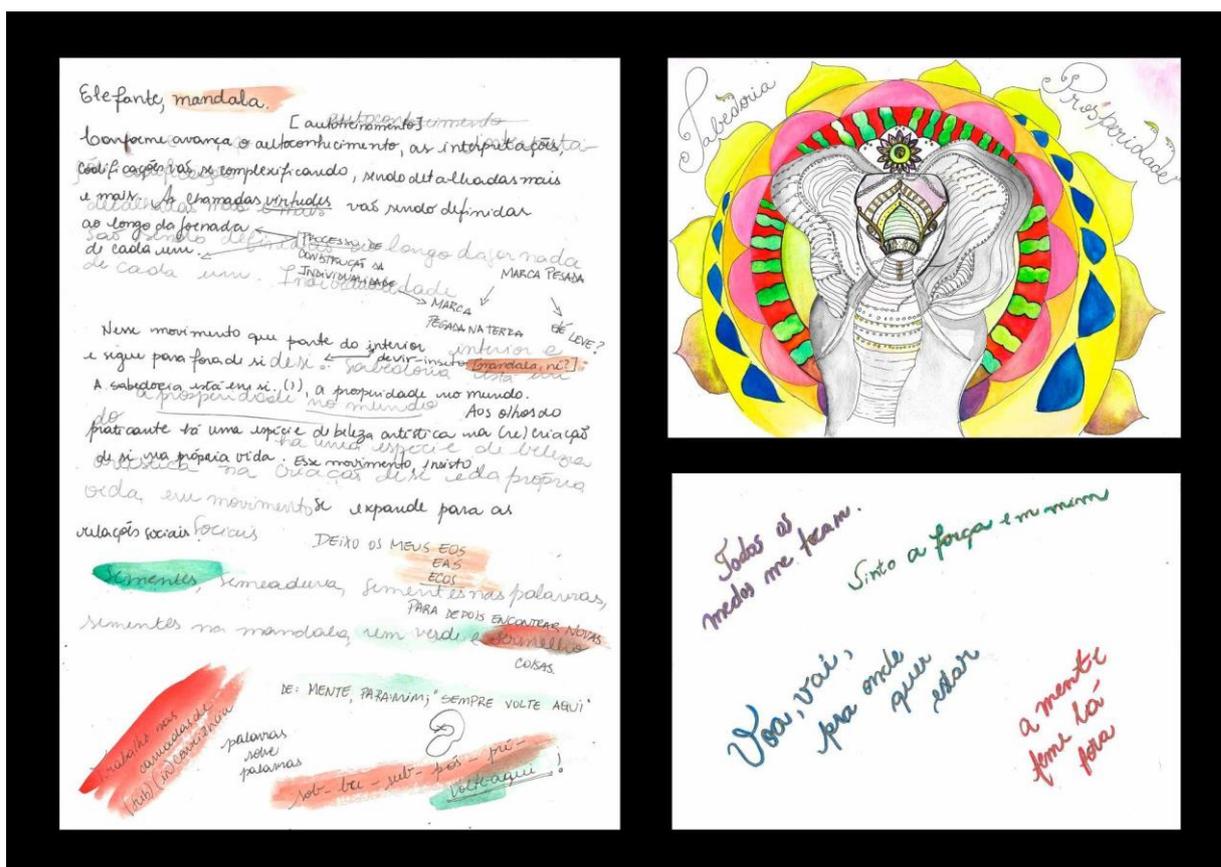


Figura 26: Experimentações de desenhos como escrita e escrita como desenho. Fonte: Autora, 2020-2022.

A apreensão do ambiente contextual sofre a influência das aptidões da própria pesquisadora enfatiza o que Ricoeur (1990) comenta, isto é, que no campo da hermenêutica reside um verdadeiro desastre no exato intervalo entre ensinar algo e aprender algo. Nesse interstício está o esforço de investigação sobre a potência de outros meios de notação acadêmica. Conquanto, para além da ilustração ou da busca por legitimação de um fato (a imagem como documento), o processo de compreensão reside precisamente na discussão sobre as formas pelas quais tal ou

qual leitura de mundo é realizada. Além disso, as ferramentas utilizadas em campo e o trato com o material produzido, influenciam na elaboração dos produtos etnográficos. O conjunto metodológico revela a valia e ineditismo de cada produção em particular. Notadamente pelo fato de que não se pode reproduzir um contexto, o que se pode é, tão minimamente, apreender *com* ele seus sentidos e promover-lhes a exortação. Portanto, o método não é isento de intenção. A própria hermenêutica alerta que a neutralidade é um tipo de “ilusão ou pretensão” (RICOEUR, 1990, p.18) propondo que inerente à hermenêutica é a constituição da pessoa em um sistema complexo de relações. Seguindo esta pista, nem o desenhador, o desenho e tampouco o leitor são neutros em relação às suas escolhas, o que enseja a compreensão das implicações do uso do desenho também na utilização das palavras.

Dessa forma, ao pensar um meio de aplicação hermenêutica do desenho, a pesquisa apresenta ensaios visuais temáticos em busca das implicações específicas de experimentação dessas visualidades escritas, como argumentação e continuidade da escrita acadêmica. Sobretudo, como *grafia* das palavras como visualidade e não apenas como conteúdo semântico. Sua complexidade é resultante de invenções e experimentações artísticas no campo da Antropologia Visual. Ou seja, a poética etnográfica é colaborativa não só entre pesquisadora e alteridade, mas é construída entre desenho e texto, em que o desenho se coloca como narrativa científica. As principais referências teóricas e bibliográficas que embasam essa pesquisa foram acionadas no sentido de entender os diferentes modos como o desenho se molda e se aplica de forma mais abrangente no âmbito antropológico.

Assim, a utilização dos desenhos na escrita acadêmica não se prende apenas a uma forma ilustrativa, mas ao contrário, tratando-se de uma pesquisa de cunho etnográfico, os desenhos aqui são eficientes, continuidades argumentativas instaurando temporalidades e profundidades inalcançáveis apenas através da palavra escrita. Para chegar no resultado final desta pesquisa, tive como metodologia o uso do desenho como principal processo para pensar em uma produção visual que pretendeu ser uma analogia aos pensamentos, sentimentos e emoções que os interlocutores expressam em suas buscas pelo autoconhecimento.

A partir de aquarelas e experimentos de desenho e colagens digitais, as imagens resultantes são indutoras do pensamento acadêmico, pois são formas de

abertura aos tempos em que estive no campo ou estudando sobre as experiências lá compartilhadas.

Desde o princípio, os desenhos estabeleceram uma dimensão poética em termos de afecção em campo. Assim, desde o princípio a imagem, e mais precisamente, o desenho, foram tomados como uma forma imprimir ao texto sensibilidades, sobretudo, enquanto modo de inscrição visual. De acordo com Velame (2023), aprendemos a partir de visualidades, das que observamos pelos sentidos e das formas com as quais as expressamos com gestos sobre um suporte qualquer. Fato é que captamos apenas impressões de um todo complexo de informações. Compreende-se, assim, que aprender é um processo que está para além da escrita, pois aprendemos pela observação que engloba além do aparato técnico dos olhos, outras linguagens observacionais, que envolvem outros sentidos, como a escuta e a intuição.

De acordo com John Berger (1999), “a vista chega antes das palavras. A criança olha e vê antes de falar” (Idem, 1999, p. 21). Nesse sentido, os meus desenhos são compreendidos como processos meditativos de estudo antropológico, como afetações das impressões que vivi entre os interlocutores, enquanto modos de captação dos sentidos do que havia sido ensinado durante as aulas de autoconhecimento com os frequentadores da Escola do Ser.

Logo, a minha intenção de tramar os desenhos na malha do texto se prendeu a uma característica do contexto em que se deram os processos de notação, entendendo que os desenhos são competentes em aludir ao surgimento das ideias (*insights*) sobre as dinâmicas do curso A Arte de Estar no Agora. Assim, os momentos de pausa e atenção que os desenhos proporcionam, buscaram quebrar o ritmo das palavras, que durante as aulas e encontros, eram carregadas de metáforas em complexos processos filosóficos que visavam exprimir o que se passa no corpo dos praticantes enquanto sensações.

Acolhi a ideia do desenho como uma espécie de *coisa*, que acolho das proposições kantianas em Ingold (2011), assim remetendo-me a ideia de que o desenho pode ser considerado como *algo em potencial*, um indutor de reflexões, posto que as narrativas despertadas no trabalho com as imagens não se esgotam. Por se tratar de um processo perceptivo, o desenho conserva consigo a característica de imagem durável (GARCIA E BEZERRA, 2020). Além do mais, o desenho oriundo de experiências fugazes, como podem ser aquelas que vivenciadas

a partir dos meios de comunicação, como as experiências mediadas pela internet, mantém como característica a possibilidade de um retorno. A cada encontro com as imagens, reside a possibilidade de novas experiências de contemplação em busca de aspectos que possam ter passado despercebidos (GARCIA, 2018). Com a atenção da pesquisadora voltada para as “lacunas” nas imagens, pode-se notar uma espécie de vivacidade do traço (TAUSSIG, 2011).

Aqui, considero que este processo justifica e demanda maior investigação quanto às possibilidades do desenho, e também como contribuição aos que optarem, futuramente, pelo uso do método em pesquisa antropológica. Assim, essa pesquisa tratou de um apanhado de experimentações sobre as potencialidades do desenho, num exercício de *soltura do gesto* para a produção de uma antropologia do sensível, que dialoga com a arte e que pretende dar destaque às linhas que costumam as realidades percebidas pelas pessoas em seus contextos, encontradas no “mundo-ambiente” (STEIL E CARVALHO, 2012; KUSCHINIR, 2012; KUSCHINIR, 2014; CABAU, 2018). De modo que a “educação da atenção” da antropóloga (INGOLD, 2010) nas vivências da meditação, mediante a utilização do desenho como narrativa visual, pretendeu colaborar para o aprofundamento da discussão sobre a utilização e teorização decorrentes do investimento visual no processo de produção de conhecimento antropológico, enquanto um processo artesanal.

Todavia, a produção de conhecimento e o seu compartilhamento não pode ser separado do engajamento dos sujeitos no mundo “[...] e da sua ação criativa no presente” (STEIL E CARVALHO, 2012; p. 8). Para Tim Ingold, a percepção dos fenômenos no mundo ocorre em um “campo de envolvimento” de uma pessoa ou *coisa* que se movimenta e cresce ao longo de linhas, de modo a conectar-se formando uma “teia da vida” (STEIL E CARVALHO, 2012; p. 117), mas essa percepção ocorre mediante uma sintonização, um “acoplamento íntimo de percepção e ação” (INGOLD, 2015a; p. 105). Competente em promover constantes reconfigurações, internas e externas, a percepção da ação transforma as relações humanas e ambientes (INGOLD, 2010). Em outras palavras, o campo da vida contempla um investimento na imaginação de formas que tem como inspiração as narrativas pessoais dos interlocutores ao tratarem de uma série de hábitos e valores morais culturalmente e socialmente construídos. Assim, os desenhos sobre a visão de mundo quântica, uma entre muitas possibilidades de entrada nesse campo repleto de variáveis, poderiam ser pensados a partir da fenomenologia da

percepção, isto é, do desenho como forma de delinear gestualmente linhas de significantes em busca de seus significados. Ou seja, da implicação entre o corpo e o mundo (MERLEAU-PONTY, 1994). Aquilo que parte de uma projeção interior da pessoa encarada como subjetividade quântica é aqui posta em movimento e articulação, desse modo as narrativas sobre as sensações incorporam visualidades antropológicas.

Ao compreender a Antropologia como educação (2010), Tim Ingold questiona o empreendimento pedagógico de aprender para ensinar, e defende que o estudo da Antropologia é um movimento educacional da atenção empreendida em dois momentos, a sala de aula e o campo, sendo esse movimento transformador para o antropólogo, uma vez que é necessária a abertura para aprender com os outros em campo, durante a pesquisa, e aprender depois da experiência, sem pontos finais fixos ou resultados premeditados. Abre-se, portanto, espaço à criatividade e à imaginação. Assim a Antropologia integra seu empreendimento educacional e não um fim etnográfico. Para o antropólogo, o estudo antropológico é uma forma de viver a vida com os “outros” e que deve ser expandido para o meio acadêmico. Assim, as metodologias e estratégias utilizadas compartilhadas pelos antropólogos servem aos propósitos de uma “nova Antropologia” (Idem.).

Cada pesquisadora aporta em um cenário especial para desenvolver os conteúdos emergidos do encontro etnográfico. Suas aptidões literárias e inventivas conduzem um “estilo de escrita” que

também reconhece uma importante observação epistêmica: cada *insight* do etnógrafo é (...) único para ele ou ela e não devemos necessariamente esperar que outro etnógrafo, no mesmo cenário, produza os mesmos resultados. A atual convenção etnográfica aceita que o etnógrafo tenha um lugar de destaque na história e o autor etnográfico vai chamar atenção para a natureza pessoal e contingente da descrição (HINE, 2020 p. 2).

Assim, esta etnografia implicou em um investimento epistemológico sobre os usos do desenho, ferramenta que já fora utilizada em minha pesquisa de mestrado, tanto na imersão em campo, quanto no momento do produto final (GARCIA, 2018). Essa experiência etnográfica anterior deixou pontas soltas, ao mesmo tempo em que abriu portas para a continuidade e aprofundamento das investigações sobre a potência epistemológica do desenho na pesquisa antropológica, que busquei desenvolver na presente pesquisa.

LINHAS, PONTOS E DESFECHOS...

Com base nos temas e discussões desenvolvidas ao longo da tese, é possível fazer inferência a algumas conclusões sobre as atuais práticas realizadas no âmbito das cosmologias da Nova Era. Primeiramente, é preciso considerar que o atual panorama pode ser entendido como uma intenção de aprimoramento pessoal. No entanto, apesar das características individualistas acertadamente consideradas pelos autores basilares desta discussão, no que se refere ao autoconhecimento à luz das práticas da vivência da espiritualidade, esta demanda a busca constante pela avaliação das práticas indubitavelmente realizadas através do encontro social e da autoavaliação das diferenças como potencial na elaboração de sucessivas “curas” individuais. Estas curas têm como fundo o aspecto do *ethos* Nova Era que está centrado no cultivo da individualidade como essencialmente relacional e construtora de “novas realidades” e engendramentos sociais.

Busquei observar a perspectiva quântica da Escola do Ser, a partir das práticas realizadas pelos frequentadores, como uma subcultura concernente às cosmologias da Nova Era. Assim, foi possível apreender que a adoção de um *habitus* de autoconhecimento se dá através de um processo relacional que envolve a espiritualização do indivíduo e a atenção às práticas cotidianas, de modo que é nessas práticas que se encontram os elementos racionalizados durante os encontros do coletivo, seja através do ensino/aprendizagem, seja no universo social mais amplo, que parte de um vasto processo de reconstrução contínua e se “alimenta” de um *ethos* cada vez mais difundido na sociedade, em escala global.

Também é possível considerar que o termo êmico utilizado pelos terapeutas para designar uma “nova consciência” também chamada de “nova energia” designa uma perspectiva de pensamento ou forma de pensar sobre a ação social humana no

planeta. Esta perspectiva define uma percepção de corpo integral que se forma a partir da união entre corpo material e corpo energético (espírito/alma/consciência) que sob regimes das experiências sociais, redefine formas de agir no mundo (cultural) material, mas também experimenta formas de vivência espiritual, rompendo com a dualidade corpo/mente. Observei que por um lado, a perspectiva quântica se dá pela percepção é a de um mundo (novo) em potencial, em que a “velha”, ou melhor dizendo, as práticas tradicionais de vivência da espiritualidade fazem parte de um contínuo processo de reformulação e não de abandono ou rejeição. Este processo inclui não apenas os termos das religiosidades tradicionais, mas também os conhecimentos adquiridos por cada um dos frequentadores dos circuitos das diversas cosmologias da Nova Era, em franco processo de diferenciação.

É preciso destacar que desde o começo havia uma crítica social aos modos de produção científica, dada pela minha presença em campo, o fato de eu ser acadêmica e representante de uma instituição de ensino formal me colocava como objeto de incidência reflexiva dos interlocutores, de modo que eu pude perceber a minha presença na Escola do Ser representava para os interlocutores uma reação ao pensamento materialista, academicista do qual ambos os terapeutas haviam abdicado em favor de um processo de produção de conhecimento autônomo. Isto é, tanto “livre” dos dogmas religiosos, quanto dos dogmas científicos. Tal nível de análise se deve a percepção de que há uma crítica contundente em relação ao que é considerado uma “boa ciência”, aquela que aproxima o conhecimento produzido aos valores do espírito, quando da “má ciência”, como é vista toda a produção acadêmica tradicionalmente entendida como cartesiana, portanto que separa o indivíduo em campos diferentes do conhecimento.

Dito de outro modo, é perceptível que na cosmologia da Escola do Ser, os modos de produção de conhecimento, das culturas forjadas no capitalismo ocidental, são contrapostos em relação à produção de sabedorias, estas comparadas ao conhecimento e as culturas tradicionais do extremo oriente, bem como as suas influências no ocidente a partir das incursões de gurus, lamas, mestres do oriente no ocidente.

Neste universo, conforme o percebido, a espiritualização individual é atrelada inexoravelmente ao processo de autoconhecimento, especialmente considerado uma forma de manutenção do equilíbrio individual, mas que também é entendido como um tipo de “cura” do indivíduo ao nível dos pensamentos, dos sentimentos e

das emoções. Isto é, a busca pela “essência” individual, a valorização do *self* se atém a um equilíbrio do indivíduo em relação ao ambiente e as forças cósmicas pelas quais essas pessoas compreendem a própria formação de si, do mundo e todas as coisas enquanto formas diferentes do mesmo princípio energético, podendo ser denominado “Deus” ou simplesmente “amor incondicional”. A própria incondicionalidade do amor, expressa um tipo de amor não romântico, e sim, um sentido de comunidade que é fundamentalmente elaborado a partir da ideia da diferença e do não julgamento. De modo que a busca pela construção e valorização do otimismo e da positividade não se desvincula da ideia de que há tristeza e dor, mas que são esses aspectos o motivo da busca pelo autoconhecimento e das possíveis curas, para a iluminação individual.

É notável que estas pessoas esbarram em uma espécie de fronteira imposta culturalmente no que se refere à produção científica, sobre o qual enfatizam constantemente. Esta tem a ver com as narrativas do autoconhecimento quântico, como modo de lidar com o tema do impacto da ação do pensamento, das formas de pensar, e seus efeitos na vida cotidiana, de modo que continuamente suas narrativas apresentam os seus saberes terapêuticos como científicos e/ou comprovados cientificamente através de uma noção de eficácia que somente pode ser verificada individualmente e empiricamente. Por este viés, toda ação social é tida como uma ação energética, ou seja, as relações sociais de toda ordem, produzida pelos corpos através de determinados modos de pensar, teria impactos visíveis nas personalidades individuais, e seriam perceptíveis através de uma *autopoiese*, do autocuidado dos pensamentos das emoções, e dos sentimentos voltados à melhora das relações sociais do próprio indivíduo. No entanto, a melhora nas condições de vida da pessoa, não se desvinculam de uma construção relacional que busca ver não só em si mas também no outro, ou nos outros de sua relação, os aspectos positivos apesar do que pode ser considerado como negativo. De alguma forma se percebe nessas relações que a diversidade de modos de pensar seria, então, proporcional à diversidade cultural como um aspecto positivo das relações.

Nessa perspectiva do autoconhecimento à luz das práticas da Nova Era, é uma forma de crítica social, uma espécie de “solução” cosmológica que visa promover transformações, pautadas principalmente em valores morais como a empatia e a gratidão. De modo que é possível perceber uma dimensão sociológica para o fenômeno do autoconhecimento, através da transformação do conhecimento

em “sabedorias”, avaliadas em contraste (ou contraposição) ao fenômeno do conhecimento acadêmico, tida como meramente acumulativa. Nas bases do discurso das terapias holísticas quânticas, as práticas terapêuticas do autoconhecimento são tidas como científicas, pois a percepção quântica daria sentido às filosofias e doutrinas orientais e ocidentais tradicionais. Ou seja, elas não se entrelaçam ao acaso (MAGNANI, 2000).

A noção de energia adquire aqui uma dimensão universalista para o discurso quântico Nova Era. A existência de uma energia cósmica atuante em todas as formas materiais e imateriais (ou em potencial quântico) do planeta, desde um copo até um corpo, de um espaço vazio a um ambiente temático, como a sala de estar de uma casa, uma rua, uma loja, é identificada no meio quântico como preenchida de energia, identificada como o Criador de Tudo o que É (Deus ou Amor Incondicional). De modo que a própria lógica de habitar e viver os espaços urbanos é entendida como prática espiritual e, assim, é capaz de transformar uma cidade em um local sagrado, pelas formas como o espaço é vivido.

Ao perseguir o objetivo de perceber as narrativas sobre as terapias quânticas ensinadas na Escola do Ser, pude compreender que estas se devem a uma construção da noção de autoconhecimento como sendo ao mesmo tempo um processo de busca individual em direção a um viver coletivo mais harmônico. Desse modo, as relações sociais e a reconfiguração do cultural se dão através de uma série de contato e trocas intersubjetivas pautadas pela troca de conhecimentos e afetividade nas dinâmicas da urbe, como um modo de viver espiritualizado. De todo modo, a espiritualização do cotidiano, permitiu perceber novas formas de vivenciar o a cidade de Pelotas como um lugar “sagrado” no roteiro amplo de destinos percorridos pelos interlocutores. Conectando-a, assim, a sítios considerados destinados a experiências do sagrado, mobilizando a construção de um amplo roteiro peregrinador na lógica Nova Era.

Além disso, a dimensão simbólica, atrelada ao *ethos* Nova Era, se dissemina através de um amplo conjunto de artefatos que inclui não só símbolos tradicionais de religiosidades tradicionais, mas suas narrativas também estão presentes na arte e no entretenimento de massa, apresentando novas interpretações ao sentido de magia. Vale ressaltar que a relação com tais dispositivos culturais da arte e do audiovisual, da música, etc., são competentes em formalizar um discurso espiritual que pode ser entendido como ciência, no sentido de que estes indivíduos são

cientes de uma série de conhecimentos aos quais utilizam de modo a construir, cada um à sua maneira, os sentidos de espiritualidade mais apropriados às necessidades individuais e dos coletivos.

As projeções acerca de significados dados à vida e sociabilidade, em torno da noção de afetividade e também de afetação pela subjetividade no contexto de pesquisa, incentivaram a investigação do entendimento da construção “ser” como um processo decorrente da imaginação do mundo. Por “mundo” quero dizer a construção de realidades, no plural, como probabilidades que impulsionam os indivíduos identificados com a Nova Era em diversas direções, dinamizando as reconfigurações do social. A identificação de pensamentos, sentimentos e emoções, buscada pela cultura em particular, é, certamente, a da valorização da individualidade como um sinônimo de paz. E nesse sentido, o comportamento pacífico, afetuoso, motivaria busca incessante de aprimoramento pessoal nas/das relações humanas. O crescente aperfeiçoamento moral se refere a crença de que na mente (no cérebro, na cabeça), esses pensamentos, sentimentos e emoções, criam impressões que podem ser assimilados tanto como cura quanto como moléstias. Os efeitos desses acometimentos se refletem no corpo e em situações sociais, como sinônimos de prosperidade, ou como adoecimentos. Sendo que a cura é referente a mudanças observadas nas experiências de vida, e o adoecimento condiz sentido de permanência em determinados “padrões” de comportamento social que são associados aos termos culturais adquiridos ao longo da vida.

Daí a importância da narrativa teórica, conduzida pelo desenho como ferramenta para o desenvolvimento epistemológico de uma Antropologia Visual e da Imagens acerca das sociabilidades, ser capaz de promover aberturas progressivas para os entendimentos afetivos, dado o seu caráter provocador de pausas reflexivas. Nesse sentido, o trabalho desenhado visou o alcance dos não-ditos das relações, presentificando-os imagetivamente. Propondo uma forma de descrever a esfera das emoções e dos sentidos experimentados de maneira durável, no corpo e nas relações sociais, ao longo das experiências vividas com as pessoas e nos ambientes contextuais nos quais a pesquisa foi produzida, implicando na atenção antropológica aos espaços aparentemente inacessíveis da “gramática” acadêmica. A partir daí reflito sobre os sentidos dados às emoções e imaginações de mundo e de sociedades em construção, como reflexos das culturas individual e coletiva Nova Era como em profundo movimento de transformação social em seu sentido mais amplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, K. S. Conhecendo a Antropologia pelo desenho: experimentações pedagógicas e metodológicas. Trabalho apresentado na 33a Reunião Brasileira de Antropologia, RBA, realizada entre os dias 28 de ago. a 03 de set. de 2022 **Anais**, 2022.
- AMARAL, L. As Implicações Éticas dos Sentidos Nova Era de Comunidade. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 17, v. 1, n.2, p. 54-57, 1996. Disponível em: <https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N17.01-02-1996.pdf>. Acesso em: 23/01/2023.
- AMARAL, L. Sincretismo em Movimento: o estilo Nova Era de lidar com o sagrado. *In*: CAROZZI, M. **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 47-79.
- AMARAL, L. **Carnaval da alma**: Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AMARAL, L. O comando da felicidade sobre a dimensão trágica dos rituais de cura Nova Era. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 5, n. 5, p. 99-122, out 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8669465>. Acesso em 18 set. 2021.
- AURELIANO, W. Nova Era, Espiritismo e Saúde no Brasil. *In*: STEIL, C. A.; DE LA TORRE, R.; TONIOL, R. (org.). **Entre trópicos. Diálogos de estudos sobre a Nova Era no Brasil e no México**. Florianópolis: Tribo Ilha, 2022. p.135-167. Disponível em: https://portal.abant.org.br/aba/files/828142_00121019.pdf. Acesso em 17 fev. 2023.
- AZEVEDO, A. G. Desenhos na África do Sul: desenhar para ver, para dizer e para sentir. **Pós - Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, v. 13, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/13618>. Acesso em: 29 ago. 2023. Acesso em 18 març. 2020.
- AZEVEDO, A. G. Um convite à antropologia desenhada. **METAgrafias: metalinguagem e outras figuras**. Brasília, v. 1, n. 1 (1), p. 194-208, mar. 2016a. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/metagraphias/article/view/15821>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- AZEVEDO, A. G. Desenho e Antropologia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, p. 15-32, 2016b. Disponível em: <https://cadernosaa.revues.org/1096> Acesso em 28 de mar. 2017.
- BAITELLO JUNIOR, N. Imagem e emoção: movimentos interiores e exteriores. *In* BAITELLO JUNIOR., N.; WULF, C. (org). **Emoção e imaginação**: os sentidos e as imagens em movimento. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2014. p. 21-28.

BATESON, G. **Naven**: Um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018, 384p.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BELLAH, R. **Beyond Belief: essays on Religion in a Post-Traditional World**. New York: Harper & Row, 1970.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas**. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. III.

BERGER, J. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BIANCHINI, F. **O estudo da religião da Grande Deusa das escrituras indianas e o Canto I do *Devi Gita***. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Federal de Pernambuco, 2013. 261 p. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4203/1/arquivototal.pdf>. Acesso em 16 ago. 2023.

BIZERRIL, J. Mestres do Tao: tradição, experiência e etnografia. Rev. **Horizontes Antropológicos**, ano 11, n. 24, p. 87-105, jul./dez. 2005.

BIZERRIL, J. **O retorno à raiz: uma linhagem taoísta no Brasil**. São Paulo: Attar, 2007.

BIZERRIL, J. O caminho do retorno: Envelhecer à maneira taoísta. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 287-313, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/YHHJ8YBsxTJxbhqLxhzWpZk/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em 17 ago. 2023.

BOURDIEU, P. A Opinião Pública não existe. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. A dissolução do religioso. In: **A dissolução do religioso**. São Paulo: Coisas Ditas, 1987. Brasiliense.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas-SP: Papyrus, 1996, p. 7-52.

BRITO, L. G. "**O véu do congá de Pai Joaquim**": Cosmovisão, Ritual e Experiência [manuscrito]: Ou sobre três aspectos do conhecimento umbandista. (Dissertação Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2017.

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU/UFBA**, v. 7, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>. Acessado em 14/08/2023.

CABAU, P. Crus e descosidos. Reflexões em torno do ensino do desenho da antropologia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em <http://journals.openedition.org/cadernosaa/1104>. Acesso: em 25 ago. 2022.

CABAU, P. Os cadernos etnografados. In: ALMEIDA; S. V.; MAPRIL, J. **Desenho Etnográfico: um curso breve duas vezes**. Lisboa: Gráfica 99, 2018.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983

CARDOSO, B. C. **O chão onde se senta, o lugar onde se pisa: etnografia das técnicas do corpo em eventos do budismo tibetano**. Orientadora: Laura Pérez Gil. 2016. 129. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A. O pensamento ecológico de Tim Ingold. Uruguay. **Anuário de Antropologia Social y Cultural em Uruguay**, vol. 10, p. 239-241, 2012. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8681/2/O_pensamento_ecologico_de_Tim_Ingold.pdf. Acesso: 25 ago. 2018.

CHIESA, G. R. Uma Nova Era, uma velha pergunta: sobre ciência e seus (outros) olhares. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 18, n. 31, p. 257-281, jan./jun. 2017a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/67600>. Acesso em: 14 mai. 2022.

CHIESA, G. R. Caminhando com tartarugas: sagrado, infância e outras analogias. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 18, n. 31, p. 99-112, jan./jun. 2017b. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/169199/001048162.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 ago. 2023.

CHIESA, G. R. “A sua religião é a Antropologia”: histórias e (des)caminhos de um antropólogo-aprendiz em um terreiro de Umbanda. **Religião e Sociedade**: Rio de Janeiro, 40(2): 215-236, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/z8ng7xFxCmXXjvr3h8GjJfs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CLIFFORD, T. **Tibetan Buddhist Medicine and Psychiatry**. York Beach (Maine): Samuel Wiser, Inc., 1984.

COELHO, M. L. S. Mirações em Tela: “Experiências, Percepções e Antropologia”. **Visagem, Antropologia Visual e da Imagem**. Belém, vol. 2, n. 2, p. 92-114, jul./dez, 2016. Disponível em: https://grupovisagem.org/revista/edicao_v2_n2/artigos/miracoes_em_tela/04_miracoes.pdf. Acessado em: 27 mai. 2023.

CSORDAS, T. J. Os saberes da cura e a condição humana: cenas do momento presente em terras navajo. **Educação**. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 26-34, jan./abr. 2010. Disponível em

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6778/4944>. Acesso em 18 mai. 2023.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?**. 2 ed. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro:34, 2000.

DEMARCHI, A *et al.* Uma conversa sobre ecologia da mente: entrevista com Nora Bateson. **Enfoques**, v. 12, n. 1, p. 266-283, 2013.

DESCOLA, P. **Outras naturezas, outras culturas**. Tradução Cecília Ciscato, São Paulo: Editora 34, 2016.

DESLANDES, S.; COUTINHO, T. Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de pandemia de COVID-19: notas teórico-metodológicas. **CPS Cadernos de saúde pública**. ano 36, n. 11, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/hz9h4Fm4mdrvnZwTfKRpRNq/?format=pdf>. Acesso em: 28 mai. 2023.

DUARTE, L. F. D. Pessoa e dor no ocidente (o “holismo metodológico” na Antropologia da saúde e da doença). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 13-28, out., 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000200002>. Acesso em: 25 jun. 2023.

DUARTE, L. F. D. A pulsão romântica e as Ciências Humanas no ocidente. **Brasileira De Ciências Sociais**, vol. 19, n. 15, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/GP39m4swhrzTxZtKXkvk5BJ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 20 jul. 2023.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

D’ANDREA, A. **O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais**. São Paulo: Loyola, 2000.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, A. N. **Dupla imagem, duplo ritual: a Fotografia e o Sutra Lótus Primordial**. Orientador: Etienne Samain. Tese. 2018. 559f. (Doutorado em Antropologia Social) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

ENTLER, J. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios. *In*: SAMAIN, E (org). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 133-150.

ESCOLA DO SER. *Homepage* Disponível em: www.escoladoser.com. Acesso em 15 abr. 2020.

FAVRET-SAADA, J. "Ser afetado". **Cadernos de Campo**. n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/3476>. Acesso em 14 abr. 2021.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GARCIA, T. M. **Mercado Público de Pelotas**: uma etnografia sobre a pluralidade narrativa de um patrimônio em disputa. Orientadora: Louise Prado Alphonso. Dissertação. 2018. 212 f. (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

GARCIA, T. M.; BEZERRA, D. B. Uso do desenho como ferramenta de percepção e transmissão: Construção social do Mercado Público de Pelotas (RS). **Equatorial**, Natal, v. 7, n. 13, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/19973>. Acesso em: 25 mai. 2021.

GEERTZ, C. O beliscão do destino: A religião como experiência, sentido, identidade e poder. *In: Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001. p. 149-165.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GONÇALVES, M. A. S. **Educação Básica e o básico em educação**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

GONÇALVES, M. A. S. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. **Análise da Prática Pedagógica, Educ. Soc**, ano 20, v. 66, abr., 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zsys53TwhnSwvDXzGTjWxd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abri. 2023.

GUERRIERO, S. Esoterismo e astrologia na Nova Era. **Reflexão**, Campinas, v. 41, n. 2, p. 211-224, jul./dez., 2016. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3650/2382>>. Acessado em: 09/07/2023.

GUERRIERO, S. *et al.* Os componentes constitutivos da Nova Era: A formação de um novo *ethos*. **Rever**, ano 16, n.02 mai./ago., 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/29280/20438>>. Acessado em 27/02023.

GUERRIERO, S.; STERN, F; BESSA, M. Q. A difusão do ethos Nova Era e o declínio de seus estudos acadêmicos no Brasil. **Rever**, ano 16, n. 03, set./dez., 2016. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/31180/21612>. Acesso em: 26/06/2023.

GUERRIERO, S. STERN, F. Espiritualidade e magia nas histórias em quadrinhos da Marvel. **Caminhos**, vol. 17, n. 1, p. 193-210, jan./jun., 2019. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6946/3983>. Acessado em: 05/06/2023.

GRANET, M. **O pensamento chinês**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Tradução Guido A. de Almeida Ed. Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS J. **Teoría de la acción comunicativa: Complementos y estudios previos**. Madri: Catedra, 1994.

HEELAS, P. A Nova Era no Contexto Cultural. **Religião e Sociedade**, ano 17 v.1-2, p.16-33, Rio de Janeiro, 1996.

HESS, D. J. **Science in the New Age: the Paranormal, its Defenders and Debunkers, and American Culture**. Madison: The University of Winsconsin Press, 1993.

HINE, C. A Internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo** [meio eletrônico]. São Paulo: USP, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370>. Acesso em: 15 jul. 2021.

INGOLD, T. **The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling, and skill**. Londres: Routledge, 2000.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777>. Acesso em: 12 mai. 2020.

INGOLD, T. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. Nova Yorque: Routledge, 2011.

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015a.

INGOLD, T. O dédalo e o labirinto: imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>. Acesso em: 15 mar. 2022.

INGOLD, T. **Antropologia e/como educação da atenção**. Tradução de Vitor Emanuel Santos Lima e Leonardo Rangel dos reis. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

JACQUES, P. B. Corpografias Urbanas. **Vitruvius**. ano 08, fev. 2008. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em 12 jun. 2022.

KOHN, L.; Y, S. **Taoist meditation and longevity techniques**. Michigan: *Center for Chinese Studies; Michigan University press*, 1989.

KOHN, L. **Daoism and Chinese culture**. Magdalena: *Three Pines Press*, 2001.

KOURY, M. G. P. Estilos de Vida e Individualidade. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 41-53, jan./jun., 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/9KggSYs9B6MWswjDrhQWVFp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24/06/2021.

KOURY, M. G. P. **Estilos de vida e individualidade. Escritos em Antropologia e Sociologia das Emoções**. Curitiba: Appris, 2020, 293p.

KUSCHNIR, K. *Drawing the city: a proposal for an ethnographic study in Rio de Janeiro*. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, ano 8, v. 2, p. 609-642, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/66GqES>. Acesso em: 16 ago. 2022.

KUSCHNIR, K. Desenhando cidades. **Sociologia & Antropologia**, v 2, n. 4, p. 295-314, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/gq6ZnU>. Acesso em 15 mar. 2023.

KUSCHNIR, K. Ensinando antropólogos a desenhar: Uma experiência didática e de pesquisa. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, 2014.

KUSCHNIR, K. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. **Cadernos Arte e Antropologia**, vol. 5, n. 2, p. 5-13, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>. Acesso 15 jun. 2022.

LAO TSE. *Tao Te Ching*. Tradução Wu Jyh Cherng. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LAPOUJADE, D. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnografia no *Second Life*. **Crônos: Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais**. Natal, RN, v. 12, n. 1, p. 25-40, jan / jun. 2011.

LESCOURRET, M. A. Aby Warburg, o não lugar de uma arte sem história. *In*: SAMAIN (org.) **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012, p. 81-90.

LÉVI-STRAUSS, C. **A eficácia simbólica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LÉVI-STRAUSS, C. **O Pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1989.

- LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. *In*: MAUSS, M. **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 11-46.
- LIMA, R. “Santa Rita de Cássia, rogai por nós”: uma análise da novena de Santa Rita de Cássia no Rio de Janeiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 39 n. 1, p. 60-76, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/d9JsqbPyYkXRfvSk3QCBCMC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16 jul. 2023.
- LIMA, N. W *et al.* “Cântico dos cânticos, quântico dos quânticos”: as relações dialógicas entre artes, ciências contemporâneas e saúde no álbum Quanta, de Gilberto Gil. **História, Ciências, Saúde**. Manginhos, Rio de Janeiro, v.28, n.1, jan./mar., p.187-209, 2021.
- LUCIANI, J. A. K. Fractalidade e troca de perspectivas. **Mana**, v. 7, n. 2, p. 95-132, 2001.
- MAJER, E. C. **Em busca da criança perdida**. Pelotas: Editora do Autor, 2021. 129p.
- MALUF, S. W. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 69-82, dez. 1999.
- MALUF, S. W. Os filhos de Aquário no país dos terreiros: novas vivências espirituais no sul do Brasil. **Ciencias sociales y religión**, v. 5, p.153 – 171, 2003.
- MALUF, S. W. Criação de si e reinvenção do mundo: Pessoa e cosmologia nas novas culturas espirituais no sul do Brasil. **Antropologia em Primeira Mão**, v. 81, p. 4-34, 2005.
- MALUF, S. W. Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era. **Ilha: Revista de Antropologia**. Florianópolis, v.7, p.147-161, 2007.
- MALUF, S. W. Eficácia simbólica. Dilemas teóricos e desafios etnográficos. *In*: TAVARES, F. T.; BASSI, F. (org.). **Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde**. Salvador: EDUFBA, 2012. p.29-60
- MAGNANI, J. G. C. **Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Estudio Nobel, 1999.
- MAGNANI, J. G C. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva. *In*: MAUSS, M. **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.
- McGUIRE, M. B. **Ritual healing in suburban America**. New Brunswick:Rutgers University Press, 1988.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ubu, 2018 [1922].

MARTÍNEZ, F. DE LA P. Nova Era, neoxamanismo e utopia psicodélica. *In*: STEIL, C. A.; DE LA TORRE, R.; TONIOL, R. (org.). **Entre trópicos. Diálogos de estudos sobre a Nova Era no Brasil e no México**. Florianópolis: Tribo Ilha, 2022. p. 37-60. Disponível em: https://portal.abant.org.br/aba/files/828142_00121019.pdf. Acesso em 17 fev. 2023.

MATEUS, S. O Indivíduo pensado como Forma de Individuação. **Estudos em Comunicação**. n. 10, p. 93-106, dez., 2011. Disponível em: <https://www.ec.ubi.pt/ec/10/pdf/EC10-2011Dez-05.pdf>. Acesso em 14 ago. 2023.

MEDEIROS, A. M. Y. D. Conspiração Aquariana Revisitada: Correlações com as Filosofias de Henri Bergson e William James. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. XIV n.1, p.80-85, jan./jun., 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. **A dúvida de Cézanne**. São Paulo: Cosac & Naify. 2004.

MONTERO, P. “Religiões Públicas” ou religiões na Esfera Pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 36, n 1, p. 128-150, 2016.

MORIN, E. *La crise de la rationalité*. **Raison Présent**, n. 61, p. 87-96, 1982. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/raipr_0033-9075_1982_num_61_1_4590. Acesso em 14 mai. 2023.

NINA, A. C. L. O Relato de uma tempestade anunciada: histórias de cura de um lama tibetano. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 7, n. 9, p. 81-108, jan./jun., 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/2768>. Acesso em 15 ago. 2023.

NOVAES, S. C. **Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, A. Corpos e Corporeidade no Universo da Nova Era no Brasil. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**. Argentina, ano 4, n. 9, p. 52-64, ago./nov., 2012.

PANTOJA, P.; CHIESA, G. R. Yoga: um método-chave para o cuidado de si e do outro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2022.v32n3/e320308/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, ano 2, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso: 16 jan. 2019.

PHILIPPE-ALAIN, M. **Aby Warburg e a imagem em movimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

PELBART, P. P. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.

PISSOLATO, E.; CAMURÇA, M. Antropólogos e Antropologia na Universidade Federal De Juiz De Fora: história institucional e questões em torno da formação acadêmica. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 154-178, jul./dez. 2016.

PIRES, P. S. O conceito de magia nos autores clássicos. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar - R@U**, v.2, n.1, p.97-123, jan./jun., 2010. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/23/22>. Acesso em: 08 jun. 2023.

REZENDE, C.; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RICOEUR, P. **Interpretação e ideologias. A tarefa da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RICOEUR, Paul. Arquitetura e Narratividade. **Urbanisme**, n. 303, p. 44-51 nov./dez. 1998.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RODRIGUES, K. M.; CHIESA, G. R. Cirurgias espirituais e acupuntura: caminhos e agenciamentos de duas práticas terapêuticas. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

ROUANET, S. P. **A razão nômade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993

RUSSO, J. **O corpo contra a palavra**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SÁ, M. Construtivismo bourdieusiano como linguagem: uma interpretação pragmática. **Configurações**, Braga: Cics-Univ. do Minho, 2015, n. 16, p. 115-128. Disponível em: <http://configuracoes.revues.org/2881>. Acesso em: 29 abr. 2015.

SAMAIN, Etienne. Aby Warburg: Constelação de culturas, ampolheta de memórias. In: SMAN, E. (org.) **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Unicamp, 2012.

SANTOS, S M. A. **A família transnacional da Nova Era e a globalização do ((amor)) em Alto Paraíso de Goiás**, Brasil. Orientador: Gustavo Lins Ribeiro. Tese. 2013. 417f. (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2013.

SARLO, B. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras: Editora UFMG, 2007.

SILVA, G. O. V. S. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**. v. 1, n. 2, p. 24-36, 1995.

SILVA, B. L. Mundo da vida: possibilidade de superação crítica da crise ética da humanidade Segundo Husserl. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, mai., 2012. Disponível em http://www.eumed.net/rev/cccss/20#google_vignette. Acessado em: 20 mai. 2023.

SOARES, L. E. Religioso por Natureza: Cultura Alternativa e Misticismo Ecológico no Brasil. *In*: LANDIM, L. (org). **Sinais dos Tempos: Tradições Religiosas no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER, 1989. p. 121-144.

STRATHERN, M. **The Gender of the Gift: Problems with Women and Problems with Society**. Berkeley: University of California Press, 1988.

STEIL, C. A. Peregrinações, turismo e Caminhos de Santiago no Brasil: transformações num ritual católico de longa duração. *In*: STEIL, C. A.; DE LA TORRE, R.; TONIOL, R. **Entre trópicos: diálogos de estudos sobre a Nova Era no Brasil e no México** (orgs). Florianópolis: Tribo da Ilha, 2022. p. 337-357

TAUSSIG, M. **I swear I saw this. Drawings in fieldwork notebooks, namely my own**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011. 173 p.

TAVARES, F. **Alquimistas da cura. A rede terapêutica alternativa em contextos urbanos**. Salvador: Eufba, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16751/1/alquimistas-da-cura.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2023.

TAVARES, F.; BASSI. **Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde**. Salvador: Eufba, 2013. 376 páginas. Disponível em: <https://observabaia.ufba.br/wp-content/uploads/para-alem-da-eficacia-simbolica.pdf>. Acesso em 22 jul. 2023.

TAVARES, F.; CARDOSO, C. Espiritualidades Nova Era e terapêuticas populares: redistribuindo corpos e eficácias. *In*: STEIL, C. A.; DE LA TORRE, R.; TONIOL, R. (org.) **Entre trópicos: diálogos de estudos sobre a Nova Era no Brasil e no México**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2022, p. 118-134. Disponível em: https://portal.abant.org.br/aba/files/828142_00121019.pdf. Acesso em 17 fev. 2023.

TOURAINÉ, A. **Le monde des femmes**. Paris: Fayard, 2006.

TOURAINÉ, A. **Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

TOLLE, E. **Um novo mundo. O despertar de uma nova consciência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

VALLEJO, P. S. O yoga para além do tapete. Aproximações à prática do yoga em Mérida, Yucatán. *In*: STEIL, C. A.; DE LA TORRE, R.; TONIOL, R. (org.). **Entre**

tropicos: diálogos de estudos sobre a Nova Era no Brasil e no México.

Florianópolis: Tribo da Ilha, 2022. p. 221-249. Disponível em:

https://portal.abant.org.br/aba/files/828142_00121019.pdf. Acesso em 17 fev. 2023.

VELAME, J. v. **Uma (etno)grafia desenhada dos usos e sentidos atribuídos às coisas com rodas nas práticas socioculturais de um espaço público urbano e seus arredores em João Pessoa - PB.** Dissertação. 2023. 202f. (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

VELHO, G. Indivíduo e Religião na Cultura Brasileira. *In*: VELHO, G. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p.49-62

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, n. 2, p. 115-144, 1998. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mana/a/F5BtW5NF3KVT4NRnfM93pSs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16 jul. 2023.